

Luís A. Weber Salvi

A Serpente Emplumada

A Tradição Tolteca

Volume I: *As Origens (Unidade)*

© LUÍS AUGUSTO WEBER SALVI

É permitida a reprodução de trechos mediante a citação da fonte.

webersalvi@yahoo.com.br

www.mensageirodoarcoiris.ubbihp.com.br

www.o_caminho.ubbihp.com.br

"O mundo dos feiticeiros é um mundo mítico, separado do cotidiano por uma barreira misteriosa feita de sonhos e compromissos. Somente se o nagual for apoiado e sustentado por seus companheiros sonhadores é que pode guiá-los a outros mundos viáveis, de onde pode atrair o pássaro da liberdade."

Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 298

Índice

Introdução	5
a. Um Moderno Transmissor da Tradição	
b. As Divisões desta Obra	
Capítulo 1. A Herança Atlante	10
a. A Nova Atlântida	
b. O Retorno do Tigre	
Capítulo 2. Teotihuacan, a "Cidade dos Deuses"	17
a. As Raízes do Tempo na Tradição	
b. O Mito do Quinto Sol	
c. A Era do Movimento	
d. <i>Xochicalco</i> , a "Cidade das Flores"	
e. As Invasões Cíclicas	
f. As Primeiras Linhagens	
g. A Natureza dos Toltecas	
Capítulo 3. Os Mistérios da Serpente Emplumada	31
a. A Dinastia de Tula	
b. A Tradição Universal do "Globo-Alado"	
c. Aspectos Astrológicos e Iniciáticos	
d. O Retorno de Quetzalcóatl	
Capítulo 4. A Dádiva da Águia	41
a. A Busca da Totalidade	
b. A Função da Astrologia	
c. Aspectos Místicos	
Capítulo 5. O Tempo e o Espaço	47
a. A Astrologia Sagrada	
b. A Geografia Sagrada	
c. A Dupla Divisão dos Mistérios	
d. A Dualidade Cósmica	
Capítulo 6. <i>Chiltan</i>: Alquimia ou a Ascensão da Serpente	53
a. A Ciência do Alinhamento	
b. Símbolos Tradicionais	
Capítulo 7. Os Chakras e a "Guerra Florida"	57
a. Os Centros Energéticos	
Capítulo 8. Tendões ou Meridianos	64

Capítulo 9. O Regulamento do Nagual	68
a. A Serpente de Plumas	
Capítulo 10. O Universalismo Áryo	70
a. O Padrão Universal	
b. A Estrutura Energética	
Capítulo 11. O <i>Feminino</i> na Cultura Extremo-Occidental	82
a. A Dualidade como Base de Transcendência	
Capítulo 12. Os Círculos do Poder	85
a. Círculos e Alinhamentos	
b. Os Quatro Tipos de Fogos	
Capítulo 13. A Pirâmide do Novo Mundo	94
Capítulo 14. As Iniciações Planetárias	96
a. A <i>Espreita</i> – Plano Físico (1º grau)	
b. O <i>Sonhar</i> – Plano Emocional (2º grau)	
Capítulo 15. O Universo Mágico de Carlos Castañeda	104
a. A "Chave-de-Ouro"	
b. A Obra de Castañeda	
Capítulo 16. Xamanismo – O Renascer de uma Tradição	108
a. O Xamanismo	
b. Máscaras e Totens	
c. Xamanismo e Sacerdócio	
d. Natureza, Ritos e Plantas Mágicas	
e. O Resgate do Equilíbrio	
f. Uma Estética Natural	
Capítulo 17. A Natureza dos Lugares de Poder	113
a. Elementos de Geografia Sagrada	
Capítulo 18. Astecas – Capítulo Final de Uma Tradição	117
a. Ascensão e Queda do Império	
b. Origens Míticas	
c. A Educação "Sinárquica"	
d. A Religião dos Astecas	
e. Astrologia e Calendário	
f. O Espírito Atlante	
g. A Questão do Sacrifício	
h. O Legado Asteca	
Capítulo 19. O Despertar da América	133
a. O Carma e o Darma do Novo Mundo	
b. Os 500 Anos de História	
c. Uma Profecia Tibetana	
Capítulo 20. As Plantas Sagradas	138
a. Os Riscos de um Costume	

b. As "Ciladas da Consciência"	
c. Conclusões	
Apêndice. O Regresso de Quetzalcóatl (poemas)	143
Bibliografia	147

Introdução

Os toltecas representaram muito provavelmente a expressão máxima da cultura pré-colombiana na sua complexidade e nos seus dramas. Nenhuma outra teve tamanha vitalidade, prova disto é que, de um modo ou de outro, têm chegado aos nossos dias através de certas linhagens xamânicas, sobrevivendo e se adaptando através dos séculos, até mesmo à intensa aculturação iniciada após a Conquista.

A palavra tolteca significa "povo de Tula", nome da cidade mais importante por eles criada e sede da dinastia de seu deus, Quetzalcóatl. Herdeiro de uma riquíssima tradição cultural e responsável pela abertura de um novo ciclo cultural –o do "Quinto Sol"–, o povo de Tula representou a nova síntese pós-clássica, abrindo a "era dos guerreiros" –palavra que para eles tinha um duplo significado, espiritual e material. Mais que isto, muito do que criaram em arquitetura, calendário e mitologia, serviu não apenas como modelo para toda aquela região, como também dinamizaria os futuros cânones culturais, por vezes levando até a *marca da profecia*.

É da própria natureza das culturas sagradas, com os seus diversos níveis de expressão, preparar os fundamentos da etapa seguinte de civilização. Por isto o resgate dos valores e dos conhecimentos antigos, especialmente os dos pré-colombianos, representa uma necessidade prática que ultrapassa qualquer sentimentalismo que porventura reste. A vivacidade destas culturas que tanto nos seduz se deve ao seu caráter *universal*, e mais ainda, à sua natureza *ocidental*.

Nisto, é importante destacar o papel do *feminino* nesta tradição. Queira-se ou não enfatizar o caráter "matriarcal" do Ocidente, o fato é que esta visão chega com destaque aos nossos dias, realçando a perfeita igualdade entre o homem e a mulher na herança tolteca.

A tradição tolteca é muito conhecida por sua amplidão, integridade e sabedoria, e sobretudo pelos elementos do mito e da profecia. Os trabalhos que levam o seu selo apresentam sempre muitos níveis. Por isto, esta obra inclui também várias das suas vertentes históricas, como passado, presente e até futuro, incluindo assim abordagens históricas, mitológicas, políticas, iniciáticas e proféticas.

Também analisamos a evolução do toltequismo e os rumos que deve tomar no futuro, à luz da revalorização das coisas naturais e espirituais. Por sua riqueza e complexidade, e por combinar preceitos urbanos e tribais, místicos e sociais, passado e futuro, o ambiente tolteca é particularmente favorável a esta avaliação de síntese.

Para o antropólogo estudioso da evolução da cultura, e até para o sábio da tradição de sabedoria, poderia parecer depreciativo associar os grandes toltecas da antiguidade ao xamanismo "selvagem", uma vez que estes povos alcançaram graus bastante sofisticados de civilização, em padrões facilmente comparáveis aos de quaisquer culturas "superiores" como a egípcia, a grega, a caldaica, a chinesa e a hindú.

De um modo geral, no pensamento antigo o padrão monárquico está associado ao contexto urbanístico, da mesma forma como o padrão sacerdotal está à prática nômade e à vida tribal. A história do povo judeu é ilustrativa neste sentido. Quando um povo adota o recurso urbano, o rei

passa a incorporar o papel de sumo-sacerdote, e o sacerdote-mor é investido das prerrogativas reais, a não ser que se deseje enfatizar as conquistas bélicas e coroar um líder militar.

Ora, os toltecas deram o grande exemplo neste sentido. Dizem os historiadores que com eles teve início o ciclo monárquico, ultrapassando a fase teocrática que estabeleceu as bases áureas da cultura meso-americana –o seu período "clássico". Se desconhece modelos realistas pré-colombianos tão característicos, antes da dinastia tolteca de Quetzalcóatl, ao menos com tal nobreza e equilíbrio. Foi o povo de Tula que trouxe o ideal-mor de manifestar a realeza-sacerdotal num grau visto muitas vezes como *ótimo*, com sabedoria e compaixão, virtudes "cristãs" raramente perceptíveis naquele universo cultural.

Muitas vezes se desconhecem os limites exatos entre o símbolo e a realidade, ou entre as lendas e os fatos, até porque é difícil fazê-lo num ambiente complexo como o pré-colombiano, onde ambas as coisas por vezes se misturavam. A prática do sacrifício era um ideal atlante/pré-colombiano marcante, devido aos padrões espirituais lá desenvolvidos, que buscavam fomentar os mistérios e as energias do *coração*. Na ausência de uma linguagem propriamente escrita (ou de sua transmissão adequada), a imagem simbólica tomou uma função quase mágica, com todos os perigos decorrentes disto. Foi assim que a força da representação artística deu lugar à práticas cruéis entre alguns dos povos mais primitivos, quando os bárbaros lá chegando, desejosos de aceitação no meio cultural do planalto mexicano, varreram os antigos lugares sagrados em busca de indícios para formar a sua civilização nos moldes requeridos, tal como aconteceu com os astecas, que emprestaram a tais símbolos uma inevitável leitura "reduzida" ou materialista.

Ainda assim, nesta obra não se poderia deixar de abordar também em traços gerais a cultura asteca, a qual foi a última expressão da civilização nahuatl, herdeira dos valores e tradições mexicanos, sobretudo a partir do ciclo tolteca. Mesmo porque os jovens astecas vinham de algum modo avançando, sob a direção de reis e sacerdotes que apreciavam verdadeiramente a cultura antiga. É a cultura melhor registrada e aquele que mantinha maior vitalidade e poder na época da Conquista, entrando em confronto direto com os conquistadores, fato que por si só nos leva a vê-la com certa comiseração, quando não até mesmo com alguma suspeita tudo aquilo que dela se diz. Quiçá uma abordagem imparcial do ambiente histórico, especialmente desde o ângulo do contexto em questão, poderia atenuar grandemente os aspectos críticos ali presentes.

Quando os astecas chegaram ao Lago Texcoco, núcleo principal da civilização mexicana, eram simples bárbaros e nômades vindos das planícies sulinas dos Estados Unidos. Descobriram que a palavra "tolteca" abria todas as portas na região do Lago, pois aquele povo, já quase lendário, era tido como o grande modelo a ser seguido. E então passaram a copiar tudo o que descobriam sobre os toltecas, mesmo da forma rude como podiam. "Liam" nos códices, por exemplo, que os deuses se sacrificaram e foram "esfolados" para salvar o mundo –imagem forte destinada a gerar rapidamente na população um sentimento adequado sobre o auto-sacrifício, embora *espiritual*, dos primeiros sábios, como geralmente ocorre em relação aos Avatares. Mas os bárbaros adotaram estas práticas *literalmente*.

Assim é que se deu o famoso episódio do sacrifício da donzela, gerando a primeira grande crise asteca. Desejosos de agradar ao rei de uma cidade junto à qual pretendiam se instalar, quiseram homenagear sua filha transformando-a em "deusa". Quando o rei chegou na festa de consagração da moça, assistiu estupefato o terrível espetáculo de ver um sacerdote asteca vestido com a pele da filha real. Logo foi declarada a guerra. Mas por fim os astecas acabariam reinando sobre quase todos, como se sabe, e seguiram neste espírito sanguinário até o fim, quando, com a ajuda de seus antigos inimigos, foram eles mesmos sacrificados pelos espanhóis.

O sacrifício da princesa é apenas um símbolo do que fariam os astecas com o conjunto da tradição meso-americana, legando à posteridade uma imagem distorcida destas culturas e que apenas a muito custo se tem conseguido atenuar, porque disto também se soube aproveitar o

invasor europeu, generalizando o conceito bárbaro daqueles povos, e sedimentando assim a heresia asteca.

Os bárbaros não apenas distorceram a tradição até de forma sistemática, como os astecas que reescreveram os códices antigos para colocarem-se em posições de destaque. Eles realmente destruíram muitas vezes os povos sagrados e as linhagens reais. Os Estados teocráticos e não-beligerantes da época clássica, na qual foi forjado o viço da cultura meso-americana, nasceram numa era em que as pressões externas eram suportáveis. Na maior parte das vezes, foi mesmo sob o impacto dos invasores bárbaros que as grandes civilizações pré-colombianas tiveram o seu ocaso, resultando na perda de muitos elementos e na necessidade da retomada de processos culturais, por vezes quase desde o princípio. Mas nenhuma destas crises seria tão forte e definitiva como a chegada dos espanhóis ao "Novo Mundo".

Por vezes estas crises eram empregadas para realizar uma "auto-crítica" do passado, tal como teriam feito os *toltecas* sob a força da aculturação, segundo descreve a literatura de Carlos Castañeda, um antropólogo que contatou uma linhagem remanescente de sábios no início da década de 60 e foi colocado sob treinamento espiritual, inclusive com propósito bastante especial, uma vez que este sul-americano se tornaria o último transmissor de uma forma de saber complexa e misteriosa.

a. Um Moderno Transmissor da Tradição

Como homem de outra cultura e como representante de uma época ecumênica, Castañeda não se "resignou" a ser apenas mais um repositório oculto de uma cultura antiga, tornando-se antes um *divulgador para o mundo*, fiel nisto ao espírito acadêmico, o que foi aceito por seus mentores místicos como uma decisão do destino. Já os seus tutores de formação moderna não aceitaram tão bem este envolvimento profundo com outra cultura, algo geralmente considerado como de uma ousadia intolerável, gerando certo ostracismo de que o autor se ressentiria.

Os meios acadêmicos sempre vêem as culturas antigas como "primárias", e não admitem envolvimento sério por parte do estudioso moderno. Isto soa ameaçador ou desprezível. De qualquer forma, infelizmente o preconceito fala mais alto.

Mas a verdade é que esta atitude de síntese de Castañeda teve uma importância ainda insuspeita para a "história das religiões" e até na formação de uma nova mentalidade, sendo *necessária* ao homem de amanhã.

Modernamente, podemos tecer um paralelo entre a auto-crítica tolteca gerada sob o impacto do invasor, com a necessidade do homem atual em revalorizar os recursos naturais e ecológicos, assim como as práticas espirituais básicas. A humanidade necessita retomar o contato intenso com a Natureza, não apenas para resgatar seus recursos espirituais, como para preservar o meio-ambiente, que é a "matéria-prima" para toda a evolução.

O homem moderno já não tem "predadores" culturais, a não ser ele mesmo. E nem os extraterrestres chegarão para justiça os bons desta Terra. Mas certamente a própria natureza "dará o troco" quando chegar a hora, como já vem ocorrendo de forma mais ou menos sutil.

Esta dialética natureza-civilização foi dramaticamente vivida pelos toltecas, e sua adaptação tem se revelado tão forte e eficaz que sua sabedoria tem chegado até nossos dias, através da linhagem da qual Castañeda fez parte, evoluindo de forma complexa, ora retomando antigas práticas, ora adaptando-se e procurando avançar. O resultado é que os toltecas surgem historicamente como os principais protagonistas do neo-xamanismo, ao lado dos tibetanos, e no que se referem aos modernos ensinamentos espirituais, alcançam de forma atual e surpreendente

as mais avançadas informações existentes em nossos dias, advindas da chamada "Hierarquia de Luz", acerca da *cultura do Homem Cósmico*.

A organização e a exegese da obra de Castañeda e seus colegas dá margem a muito trabalho. Pretendemos aqui dar a nossa contribuição neste processo, alinhavando ensinamentos e apurando as suas essências, além de oferecer novos elementos que completem os ensinamentos toltecas.

Castañeda oferece uma descrição a um só tempo convincente e perturbadora do mundo dos feiticeiros e daquilo que deveria ser o ambiente mágico do antigo México, certamente já longe de sua complexidade original, após o *trauma* cultural sofrido com a Conquista –o que não deixou de dar lugar a uma auto-crítica necessária por parte destas portadores de saber. Sua própria linhagem, considerada nova ou renovada, e embora buscando objetivos mais nobres, mistura-se ainda a ingredientes antigos, gerando paradoxos e contradições, diante da opção que ainda é dada a cada feiticeiro fazer em vida, ou seja: pelo caminho do poder, ou pelo caminho da liberdade.

De qualquer modo, mesmo na nova linhagem –a dos *guerreiros da liberdade total*– sempre dá algum espaço aos métodos antigos. O próprio Castañeda fez um espécie de *rompimento branco* com esta tradição algo mista (confirmando haver sido um "nagual de transição"). Não se negou a colaborar para a perpetuação desta antiga linhagem, através do contato com um representante considerado algo imortal (chamado o "Desafiador da Morte"), recusando-se a fazer o comércio habitual de energia por poder (daí ser o excêntrico bruxo –perfeitamente capaz de se transformar em mulher– também conhecido como "O Inquilino"). Recebe, no entanto, um dom especial, certamente mais espiritual que a média; se faz uso dele não ficamos sabendo (ver sobre o tema em *A Arte de Sonhar*).

Ao contrário dos antigos feiticeiros, que eram como corvos espreitadores agarrados ao tempo e às coisas, os novos guerreiros são mais como uma mariposa, leve e adejante sobre a terra. Atravessa várias transformações e um dia salta para o mistério derradeiro.

b. As Divisões desta obra

O presente tratado sobre a Tradição tolteca está no geral repartido em duas partes, seguindo certa dualidade que rege a civilização através da correlação sociedade-estado ou humanidade-hierarquia.

Por natureza, o dharma búdico de cada raça é a lei espiritual especialmente voltada para a Hierarquia, da mesma forma como o evangelho astrológico de cada era focaliza especialmente o centro da Humanidade. Assim, os títulos dos dois últimos volumes são invocativos de realidades centrais nos novos trabalhos espirituais de cada um destes centros.

A mariposa é um símbolo muito empregado no "Evangelho da Natureza", na medida em que simboliza o completo desabrochar da Alma; e o espelho alude aos "Espelhos de Sabedoria" formulados pelo Dharma de Maitreya, através dos quais se busca a harmonia dos contrários.

A afluência nestas obras de elementos de outras tradições como a Cabala e a Yoga, muitos dos quais inéditos e revelados, mostra de um lado o espaço que oferece os toltecas ou as tradições pré-colombianas para aproximações desta natureza, de outro lado pode representar a incorporação destes conhecimentos à tradição extremo-ocidental, agora que a luz se reúne uma

vez mais em torno deste hemisfério. Nisto, apenas avançamos num processo já iniciado pelos novos videntes, e reafirmamos o tradicional intercâmbio de informações entre as culturas.

O primeiro volume, *A Serpente Emplumada*, trata de temas mais gerais e aborda os distintos enfoques acerca da *toltequidade*.

A parte básica da teoria e da prática se encontra no presente Volume I desta série, *Os Mistérios de Quetzalcóatl – A Unidade*. Nele apresentamos uma sinopse dos mistérios toltecas em todas as suas divisões e épocas (as quais poderiam ser classificadas como passado, presente e futuro), tendo como fontes para o ciclo mítico-atlante a Alice A. Bailey, para o ciclo histórico-pré-colombiano estudiosos e historiadores como Laurette Séjourné e Roman Piña Chan, e para o ciclo místico mais recente a literatura de Carlos A. Castañeda. Mas a originalidade do presente trabalho não reside apenas na reunião de todos estes elementos. À parte o mútuo enriquecimento resultante das informações complementares presentes nestas linhagens e épocas, ao que são reunidos elementos de outras tradições que igualmente completam o quadro de informações, tudo isto é enriquecido por nossas próprias investigações, experiências e inspirações.

O Volume II, *A Mariposa de Fogo – A Eternidade*, está voltado à esfera da humanidade e do xamanismo tradicional, hoje enriquecido e integrado pela chegada da nova Raça-Raiz. Em função disto torna-se mister a apresentação da *Filosofia da Eternidade* para a humanidade em geral, agora que esta alcançará a sua "maioridade". É chegado o momento em que a raça humana deverá ascender ao quarto degrau da Sabedoria e atingir a imortalidade da forma mais plena e consciente possível, ou seja, através da *iluminação*.

Por deter tais potenciais, ela é convidada às mais altas reflexões sobre os mistérios da vida e da morte, pois ela já não está tão dependente da hierarquia no que se refere à conquista final da eternidade, podendo ensaiar mais livremente novos passos pela existência.

Ainda assim, no geral este tema representa pouco mais que uma *recapitulação* de antigos métodos hierárquicos, que agora passam a generalizar-se porquanto se estendem à humanidade.

É no Volume III, *O Espelho de Obsidiana – O Infinito*, dedicada à hierarquia, que poderemos encontrar as verdadeiras "novidades", através dos *Mistérios do Infinito*. Ali se radica o *grau* planetário realmente inédito em termos de manifestação histórica regular; encontrando-se através disto uma *nova síntese*. Também nisto os videntes toltecas trazem informações uma qualidade ainda insuspeita.

Nesta série procuramos realizar um levantamento do passado, do presente e do futuro do toltequismo, uma vez que esta tradição comporta elementos míticos e proféticos, além de ter de alguma forma se mantido *viva* no intercurso cultural da Conquista.

As profecias antigas e os seus expoentes modernos falam da sua renovação, do retorno de Quetzalcóatl e dos mistérios ancestrais. Cabe assim observar os valores antigos, despindo-os da poeira dos tempos e da carga de preconceitos acumulada.

É preciso trabalhar a *restauração* dos valores para chegar à *renovação* de suas práticas. Cabe repor a religiosidade para então apresentar a nova religião. Tudo isto se inclui nas propostas didáticas e doutrinárias desta obra, seguindo sempre as linhas-mestras da Tradição, assim como as indicações e os trabalhos atuais que apontam para as Américas como o novo grande foco de luz do planeta. Agarrando-nos à linha-mestra da Antiguidade, encontraremos bases sólidas para recompor os grandes valores e assentar bases os novos ciclos da humanidade.

Avançar hoje é necessariamente *crescer*.

Capítulo 1

A Herança Atlante

A cultura ocidental é muito antiga. Segundo vários relatos que concordam com os cálculos antigos (maias, hindus, etc.), ela remonta há mais de 10 mil anos. Esta é a idade da criação da Atlântida segundo os anais egípcios revelados ao Ocidente à época de Sólon e Platão. Tais informes sugerem que os egípcios há muito mantinham contatos com aqueles povos distantes, tal como sabemos hoje por evidências científicas como a descoberta de produtos americanos como tabaco e coca nos organismos de múmias do Iº Milênio a.C. (tais contatos apontam assim num primeiro momento para a América do Sul). Segundo eles, as ilhas da Atlântida eram "maiores que a Líbia e a Ásia reunidas" (Platão, *Crítias*, 108). Tais dimensões não excedem muito a realidade, tão vastas eram as terras existentes para além dos Grandes Oceanos.

Consta também que haviam *duas* Atlântidas, a setentrional e a Meridional (ver René Guénon, *Formas Tradicionales y Ciclos Cosmicos*), e isto parece corresponder à América do Norte e à América do Sul.

Os últimos sábios das linhagens pré-colombianas também mantinham estas mesmas cifras em seus espíritos, como descreveu o *nagual* Juan Matos, que foi um importante informante do antropólogo Carlos Castañeda.

Tais civilizações desenvolveram inicialmente culturas xamanistas e naturalistas, cultuando os elementos da Natureza e não desejando modificar substancialmente a face da Terra, nem possuindo muita capacidade ou engenhosidade para fazê-lo.

Seus valores estavam voltados seja para um lirismo interior e para a busca da transcendência da matéria, seja para a sobrevivência material básica no plano físico.

E assim seriam gerados os primeiros sistemas de transcendência verdadeiramente humanos, com novos padrões de magia e sabedoria que iam além das práticas mediúnicas e do culto aos mortos e aos ancestrais. Iniciava um nova grande etapa para a humanidade, e ela podia dizer que havia finalmente encontrado o seu verdadeiro rumo. A imortalidade estava diante de seus horizontes, pois o homem havia concebido a verdadeira *Religião*.

Chamamos a esta civilização de *Quarta Raça-Raiz*. A Cultura Quaternária se caracteriza por cultivar os mistérios da eternidade e do coração, das artes e do amor, da unidade e da harmonia, ainda que através do conflito. Desta forma, esta cultura define melhor que nenhuma outra a *natureza humana* e suas condições existenciais, situada no umbral entre a matéria e o espírito, a morte e a eternidade, o céu e a terra.

Trata-se pois de um equilíbrio instável. E naturalmente com as mudanças dos tempos a cultura decaiu muito. Atavismos foram misturados com os novos poderes e valores adquiridos e gerou-se uma magia negra ainda mais perigosa, porque empregava o poder político e o discurso pseudo-religioso. Isto terminou por uma grande Guerra de Mundos, que os sábios de muitas

religiões registraram através da imagem do Dilúvio universal e também, entre os gregos, pelo mito da derrocada da Atlântida.

Esta "guerra entre os povos que habitavam além das colunas de Hércules e os que habitavam aquém" (Platão, *op. cit.*, 108), também pode ser vista como uma grande mudança de ciclos cósmicos, semelhante à que ocorre hoje no mundo. A idade desta batalha alcança hoje 12 mil anos. Ora, este é um ciclo clássico de transformações cósmicas entre os antigos, que hindus, caldeus, pitagóricos, maias e muitos outros consideravam como a grande mudança do mundo.

As Colunas de Hércules não é apenas um símbolo geográfico relacionado às duas margens do Estreito de Gibraltar. Representam também um símbolo astrológico e astronômico. Hércules é uma constelação associada às origens, situada no lado oposto do atual polo celeste, junto à cabeça do Dragão celeste, no Grande Vazio central, e da própria estrela Vega (Águia) em Lira. Nosso Sol se dirige para esta direção do espaço, de modo que o Sistema Solar se acha originalmente alinhado a ela.

Os habitantes além destas colunas referem-se pois a povos muito antigos pertencentes a uma outra idade cósmica. Podemos entrever a magnitude dos acontecimentos se comparamos aos nossos dias; guardadas as particularidades de cada ciclo. Mas uma das consequências, desde o ponto de vista da Antropologia, é a própria formação do homem atual, além da chegada do homem nas Américas.

Observemos estes ciclos. O *homo sapiens* tem cerca de 26.000 anos, e o *homo americanus* tem 13.000 anos. São ciclos que concordam com aqueles que estamos tratando aqui. As consequências de que falamos referem-se pois ao surgimento de uma nova humanidade nestas regiões. E isto pode sugerir que, após as grandes crises que passamos agora, o homem de amanhã também nos verá como uma espécie de seres primitivos, dadas às suas limitações. E certamente este novo passo requererá muita luta e esforço para ser implantado.

Mas este é apenas um dos níveis de se abordar tais coisas. Segundo a Tradição de Sabedoria, crises e catástrofes sempre ocorrem nas grandes mudanças do mundo. A Civilização Atlante, numa leitura *racial* do tema, desapareceu há cerca de 5 mil anos, havendo iniciada há mais de 10 mil anos, ou seja, justamente após a travessia das "Colunas de Hércules".

Tratam-se de ciclos que povos como os hindus e os pré-colombianos sempre deram muita importância, associando-os aos grandes períodos raciais, na também chamada *Era Solar*. Neste nível, não descartamos certo desencontro de informações na transmissão de Platão, no sentido de que a Atlântida teve sim *início* há dez mil anos, mas seu término catastrófico aconteceu vários milênios depois.

Estes são os verdadeiros antepassados dos antigos americanos e aqueles que colocaram as bases das civilizações atuais. Deixaram poucos registros materiais porque, como afirmamos acima, suas metas eram amplamente internas, e tampouco detinham ainda o dom da mentalidade.

No final, este ambiente de transição gerou uma verdadeira Guerra da Magia, entre aqueles que estavam associados às antigas coisas e aos poderes temporais, e os que buscavam as novas coisas com seus poderes espirituais. Os novos protagonistas da evolução estavam iniciando um novo período de luz no mundo. Havia alcançado o limiar da eternidade e tinham nesta grande Guerra a oportunidade de afirmar a sua fé nas suas crenças, nos seus deuses e mestres, numa palavra, a sua crença na *imortalidade da alma humana*.

O fato é que, após a Grande Catástrofe, esta região entrou rapidamente em declínio. A barbárie e o primitivismo tomaram conta de tudo, coisa que podemos mais ou menos entrever na forma como povos pré-colombianos regrediram após terem edificado suas grandes civilizações. É como se tivessem simplesmente perdido suas almas, coisa que certamente aconteceu sob um conjunto complexo de fatores, que incluíam guerras, fome e a própria decadência natural

dos tempos. Nisto, a chegada dos Europeus foi apenas o golpe de misericórdia dado pelo destino sobre estes povos; ao mesmo tempo em que representou uma nova dinamização destas regiões.

Mas, no que se refere ao ostracismo natural pós-atlante, quando a luz foi retomada no Oriente e se desenvolveu durante o ciclo áryo, a redinamização das Américas ocorreu justamente na metade do ciclo racial (tal como agora volta a ocorrer no seu final). Isto deu nascimento ao que denominamos como "A Nova Atlântida", ou a cultura pré-colombiana tal como a conhecemos.

E esta restauração também se daria nas mesmas regiões de origem. É a isto que se refere este trecho de *Crítias*:

"Esse palácio dos reis haviam construído desde o início na mesma região habitada pelo deus e os seus ancestrais." (Platão, op. cit., 115)

Naturalmente, existem muitos problemas para confirmar isto. A Arqueologia das Américas anda a passo lento (apenas uma parte mínima de Teotihuacan foi escavada). Além disto, com raras exceções, as construções em pedra conhecidas realmente tiveram início na época árya. Os materiais anteriores eram perecíveis (madeira, tijolo) ou foram reciclados pelas novas sociedades. Eles também deixaram de construir com qualidade na segunda metade do ciclo atlante e abandonaram as antigas cidades.

"Destes autóctnes, os nomes foram bem conservados, mas suas obras pereceram, por consequência da desapareição de seus herdeiros e da imensidão do tempo passado." (Platão, op. cit., 110)

Mesmo obras mais recentes sofrem este proceso. Tiwanaco, nos Andes, perdeu boa parte de sua estrutura para os pobres da região, que valeram-se de suas pedras para fazerem casas. Há quem diga que esta cidade tem 10 mil anos, podendo ser um dos berços da antiga cultura atlante. Sabe-se que há muitos séculos o Titicaca era pelo menos 50 metros mais alto e esta cidade ficava à suas margens, cercada por canais como os que descreve Platão.

Uma notável excessão parece ser a da Esfinge de Gizé, cuja antiguidade os historiadores hoje confirmam, remontando-a talvez a 10 mil anos, na plena florescência do período atlante. A esfinge apenas não escapou à sina dos mamelucos iconoclastas.

Como forma de preservar os registros, os túmulos e a memória ancestral, muitas vezes são lançadas maldições sobre estes antigos lugares (era assim com os túmulos dos faraós), e outras vezes eles são vistos como locais abençoados. Por isto os nativos geralmente hesitam em violar e até em transitar próximos a estes locais, ficando porém à mercê dos estrangeiros. A fome é o que têm movido muitos a violarem os túmulos antigos em busca de riquezas e de artigos de arte.

Mas aos poucos se vão chegar aos extratos mais profundos das antigas cidades e se encontrarão vestígios ainda mais longevos, como vem acontecendo com muitas cidades míticas hoje descobertas.

a. A Nova Atlântida

O Pulsar cósmico foi generoso com a Grande Ocidentalidade, quando a revoada dos Homens-Pássaros também enviou a esta região os mensageiros de uma Nova Era.

O "Século de Ouro" dos historiadores, que viu surgir sob o manto dos Iluminados os protagonistas da Renovação em tantas partes do mundo, também despertou nas distantes regiões da antigas Américas, profetas e iniciados que deram origem a uma nova e grande civilização.

Devemos crer também que as antigas culturas da Ásia e da África, que já vinham mantendo contatos com a Atlântida, trataram de incrementar os intercâmbios tendo em vista a chegada dos novos tempos. Egípcios, chineses, fenícios e outros povos sábios, cientes de suas missões civilizatórias e da precariedade dos tempos, andavam há séculos realizando intercâmbios através de todo o planeta; como já é do conhecimento do homem moderno. Almejavam enriquecer-se material e espiritualmente de um lado, e difundir seus saberes de outro lado. Comércio e espiritualidade sempre andaram lado a lado, pelas rotas do mundo.

Com a chegada da Idade de Bronze, a mudança das diretrizes da civilização apontava uma vez mais para o descenso da ordem no Oriente e para o surgimento da luz no Ocidente, e por isto os Reis Magos se dirigiram à Galiléia na busca dos novos profetas do Altíssimo, mas também passaram a enviar os seus instrutores até muito mais longe. Os registros destes fatos permaneceram entre os povos visitados, e aos poucos também virão à luz informações da parte daqueles que partiram.

Pois a Era Solar também divide-se numa metade ativa e numa outra metade passiva, onde as civilizações de início se organizam e depois se desorganizam, numa parte do planeta, ainda que na outra parte ocorra um movimento inverso. Tais coisas são perfeitamente corroboráveis à luz da História; apesar de termos ainda poucos milênios para registrar nitidamente tais fatos nos termos atualmente considerados "científicos".

Podemos calcular portanto estas épocas à moda dos antigos, através dos *ciclos* das civilizações. Existem muitos valores distintos para estes cálculos, por isto os antigos tinham tantos calendários diferentes. O Universo é como um quadro multifacetado que pode ser visto sob distintos ângulos. É como a dualidade onda-partícula da luz e ainda mais.

Observamos que o surgimento destes movimentos civilizatórios nas Américas ocorreu na metade da última Era Solar. Também podemos dizer que prenunciava a chegada do IVº Milênio áryo (época de Cristo), que estimularia o renascimento de uma civilização de bases quaternárias.

O registro dos Milênios tem sido universalmente observado, inclusive em culturas de bases notacionais não exatamente decimal, como a pré-colombiana que tinha como base numérica o 20. Pois eles também usavam esta base para chegar aos 1000 através de outros multiplicadores.

Os seus *ciclos humanos* (sóis ou *kin*) ou os seus jubileus eram medidos em 52 anos, quando se celebrava a cerimônia do "Fogo Novo". Assim, $20 \times 52 = 1.040$.

É preciso conhecer isto para entender certos ciclos por eles celebrados, como o do Vº Mundo mundo que daria origem à cultura tolteca.

b. O Retorno do Tigre

Quetzalcóatl é o Senhor da Civilização dos pré-colombianos, embora apenas tenha sido assim reconhecido mais tarde.

Estas culturas tiveram início sob a luz de um outro personagem mitológico: o deus-Jaguar, que mais tarde foi associado a *Tezcatlipoca*, o "Espelho Fumegante".

Suas representações abundam nas civilizações originais das Américas, como os Olmecas ao Norte e Chavin ao Sul. Restam poucas dúvidas de que se originam de influências da cultura chinesa, que à época detinha cultos semelhantes e sua arte era também bastante parecida à encontrada no México e até entre os maias.

Mas de onde veio por sua vez o culto ao *tigre* existente na China? Na verdade este culto é quase imemorial e o mais antigo que existe. Ele já existia tanto no Oriente como no Ocidente

antigos, mesmo antes dos chineses e até antes dos atlantes. Devemos então fazer aqui uma alusão a um outro fato astrológico, capaz de comportar certas relações *recíprocas* entre os dois mundos.

A abertura deste grande ciclo cósmico, que abrange as raças nas quais viemos evoluindo, desde a Atlante e mesmo antes, ocorreu no Oriente, ou seja, numa raça-raiz que vinha se desenvolvendo nas terras orientais, através da raça Lemuriana mais exatamente, que mais tarde legou a sua cultura ao Ocidente.

Ora, tanto o ciclo Atlante, como a Ocidentalidade e todo o mundo atual, estão de algum modo relacionados ao início desta Era cósmica há 12 mil anos, época regida pela Constelação de Leão (foi também a época em que veio o homem para as Américas, segundo a moderna arqueologia). É por esta razão que os orientais denominam o seu continente de *Simha-Dwipa*, a "Terra do Leão".*

Trata-se do primeiro grande mito da história do homem, e seu conhecimento já denota uma ciência astrológica de amplitude cósmica. Ele foi revelado diretamente por Shambala, constituindo a essência do dharma cósmico desta ronda.

Shambala é a primeira fundação sagrada na Terra, na verdade o centro supremo e original do planeta, sustentando o ideal da realeza espiritual, por ser o núcleo do "Rei do Mundo" (chamado pelos orientais *Sanat Kumara*, o "Virgem Eterno"). Assim, o mito do felino reporta-se em primeiro lugar à questão da *soberania divina*, do nosso deus planetário e seus desígnios, assim como de seus Avatares e das linhagens de sábios dele emanados.

Este foi portanto o dharma inicialmente recebido pelo Ocidente. O culto ao felino representava pois a própria *base* da cultura atlante, daí o conceito do xamã ou, no contexto pré-colombiano, de *nagual*, palavra que significa "jaguar".

Assim, ainda que a rigôr este culto remontasse já às origens orientais, onde era cultuado através do leão e do tigre, ele foi logo repassado ao Extremo Ocidente, que herdou os primeiros sinais da ordem espiritual, definindo as civilizações originais e os cultos religiosos verdadeiros. Além disto, existe o *tributo* tradicional a ser prestado às fontes da luz. É preciso afirmar o *vínculo* para se poder receber o cetro. A sucessão pode em certos casos ser até algo informal, mas espiritualmente este vínculo deve sempre existir e se manifestar.

O culto ao felino é antes de tudo de natureza solar e real. Os grandes felinos são animais soberbos e temíveis. O leão é o "rei da natureza", o animal que não possui predadores, encontrando-se assim no topo da cadeia alimentar. Capazes de transitar em qualquer ambiente e podendo por sua vez caçar qualquer outra espécie, são incomparáveis em sua adaptação e maleabilidade ao meio.

Levado ao plano humano, este *culto solar* representa poder, domínio, soberania e supremacia absolutos, significando a implantação do domínio sobre os elementos, a conquista da iluminação solar e a implantação do verdadeiro sacerdócio, assim como a ascensão da verdadeira realeza na Terra.

Numa palavra, a instauração da *verdadeira civilização do homem* ou, num primeiro momento, das suas primícias difundidas pelos profetas do Deus da Terra, que passaram a varrer o planeta para difundir a primeira grande Boa Nova, inclusive procurando novas terras para implantar as futuras civilizações de luz, para além da barbárie e da feitiçaria então reinante naqueles primeiros povos embrutecidos. Os anais ocultistas dizem que Shambala não emanou um centro físico, influenciando os povos da época sobretudo espiritualmente. Isto somente aconteceu na Atlântida, ou seja, nas Américas (ver *Tratado Sobre Magia Branca*, de Alice A. Bailey).

E é assim que vimos conviver na região ocidental o culto solar junto ao culto lunar. Como uma civilização extremo-ocidental, e iniciada sob o signo lunar, a raça atlante era matriarcal e desenvolveu também a cultura da Grande Mãe. Mas o culto solar do felino permaneceu, e esta dualidade foi o uma das grandes causas dos conflitos atlantes.

Sintomaticamente, a palavra IBEZ, que nomea o templo atlante, significa na simbologia cabalística "Império do Sol e da Luz". Mas esta dualidade nem sempre conviveu de forma pacífica, sobretudo nos períodos finais.

No ocaso da cultura atlante o culto solar foi levado de volta para o Oriente, especialmente para a China através do Oceano Pacífico, dando origem a este padrão particular de Civilização que contrastava em boa parte com os desenvolvidos no ciclo áryo, tal como se observava na Índia, na Caldéia e no Egito (este último também teve contatos importantes com a Atlântida, porém mais tardios e através do Oceano Atlântico).

As artes marciais têm sua origem nesta influência, ainda que aprimoradas sob a co-energia racial marciana do ciclo áryo. Por esta razão O Tibetano afirma que um dos focos recentes da rama atlante de Shambala se encontra na China (em *Cartas Sobre Meditação Ocultista*, pg. 259, de Alice A. Bailey), especialmente no Tibet em nossos dias (donde a extensa magia negra existente nesta região).

Em tempos recentes os toltecas também têm recebido e procurado tais influências para o aprimoramento de seus trabalhos, através da cultura chinesa (vide literatura de Carlos Castañeda), de modo que tal coisa representaria de certo modo tão somente o resgate de valores e práticas ancestrais.

Ainda segundo o Tibetano, a grande ascensão da raça atlante se deu em meados de sua evolução, em função de certas medidas tomadas por Shambala visando definir a evolução superior da raça humana (cf. *Iniciação Humana e Solar*, pg. 46, Alice A. Bailey). Já vimos como ocorrem mudanças importantes e intercâmbios mundiais no início e na metade dos ciclos raciais.

Então, é natural que na metade do ciclo áryo, os orientais viessem *restituir* os valores e os símbolos originais aos povos e à região de origem, ou mesmo que os nativos mais ou menos espontaneamente redescobrissem estes valores. Certamente ocorreu uma mistura de gênio local com influências estrangeiras. As imagens olmecas ostentam traços de várias raças, especialmente amarelos e negros.

Mais tarde viriam novos surtos civilizatórios, igualmente trazidos por personagens aparentemente estrangeiros, barbados, de pele e olhos claros e até loiros, como na imagem de Quetzalcóatl, sempre "vindo do leste". É no Nascente que eles colocavam a sua esperança, conforme o ditado de que "a luz vem do leste".

Assim, é sob este forte ecletismo que seria *refundida* a cultura pré-colombiana.

O ciclo quaternário ficaria sob a égide do Jaguar, mas o ciclo pentagramático seria associado ao trabalho de Quetzalcóatl, como o grande regente do Vº Mundo.

A serpente é um símbolo complexo e de máxima ancestralidade. A figura de Quetzalcóatl, a "Serpente Alada", é um símbolo da alquimia que se realiza com as energias inferiores. É como a "serpente solar" (*uræus*) dos egípcios.

Foi a perda desta habilidade, na ocasião da Queda do Homem descrita no Genesis, que fez com que a serpente apenas rastejasse sobre o seu ventre, e não mais adquirisse asas para ascender.

Mas no período áryo (5ª Raça-Raiz, IIIº Ashram Solar) a alquimia seria algo já consumado. Daí estar regido por Mercúrio (*Buddha* em sânscrito), o deus com asas nos pés e na cabeça, e

cujo símbolo e instrumento é o Caduceu, o mesmo globo-alado com serpentes dos egípcios e médio-orientais. É também Thot ou Hermes, o patrono cultural da civilização egípcia.

Como este, a Quetzalcóatl são atribuídos um sem número de engenhos como calendários, arquitetura, ourivesaria, tecelagem e agricultura, além da religião. Uma religião bastante pura de início, diga-se de passagem. Durante a Era Teocrática não se viam sinais de sacrifícios humanos, e os poucos registros existentes podem ser interpretados simbolicamente. Quetzalcóatl apenas pedia sacrifícios de flores, borboletas e serpentes (coisas que também podem ser vistas de forma simbólica).

Durante a Era de Peixes foi desenvolvido o culto de Quetzalcóatl, a partir de grandes centros cerimoniais como Teotihuacan e Tikal, anunciando o retorno periódico do deus através de seus profetas reformadores. Este advento se repetiria várias vezes, gerando movimentos históricos ímpares, e hoje ele é novamente aguardado, no amadurecimento dos ciclos formativos da História.

* Por consequência, as Américas são a *Kumbha Dwipa*, a "Terra do Aguador". Ver sobre esta dualidade em nossa obra *América Latina, Magia & Poder*, IBRASA, SP.

Capítulo 2

Teotihuacan, a "Cidade dos Deuses"

O ocaso do horizonte clássico da cultura pré-colombiana viu o nascimento de uma nova estrela: a Era Tolteca, herdeira da grande civilização de Teotihuacan. Mas segundo as crônicas, foi ainda neste grande centro cerimonial que a Nova Era seria preparada.

No seu esplendor, esta "Cidade dos Deuses" se compara unicamente à grande cidade sagrada de Tikal, com seus múltiplos complexos arquitetônicos, somando 42 construções entre muitas e elevadas pirâmides com seus "Budás" no alto.*

No entanto, o caráter de Teotihuacan é único. Trata-se de um daqueles Centros Supremos da Civilização, onde se reúnem todos os grandes arquétipos mundiais, não apenas da raça em si, mas também de todo o ciclo cósmico, unificando os valores acumulados pelas raças e toda a sua simbologia. Nestes grandes centros celebram-se toda a classe de ritos especiais, sendo o polo de convergência para as grandes manifestações culturais e para as festas de seus calendários.

Com isto, Teotihuacan desenvolveu inicialmente a dualidade atlante, simbolizada pelas magostas pirâmides do Sol e da Lua, comparáveis unicamente às de Gizeh no Egito. As medidas da base da Pirâmide do Sol são idênticas à de Quéops. A Pirâmide da Lua fica ao final desta avenida, representando isto mais uma exaltação às origens atlantes da cultura pré-colombiana, ou como querendo dizer que tudo ali teve início.

Mais tarde criou-se a fabulosa Pirâmide da Serpente Emplumada, considerada uma das obras-primas da arquitetura pré-colombiana, integrando a *tríade* piramidal própria da simbologia árya, tal como ocorrera milênios antes em Gizeh.

As pirâmides estão distribuídas ao longo da "Calçada dos Mortos", uma larga avenida de dois quilômetros na qual se realizavam as procissões e que servia para abrigar os espectadores. A "Calçada dos Mortos" ou literalmente, *Miccoatl*, a "Serpente dos Mortos", é também o nome de um profeta tolteca, uma espécie de Moisés local que trouxe os toltecas para o Sul segundo as narrativas.

A expressão "Mortos" significa aqui *iniciados*, ou os "mortos para a falsidade". Em muitos ritos tradicionais, o 1º grau trabalha com ritos fúnebres, representando a morte para o passado e a necessidade do renascimento na luz, uma espécie de ressurreição portanto. Esta calçada tinha quatro grandes divisões, associadas às três pirâmides raciais áryas. Na quarta divisão achava-se o belo Palácio da Mariposa-Quetzal (*Quetzalpapálotl*), que rivaliza com a imponência do Templo de Quetzalcóatl. Representa o aspecto futuro ou profético de Serpente Alada, aguardando a chegada das novas coisas. A mariposa é um símbolo quaternário, e a futura luz das Américas está também dominado por este cânone, tal como esteve na época atlante porém sob uma outra conotação.

A cultura-síntese de Quetzalcóatl expandiu-se então por um vasto território. A impressionante florescência cultural Clássica-Teocrática gerou na Mesoamérica outros centros de grande importância, destacando-se no universo nahuatl El Tajin, Xochicalco e Monte Alban, e no mundo maia as cidades de Tikal, Copal e Palenque.

Esta época Clássica iniciou em meados do primeiro milênio antes de Cristo e ocupou quase todo o milênio seguinte, tendo como seu grande epicentro a cidade-cerimonial de Teotihuacan.

A Grande Cidade tinha maior perímetro que a Roma imperial. Nela fervilhavam nada menos que cem mil pessoas, no comércio, no culto, no artesanato, na administração e nas guardas. A Calçada dos Mortos era ladeada por templos para muitas divindades. Havia mosteiros nas proximidades e mais de quinhentos centros artísticos, assim como vilas de trabalhadores para sustentar o comércio e os serviços, entre palácios suntuosos para os dignatários, que ocupavam a parte central da metrópole.

O comércio de Teotihuacan, especializada em artes com pedras (turquesa, jade, obsidiana), madeira, vasos, estátuas, plumas e ossos, cobria quase toda a América Central, o México e parte dos Estados Unidos. Teotihuacan estava situada entre minas de obsidiana negra e verde; a verde era consagrada a *Quetzalcóatl*, a "Serpente Alada", e a negra era consagrada a seu irmão *Tezcatlipoca*, o "Espelho Fumegante".

"Teotihuacan fundou mesmo verdadeiras colônias na costa do Pacífico para controlar os seus fornecimentos de jade e de cacau, e foi difundindo os seus conhecimentos intelectuais e a sua arte." (Sergio Purin, *As Civilizações das Américas*, pg. 24)

A fantástica metrópole mística tinha palácios e ruas adornados com pinturas murais talvez como nenhuma outra cidade do mundo. Os seus sábios eram peritos também na astrologia e na escrita. A sua cerâmica é primorosa na decoração e na qualidade.

Infelizmente as escavações do local recém começaram, e quem mais o faz ainda são os leigos e pobres para vender partes no comércio ilegal de antiguidades, geralmente destruindo em definitivo estes eloquentes testemunhos do passado.

Ixtlilxochitl, o cronista nahuatl da época da Conquista, escreveu sobre os toltecas:

"... faziam as melhores coisas que existe no mundo, ao mesmo tempo em que eram feiticeiros, nigromantes, bruxos, astrólogos, poetas, filósofos e oradores... e os melhores pintores da Terra."

Por tudo isto, a pesquisadora e antropóloga Laurette Séjourné, que escavou o local, pensa que tratava-se do verdadeiro berço dos toltecas, povo a quem foi atribuído todos estes dotes, além de ter sido ali criado o Quinto Sol, relacionado ao ciclo tolteca (ver em *Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo*, pg. 110). Comparativamente Tula, tida geralmente como o berço da cultura tolteca, é mais austera e pobre em termos artísticos, apesar de conter conceitos arquitetônicos e simbólicos importantes e originais (ver no Volume II desta série, *A Mariposa de Fogo*). Neste caso, os toltecas seriam originalmente uma *casta* de sábios e artifícios surgidos em Teotihuacan, organizados em ordens esotéricas e que se desenvolveram e ampliaram até dar origem a uma nova sociedade.

De toda a parte vinham pessoas em peregrinação para conhecer a "Cidade dos Deuses" participar dos ritos anuais e especialmente dos grandes ritos que marcavam a mudança de tempos, como a cerimônia do Fogo Novo a cada 52 anos.

Através disto se prepararam as coisas do Novo Mundo, razão pela qual ali se celebrariam os ritos de passagem do Quinto Sol. Daí também o nome dado a esta cidade. A tradição reza que os "deuses" ali se reuniram para decretar o início de uma Nova Era. Os Altos Iniciados congregaram-se neste local, em torno do Avatar Quetzalcóatl, para definir os novos códigos raciais.

Este novo momento esteve relacionado pois ao mito da criação do Quinto Sol, gerado em Teotihuacan, mas desenvolvido nas cidades-satélites do grande centro-cerimonial, tendo sua coroação em Tula, a "cidade do Sol". O Quinto Sol pode ser equiparado ao Quinto Milênio da *Era Solar* pré-colombiana, de 5.200 anos, iniciada segundo os cálculos maias em 13 de agosto de 3.113 a.C. Mas também coincide num certo sentido com a quinta Sub-raça da quinta Raça-Raiz Árya, e ainda prenuncia a Quinta Ronda planetária que hoje começa. Além disto, devemos considerar que nesta época teve início o 20º e último ciclo sótico deste Ano Cósmico, ciclo este regido por Vento/Quetzalcóatl.

Teotihuacan era já nesta ocasião um centro antigo, que de certo modo vivia seus tempos finais, pois o novo momento requeria formas mais dinâmicas e materiais de organização. E isto seria elaborado pelos toltecas, o povo do Vº Sol, Quetzalcóatl. Diz-se que Teotihuacan teve o seu apogeu entre os séculos V e VI de nossa era. Isto não é difícil de imaginar quando sabemos que esta foi a época de um grande Quetzalcóatl (época de Pacal Votan), quando se erigiu a bela pirâmide de *Quetzalcóatl e Tlaloc* da Cidade dos Deuses.

Mas não tardaria muito e ela seria incendiada e destruída pelos *Chichimecas* ou bárbaros vindos do Norte.

a. As Raízes do Tempo na Tradição **

Devemos conhecer então a natureza do Vº Sol, mas antes observar o que significa este conceito na ótica pré-colombiana. A definição do *Tempo* numa Civilização é assunto da mais alta importância, pois diz respeito àquele *eixo* ou padrão básico de referência pelo qual ela simbolicamente se orienta e gravita, porque aponta tanto para a sua natureza particular como para o seu objetivo final.

Assim, cada povo demarca o tempo a partir de algum acontecimento importante em sua história. Os judeus contam a partir do Êxodo, os muçulmanos desde a Hégira de Maomé, os cristãos pelo nascimento de Jesus, os tibetanos com Padma Sambhava, os hindús em Krishna, e os incas, maias e astecas pelo surgimento do *Quinto Sol* no mundo.

Dentre estes vários registros, sempre envolvidos por mitos face à grandeza dos eventos implicados, o pré-colombiano e o hindú –ambos muitos aproximados no tempo– são talvez os mais nobres, porque apontam para um evento de significado *supremo*, por assim dizer, dentro da Hierarquia esotérica do Tempo.

O que é então este "Quinto Sol"? Não se trata de uma estrela realmente, embora apresente referências estelares naturais. É que os maias, astecas e incas chamavam "Sol" (*Kin*) aos grandes Iniciados, de modo que o Sol por excelência é aquele *Avatar* supremo que inaugura um novo período de Civilização –como o Manu da Índia, ou o Menés egípcio. De modo que encontramos aqui na realidade uma demarcação de tempo semelhante à cristã, com a chegada de um grande Iluminado. No Hinduísmo não é diferente, pois a *Kali Yuga* começou oficialmente com a morte de Krishna.

Como reza a Tradição, os Avatares são a grande referência cíclica para a humanidade, uma vez que trazem sempre consigo, através de sua elevada condição iniciática, todo um novo manancial de energias para o planeta. Esta é a sua função, e a razão mesma pela qual surgem com verdadeira precisão *astrológica* no mundo, sinalizando e anunciando as mudanças de tempos. No momento certo, eles *alquimizam* as velhas energias, "salvando a humanidade" e implantando as bases cósmicas para todo um novo ciclo evolutivo mundial. Por isto é exato dizer que *tempo é energia*, ou conteúdo psíquico intencionalmente qualificado.

A Civilização moderna apresenta uma grande confluência de informações, e seria natural que, na procura da melhoria de seus padrões de tempo, venha a encontrar modelos de calendários melhores que aquele empregado hoje. Este processo no entanto, por seu conteúdo ontológico, terá consequências definitivas.

O fato é que o contexto cultural moderno é complexo, e as referências cosmológicas-calendárias múltiplas. De modo que, se ficar estabelecido que o calendário maia é o melhor, apesar de ter sido construído no passado e necessitar provavelmente de adaptações, teremos ainda que definir o *momento* adequado para esta transformação. Além disto, devemos conhecer que espécie de referência original ele apresenta. E pela cronologia maia, atualmente estamos *concluindo* o "Quinto Sol", a ser *oficialmente* extinto no ano de 2012.

Tudo isto significa que virá em breve um novo "Sol". E esta será a referência *suprema* a ser observada pela humanidade, aguardado já neste último sub-ciclo de 20 anos (*katum*) iniciado em 1992, e que corresponde à preparação final da Terra para a chegada de um novo grande Mundo evolutivo.

Cabe lembrar também, que existe um vínculo entre a Civilização cristã, o futuro ciclo solar e o Novo Mundo, pelo fato do *Bodhisatva* Jesus retornar agora como o *Buda* Maitreya, encarnado no território do Novo Mundo. Este processo fornecerá certamente a chave da nova síntese cultural humana.

Por ora segue vigente o ciclo do Vº Sol, associado à quinta raça árya e seu quinto milênio. Cada milênio é pontificado por um Avatar. E como americanos estamos também sujeitos às leis espirituais trazidas por estes seres.

b.O Mito do Quinto Sol ***

A Lenda do Quinto Sol refere-se à chegada de uma Nova Era do Mundo, acompanhada de seu grande luminar e mensageiro, Quetzalcóatl. O Avatar sempre surge nos grandes momentos de mudança para sinalizar as novas coisas. Através de seus esforços e sacrifícios ele transmuta o carma racial e propõe novos códigos. A Lenda do Quinto Sol demonstra e dramatiza as dificuldades inerentes a este processo, colocando uma nota humana nos acontecimentos. Vejamos pois esta lenda, reproduzido de *Mitos e Lendas dos Astecas*, edição de John Bierhorst, EDAF.

O mundo já não estava mais seguro, pelo que os espíritos começaram a perguntarem-se uns aos outros: "Quem será o sol?"

Enquanto assim falavam, baixaram voando à terra e acenderam um fogo para aquele que fosse o eleito. Mas todos sentiam medo. E conforme o fogo ia ficando mais quente, a única coisa que se ouvia entre os candidatos era: "Que outro o faça."

Enquanto assim se excusavam, o chamado Nanahuatl estava de pé ao lado, escutando. Era pobre e tinha o corpo coberto de chagas, de modo que ninguém queria dele se aperceber. Mas quando finalmente lhe prestaram atenção, todos gritaram: "Nanahuatl será o sol."

"Não, não", respondeu ele. "Tenho chagas." Mas não lhe ouviram e lhe ordenaram fazer penitência para que se tornasse sagrado.

Durante quatro dias, enquanto o fogo ardia, cravou-se espinhos e agulhas. E ao mesmo tempo jejuava. Quando a penitência terminou, lhe caíram o corpo para torná-lo branco,

colocaram-lhe plumas nos braços e lhe disseram: "Não tenhas medo. Te elevarás pelo ar e iluminarás o mundo." Então ele fechou os olhos e saltou no fogo.

Quando seu corpo se queimou completamente, desceu à Terra Morta e viajou sob a terra até que alcançou seu extremo oriental.

Entretanto, os espíritos observavam para descobrir onde se elevaria o sol. Já estava amanhecendo, mas a luz parecia vir de todas as direções. Alguns olhavam para o norte e outros para o sul. Outros pensavam que o sol se elevaria pelo oeste. E outros, incluindo Quetzalcóatl, diziam: "Se elevará pelo leste", e estas palavras foram certas.

Quando apareceu, o sol era de um vermelho brilhante. Se bamboleava para diante e para trás, centelhando de luz, brilhando sobre toda a terra. Tão brilhante era que não se lhe podia olhar sem ficar cego. Mas logo que apareceu deixou de elevar-se.

Ao ver que não seguia seu curso, os espíritos enviaram um falcão como mensageiro para inteirar-se de qual era o problema. Em seu regresso, o falcão lhes informou que o sol não se elevaria mais até que os espíritos se sacrificassem a si mesmos, permitindo que lhes tirassem o coração.

Coléricos e atemorizados, chamaram à estrela da manhã e lhe pediram que setasse o sol com uma de suas flechas. Mas o sol ocultou seu corpo e a flecha voou sem alcançar seu objetivo.

Voltou-se então o sol para a estrela da manhã e lhe disparou seus dardos de cor da chama. Ferida, a estrela da manhã caiu na Terra Morta. Os espíritos, dando-se conta de que o poder do sol era demasiado grande para resistir-se-lhe, retiraram as roupas e, um a um, aceitaram seu sacrifício. Satisfeito por fim, Nanahuatl seguiu sua viagem pelo céu.

Esse foi o quinto sol, chamado Sol do Terremoto, o sol que seguimos vendo hoje. Em sua época a terra se moverá: haverá terremotos. E haverá fome.

O outro nome deste Quetzalcóatl é pois Nanahuatl, e o distingue dos outros Quetzalcóatls existentes no contexto pré-colombiano. Neste caso, parece se referir ao próprio Avatar, o ser que abriu a última Era Solar.

O texto é pois repleto de símbolos. A "terra Morta" para onde se dirige Nanahuatl faz alusão ao inferno espiritual ao qual é enviado o Avatar para salvar às almas, inicialmente pela extensão e intensidade de sua aura.

O aparecimento da luz em todas as direções representa a difusão da luz espiritual do Avatar, que inclusive suscita expressões superiores em todo o mundo, através da chegada dos *Chohans*.

A elevação pelo Leste faz alusão ao caráter *oriental* da dispensação espiritual do Quinto Sol, como foi o da 5ª Raça-Raiz. Mas também pode se referir ao leste *das Américas*, sempre relacionado à chegada dos Avatares.

E quando o Sol se detém enquanto outros não se sacrificassem (lembrando o Sol que se detém sob Josué na Bíblia), também significa que o sacrifício deveria ser compartilhado para aumentar-se a força e poder prosseguir a evolução, distribuindo o serviço e os dons entre muitos.

A Estrela da Manhã, que pode ser o mesmo Quetzalcóatl, é uma expressão dinástica e hierárquica. Refere-se a linhagens em disputa.

O corpo em chagas é o sacrificado. O corpo caído é o purificado. E o corpo iluminado em vermelho é o glorificado. Corresponde assim às cores das três fases da Alquimia: negro (etapa básica), branco (etapa média) e vermelho (etapa superior).

A idéia do "terremoto" deriva entre outras coisas do fato de que o Quinto Sol é também chamado de *Movimento*, e com a sua chegada a "terra" do ciclo anterior será movida.

Este é um tema importante de ser avaliado porque comporta a essência do conteúdo do novo ciclo.

c. A Era do "Movimento"

A idéia de "movimento" (*ollin*) estava associada entre os nahuas à de *centro*. E esta por sua vez derivava do número 5, com sua geometria e simbologia própria. O 5 centraliza o quaternário, ou seja, as quatro direções do espaço, e como quintessência, aos quatro elementos. É "movimento" porque liberta da estática dos elementos, de modo que a cruz fixa adquire dinamismo e entra em rotação (como na suástica).

Para Laurette Sejourné, a idéia nahuatl de "movimento" representa um símbolo da *humanidade*, pela qual os elementos estáticos da natureza adquirem vida e dinamismo.

Trata-se de fato do *controle dos elementos naturais*, que foi a grande dádiva da Quinta Raça-Raiz, a Árya (ou do Quinto Sol no contexto pré-colombiano) ou, antes de seus sábios iluminados, posto que apenas os Mestres ou Guias é que chegavam à 5ª Iniciação.

O pentagrama é um símbolo do homem perfeito, do Mestre. Foi o que possibilitou a criação da civilização nos termos que conhecemos hoje, especialmente nos moldes sagrados criados pelos antigos, significando a ascensão da civilização a um grau superior, dando origem à uma cultura *solar* centralizada na figura do rei iluminado e da cidade-estado, dos quais os toltecas seriam expressões acabadas.

Esta centralidade representa sublimação, e a sua decorrência é a *Inteligência*, resultando na Ciência. Libertos dos limites dos elementos da Criação, com seus ciclos e crises, o homem tinha a sua mente livre para *conhecer*.

De qualquer forma, já não era mais somente o império da religião. O conhecimento e a ciência deram lugar a um novo e fascinante universo cultural, repleto de ordem e possibilidades múltiplas, manifestadas no mundo como uma Idade de Ouro, permitindo a codificação e a ordenação do tempo e o espaço, dando origem a uma arquitetura exuberante e a calendários magníficos, entre outras tantas formas de arte. Era isto sim uma "religiosidade científica", simbolizada mais que tudo pela ciência da Astrologia.

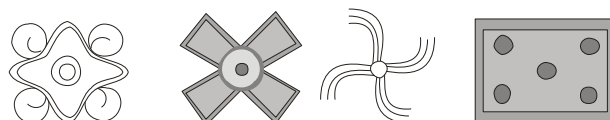
Este caráter central, típico da civilização árya, também levou o homem a se instalar no centro do hemisfério (sediando as suas cidades sagradas no paralelo 30, que é o centro exato). Ali existe o ciclo das quatro Estações em perfeita simetria, representando uma imagem dos Quatro Elementos e dos Quatro Temperamentos humanos. O reino humano é o quarto e por isto ele alcança a sua penitência sob este quadro. Ao assimilar o completo plano natural de energias, ele tempera a sua vontade e se capacita a coroar a sua existência e a transcender a sua condição, ascendendo então aos mundos espirituais. Por isto as Idades de Ouro situam-se nesta faixa do planeta (ver mais sobre esta questão nos Capítulos finais desta série, dedicados à Geografia Sagrada e a "lugares de poder").

Uma das representações mais difundidas deste ciclo foram as *mandalas*. Todas as culturas criaram esquemas à sua maneira, e o próprio crucifixo do Cristo, com as suas cinco chagas, pode ser enquadrado neste espírito.

O termo hindú *mandala* significa "controle mental", pois estes diagramas cosmológicos são comumente empregados na meditação. Seu propósito é *organizar o mundo* centralizando-o, e é isto que o meditador trata de fazer dentro de si.

Os pré-colombianos também criaram mandalas e calendários fabulosos. Como peritos nas artes do tempo, até mesmo procuraram definir o calendário de tal modo a gerar um tempo central ou neutro, ao termo de ciclos de 4 semanas de 5 dias (um de seus mais significativos modelos ou "códices" é a "Cruz das Árvores", *Huahom Che* em maia que analisamos na Revista Órion de Ciência Astrológica, nº 6).

Os antigos criaram muitos símbolos para isto, entre eles o da *suástica* (existente em todo o mundo há milênios: Grécia, América antiga, Oriente...). Abaixo damos algumas das tantas formas pelas quais os pré-colombianos representavam esta idéia de centro, e que os historiadores chamam de *quinquice*:



Temos acima o hieróglifo do planeta Vênus, uma mariposa estilizada, tal como se aparece no centro da Pedra do Sol asteca ostentando os símbolos das Eras do Mundo em suas asas (ou dos "Quatro Sóis" anteriores), e símbolos do Quinto Sol, o deus *Tonatiuh*.

O símbolo da direita evoca o emblema celta do *trishula*. Vale lembrar que a letra *gama* (donde a "cruz gamada", ou a suástica) é a terceira do alfabeto grego (similar ao *ghimel* hebraico, cuja forma é idêntica)

Este são também símbolos de *Quetzalcóatl*, o deus do Quinto Sol, e do planeta Vênus, assim como de *Huitzilopochtli*, o "Colibri Canhoto" adotado pelos astecas, e que é um de seus aspectos, o do sacrifício e da ressurreição.

Toda a história pré-colombiana e suas magníficas civilizações, foi um esforço enorme para afirmar estes valores sagrados de centro e de ciência, muitas vezes contra os representantes ferozes de forças atávicas que emergiam ostentando tais valores como pretexto ou como texto para ascender ao poder.

d. Xochicalco, a "Cidade das Flores"

Na abertura do último milênio este movimento teve o seu apogeu em Tula, a grande capital dos toltecas, com um paralelo maya na cidade de Chichén Itzá, para onde se deslocou a dinastia de Quetzalcóatl no seu exílio. Representou uma renovação conhecida como o Período Pós-Clássico e Monárquico, considerado "a chegada dos guerreiros". E nisto temos não apenas um sentido militarista, mas também uma nova forma de tratar a cultura em geral e a espiritualidade em particular.

Inicialmente, deve-se ter em conta que as guerras sempre tinham um fundo religioso, como até hoje permanecem tendo em certa medida. E isto estava muitas vezes relacionado à uma vontade racial de evolução.

Tal como o Islã tem o seu "grande *Jihad*" espiritual e o seu "pequeno *Jihad*" material, as "Guerras Floridas" dos nahuas apresentavam esta dupla conotação, e também neste caso ambas estavam muitas vezes associadas.

Neste processo se destaca um importante centro espiritual, *Xochicalco*, a "cidade das flores" –ou seja, da Iniciação–, identificado por certos historiadores à mítica *Tamoanchan*, para onde as lendas dizem ter se dirigido os sábios quando deixaram a Cidade dos Deuses. A palavra

significa "o lugar do pássaro-serpente", e tem sido apontado como o verdadeiro berço da cultura pós-clássica. Pela natureza da arte local é possível observar um importante renascimento cultural, caracterizado por uma síntese especial de influências.

Até então as culturas nahuas e mayas vinham se desenvolvendo paralelamente e trocando influências. Mas nesta época houve uma grande mudança de estilo e de forma de civilização, tornando-se mais militarista e monárquica. Afirma-se que em Xochicalco "se efetuou uma correção ou ajuste dos calendários de vários povos, principalmente nahua, maya, zapoteca e da Costa do Golfo." (Román Piña Chan, *História, Arqueologia e Arte Prehispánica*). Depois disto o intercâmbio se acelerou nos ambientes que realizaram o *Pacto de Tamoanchan* (entre eles Tula e Chichén Itzá), pelo qual se definia o início de um novo tempo, com a reunificação dos calendários. Tal coisa significava a aceitação geral de um grande personagem divino.

Este fato induz a relacionar Xochicalco a uma grande personalidade histórica, um sábio divino sem dúvidas. Sabe-se que os pré-colombianos retiravam seus nomes do signo astrológico. Segundo Alfonso Caso, neste local é inclusive conhecido o nome-astrológico de Quetzalcóatl: "o hieróglifo *olho de serpente* é simplesmente o nome calendárico de Quetzalcóatl ou 9 Ehécatl..." (*Los Calendários Prehispanicos*). Quetzalcóatl é Vênus, regente de *Ehécatl* ou Vento. Neste aspecto, Piña Chan associa Quetzalcóatl a Kukulcan, a Pacal Votan e a outros grandes nomes da época.

Pacal Votan foi o senhor de Palenque e seu túmulo foi o mais importante já encontrado no México. A lápide impressiona por muitos aspectos, como pelo peso e sobretudo pelas imagens que contém. Nela vê-se uma grande "cruz-latina" (presente também em outros templos de Palenque) penetrando no corpo do rei Pacal como um punhal sacrificial, e formando uma *mandala* com os 20 signos astrológicos do calendário meso-americano, ostentando serpentes em seus braços horizontais e um pássaro-quetzal no alto –todos extremamente estilizados ao estilo maia– numa belíssima alusão ao mito da Serpente Emplumada.

Pacal Votan não teria sido propriamente um Avatar, mas sim um grande profeta ou sábio, responsável por uma reforma cultural semelhante à de Maomé ou de Padma Sambhava, que lhe foram inclusive contemporâneos. A confusão se deve à forma genérica como é empregada a palavra "Quetzalcóatl" entre os toltecas, que à parte ser um nome-astrológico, é também um título dinástico-sacerdotal, além de ser um epíteto avatárico tanto mítico como profético. Padma Sambhava também é chamado "o Segundo Buda", sem que isto o coloque no mesmo nível de Gautama, aludindo antes que é o segundo em *hierarquia* num mesmo ciclo, e que veio na metade deste ciclo para abrir a pequena Idade de Ferro.

É mais ou menos como dizer que Maomé é o segundo Cristo (e se trata realmente do último grande profeta *deste ciclo*). Podemos evocar ainda a figura de São Francisco de Assis como uma espécie de "Segundo Cristo"; ao menos a sociedade o elegeu como o homem mais importante do último milênio, que foi o Quinto Milênio desta Quinta Era Solar.

Quetzalcóatl foi também este Segundo Profeta no mundo pré-colombiano, secundando ao deus-Jaguar e ao deus-Águia das origens. Sua imagem era comumente associada a tais divindades, formando uma espécie de *tetramorfos* semelhante à esfinge ou ao *querubim* meso-oriental. Tornou-se porém o deus mais popular e conhecido no contexto maior da Meso-América.

Seja como for, este momento acarretou um importante renascimento cultural, inclusive na ciência astrológica. Vênus passou a representar esta nova energia, como vemos no Templo da Estrela da Manhã em Tula.

e. As Invasões Cíclicas

Uma das grandes causas de destruição dos antigos centros foram as invasões cíclicas de povos bárbaros, vindos das estepes do sul dos Estados Unidos.

Geralmente eram grupos estrangeiros impedidos de conviver com a civilização, por seus instintos ou costumes bárbaros. Povos habituados à vida errante que iriam causar problemas no seio de sociedades tão puras e ordenadas como as da época clássica.

Em outros casos estes invasores eram descendentes de grupos banidos para áreas longínquas no momento em que se definiram padrões de civilização superior no México. Indivíduos realmente inadaptados à ordem superior da cultura eram levados para regiões distantes, onde poderiam canalizar suas energias nas vastidões das pradarias e assim seguir levando a sua existência sem prejudicar os povos civilizados.

Uma das grandes razões destes expurgos era *religiosa*. Não raro estes conflitos ideológicos possuíam de certo modo bases profundas naquele contexto cultural, na medida em que muitas vezes reuniam de um lado aqueles cultores da antiga tradição atlante, herdeiros do fanatismo arraigado próprio daquelas linhagens, com todas as suas fragilidades e primitivismos mas que se arvoravam como defensores das tradições da Grande Ocidentalidade, e de outro lado os reformadores influenciados pela cultura do Oriente, entre os quais encontrava-se Quetzalcóatl e suas dinastias. Os astecas representaram a ascensão das forças primitivas naquele período.

Assim, ao longo da implantação da Nova Ordem, a partir de meados do Quinto Mundo, seitas e grupos com visões divergentes eram afastados ou impedidos de penetrar naquele ambiente cultural.

Quando uma nova religião se instaurava, as outras deviam a ela se subordinar ou desaparecer. A Verdade é uma, mas pode oferecer um arco-íris de possibilidades. Pode-se guardar um templo para cada expressão e necessidade humana. No entanto, amiúde surgem aqueles que não se contentam com menos do que o poder e o domínio completo, e nem sempre eles são dignos de tanto; ainda que em certos casos também possam haver reivindicações justas, visando derrubar a tronos usurpados ou indignos.

Nestes casos, pouco podia ser feito além do banimento, a não ser medidas ainda mais drásticas e definitivas, que em muitos casos também chegaram a ser executadas.

Tais medidas foram empregadas por muitas civilizações e ainda seguem sendo. A ordem deve ser preservada a todo custo, a economia deve ser protegida e as sociedades não gostam de se misturar em demasia. Os grandes contingentes populacionais, especialmente os bárbaros pobres, agressivos e incultos, são sempre vistos como ameaças para a ordem e o *status* dos povos civilizados. Os muros que separam os povos são antigos, desde a Grande Muralha da China e a muralha de Adriano na Escócia. Mas nada disto podia impedir por muito tempo as invasões. Os exércitos permanentes de Roma, colocados ao longo de suas fronteiras e rotas, eram enormemente dispendiosos e não podiam manter para sempre os bárbaros do outro lado da civilização.

Geralmente os invasores eram povos das estepes racialmente distintos, como os Citas, os Hunos ou os Mongóis, relegados a habitarem em ambiente hostil e à margem da civilização, e que invadiam as fronteiras dos impérios muitas vezes premidos por necessidades físicas. A existência rude e limitada destes povos terminava por gerar indivíduos afeitos à guerra e que pouco tinha a perder nas batalhas. Os povos civilizados desprezavam os seus costumes bárbaros, mas por outro lado não raro era também alvo de desprezo, dada o estado de decadência em que por vezes também sucumbem as civilizações. Até o surgimento da Hierarquia ária a humanidade esteve proibida de manter o sedentarismo. As cidades-estados regidas por reis-

sagrados representaram o surgimento de uma ordem superior. Mas quando esta ordem central é perdida, então as civilizações se degereneram rapidamente.

A vida nômade, austera e livre, ostenta inegáveis virtudes, e não são poucos os povos nômades que se orgulham de sua condição. Os berberes, nômades do Saara, dizem que "a casa é o túmulo do vivo", e os ciganos mantêm uma persistente tradição nômade. Com tudo isto, se pode compreender porque Gengis Kan se considerava um mensageiro da ira divina contra impérios decadentes, e Átila também foi proclamado "o flagelo dos deuses".

Mas, pese a decadência moral, as oportunidades econômicas podem ser muito superiores às externas – em boa parte até por culpa do próprio império. Os Estados Unidos atuais, onde as crianças costumam ser drogadas e não educadas, possui fronteiras fortemente vigiadas e protegidas contra "invasores" estrangeiros que, muitas vezes, ao conseguirem penetrar irão em boa parte apenas aumentar o enorme contingente da população carcerária local.

Por sua natureza e condição, as sociedades excluídas se rebelavam contra as medidas segregativas, e as sucessivas gerações eram educadas para a guerra e recebiam o comando de preparem-se para o dia em que deveriam voltar e destruir tudo, potencializando com isto o mal que fariam aos poucos no seio destas sociedades de certa forma perfeitas e organizadas. Não raro, o projeto de invadir e destruir estava no sangue nômade. O treinamento bélico fazia parte da educação, e a lida rude diária com o gado e o consumo de carne mantinham a tônica agressiva.

E assim se alimentava uma mágoa atávica que, no momento em que os excluídos sentiam-se fortes o suficiente, se transformava em invasões desfechadas com ódio incontido, capazes de destruir irracionalmente a tudo. Muitas destas campanhas foram deflagradas com discurso abertos com estas palavras: "Chegou o grande dia esperado por nossos avós, e pelo qual temos a razão de nossas existências. Lutem como se as vossas vidas dependessem disto, e a de vossos filhos e a dos filhos de vossos filhos..." E então as hordas furiosas se lançavam como feras para destruir a tudo e a todos. Este foi o preço por vezes pago pelo desenvolvimento das sociedades superiores.

As vastas regiões desérticas do Norte, desde o Arizona e o Novo México, passando pelo Deserto de Sonora e o de Chihuahua, além das áridas e formidáveis cadeias montanhosas das Sierras Madre, constituíam por si só barreiras naturais que protegiam o México Central. Além disto, estes Estados sagrados mantinham os seus Exércitos de Paz vigilantes nas fronteiras, nada disto sempre era suficiente.

Foi esta também uma das razões para a institucionalização dos sacrifícios. Na ausência de sistemas penitenciários eficientes, e visando usar a execução como exemplo, julgou-se apropriado proceder ao sacrifício de criminosos e hereges, como fez e segue fazendo a civilização cristã, por exemplo.

Porém, uma vez que se ultrapassa este umbral, abre-se a porta para a degeneração moral e o desrespeito pleno à vida humana. Cria-se pretextos para executar a qualquer um que se queira por razões vis, e a barbárie se reinstala no seio da sociedade. A execução institucional dá margem para o crime vulgar, e aquele que mata por paixões ou loucura vê nos atos do Estado um possível precedente para os seus atos.

Os nahuas foram nisto os mais "pragmáticos". Estes bárbaros eram muitas vezes seus parentes distantes, que havia banidos de seu meio, ou dentre os quais eles mesmo saíram, pois certos povos como os próprios toltecas, segundo se diz, vieram também do Norte como bárbaros, tendo no entanto se adaptado tão bem que, com suas novas energias, terminaram por gerar um novo ciclo civilizatório.

A isto se deve a importância da fase real-militarista tolteca, porque era a única forma de preservar a civilização naquela época. O V° Sol é também um sol guerreiro. Cinco é o número

de Marte, o deus da Guerra, embora num outro sentido seja também o de Mercúrio, o deus da Ciência.

De resto, tinham consciência de que possuíam uma *carma* histórico, e além disto aquelas sociedades extremamente religiosas (como seguem ainda sendo), exigiam o respeito aos costumes e a seus deuses. Os invasores terminavam cedendo, em parte por gosto, em parte por conveniência. Com o respeito popular podiam ascender e manter-se nos cargos. De resto terminavam aprendendo e refinando os seus próprios hábitos. Em alguns casos até faziam coisas grandiosas e novas, como os mencionado toltecas.

E este foi também o caso dos astecas. Seu deus estava vinculado ao antigo deus-jaguar, guerreiro e imperial, na forma de *Tezcatlipoca* ou o Espelho Fumegante, vinculado ao culto do sacrifício; ainda que eles ocultassem isto sob o manto de outros deuses. Tinha uma divergência capital com Quetzalcóatl, o deus daquele Milênio. É algo semelhante com a divergência ocorrida no Egito entre as linhagens de Set e seu irmão Osíris e depois com seu sobrinho Hórus, ou mesmo entre Cain e Abel.

f. As Primeiras Linhagens

O panorama das culturas pré-colombianas sempre foi portanto bastante tumultuado, especialmente na região do México Central. Além das condições espirituais precárias destas raças antigas, compensada por forte e fanática religiosidade, o México sofria com as sucessivas ondas de bárbaros que desciam no Norte, o que vez por outra tinha conseqüências fatais para as grandes civilizações do Planalto.

Os maias, por sua vez, estavam melhor protegidos pela distância e pelas densas florestas da América Central. Ninguém sabe "de onde vieram" os mayas, e como a sua esplendorosa cultura "nasceu pronta". Na falta de respostas, há até quem diga que vieram "das estrelas".

Para nós a resposta é óbvia. Os maias são descendentes dos aymarás e os quichés são descendentes dos quéchuas, ramas que se desligaram de suas raízes, como revela o seu biotipo montanhês.

Com a queda de Tiwanaco, os descendentes dos antigos Ayma-Rás ("Filhos do Sol") desceram dos Andes com uma disposição especial de se proteger e seguir na sua evolução, encontrando nas florestas tropicais da Meso-América um refúgio ideal.

Nos Andes tiveram suas civilizações abortadas pelos bárbaros e desejavam encontrar novos lugares para se desenvolverem. Além disto, eles vinham se multiplicando demais para as difíceis condições das altas montanhas. Por vezes foram deportados. Não queriam se tornar selvagens na Amazônia.

Mas a razão mais importante pela qual vieram, é porque naquela época os padrões culturais sagrados apenas estavam em relativa harmonia com o cosmos no Hemisfério Norte. Optaram por migrar para criar uma verdadeira cultura sagrada na Terra.

A palavra *maya* significa "não-muitos" ou, como os inciados costumam se auto-denominar, os "raros". Consideravam-se pois gente seleta destinada a gerar coisas especiais, como o fizeram realmente.

Quando chegaram ao sul do México traziam já uma grande bagagem cultural e uma disposição superior para a civilização, trocando influências com os nahuas. Protegidos pelas florestas, a Confederação Maia formava de início uma barreira inexpugnável contra os invasores. Ali só penetrava *quem* e *o quê* eles desejavam. Trazendo suas heranças andinas, eram

conhecidos como "os homens sábios da floresta", e muito respeitados pelos povos do México Central.

Os maias começaram a chegar assim que a civilização superior organizou-se no México, através dos olmecas e zapotecas. Logo começaram a assimilar estas culturas, dando origem à Tikal e a Uaxactun (a Oaxaca maia).

Por isto não existem indícios de "processo formativo" anterior, parecendo que tudo começou de repente, um mistério que os arqueólogos não conseguem desvendar com suas idéias limitadas. Como não foram interrompidos, mantiveram um progresso mais coerente e formaram centenas de centros, gerados muitas vezes pela divisão tribal típico dos povos da floresta, o que entre eles tinha também uma base espiritual e não meramente clânica ou "social". Tal como ocorria na Índia, quando aparecia um grande sábio ele criava uma nova comunidade com seus discípulos e parentes. E assim se desenrolou por muitos séculos a florescente existência maia nas terras meso-americanas. Ocuparam também áreas estratégicas como a Península do Yucatan, um ponto natural para a chegada das embarcações transoceânicas e que dominava o Golfo do México.

A sorte dos nahuas foi distinta. Como alguns povos andinos, sua origem e formação foram sempre mais complexa e dramática. Receberam influências de muitas partes, desde os Andes até longínquas culturas ultra-marinhas que enviavam esporadicamente seus embaixadores tanto à América do Norte como à América do Sul. É sabido hoje que os egípcios mantinham um tráfego comercial e também cultural com estes povos, desde as suas origens (recentemente foram descobertos vestígios de tabaco e de coca no organismo de antigos Faraós, plantas apenas existentes nas Américas). Os chineses também tiveram grande importância na formação da cultura superior das Américas.

Infelizmente, não raro todas estas influências ficavam reduzidas pelas tendências locais de magia e feitiçaria, degeneradas do antigo xamanismo. Isto era reforçado cada vez que ocorriam as invasões bárbaras, que tomavam o poder e refaziam as coisas à sua maneira, embora por vezes tais invasões pudessem até depurar o ambiente quando se instalavam ditaduras, geralmente impostas pelos próprios invasores.

Apesar disto foram-se adaptando aos tempos. E como veremos, estas culturas chegaram de algum modo vivas até nossos dias, profundamente reformadas e adaptadas, apartadas da vida moderna desde dentro e desde fora.

g. A Natureza dos Toltecas

Segundo a Teosofia, os toltecas sempre tiveram o papel de trazer o *conhecimento* na Raça Atlante, na forma como era então possível e necessário, mas também acarretando em graves desvios que os anais ocultos registram. Blavatsky caracteriza assim os toltecas:

"É a terceira sub-raça da quarta Raça-mãe, notável pelo alto grau de civilização que alcançou e por seus profundos conhecimentos na magia negra." (*Glosário Teosófico*)

Por ser a terceira sub-raça, os toltecas tinham a missão de desenvolver o conhecimento espiritual e com isto eles apuraram e sistematizaram as técnicas do ocultismo atlante. Seu elevado grau civilizatório é bem conhecido, ainda que a *cronologia* acadêmica tenda por vezes a discordar da esotérica. E seus procedimentos mágicos foram em parte divulgados por Castañeda, sob diversas *classes* de magias, pois este autor também apresenta um *quadro em evolução*.

É sempre difícil classificar com precisão os limites das *zonas* da magia. Em termos gerais, podemos definir a "Magia Negra" como sendo tudo aquilo que prejudica as pessoas, especialmente quando é feita de forma intencional. No seu oposto está a "Magia Branca", feita para beneficiar as pessoas. Entre ambos existe um campo que se costuma chamar "Magia Cinza" ou "Magia Natural", mas que nem sempre costuma entrar nas considerações dos esotéricos. Naturalmente, descambar para os extremos neste campo intermediário é muito fácil.

O fato é que a própria forma de atuação da hierarquia evoluiu desde que se manifestou no planeta durante a Raça Atlante. No início eram empregados métodos muito mais físicos e diretos. A forma de conhecimento e de atuar da hierarquia de então adquiriram formas grotescas que para nós seriam inaceitáveis, mas isto era até certo ponto inevitável na época. O seguinte trecho de *Tratado Sobre Magia Branca* de Alice A. Bailey joga muita luz sobre esta questão:

"Seu objetivo foi o de estimular o misticismo e o estímulo do reino de Deus dentro do átomo humano. A natureza de Seu trabalho é muito difícil de ser compreendida pelo homem comum do tempo atual, devido ao diferente estado de sua consciência. Os adeptos Ibezianos tinham que lidar com uma humanidade que estava em sua infância, cuja polarização era extremamente instável e cuja coordenação era muito imperfeita. Havia muito pouca mentalidade com que se lidar e os homens eram praticamente astrais; eles funcionavam muito mais conscientemente no plano astral do que no físico e era parte do trabalho daqueles primeiros adeptos, trabalhando sob a instrução de Shamballa, desenvolver os centros de energia da unidade humana, estimular o cérebro e torná-lo plenamente autoconsciente no plano físico.

A raça atlante estava polarizada no plano emocional ou astral. Devia desenvolver as emoções e os sentimentos, e para isto recebeu a *Bakti Yoga* ou a Religião Devocional. Por isto a religião era sentida intensamente. Mas naquele estágio primitivo da humanidade, isto também deu margem a fanatismo inacreditáveis, com imolações e penitências bárbaras.

Porém, em sua origem este culto era direcionado basicamente ao Eu Superior, residente no interior do indivíduo:

Seu objetivo era alcançar uma conscientização do reino de Deus no íntimo e pouca atenção era dada (no Seu treino de Seus discípulos) à conscientização de Deus na natureza e em outras unidades. Era necessário, naqueles dias, empregar métodos mais definitivamente físicos do que agora é permissível (...)" (pg. 301)

Tratava-se pois da religião do Deus-Pai, onde os homens deveriam aprender a perceber a semente divina existente *dentro de si mesmos*, sem muita capacidade de ver o mesmo no próximo e ainda menos na Criação. É dito também, sobre estas formas "físicas" de atuar, que seus remanescentes chegaram até nós "no ensinamento fálico degradado, na magia tântrica e nas práticas dos Hatha Yogis." (Bailey, *Op. cit.*) Destas últimas derivam o faquirismo e suas penitências extremadas.

É também a época dos "sacerdotes residentes" e dos xamãs oficiais, que sustentavam o poder e dele se valiam para transmitir à população as coisas sagradas.

* Buda e Quetzalcóatl têm significados semelhantes. A palavra *Buddha* nomeia o planeta Mercúrio em sânscrito, cujo caduceu é uma serpente alada (dupla). 42 é um número sagrado (7x6) na Tradição de Sabedoria. É o número de cidades do Egito (divididas entre o Alto e o Baixo Egito), cada uma dedicada a um deus. E é o número de guardiães dos pilonos da cidade de Osíris, reunidos em pares. Cada templo de Tikal servia para celebrar um dos aspectos dos Mistérios de Quetzalcóatl e

de Tlaloc –em maia, Kukulcan e Chaac. Quetzalcóatl é o mesmo Thot, e Tlaloc é o mesmo Osíris, no Egito.

** Revista Órion de Ciência Astrológica, nº5, FEEU, P. Alegre, 1996.

*** Revista Órion de Ciência Astrológica, nº5, FEEU, P. Alegre, 1996.

Capítulo 3

Os Mistérios da Serpente Emplumada

Apesar de Quetzalcóatl ter sido o deus mais importante de toda aquela região da América pré-colombiana antigamente chamada de *Anahuac*, que significa "terra entre dois oceanos" (embora também evoca claramente a raça nahuatl, ou os *nahuas*), ele não teve ainda a atenção e o respeito que merece por parte dos historiadores da cultura oficial.

É que até hoje não conseguimos nos desvencilhar de um espírito colonialista em matéria de religião. Ainda fala-se muito do deus sanguinário dos astecas, mas pouco se sabe do deus bom e pacífico dos toltecas, o povo que sustentou e renovou as grandes civilizações da região.

Apenas alguns estudiosos mais aprofundados é que dão atenção ao fato, mas aquilo que chega na mídia e nas escolas sempre procura enfatizar o lado mau e generalizar injustamente as culturas da região, sob o manto vermelho da decadência asteca.

Quando muito, a História lembra por alto que os astecas viram em Cortez a imagem de Quetzalcóatl, sem dizer que tinham a vendeta deste deus benévolo do qual estava profetizado retornar para vingar-se contra os perseguidores da boa religião. No máximo se apresenta Cortez personificando a vingança de Quetzalcoatl, mais a título de justificar a Conquista do que de valorizar a natureza da Serpente Emplumada, a qual teria muito realmente para competir com o Cristianismo.

Quiçá Cortez tenha sido realmente o seu instrumento providencial, em mais uma ironia da História, porém tendo em vista algo certamente muito maior e distante. Interpretações apressadas também fazem parte desta estratégia.

E se se encontra nas ruínas maias de Chichén Itzá uma imagem de alguém decapitado com sete serpentes saindo do pescoço, logo se diz que é um sacrificado e as serpentes são o seu sangue. Mas é muito perigoso interpretar arte e símbolos de uma outra cultura estranha, meramente a partir dos próprios preconceitos.

a. O Rei Divino e a Dinastia de Tula

O nome *Quetzalcóatl*, a "Serpente Emplumada", é mais conhecido como o de um deus importante dos pré-colombianos. E na verdade foi sempre o mais popular e benéfico de suas divindades. Mas Quetzalcóatl foi antes de tudo um rei, ou antes uma *dinastia* de reis sagrados que governaram os toltecas, na Idade de Ouro da cultura pré-colombiana, originada na cidade sagrada de Tula, a "cidade do Sol, ou *Tollan* em maia. Os toltecas –o termo significa "povo de

Tula"— foram sempre conhecidos por sua habilidade artesanal, muito valorizada pelos antigos povos das Américas.

Aliás, *tolteca* também significa "artesão", mas isto tem certamente um sentido muito mais profundo, semelhante à *maçon*, obreiro, posto que os toltecas foram também exímios sábios de tradição, tanto que era norma para todos os povos posteriores buscarem adotar a cultura tolteca como padrão. Daí que a própria palavra que empregavam para "cultura" era *toltequidade*. Os toltecas se constituíam, na verdade, antes de tudo numa casta de sábios. A raça dos hebreus, dos indús e dos caldeus nasceu da mesma forma, ou seja, a partir da aglutinação de indivíduos que se reuniram em torno a sábios de forma indistinta a suas origens raciais, atraídos por uma sabedoria ímpar e nova, manifesta por certa Escola de sabedoria portadora da luz futura.

Mas tudo isto está resumido na figura de um rei mítico Quetzalcóatl, de quem se diz ter proibido os sacrifícios de homens e de animais, aceitando apenas o de borboletas, flores e serpentes. Diz-se inclusive que sua doutrina pregava a *reencarnação*, o que pode sugerir uma influência oriental.

Dizia-se que este rei, como o Viracocha sul-americano, tinha a tez clara, branca, usava barbas e que retornaria um dia. Esta foi uma das razões pelas quais foi tão fácil aos espanhóis vencerem os astecas. A outra razão é que os astecas não cultuavam este deus benéfico porque tinham colocado acima dele um deus solar que pedia sacrifícios contínuos de vidas, *Huitzilopochtli*, o "colibri esquerdo" (o colibri sempre foi a divindade mais poderosa entre vários povos americanos, inclusive os yanomanis). Substituíram Quetzalcóatl por este deus solar e guerreiro porque não podiam justificar seu imperialismo militar através do pacífico deus tolteca. Então os povos vizinhos, que geralmente eram suas vítimas nas famosas "Guerras Floridas" (uma espécie de *jihad* atlante) destinadas a conseguir escravos para sacrificar ao seu deus, se uniram aos espanhóis para derrubar os astecas.

A lenda dizia que Quetzalcóatl voltaria para se vingar, e foi assim que através de Cortéz ele realizou a sua vingança. É claro que o resultado disto foi no geral negativo para os índios, mas é difícil julgar um processo histórico tão amplo e complexo.

Mas voltemos à lenda de Quetzalcóatl. Além de herói civilizador, incentivador das artes e das ciências, era um rei casto e devoto. E assim permaneceu por muito tempo, até que, num episódio que lembra talvez a estória de Adão e Eva— um dia cedeu à tentação e cometeu um ato sexual. Seu arrependimento foi porém tal, que logo resolveu se purificar de tal modo que, entrando em ascese completa, permaneceu quatro dias num sarcófago de pedras, foi aos infernos e depois incinerou a si mesmo, ascendendo aos céus e transformando-se em Vênus, a estrela da manhã. Há nisto tudo muitos pontos parecidos com a estória de vários avatares, inclusive Jesus que, no Apocalipse de São João, diz: "eu sou a estrela da manhã" (Vênus).

A incineração de Quetzalcóatl significa a sua *iluminação*, e sua transformação na estrela Vênus quer dizer que ele se tornou o Avatar de sua raça, que estava regida por Vênus. A afirmação de Jesus tem uma acepção semelhante, embora desta vez faça alusão a uma realidade mais espiritual, como veremos.

Ao lado de Tula havia Teotihuacan, a grande cidade cerimonial das pirâmides do Sol e da Lua, onde os cultos se tornaram mais amplos e complexos, dominada por castas de sacerdotes, mais que por verdadeiros reis iniciados. Por certo tempo as duas cidades coexistiram juntas, sendo Tula um centro menor onde residia a dinastia sagrada e sua família, enquanto Teotihuacan era realmente um grande centro sacerdotal, porém mais popular. Estava dedicada ao deus da Chuva, tendo sido lá encontrado um belíssimo painel onde mostra *Tlalocan*, o paraíso de Tlaloc (como no *Tuat* de Osíris), deus de vegetação (psiquismo) que geralmente aparece disseminando sementes (almas) pela terra; a terminação *kan* significa tanto "serpente" como "semente" em maia, e são nomes de signos astrológicos. Uma terceira cidade sagrada

puramente tolteca era Xochicalco, mais ao sul, e segundo alguns o verdadeiro berço da culto a Quetzalcóatl.

Por isto Tula sempre permaneceu como uma referência sagrada e primordial, e muitos séculos depois, os maias associaram-se aos toltecas e reergueram Chichén Itzá, no Yucatan, copiando traços da arquitetura de Tula, e sinalizando mesmo uma tentativa de recomeço cultural tolteca. O Templo das Mil Colunas, por exemplo, com o seu Chac Mol, é quase idêntico ao existente em Tula. As próprias cariátides ou os guerreiros "atlantes" com símbolos de Vênus no peito (borboletas, em Tula) estão presentes na cidade maya, e lembram os gigantes da antiquíssima cultura andina de Tiwanaco. Tula foi o protótipo das cidades sagradas de Anahuac, e as grandes metrópoles sempre colocavam o termo "Tula" antes do nome: Tula-Teotihuacan, Tula-Tenochtitlán, etc.

As lendas dizem que Quetzalcóatl foi expulso de Tula com a chegada de forasteiros, lembrando a forma como os astecas oprimiram a cultura de Quetzalcóatl na região do lago; segundo certos anais teriam sido eles os próprios invasores de Tula.

Tende-se hoje a explicar a queda das cidades antigas dos toltecas e maias de forma pouco lógica. Muitos cientistas relacionam à guerras civis motivada pela opressão dos sacerdotes sobre o povo, à fome e a problemas ecológicos.

Outros, mais místicos, acreditam simplesmente que os maias vieram de fora do planeta com uma certa missão, e retornaram às estrelas quando esta missão estava encerrada.

As duas hipóteses apenas roçam a verdade dos fatos; as pessoas sempre constroem as suas idéias em função de suas próprias conveniências ideológicas. Pois a própria história escrita destes povos e a natureza de sua cultura deixam bem clara a realidade dos fatos: se houveram guerras, foram pelas invasões de forasteiros, tribos primitivas vindas do norte como os astecas, verdadeiros hunos americanos que eliminaram ou transformaram profundamente o espírito original das antigas cidades.

E se houve abandono voluntário, terá sido porque as cidades se tornaram, com o tempo, *ritualmente obsoletas* em função da perda dos referenciais cósmicos que norteavam toda a sua arquitetura. A própria construção de templos um sobre o outro a cada 52 anos tinha este mesmo propósito. Como o calendário maia é cósmico, davam muita importância ao deslocamento do Sol através das constelações. 52 anos corresponde a 1/500 do Grande Ano de Platão. Algumas cidades maias observaram ciclos de 20 anos; em Tikal se erigiam pirâmides duplas para demarcar este período, e em Copan se erigiam estelas.

A cultura maia tardia é amplamente de origem tolteca. Alguns arqueólogos, baseados nas lendas, pensam que, quando Quetzalcóatl fugiu com sua corte de Tula, dirigiu-se para o sul e deu lugar ao novo impulso civilizatório maia a partir de Chichén Itzá, cuja lenda ter sido criada pelo próprio Kukulcan, que é o mesmo Quetzalcóatl (*kukul* = Quetzal, *kan* = serpente). Os maias foram um dos muitos povos que aceitaram a aculturação dos sábios toltecas, a ponto de declararem que são também eles provenientes de *Tollan*. Em Chichén Itzá se encontram cenas de sacrifício, mas não vestígios de sacrifícios reais, provando que estas cenas são meras simbologias, como de resto pode sugerir as imagens a qualquer um que *queira* enxergar a verdade. Há estudiosos que pensam que o culto a Quetzalcóatl surgiu em Xochicalco e se estendeu ao Yucatan antes de chegar a Tula, cuja arquitetura é realmente bem menos complexa que a da cidade maia. Esta tese obviamente traz Tula para bem mais tarde. Ambas as cidades também possuem os maiores campos de bola do Anahuac.

Chichén Itzá significa "Cidade dos Sacerdotes da Água", o que é muito natural porque todo o sacerdócio atlante estava relacionado ao elemento alquímico *água* pela fundação do templo de IBEZ, a segunda emanção de Shambala, no seio da Raça Atlante (ver quadro adiante). A

palavra "Chichén" vem de *Chichan*, que também significa "serpente", um símbolo muitas vezes similar ao da água, e que também designa os próprios sacerdotes.

Nesta cidade, a pirâmide chamada *El Castillo*, a mais elegante de todas, está dedicada a Quetzalcóatl. Seus 9 andares relacionam-se ao hemicírculo do ano solar maia de 18 meses. Orientada para os solstícios, no equinócio acontece um interessante fenômeno que destaca uma serpente de luz ao lado de uma de suas escalinatas. Afinal, Vênus é o regente astrológico de um dos equinócios e simboliza a harmonia por excelência dentro da astrologia, assim como os equinócios são o equilíbrio entre o dia e a noite.

Quetzalcóatl ou *Kukulcan* significam pássaro (quetzal) – serpente (coatl). Mas a palavra *coatl* tem a terminação *atl* que significa "água". A simbologia da serpente muitas vezes se confunde com a da água, mas no geral este elemento era extremamente presente na linguagem nahuatl, quase como o *el* ou *al* sagrado na cultura islâmica (a própria palavra *nahuatl* tem esta terminação). Antes de ver relações com a Era de Peixes, mais provável é procurar a relação com a raça atlante (*atl*-ante), diretamente associada que estava ao elemento água e com as Plêiades, chamadas "estrelas da Água", e regentes do Zodíaco sideral maia.

Tal elemento é também um símbolo do *tempo* (e por isto os atlantes resultaram em verdadeiros gênios da ciência calendária e, na sua decadência, em adoradores do tempo) e do psiquismo (criaram a religião devocional e a magia ritual), além de ser um símbolo de purificação (implantaram o verdadeiro sacerdócio ou o auto-sacrifício, depois degenerado em imolações e assassinios religiosos). Sabe-se que os "pássaros-serpente" era também uma classe de sacerdotes de grandes virtudes, devotos, castos e respeitadores, os grandes modelos religiosos da terra de Anahuac.

A água era usada como símbolo e também para presságio. O *Chac Mol* (ajudante do deus *Chaac*, a chuva) na entrada do templo das Mil Colunas, sustentaria recipientes de água da chuva, usada como espelho mágico. Os incas usavam um espelho para acender o seu Fogo Novo. Os nahuas tinham a tradição da *água queimada*, um símbolo típico da alquimia a ser realizada pela raça atlante, como se observa na yoga andina do deus *Kon-Tiki* (ver *posturas Chiltan*, adiante). É isto também que explica o par divino amiúde representado na forma de Quetzalcóatl e Tlaloc entre os toltecas (ou *Kukulcan* e *Chaac* entre os maias), ou Huitzilopochtli e Tlaloc entre os astecas.

Tlaloc/Chaac é o deus da chuva ou das águas, senhor do Paraíso, como Osíris no Egito. Neste aspecto, tanto Quetzalcóatl/Kukulcan como o deus solar *Huitzilopochtli* representam o elemento fogo que realiza a alquimia do elemento água. A pirâmide de Quetzalcóatl em Teotihuacan, está incrustada por cabeças de serpentes emplumadas e pelas de Tlaloc, estilizadas, as primeiras muito arredondadas e com olhos de obsidiana, e as segundas muitas aquadradas e servindo de canaletas para a água da chuva. Já a grande pirâmide dos astecas estava encimada pelo Teocalli, formado por dois templos dedicados a Huitzilopochtli e a Tlaloc, demonstrando a substituição realizada por eles, ainda que houvesse diante do Teocalli um grande templo circular dedicado a Quetzalcóatl., que é afinal uma forma de representar a mesma tríade piramidal existente em Teotihuacan: Sol = fogo, Lua = água, Vento = ar.

A importância de Tula e Teotihuacan também se relaciona ao calendário sagrado. O ano maia tem seu início relacionado a estas cidades, ou melhor, ao paralelo sobre o qual elas se encontram assentadas: o paralelo 20. Ocorre que a data em que inicia o ano maia, 26 de julho, representa ao que parece o momento em que o sol passa no zênite do paralelo 20. Além disto, é o dia em que as Plêiades caem na mesma longitude que o Sol. E as Pleiades comportam vínculos esotéricos com Vênus.

b. A Tradição Universal do Globo Alado

A palavra "serpente-emplumada" significava pelo menos quatro coisas, associadas da seguinte forma às quatro Ciências Sagradas:

- a. um nome pessoal Astrologia
- b. um processo de transformação Alquimia
- c. um título dinástico-sacerdotal Cosmologia
- d. um deus racial Cosmogonia

Tratam-se da cabeça, das asas e do corpo da serpente alada, quatro aspectos do caduceu ou do globo alado.

Esta multiplicidade fornece a base para a complexidade do símbolo de Quetzalcóatl e suas múltiplas manifestações. E é uma das razões pela qual certos historiadores tem dificuldades para determinar a data exata de Quetzalcóatl, dentre as tantas oferecidas. Pois houveram na verdade vários Quetzalcóatls, e cada reformador adotava este nome, ou antes, ele deveria também *corresponder* a este signo, como foram os casos do Pacal Votan maia e do Tolpitzin tolteca.

Mas tratava-se também de um título, mais menos como "Avatar", "Hermes" ou "Buda". Estes últimos inclusive comportam uma simbologia semelhante à de Quetzalcóatl. *Buddha* é o nome sânscrito do planeta Mercúrio. E o símbolo de *Hermes-Mecúrio* é o Caduceu, que é a *Serpente Alada*.

O universo pré-colombiano era rigidamente rígido por ciclos, e estes fatos não eram ocultados da sociedade. A cada 520 anos era esperado um novo Quetzalcóatl.

Em termos gerais, o símbolo do pássaro-serpente é algo universal, e representa simplesmente a transformação daquilo que rasteja na terra em algo que voa, ou seja, *a transmutação do instinto em alma*. Esta tarefa psicológica era realmente a grande missão racial dos atlantes. Tratava-se da edificação da esfera da Alma, a esfera central do globo alado que adiante analisaremos, simbolizada também por deuses solares como Rá e Tonatiuh.

Diz a Bíblia que Deus amaldiçoou a serpente porque ela foi a responsável pela queda do homem, e que por isto seria condenada a rastejar sobre o seu ventre. Ora, a Bíblia é muito esotérica, mas seus tradutores ignoram os seus símbolos. A serpente é o *instinto*, sexual por exemplo. Mas a condenação não diz respeito a que a serpente rastejasse sobre o seu *próprio* ventre, porque isto sempre foi assim para este animal, e sim que a energia da libido humano não mais ascendesse ou se tornasse alada. Quer dizer: que a consciência do ser humano permanecesse atada à terra e não se transformasse em alma imortal. Por isto uma das maldições ao homem é a perda da imortalidade que o Paraíso proporcionava. As outras também comportam alusões sexuais, sobretudo a desarmonia entre o homem e a mulher. Há também o trabalho suado do homem e o parto doloroso da mulher.

A idéia da serpente alada comporta, portanto, não apenas alusões astrológicas, como psicológicas, alquímicas, cosmológicas e cosmogônicas. Quetzalcóatl é acima de tudo um grande símbolo da sabedoria, da cultura e da verdadeira civilização. Nestes termos, a sabedoria consiste em edificar a civilização e os ritos de modo a alcançar esta alquimia do inferior no superior.

As raças ocidentais sempre deram especial atenção à psicologia e ao meio ambiente, o qual é essencial para a implantação de uma base psicológica sadia. É muito complicado manter a alma desperta se temos um ambiente agressivo, ofensivo e hostil. Se há poluição, falta de cortesia e competição inamistosa, fica realmente complicado para as energias humanas se refinarem, liberarem e tornarem aladas. Se o que rege é o instinto, então todos ficamos trancados dentro de nós. Por isto uma das grandes tarefas da Nova Era é trabalhar tanto o meio ambiente, como o

padrão de relações humanas e sociais. Ou seja: deve-se fomentar também a Psico-Ecologia e a Sócio-Ecologia. O trabalho deve ser livre e digno, para que o tempo adquira a função ontológica que está destinado a ter, em termos de Carma-Ioga. E o ambiente deve ser pacífico e belo para que a alma sinta-se em paz, segura e desabroche. Estas são duas grandes bases culturais. E tudo isto transcende a visão comum de Bem e Mal, assim como disputas pessoais e julgamento de caráter.

A sabedoria vai nas raízes e procura trabalhar as bases da cultura. Os sábios não se dedicam a julgar a humanidade, mas a reeducá-la. Os Mestres não deixam de ajudar as pessoas porque elas apresentam defeitos, antes pelo contrário. Jesus disse que veio para os enfermos, não para os sãos. Só se preocupa com o ego alheio quem tem ego para competir. Os Mestres olham tudo desde o ponto de vista da compaixão, e então, ao invés de sentir repulsa e aversão pelas ilusões das pessoas, eles sentem-se solidários com a ignorância e o sofrimento humano, que são as principais causas do egocentrismo. Como pais cuidadosos eles querem proteger a humanidade e dar-lhe o melhor, conduzindo-a pelos caminhos da verdade e do progresso universal. Mas para isto a sociedade deve saber escolher o caminho certo, e ouvir sempre a palavra dos sábios.

Por isto também, outro aspecto fundamental da Tradição é o Governo Espiritual, a regência da civilização pelos iluminados, aquelas pessoas chamadas por Deus para realizar da forma mais ampla possível a suprema tarefa do auto-aperfeiçoamento. Isto não significa que elas cheguem à perfeição absoluta, mas apenas que se tornam as melhores de um modo geral. A perfeição não é um atributo particular, ela só existe como soma das virtudes de todos, através do amor, da fraternidade e da colaboração. Mas a implantação de um Elo sagrado é mesmo vital para o endireitamento das coisas, porque simboliza a disposição do divino no centro de tudo e o reconhecimento da soberania de Deus.

E com isto passamos já a outro significado da serpente-emplumada, como símbolo das dinastias sagradas que regem as civilizações tradicionais, relacionadas também à tradição-pan americana dos homens-pássaros. Encontramos, portanto, esta mesma simbologia em muitas outras tradições. Uma delas é a grega, através do caduceu de Mercúrio. Se observa porém que, entre os pré-colombianos, Quetzalcóatl é Vênus, enquanto que o caduceu é um instrumento de Hermes, que é Mercúrio (Buddha em sânscrito). Esta aparente dubiedade do símbolo não deve causar confusão, se compreendemos a diferença entre função e aplicação.

A função astrológica de Mercúrio se expressa através da simbologia do caduceu. Mas o caduceu não faz necessariamente alusão direta ao planeta em si, porque seria antes apenas um instrumento seu, como mostra a iconografia de Hermes. O símbolo serpente-alada é independente dos planetas: trata-se de um cargo que pode ser ocupada por diferentes dinastias e seus respectivos dharmas históricos e planetários.

De modo que a relação entre este planeta e o caduceu diz respeito à raça-raiz a que pertencia os gregos, que era a quinta, regida por Mercúrio. Entre os atlantes e seus descendentes como os toltecas, a serpente-emplumada estava relacionada a Vênus (adiante vamos ver as relações astrológicas entre raças e ashrams espirituais). O mesmo símbolo aparece no famoso globo-alado-com-serpentes egípcio e dos povos do Oriente-Médio. Alguns deles, como os persas zoroastrinos e os assírios (em Nínive) chegaram a relacionar o globo com um ser humano-divino (Ahura Mazda no caso persa), no chamado *farohar*. No Egito em especial existe também o *uraeus* junto a um abutre, muito usado como amuleto e como adorno na frente dos faraós. Mas também se pode encontrar a própria representação de serpentes aladas.

Pode-se fazer ainda relações cristãs, gnósticas e ofitas. Vêmos muitas imagens gnósticas onde uma serpente ascende pela cruz. Outras mostram a cruz liberando uma pomba. Jesus disse: "sede mansos como as pombas e astutos como as serpentes". Tudo isto deixa bem claro que a tradição permanece em sua simbologia universal.

No Oriente temos o Garuda, a águia-veículo de Vishnu, segurando serpentes em suas garras. E nas lendas astecas o sinal que os sacerdotes deram para a fundação de Tenochtitlan seria a mesma: uma águia pousada num cactus e agarrando uma serpente. É claro que isto pode comportar alusões astrológicas, porque estes animais participavam de seu zodíaco. Mas diria respeito também ao momento em que se deparasse com um alto iniciado, indicando onde deveriam fixar raízes e assimilar a cultura. Foi o que aconteceu no Lago Texcoco com os astecas, que começaram um processo de assimilação cultural idêntico ao de outros povos bárbaros que ali chegaram. A lenda inca é semelhante: Manco Capac, o patrono dos incas, deveria fincar o bastão de ouro que recebera do Sol pelo chão até que penetrasse a terra. Ali onde isto foi possível foi criada Cuzco, capital do império inca. Esta semente áurea significa a busca de onde dar início ou continuidade a uma dinastia de iniciados, procurando um ambiente receptivo às novas leis.

c. Aspectos Astrológicos e Iniciáticos

Os maias da cidade sagrada de Palenque tinham também a sua cruz *polar*, que os europeus chamam cruz-latina. Palenque é onde viveu o famoso sacerdote Pacal Votan, cujo túmulo foi encontrado na base de uma pirâmide. Morreu com cerca de 80 anos, como o Buda. Seu filho chamava-se Cham-Balam. Estas cruzes costumam ser muito ricas em simbologia, porque felizmente os povos americanos eram prolixos nisto. Estão totalmente repletas e compostas por signos astrológicos e símbolos cosmológicos, inclusive o pássaro e a serpente. Como seria de se esperar, a serpente está relacionada ao braço horizontal da cruz (matéria), e o pássaro ao braço vertical (espírito). Sinaliza o encontro de um ciclo material com outro espiritual. Foi num momento assim que o sacerdote Pacal Votan, como tantos outros Avatares, apareceu para fazer o seu trabalho alquímico-racial. Este fato reforça a tese de que o símbolo asteca da águia com serpente teria realmente também uma base astrológica.

Tratemos então de *Iniciação*. Na base da cruz de sua lápide está Pacal Votan, o rei-sacerdote, como que prostrado. Dele parece surgir a cruz, porque afinal os Avatares geram ou transformam em si mesmos a energia planetária, de modo que com seus sacrifícios iniciáticos resgatam grande parte do carma da humanidade. A luz gerada por um iluminado é tão grande, e seu sofrimento tão imenso, que tal expiação se torna possível, permitindo manter o pesado carma da humanidade sob controle. Fala-se muito em perdão e "graça divina". O perdão pode até ser de graça para quem o recebe, mas nunca para quem o concede. Compreender isto é fundamental até para se ser perdoado. Há muita gente que sequer teria capacidade de saldar seu próprio carma nesta vida. Mas pensar em outras vidas tampouco seria solução. Melhor é tratar de se purificar e sobretudo buscar um salvador; que às vezes será a única solução. Hoje em dia, por exemplo, muita gente faz um uso totalmente cármico do sexo, como fonte de prazer e diversão, a ponto de realizar abortos como se isto pouco representasse. O feto ou embrião não pode se defender desta covardia, mas o carma está atento e punirá severamente tais atos. A resposta para tudo isto está em se voltar a valorizar o amor verdadeiro e todo o seu contexto universal.

Não entraremos aqui na questão do sacrifício humano, as debilidades espirituais da sensual raça atlante e de seu sacerdócio altamente passional (adiante passaremos o tema por alto). Apenas diremos que a imagem do sacrifício sobre a pedra era correspondente à cruz dos cristãos. Um símbolo de expiação com significados cosmológicos, como vimos. A pedra é a Mônada divina e o punhal é o verbo ou mantra que a desperta. Toda esta simbologia é muito tradicional. O deus solar da Pedra do Sol tem o punhal-logos na boca, e no Apocalipse encontramos o mesmo símbolo.

O símbolo da cruz se repete assim em todas as grandes religiões. Temos a cruz ansata no Egito e uma série de símbolos semelhantes espalhados em todo o mundo. Realmente, a figura de Quetzalcóatl era muito semelhante à de Cristo, e praticamente contemporânea em suas aparições originais. Além disto, a chegada de Cortez, confundida com a de Quetzalcóatl, traria realmente o Cristianismo às Américas. Tanto o símbolo do sacrifício como o da serpente emplumada tinha entre os nahuas o mesmo significado que o crucifixo para os cristãos.

A cruz não é um símbolo mórbido como julgou Kublai Kan. Ela serve para sinalizar algo transcendente, o sacrifício de um ser puro que deve resultar na sua ressurreição. Sem cruz não há redenção. Mas sem ressurreição tampouco existe salvação. Não se trata pois de simples morte, mas de *morte redimida e redentora*.

A cruz sinaliza o nascimento dos deuses –quer dizer, o aparecimento daqueles iniciados que trazem ao mundo energias que renovam as raízes de todas as coisas. Sinaliza, portanto, o *nascimento divino*. E quando nascem os deuses? Os deuses nascem ali onde morrem os homens, na cruz, quando a matéria perde sua capacidade de sustentar a vida e a luz. Aos altos iniciados é permitido transpôr esta ponte dolorosa, graças à sua preparação interior, ao seu amor à vida e à sua compaixão pela humanidade necessitada de salvação.

d. O Retorno de Quetzalcóatl

Esta mistura de aspectos astrológicos e iniciáticos remete então a um processo também profético. Para não entrar ainda em questões raciais, mas individuais, lembramos inicialmente que Quetzalcóatl é entre outras coisas um nome pessoal. É que estes povos tinham o costume de usar como nome pessoal o termo que expressa o signo astrológico da pessoa, acompanhado da numeração do calendário astrológico. Quetzalcóatl não é em si o nome de um signo, e no entanto é a divindade que rege o signo de Vento, *Ik* em maia, *Ehecatl* em nahuatl. O uso destes regentes era um recurso para distinguir as pessoas que pertenciam às castas mais elevadas, como a dos reis e sacerdotes. *Regente* (astrológico) combina com rei e com realidade. Este costume era comum também entre os nobres de outras partes do mundo, embora não tanto como nome pessoal. César, por exemplo, era chamado de Filho de Vênus, ao invés de dizer-lhe "libriano" ou "taurino". É que os planetas possuem maior dignidade ontológica que os signos. Por isto a astrologia do povo comum acontece sobretudo a nível de signo; quase não se vê as pessoas falando em planetas; é quase sempre signos. Os planetas sugerem sempre algo mais elevado e puro, uma verdadeira expressão de Alma. O sacerdócio antigo, da forma como estava organizada na Grécia por exemplo ou na Babilônia, representava a incorporação de *forças planetárias*. Tinham cultos a Minerva, a Afrodite, a Ishtar, a Apolo, etc. Os planetas eram os deuses do Olimpo. Mais tarde isto resultou no teatro e nas outras formas de arte como dança e música.

Então, para encerrar, Quetzalcóatl pode ser também o nome pessoal de um Profeta, a quem ninguém vai chamar "Vento" porque esta seria apenas a forma exterior. da personalidade, mais ou menos como um nome próprio comum, e não um título honorífico e distintivo.

Existe um paralelo no Judaico-Cristianismo, onde o Messias está relacionado à tribo de Davi, sempre chamado de "leão", tanto no Velho como no Novo Testamento (Genesis 49,9; Oséias 5,14; Apocalipse 5,5). Apesar disto se referir já a um signo, existe lógica profética porque um Avatar deve sempre pertencer ao signo oposto da Era, como forma de equilibrar a sua energia. Por isto Jesus, o Avatar da Era de Peixes, nasceu da Virgem, que é o signo oposto. Então, este seria mais um sinal de reconhecimento do Avatar, à parte ser um Quetzalcóatl.

Cortez por algum tempo conseguiu iludir os astecas e os outros índios de que seria realmente o deus amado em seu retorno vingativo. E a cultura tolteca renasceu através dos maias posteriores. Mas presume-se que o grande Quetzalcóatl represente algo mais amplo e pertencente a uma extensão histórica e geográfica ainda maiores.

Vejamos então agora que espécie de energias cósmicas deve expressar este Ser, quais as esferas planetárias que servirão de canal para esta nova Serpente Emplumada. Pois o grande símbolo do retorno de Quetzalcótl diz respeito à formação de um novo ciclo cultural da humanidade, gerado pela síntese de todas as culturas anteriores do mundo e suas quatro raças sagradas (voltamos a lembrar que o Quetzalcóatl pré-colombiano é Vênus, o quarto planeta).

É bastante conhecida já a relação entre os reis-magos e as raças-raízes. Baltazar é negro, Gaspar é amarelo e Melchior é branco. Poderia-se considerar agora um quarto rei-mago na raça vermelha, base para a presente simbiose racial nas Américas, que é afinal o Continente Vermelho em função disto.

Porém, já não se trata mais da quarta Raça-Raiz, a Atlante, mesmo porque esta já correspondeu de certa forma à amarela. E sim da Quarta Dinastia Sagrada, a quarta Rama de Shambhala, permitindo a emergência da quarta Raça Sagrada através da sexta Raça-Raiz.

O verdadeiro planeta racial atlante era a Lua, de modo que os pré-colombianos sempre tinham um altar para a Lua junto ao do Sol, e ainda outro para Vênus. A Lua simboliza a maternidade, a devoção e sobretudo a magia. A Lua era o verdadeiro Quetzalcóatl atlante. No período da Era de Peixes o Quetzalcóatl era Mercúrio, mas como os pré-colombianos eram ocidentais e atlantes tardios, trabalhavam a profecia da futura glória do Ocidente, que era Vênus.

Podemos descrever a relação astrológica existente entre as raças e seus respectivos ashrams espirituais, baseando-nos numa abordagem clássica da Astrologia. No caso das raças os planetas representam energias materiais, e no caso dos ashrams expressam energias espirituais.

ASHRAMS	Planeta	RAÇAS	Planeta
1° Shambhala	<i>Sol</i>	3ª Lemuriana	<i>Mercúrio</i>
2° Ibez	<i>Lua</i>	4ª Atlante	<i>Vênus</i>
3° Agarthá	<i>Mercúrio</i>	5ª Ariana	<i>Marte</i>
4° Albion	<i>Vênus</i>	6ª Americana	<i>Júpiter</i>

A relação acima explica de certa forma porque as dinastias espirituais pré-colombianas (atlantes tardios) adotaram o nome de Quetzalcóatl-Vênus, ainda que isto não fosse muito correto, valendo mais a nível profético e como experimento racial. Porque, como se observa, no máximo *materialmente* Vênus, o amor, atuava na cultura pré-colombiana, regida pela Lua como estava, relacionada à magia que levou a Atlântida à sua ruína (esta dualidade de Lua e Vênus enfatiza a simbologia da cruz, porquanto ambos os planetas regem ciclos de solstício e equinócio, respectivamente).

No entanto se aspirava por algo maior e se conhecia que no futuro esta energia venusiana se utilizaria, com o Plano divino se completando para a raça humana na forma da conquista racial de um amor perfeito e universal, relacionado à nova doutrina crística do aperfeiçoamento das relações humanas, contido no símbolo da Jerusalém celeste e no paraíso de Vaikuntha. Daí a insistência dos sacerdotes pré-colombianos com a profecia do retorno glorioso de Quetzalcóatl.

Estamos falando então do surgimento da nova raça-raiz, a Sexta. E o fato do Arcano VI apresentar também uma situação eletiva a nível conjugal não é casual. Ainda assim o *quatro* renasce de fato através do novo ciclo de espiritualidade da humanidade. Os reis-magos represen-

tam igualmente isto, quer dizer, raças espirituais. Tais raças são contadas apenas a partir da terceira; as duas primeiras eram por demais primitivas e se diz que Deus não havia ainda chegado a este planeta durante o seu desenvolvimento. Sanat Kumara apareceu apenas em meados da terceira Raça-Raiz.

Neste aspecto, os objetos que estes Reis ofertam ao Deus-menino que nasce alude às grandes virtudes espirituais desenvolvidas por cada raça-raíz. Os Reis-Magos simbolizam, portanto, os distintos Dharmas raciais, e também as linhagens de Mestres que devem conduzir a humanidade através da História através destas leis espirituais. Ou seja: a raça negra e a riqueza material (ouro), a raça amarela e o desenvolvimento da sensibilidade (mirra), e a raça branca e a conquista da mente (incenso).

Tudo isto foi ofertado a Jesus e à religião cristã. Agora chega o momento de, após ter esta religião absorvido e gerado a sua própria síntese, oferecer ao mundo o produto de uma nova etapa racial, simbolizada na forma de um Quarto Rei Mago, no surgimento da 6ª Raça-raiz.

O símbolo deste Rei é um cálice, e sua virtude é a compaixão. Por sua Lei todo o Plano humano será corado e a humanidade terá o seu dia de glória.

Capítulo 4

A Dádiva da Águia *

É bem conhecido o sinal que marcaria o início da Civilização asteca: uma águia pousada sobre um cacto e tendo nas garras uma serpente. Este símbolo, composto por *signos* da astrologia nahuatl e portanto de conotações cosmológicas (representando hoje as *armas* do México), está mitologicamente vinculado à fundação da capital dos astecas, a partir do sonho que teve um profeta nahuatl, no sentido de que deveriam instalar-se na região indicada pela ave naquela exata condição, o que terminaria acontecendo numa ilha em pleno lago Texcoco, sobre o qual os méxicas não hesitariam em construir a sua grande capital que assombrou os conquistadores europeus; os quais jamais haviam vislumbrado tão magnífica cidade e civilização.

No fundo daquela simbologia, estava sendo afirmada que, no estabelecimento da nação asteca, realizava-se a implantação de uma nova Ordem universal, e daí os propósitos claramente imperialistas demonstrados por estes que seriam como que os “romanos” do planalto de *Anahuac*.

O fato é que, bem ou mal, os astecas preservaram a Tradição, mesmo que adaptando-a a seu gosto e situação. Mostraram a face feroz da Águia cósmica, mas estavam apenas surgindo no panorama mundial. Era a infância de uma raça e ninguém poderia dizer onde ela chegaria.

Teriam sido como que “proto-arianos” presentes na região antes dos europeus, numa época intermediária, uma espécie de Idade Média racial entre a emergência de duas grandes Raças da Extremo-Occidentalidade: a Quarta (Atlante) antiga, e a Sexta (Americana) futura. Como os romanos, expandiram-se territorialmente por toda a região, e também dominaram e assimilaram as grandes culturas antigas, especialmente a dos Maias (por sua vez chamados de “os *gregos* de América pré-colombiana”), assim como os próprios Toltecas (estes mal comparando seriam como os *egípcios* da região).

Encontravam-se ainda em estado de elaboração de seu novo secretismo quando receberam um impacto fatal à sua trajetória cultural, a partir do conquistador vindo de além-mar –donde aliás era aguardado o *retorno da Lei Sagrada* para aquele mundo. De todo modo, se diz que viviam o apogeu de sua cultura. A fundação do Templo de Tenochtitlan era recente, e sua construção coroava a todo um contexto cultural superior advindo da integração tradicional entre ciência, religião e política. A “pax” asteca havia sido estabelecida, um velho rei sábio governava e o poder dos sacerdotes era enorme.

Numa outra analogia (e invertendo um pouco os papéis), a fundação do Templo de Tenochtitlan pode ser comparada à construção do Templo de Jerusalém, cuja sorte seria semelhante sob a opressão de várias culturas dominadoras, sobretudo os próprios romanos no início da Era Cristã. Tratam-se é claro de culturas muito diferentes, uma em ascensão na força e na liberdade de um império constituído, e outra da decadência de uma cativoiro longo. Ambas repletas de pecados.

Mas enquanto os judeus buscavam purificar-se no culto ao deus único, rechaçando os deuses romanos, os astecas tendiam a um politeísmo aparente. Acaso se terá percebido que as duas coisas constituem-se no fundo em facetas de *um mesmo contexto universal*, que constrói a unidade através da diversidade, e vice-versa? A vida deve ser sempre concebida como Una, mas o mérito da unidade em si mesma, não foi feito para todos os homens em todos os tempos. Caso se queira destruir aos *degraus* que conduz o homem ao alto do Templo, somente restará um grande abismo ou parede intransponível, e com isto a inevitável ruptura entre as naturezas. Além do quê, a diversidade constitui-se num elemento essencial ao propósito da Criação: a Perfeição final somente será alcançada pela harmonia entre todas as coisas e todos os mundos.

a. A Busca da Totalidade

Alguns dirão que, melhor que correr o risco de desvio, é remeter diretamente aos objetivos finais, eliminando a este "arco-íris" (como fazem os muçulmanos, sem sacerdócio e cultores da cor negra). Porém, mesmo que tal coisa fosse possível, quais serão, no final das contas, os verdadeiros "objetivos finais" da vida e da civilização? Seria a reabsorção nirvânica pura e simples na Unidade final e a anulação da existência como pretendem alguns? Ou senão a renúncia pura e simples do foco irisado da vida em favor de algum pretenso paraíso do além-túmulo como desejam outros?

A verdadeira sabedoria –que emerge precisamente sob o *signo da Águia* (Hórus, Garuda, de Zeus, etc.), o que quer que isto signifique, prevê que a Grande Meta é a capacidade de coordenar à Criação com plenos poderes. E neste caso, a ascese representa apenas uma purificação necessária para um futuro quadro de liberação, e o sacrifício um ato de criação. É isto que os profetas e os sacerdotes têm em mente quando falam do *Paraíso*, porém amiúde tal possibilidade é projetada para um mundo futuro, todo ou parcialmente celeste.

Este completo processo de liberação somente pode ser adequadamente administrado através de um cabal conhecimento da Astrologia e suas ciências complementares, como a Alquimia, a Ioga ou a Religião. E tudo isto pode e deve ser aplicado tanto ao indivíduo como à coletividade e ao planeta, ou ao Microcosmos, ao Mesocosmos e ao Macrocosmos. Os Iniciados fazem a ponte entre estas realidades.

Através dos tempos, as ordens de Iniciados têm se debruçado analítica e ostensivamente sobre as expressões grupais, raciais e planetárias a fim de deterem um progressivo domínio e conhecimento do Universo. Mas de forma sumária, surge periodicamente no mundo um grande Iniciado ou Avatar, feito Ele sim "à imagem e semelhança do Criador", e que alcança resumir no próprio Microcosmos toda a história universal.

E então, pela reunião de ambos os processos, torna-se possível elaborar uma grande cultura e civilização, mesmo porque os Avatares aparecem apenas na coroação e também na transição de toda uma época racial. Pois são de fato a *semente de luz* para semear uma Nova Era em potencial.

b. A Função da Astrologia

É por esta razão que todas as culturas tradicionais caracterizam-se por uma detida atenção sobre a Astrologia e ciências congêneres, enquanto cultuam àquele Modelo divino encarnado como o grande Protótipo humano e cósmico que representa. Em Anahuac, às vezes até mais que em outros locais semelhantes do mundo, tivemos tudo isto de uma forma exuberante. O nome

maiormente evocado era o tolteca *Quetzalcóatl*, Vênus e Mercúrio a um só tempo, senão outra esfera de maior glória muito cultuada pelos Maias, que chamavam o mesmo deus de *Kukulcan*.

A importância que teve a Astrologia para os pré-colombianos era tal, que seus próprios nomes derivavam dos signos astrológicos de nascimento. Sejam ou não esta e outras medidas exageradas, o fato é que tal tendência, nascida da profundidade de suas ciências, permitiram a edificação de um conjunto de conhecimentos de valor universal. De resto, toda a construção deve ter um muro ou um pátio, todo o Templo um átrio e todo o rito uma ablução.

E é por terem conscienciosamente resumido tantos séculos e mesmo milênios de cultura, que os astecas alcançariam legar-nos verdadeiras *obras-primas da ciência astrológica*, como são testemunhos os nobres e raros sobreviventes dos muitos *códices* antes zelosamente reunidos e guardados pelos sacerdotes, que alcançaram safar-se de um sistemático extermínio –e este sim bárbaro, como foram depois chamados os europeus por eles: bárbaros– promovido pela fanática religião levada pelos conquistadores brancos, para espanto daqueles que, habituados à conquista, jamais ousaram todavia tocar na sagrada construção cultural dos povos. Foi aí, justamente, que descobriram o grande equívoco que cometiam no sentido de confundirem os recém-chegados a deuses sábios e poderosos, já que aguardavam a volta da Luz antiga desde o outro lado do Grande Oceano.

É que não compreenderam de início que o aquilo chegava era apenas um preâmbulo de toda uma nova síntese mundial, e tampouco sonhariam que esta nova criação seria regada com o seu próprio sangue, por mais habituados que estivessem a contemplar sacrifícios expiatórios sangrentos em seus altares. E a justificação deste processo é um carma histórico que pesa, desde então, sobre cada cidadão do Novo Mundo e mesmo de todo o planeta. Apenas a retomada da Ciência Sagrada dos pré-colombianos, e pelo resgate e mesmo purificação *real* de seus valores espirituais, é que a América encontrará os seus verdadeiros rumos.

Pois a América Latina tem um carma semelhante ao dos hebreus (o que permite analogias proféticas), invasores da Palestina, assim como os romanos tinham com os gregos, e os astecas com os maias, toltecas e outros que conquistaram, e cujas culturas procuraram preservar em essência, mas que por sua rudeza a materializaram e barbarizaram. Não tiveram tempo de evoluir e reverter esta situação, ficando com uma imagem negativa perante a história, como tiranos e fanáticos, no seu empenho de executar seus ritos sangrentos. Mesmo assim, é de um valor inestimável o legado asteca e de povos congêneres, especialmente os preciosos *códices* astrológicos que deixaram, em pedra, couro ou papel. Seu carma foi por isto atenuado, pelo período histórico em que viveram e pelo sacrifício cultural que sofreram eles mesmos.

Nestes registros, junto aos livros por eles escritos para fins de preservação cultural já sob a influência estrangeira, guardam informações de inestimável valor para o pesquisador da Verdade Eterna. E que hoje servirá positivamente como um suporte intelectual exato para a reedificação da Alma racial americana, no novo contexto de manifestação divina suscitado neste Continente, renovando então o fulgor e a riqueza da herança atlante florescida antanho no Hemisfério. E assim, de fato, e somente assim, o retorno de Quetzalcóatl não se revelará, afinal, apenas o imenso engodo da História que num primeiro momento parecia se afigurar.

c. Aspectos Místicos

O *domínio da consciência* é o grande campo de trabalhos da hierarquia atlante e será restaurado na nova humanidade: as origens, os meios e a destinação final da consciência.

Entre os toltecas recentes ("novos videntes") este dom tem sido transmitido como "a dádiva da Águia". O homem está preso a um compromisso com o destino de preservar esta dádiva, e alcançar isto representa a conquista da *liberdade*.

Como os céus representam o infinito, a liberdade tem sido sempre representada de forma alada. É assim que os videntes vêem a sua arte:

"...os guerreiros falam da feitiçaria como um pássaro mágico e misterioso que interrompeu seu vôo por um momento, de modo a dar ao homem esperança e propósito; que os guerreiros vivem sob a asa desse pássaro, ao qual chamam pássaro da sabedoria, pássaro da liberdade, que o nutrem com sua dedicação e impecabilidade."
(Castañeda, *O Poder do Silêncio*, pg. 41)

A oportunidade para a liberação é única na vida do homem, e encontrar uma senda segura e um mestre realizado é sempre muito difícil. Mas é apenas sob o seu manto que o homem pode ter esperanças.

A "Águia" é a forma como os antigos videntes percebiam a suprema Fonte cósmica das energias planetárias. Também chamada de *o mar escuro da consciência*, é o maior dos "fatos energéticos" que compõe o universo místico dos toltecas. Outra denominação é "O Grande Tirano", seguindo a filosofia de que o homem necessita de certos guias severos na vida para alcançar o seu destino. E para os toltecas recentes, os ditames da Águia são inexoráveis. Naturalmente, sujeitos a processos civilizatórios tão brutais, e afastados das regiões e das épocas de luz, eles pouco sabiam das grandes Leis de Compaixão que norteiam todas as coisas.

Naturalmente, o mito da Águia associa-se à realidades cósmicas, daí a relação entre a Águia e as origens em todas as culturas antigas (ver *Revista Órion de Ciência Astrológica*, nº 6). Também apresenta certa correlação com o símbolo do Dragão, especialmente empregado pelos chineses (cf. *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 83), através do dragão alado, ou da serpente alada.

Neste final de tempos, quando todas as coisas estão se unificando, também a Ciência começa a apontar nesta direção, como se lê em artigo publicado na *Jornal Zero Hora* de 20/4/97:

"Dois cientistas americanos estão lançando um desafio a Einstein. Segundo eles, o Universo estaria orientado em relação a um eixo e a luz evoluiria no espaço em duas velocidades diferentes. As descobertas questionam várias teorias, entre as quais a da relatividade e a do nascimento do Universo. 'Parece haver um eixo absoluto, uma espécie de estrela polar cosmológica que orienta o Universo', explica John Ralston, da Universidade de Kansas. Este eixo define a direção em que a luz viaja através do espaço 'e questiona a noção que afirma que o Universo não tem *em cima* e *em baixo* no espaço', destaca Borge Nodland, da Universidade de Rochester. No estudo, que será publicado na revista *Physical Review Letters*, os físicos indicam que, visto a partir da Terra, este eixo imaginário une as constelações do Sextante em uma direção e a de Águia na outra."

Eis portanto com todas as letras a confirmação da velha idéia da "estrela polar absoluta". Observemos que o Sextante está junto a Leo, constelação ou signo também associados às origens. Estes dois pólos podem ser vistos como os buracos branco e negro, associados à criação e à absorção do universo na teoria de Itzykzak Bentov (em *Um Livro Cósmico*). Deve-se porém ver com reservas a idéia de que a nova teoria questione as anteriores: os cientistas amiúde falham em suas "conclusões finais", e por isto a Ciência prossegue avançando. Por sua vez, a clássica definição mística do universo como algo "cujo centro está em todas as partes e cuja periferia não está em parte alguma", apresenta lá a sua relatividade.

Uma realidade "psicológica" é que a mente é uma compositora de símbolos, os quais traduzem fatos energéticos em termos formais. Mas estes símbolos tampouco são aleatórios. Tudo tem importância no Universo, e uma pessoa séria pensa muito bem antes julgar que alguém ou alguma cultura é vítima de devaneios ou futilidades. Se o símbolo da Águia surgiu aos olhos internos dos videntes, não é apenas porque a constelação da Águia apresenta uma conotação primordial. O próprio símbolo aquilino tem uma natureza cósmica; por isto participa das Hierofanias.

Nos termos dos videntes toltecas, a consciência é a grande *dádiva da Águia*, cabendo ao ser humano aceitar esta dádiva aprendendo a *cultivar* e a *preservar* sua consciência. Pois, a rigor, esta dádiva é algo que o ser humano recebe "por empréstimo" no ato da encarnação, devendo compreender que representa apenas a sua *semente de imortalidade*:

"O dom de liberdade que oferece a Águia não é uma dádiva, senão a oportunidade de ter uma oportunidade." (*La Rueda del Tiempo*, pg. 225)"

Trata-se portanto de uma semente que deve ser criteriosamente cuidada; deve ser regada, protegida e adubada constantemente. Devemos então buscar os *Caminhos da Sabedoria*, que nos permitirão preservar esta consciência, colocando-nos em contato com forças cósmicas permanentes, graças às quais poderemos aprender e adquirir maiores virtudes, talvez até tornando-nos imortais por nós mesmos, ou pelos menos adquirindo méritos suficientes para permanecer vivos em alguma parte do cosmos ou aqui mesmo, e seguir servindo a luz seja nos planos sutis ou reencarnados na Terra. Para qualquer destas hipóteses devemos estar associados a forças superiores, de outra forma a nossa consciência é simplesmente reabsorvida pela Águia quando de nossa morte.

Para a Tradição, consciência é sinônimo de *vida* e de *luz*. A verdadeira vida humana está na consciência, a única coisa capaz de sobreviver eternamente, sendo a encarnação apenas a oportunidade (única?) de tomar contato com o universo e nele permanecer, sempre que tome os devidos *Caminhos de Sabedoria*.

Os videntes toltecas tinham também esta noção:

"O certo, para um vidente, é que todos os seres vivos lutam por morrer. O que detém a morte é a consciência" (*O Fogo Interior*)

Morte e vida são forças opostas, mas associadas. Uma traz sempre a outra. A consciência introduz uma terceira condição, a da *sabedoria*, neutralizando os opostos e semeando um princípio oposto em cada aspecto. Exemplo disto é quando o Buda disse que devemos lembrar de alguma tristeza quando estamos felizes e lembrar de alguma alegria quando estamos tristes. Isto não irá modificar a nossa condição, mas poderá equilibrar-nos.

Em *Passes Mágicos*, Castañeda transmite outra idéia dos xamãs mexicanos a respeito. O princípio pelo qual basicamente esta vida-consciência é retida, é através da recapitulação de nossos atos. A forma como expressavam isto era algo fetichista:

"Esses feiticeiros afirmavam que o mar escuro da consciência não quer tirar a vida dos seres humanos; só quer as experiências de vida. A falta de disciplina dos seres humanos os impede de separar as duas forças e, no final, eles perdem suas vidas, onde se esperava que perdessem apenas a força das experiências de vida." (pg. 112)

Para os videntes, o tempo da vida humana é exíguo demais para conhecermos todas as maravilhas que existem neste mundo. Os mestres da consciência não perdem seu tempo com o passado: há muito o que conquistar na existência humana. O futuro está aberto diante de si, como um convite para o infinito.

A existência física do ser humano está dramaticamente limitada. No entanto, ele está capacitado a estender-se no tempo e no espaço através da essência do que ele realmente é: a sua *consciência*.

O homem tem uma existência limitada no plano físico, e é só. Além disto, ele pode conhecer o eternidade e o infinito. Mas para isto ele deve despertar e cultivar novos caminhos.

A religião e a ciência concordam que o homem está feito para viver 120 anos. Existe uma proporção universal na qual os seres levam 1/5 partes de suas vidas na sua formação física. Na vida humana isto significa pouco mais de 20 anos.

Basicamente, o que devemos saber, é que a vida nos é dada por empréstimo, como uma conta inicial no banco que nossos pais nos concedem para que possamos realizar os investimentos necessários para a formação de nossas bases econômicas e, a partir disto, realizar os nossos planos de vida. Como na parábola dos talentos (Mt 25,14 ss.), todo o ser humano recebe

um crédito no Banco da Consciência, suficiente apenas como um "investimento" inicial, a ser empregado dentro de um prazo determinado. Devemos então tratar de expandir esta conta, investindo sabiamente, a fim de que o tempo não termine antes e que o dinheiro não se esgote, mas antes se multiplique.

Esta estrutura física, composta de matéria, emoção e mente, é apenas a base transitória com a qual buscaremos as verdadeiras realizações da condição humana, as quais transcendem por si só estes planos. Nascer sob a condição humana é estar destinado à transcendência dos planos densos, daí ser a religião uma expressão cultural própria da humanidade.

A prática religiosa representa o reconhecimento da condição humana, destinada a "ir além" dos mundos materiais, como sugere a consciência dos limites físicos e a identificação com uma fonte questionadora transcendente que vai além destes limites.

Esta unidade original de consciência, uma vez desperta através da filosofia, deve crescer e se consolidar até adquirir autonomia, seja relativa ou absoluta. A "conta bancária" deve crescer para dar lugar a novos recursos. Gerar novos recursos representa expandir esta consciência com atos solidários de unidade com fontes superiores e a própria concretização de um estado pessoal cada vez superior.

Em resumo, podemos dizer que o homem é essencialmente *consciência*. Por esta razão, o parâmetro definitivo da condição humana é invisível, e será em função disto que seus atos serão no fim julgados. Sem dúvida se trata de uma difícil caminhada, que requer muita sutilização e sensibilidade. A abstração da matéria é o primeiro passo para isto, não com um propósito absoluto de negação, mas sim de *refinamento*.

* Revista Órion de Ciência Astrológica, nº5, FEEU, P. Alegre, 1996.

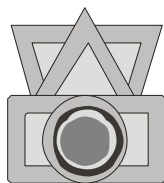
Capítulo 5

O Tempo e o Espaço

Como todas as grandes Civilizações antigas, os pré-colombianos primaram pelo desenvolvimento das Ciências, destacando-se os calendários e a Arquitetura, reunindo os Mistérios do Tempo e do Espaço.

E um dos aspectos mais maravilhosos das Ciências sagradas é o seu *universalismo*, ou seja, a sua unidade-na-diversidade. A Tradição sempre encarou o cosmos como uma unidade multifacetada em evolução, apresentando as suas diferentes faces conforme evoluem as épocas.

Os toltecas ou seus antecessores de Teotihuacan tinham um símbolo para espaço/tempo, abaixo:



Cada cidade tinha o seu hieróglifo, e este era também o hieróglifo da cidade sagrada de Teotihuacan, eixo principal da cultura nahua pré-colombiana durante toda a época clássica.

Nele vê-se reunidos o triângulo que representa os três tempos, ao quadrado que representa as quatro direções espaciais. A sua unidade representa a integração das dimensões, assim como a busca da experiência real e unificada.

Sabemos pois que não se pode desvincular as Ciências Sagradas. Assim, o Tempo Sagrado está associado ao Espaço Sagrado. Ou seja, a implantação de um calendário está necessariamente ligada à instauração de um Plano racial geograficamente definido. Analisemos pois estes dois aspectos da unidade tempo-espço.

a. A Astrologia Sagrada

Para os sábios antigos o tempo não tanto uma questão cósmica e abstrata: ela é especialmente uma *questão* ontológica, existente dentro de cada criatura viva.

Por isto, sob a luz da Unidade dos Mistérios, a Astrologia não necessita afirmar-se sobre as supostas influências planetárias ou estelares. É suficiente considerar as estrelas e os planetas como simples *marcadores* do Relógio Cósmico, definindo a evolução das épocas. Assim como os ponteiros do relógio não definem as horas, limitando-se a demarcá-las, tampouco as esferas

cósmicas influenciam a Terra com suas supostas energias, senão simbolicamente e como referência da evolução dos seres vivos. Trata-se pois do *tempo interior*, que os atlantes e os pré-colombianos souberam explorar tão bem.

Os calendários sim registram energias em evolução, mas presentes na *esfera terrena*. E as energias calendáricas são implantadas através das manifestações divinas, as quais sempre ocorre em contextos históricos (cronológicos e geográficos) definidos.

Esta é uma visão pura e original da "Ciência dos Astros", a qual sequer macula o espírito científico moderno. A nova humanidade, a da Sexta-Raça-Raíz, tem sido chamada de "pós-racional", o que significa dizer que vamos retornar ao mundo intuitivo e psíquico, porém *com o aval da razão*.

Por outro lado, a verdadeira Astrologia envolve as restantes ciências sagradas: Alquimia, a Cosmologia e a Cosmogonia. Isto é especialmente válido na implantação de um calendário, fato que sempre ocorre nas mudanças de épocas. Nela temos a confluência de novos momentos astrais (Astrologia) com processos espirituais elevados (Alquimia), assim como a instauração de novas etapas de criação (Cosmologia) e revelações divinas especiais (Cosmogonia ou Hierofania).

Invariavelmente, estes processos maiores envolvem alguma das Esferas Cósmicas, tais como as Plêiades, Sirius, Órion, a Ursa Maior ou Dragão; das quais os Avatares são *personificações terrenas* (estes Calendários Siderais são apresentados em nosso *O Livro dos Portais*).

Por isto, pretender resgatar antigos calendários sem uma restauração espiritual definida pode soar a algo irregular, vazio e até retrógrado. O mensageiro de um novo tempo deve afirmar as qualificações espirituais necessárias como veículo, ele mesmo, das novas energias, juntamente com a raça em questão.

É quase tão difícil fugir aos aspectos etnocêntricos de um calendário, quanto escapar de sua base geográfica. A elaboração dos calendários não apenas dependem dos vínculos sazonais e hemisféricos, como também sempre possuíram vínculos profundos com as raças, matemáticos e astrológicos. Se é um fato que uma época eclética como a nossa exige posturas universalistas, a solução é buscar os principais focos ecumênicos de civilização, o que nos leva ao item seguinte.

b. A Geografia Sagrada

A evolução da lei espiritual avança sobre a Terra através das nações. Podemos observar no globo este movimento através das épocas, tal como o Hinduísmo gerou ao Budismo e o Caldeísmo ao Judaísmo e este ao Cristianismo; etc.

Um dos padrões de regularidade está associado ao ritmo e à polaridade dos hemisférios. Raças positivas surgem no Oriente e ao Norte, e raças negativas se desenvolvem no Ocidente e ao Sul.

Outra premissa afirma que a cultura se sutiliza em direção ao centro do hemisfério. O Equador é uma região de maior materialidade, enquanto os pólos velam símbolos de elevação e originalidade.

A Geografia Sagrada está contemplada na Unidade dos Mistérios. Um povo emerge em épocas astralmente definidas (Astrologia), visando construir um novo degrau na civilização mundial (Cosmologia), através de processos espirituais superiores (Alquimia) e trazendo consigo novas revelações divinas (Cosmogonia). Por tudo isto esta nação aparece como um "povo eleito".

A partir da raça árya as civilizações foram norteadas e coordenadas através de cidades-estados, por sua vez governadas por reis sábios. Atualmente este conceito recebe novas adaptações, vindo a enfatizar *energias* específicas, traduzindo isto a idéia nahuatl de que no futuro surgiria a "época dos planetas".

Uma Raça-Raiz é formada pela confluência das humanidades anteriores. Atualmente vivemos a emergência da Sexta Raça-Raiz, ocupando especialmente a extensão das Américas e sendo por isto denominada "americana". Esta Raça-Mãe conflui-se com a anterior, na medida em que a Sexta Sub-Raça árya corresponde à América do Norte (especialmente aos Estados Unidos), e a Sétima Sub-Raça Árya representa a América do Sul (especialmente o Brasil). Tratam-se, segundo O Tibetano, das chamadas sub-raças "sintetizantes", aquelas que encerram a Raça-Mãe anterior e abrem a nova. Existem também neste quadro já Sub-Raças emergentes que são "puramente" americanas, no seio destas nações-síntese ou em suas adjacências, mas devidamente situadas no *centro* solar de ambos os hemisférios como soer ocorrer com as raças "polares" ou originais.

Mencionamos que tais surgimentos implicam em aspectos astrais. Conforme a energia espiritual suscitada, devemos enfatizar uma ou outra esfera cósmica ou sistêmica. É assim que a Raça Atlante, sendo a Quarta Raça-Raiz e associada ao planeta Vênus, empregou um calendário baseado no ciclo deste planeta e teve como Avatar a figura de Quetzalcóatl. Na verdade, as profecias falam muito do retorno deste personagem (o Apocalipse também cita a "estrela da manhã"), e isto se explica porque a nova dinastia de Mestres de Sabedoria, a *Escola Tetralucis de Chohans*, representa a Quarta Rama de Shambala.

c. A Dupla Divisão dos Mistérios

Como uma cultura extremo-ocidental, a tradição pré-colombiana seguia o princípio *dualista*, e não raro de uma forma radical como nos moldes atlantes.

Este dualismo também estava fortemente determinado pela região geográfica em que habitavam tais povos. Ao lado dos cânones culturais herdados dos atlantes e que enfatizavam a dualidade (capitais sagradas no paralelo 20, calendário e sistema notacional vigesimal, divindade suprema dual, duas ordens de guerreiros, etc.), nesta faixa do planeta existem praticamente apenas duas estações no ano: a estação da seca e a estação das chuvas (René Guenón relaciona a Atlântida à região e à *cultura* equatorial, em contraposição à cultura nórdica da Hiperbórea –ver *Formas Tradicionales y Ciclos Cosmicos*).

Por si só este fato induz à ênfase em "água" e "fogo", que são os elementos originais ou primitivos da criação, e responsáveis pelos extremos (daí a ênfase em símbolos como a da "água queimada"). Este par de elementos configura o cânone racial-hierárquico atlante, que os pré-colombianos conservavam ainda amplamente, sobretudo aqueles cultores da tradição antiga que mantinha-se em guerra contra os renovadores influenciados pela culturas do Oriente. Entre estes reformadores estava é claro Quetzalcóatl e suas dinastias.

Mas nisto tudo, esta dualidade reflete também um princípio universal, como aquele dos trabalhos paralelos da *humanidade* e da *hierarquia*, base para as duas ordens nahuas e muitas outras questões semelhantes.

Segundo a literatura de Castañeda, os iniciados toltecas definiam-se de muitas maneiras. Mas dentre todas haviam duas classificações principais: eles eram os *Buscadores da Maestria da Consciência* e os *Guerreiros da Liberdade Total*. O conceito tolteca do "guerreiro-viajante"

reúne estes dois princípios. O tarefa do guerreiro é alcançar a fixação da consciência, e a tarefa do viajante é afirmar a sua liberdade.

Assim, consideravam de um lado que a temática da consciência estava no centro de seus trabalhos e da própria condição humana essencial. Caberia-lhes procurar o pleno domínio sobre os mistérios que envolvem a consciência do homem. Este plano de trabalhos define a base religiosa dos povos. A religiosidade é algo permanente e de certa forma inerente ao ser humano. Os mistérios da consciência permitem o controle sobre os mecanismos da existência (TAT), e de certo modo integra o que se chama *Mistérios Menores*. Este é o nível em que se trabalham os Mistérios do Tempo, incluindo a cronologia sagrada (Astrologia) e os calendários.

Ao mesmo tempo, direcionaram suas buscas para uma meta suprema pela qual resolveram enfrentar os mistérios do além fossem quais fossem as consequências. Ou seja, ao contrário do que fizeram os antigos feiticeiros, ao agarrar-se ao mundo conhecido a ponto de desenvolverem poderes aberrantes para nele permanecer de um modo ou de outro, os novos videntes abandonaram-se ao destino do homem, cientes de que esta atitude tenderia a proporcionar-lhes maior liberdade e crescimento. Com isto entregaram-se às mais elevadas questões da essência (SAT) do homem, através dos chamados *Mistérios Maiores*. Este é o nível em que se trabalham os Mistérios do Espaço, incluindo a geografia sagrada e a arquitetura.

Estas duas classificações referem-se pois a estágios de trabalhos toltecas. Naturalmente ambas se fundem todo o tempo. Mas a questão da consciência estaria na base, e a questão da liberdade coroa a tudo.

A complexidade e a diversidade do conhecimento dos toltecas implicavam em diversos níveis de trabalho. Daí, ao denominar a si próprios empregaram diferentes termos, sendo os mais comuns *bruxo* (ou feiticeiro, ou *diablero*, ou xamã) e *vidente*. Palavras como "guerreiro" e "homem de conhecimento" representam antes estágios de trabalho do que propriamente linhas especializadas de atividade. No geral um bruxo é o oposto de um guerreiro ou de um vidente, mas também pode ser as duas coisas: "Um *diablero* é um *diablero*, e um guerreiro é um guerreiro. Ou então, o homem pode ser ambos." (Castañeda, *A Erva do Diabo*, pg. 178).

Ocorre porém que estas linhagens viram misturarem-se dentro de si linhas distintas de atuação, algumas mais propriamente xamanistas e "naturalistas", e outras mais avançadas e espiritualizadas. O xamanismo pode caracterizar várias linhas de trabalho. É tanto uma herança de sabedoria ancestral naturalista, como um recurso existente para culturas de menor transcendência (ou presente em áreas que não representam polos universais de civilização numa dada época). Atualmente se pode procurar combinar ambas as linhas, aplicando-as aos trabalhos paralelos da *humanidade* e da *hierarquia*. O trabalho xamânico apenas encontra as suas mais altas expressões quando integrado à atuação hierárquica.

Assim, estas divisões dizem respeito não tanto a passado e futuro, mas a *perspectivas* e *planos* de trabalhos dentro do *chamanismo cósmico*, como podemos qualificar este conhecimento em termos gerais. Nisto, pode-se seguir o estilo tolteca de dividir o mundo em duas partes: *tonal* e *naqual*, "corpo direito" e "corpo esquerdo", etc. Representa também a divisão tradicional dos Mistérios em Menores e Maiores.*

Esta divisão se acha presente na própria atuação dos videntes e é prevista no *Regulamento do Naqual*, através dos dois ciclos de trabalhos a que se entrega cada mestre, primeiro na consolidação do próprio ciclo, e depois na colocação das bases de um outro ciclo preparatório para o seu sucessor. Esta passagem corresponde assim àquela etapa crucial na qual o iniciado chega ao umbral da eternidade, liberando o seu mestre para seguir a sua jornada pelos caminhos do infinito, e ele mesmo tendo que assumir plenamente as responsabilidades por seu grupo. O Mestre deixa o discípulo no umbral da Eternidade, e este deve caminhar só até alcançar os caminhos do Infinito, no qual apenas poderá transitar quando por sua vez deixar um discípulo

no umbral eterno. Esta página sagrada da Transmissão se acha perfeitamente delineada nos trabalhos toltecas.

Naturalmente se trata também de uma disposição *hierárquica*. Para chegar a ser um "Vidente Cósmico" é preciso antes ser um "Guerreiro Telúrico". Esta divisão não é portanto artificial ou arbitrária, e na Nova Era ela inclusive adquire um padrão bem definido. Por outro lado, não há dúvidas de que a Eternidade era a grande preocupação atlante, da mesma forma como a Liberdade será a grande preocupação americana. A chave para tudo isto está em compreender a coexistência entre a *evolução* e a *preservação*.

O paralelismo decorrente (exemplos: Calendário Lunar e Calendário Solar; Iniciação Xamânica e Iniciação Hierárquica; etc.) é comum a todas as Tradições de Sabedoria. Tratam-se de *níveis culturais*. Esta dupla realidade esteve sempre representada nas divisões dos templos. O *Teocalli* ("Casa de Deus") asteca, por exemplo, tinha dois templos ladeados no alto de uma pirâmide. E esta duplicidade não se refere pois meramente ao caráter atlante/ocidental dualista e remanescente nos astecas, mas antes à duas esferas culturais, a da *Humanidade* e a da *Hierarquia*, relacionada aos chamados Mistérios Menores (simbolizado pelo Templo) e aos Mistérios Maiores (simbolizado pela Pirâmide), respectivamente. É preciso lembrar que os astecas, ainda que essencialmente bárbaros até o fim, fizeram esforços significativos para depurar a sua cultura, e certamente reuniram elementos tradicionais da mais alta idoneidade, justificando nisto o epíteto de "império" que geralmente lhes é atribuído, caracterizado pela síntese e a universalidade. Exemplo disto é a magnífica *Cuahxicalli* ("Casa da Águia") ou a "Pedra do Sol" que estava colocada no alto do *Teocalli*.

d. A Dualidade Cósmica

As filosofias de influência atlante por sua natureza enfatizam a Dualidade Cósmica. Afinal, o Absoluto é incognoscível, inapreensível e intransmissível, podendo no entanto ser experienciado.

Uma destas expressões duais é a figura do deus supremo pré-colombiano, que em nahuatl é *Oncecutli* ou *Ometéotl* (Senhor-Senhora da Dualidade), e em maya *Hunab Ku*.

São como o Ying-Yang chinês, e representam entre outras coisas a dualidade de Essência e Existência. A Essência é Yang (Positivo), e a Existência é Ying (Negativo).

Esta dualidade deriva do Absoluto, estando representada nas duas letras da Palavra Sagrada **OM**, que é de certo modo a fórmula do 2º Logos, o qual surge como a energia primordial em nossa presente evolução cósmica.

Cada uma delas é por sua vez tríplices, nisto representadas pelos seguintes fonemas de três letras: TAT ("Estar") e SAT ("Ser"). Tudo isto reúne-se então através do Mantra Supremo OM TAT SAT, ou Amém-Estar-Ser. Esta fórmula comporta a essência da filosofia oriental e resume a Sabedoria Eterna (*Sanat Dharma*), apresentando "Estar" e "Ser" como emanados de uma mesma Fonte existencial (de certo modo, o "Assim Seja" ou *Amém* apresenta sentido similar).

Os dois fonemas têm em comum as letras AT, que em certas línguas sagradas atuam com o sentido de "princípio e fim", como no *Alef-Tav* do hebraico. Entre os pré-colombianos surge como a terminação universal ATL.

Representam pois *totalidades*, aplicadas aos dois campos de TAT e SAT simbolizados, por sua vez, por suas iniciais T e S, de *Tempu et Spacio*, ou de *Ter* e *Ser*.

Mas "Ter" e "Ser" o quê? A *consciência*, naturalmente, pois este é o único bem real no Universo. No nível TAT o homem *possui* consciência, mas apenas assegura-se possuí-la como

uma dádiva exterior. Pois não é sua ainda esta consciência, mas sim de Deus, "no qual existimos, vivemos e temos o nosso ser". Este é o Plano de evolução humano. Somente no nível SAT o homem adquire uma consciência própria e se *torna* de fato esta consciência. Este é o Plano de evolução hierárquico.

Podemos representar a sua unidade por uma serpente subindo numa cruz (ou pela quadratura do círculo), sugerindo sempre as letras T e S. Trata-se de um símbolo muito usado pelos gnósticos

No Grande Mantra, o "Estar" (Fenomenologia) encontra-se colocado antes do "Ser" (Ontologia) porque, em termos práticos e conforme reza a filosofia ocidental do Existencialismo, a "Existência precede a Essência" –ainda que no geral tudo isto se equivale. Desde o ponto de vista individual, é preciso desenvolver a Presença para vir a alcançar a Essência. Do ângulo coletivo, é a Essência que coloca as bases de toda a Existência. De modo que ao fim estas coisas não podem ser separadas, da mesma forma como não se pode dissociar Tempo e Espaço.

Estes dois princípios representam pois as duas grandes dimensões cósmicas: o Espaço e o Tempo, que fundamentam o campo de batalha do guerreiro da luz, ou seja, o *Infinito* e a *Eternidade*.

Pode-se porém pensar que a luta se resume a ter acesso a eles. De fato, o homem não tem garantidos *a priori* os meios para *ser* e *existir*. Uma das consequências do livre-arbítrio, é nada se ter de definido ou de definitivo, mas tudo ter para resolver, e então assumir os trabalhos a realizar, através das necessárias alianças.

Por isto, antes de mais nada, o homem deve *apossar-se* dos recursos necessários para transitar pelos campos eternos, armando-se com as ferramentas de que necessita para a luta. Mas o fato de que um guerreiro treine bastante e se prepare, apenas significa que a luta virá. Ele não deve confundir o treinamento com a luta em si. O que são algumas décadas de preparação, e o que é até uma única vida física, diante dos desafios da Eternidade e do Infinito que o aguardam, inexoravelmente e na melhor das hipóteses?***

* Esta dualidade reflete-se nos restantes volumes desta Série: *A Mariposa de Fogo* está dedicada aos Mistérios Menores e *O Espelho de Obsidiana* está dedicada aos Mistérios Maiores.

** Nos outros volumes desta série vamos desenvolver melhor os mistérios do Tempo (Volume II: *A Mariposa de Fogo*) e do Espaço (Volume III: *O Espelho de Obsidiana*), segundo as linhas básicas de trabalhos associadas à Humanidade e à Hierarquia, respectivamente.

Capítulo 6

Chiltan: Alquimia ou a Ascensão da Serpente

Todos os edifícios culturais das civilizações dignas deste nome foram construídos com o propósito específico de apurar os potenciais das raças. As transformações decorridas através destes trabalhos se dão o nome de *alinhamentos de consciência*, por consistirem em vínculos entre esferas definidas. A seguir vamos apresentar uma sinopse destes processos, em seus vários estágios culturais, espirituais e raciais.

a. A Ciência do Alinhamento

A idéia do *alinhamento de energias* é capital no treinamento esotérico tolteca, como de resto em tantas outras sabedorias práticas. O método em questão consiste em reativar a memória das experiências induzidas pelo Nagual, num processo de rememoração que implica em *revivência* e na definitiva incorporação das energias, reunindo os focos de percepção na unidade da consciência. Assim, na medida em que se vai recordando também vai-se *alinhando* as energias. Por sua vez, para recordar é preciso exercer a "impecabilidade", isto é, semear as energias sutis, o que implica numa certa *alquimia*. Isto é algo distinto da rememoração tendo em vista a liberação de fatos traumáticos, embora também possa incluir esta dimensão "psicológica".

Ora, sem dúvida devemos considerar os centros energéticos presentes na tradição tolteca (semelhante aos *chakras* do yoga), como linhas-mestras das emanções da Águia. Assim, este mapeamento do corpo sutil se presta a distintos trabalhos rituais (como os próprios *Passes Mágicos*), destacando-se a chamada postura *Chiltan*.

De grande poder e tradição, a postura Chiltan foi observada em práticas e na estatuária de vários povos antigos e modernos.

"Nos vales do Uzbequistão, é com essa postura que se pede ajuda a um grupo de espíritos denominados Chiltan, que são chamados para curar, restaurar as forças e estabilizar a energia. Felicitas Goodman estudou as posturas transculturais que induzem jornadas de transe e experiências extáticas. Em seu livro *Where the spirits ride the wind*, ela explica que a postura chiltan se apresenta na costa noroeste da América do Norte, no Arizona, na Europa antiga e na África moderna, e entre os olmecas na América Central" (Angeles Arrien, *O Caminho Quádruple*, pg. 37).

Na Europa antiga foi encontrada em estatuária da cultura Hallstatt, Baden-Wuerttemberg, datada de 600 a.C. E na América do Sul em estátuas da Colômbia, Menhin, de cerca de 1.000

a.C., estando também presente no *Kalassassaya* de Tiwanaco na estátua intitulada *Kon-Tiki*, assim como em ídolos encontrados no Peru.

Tais imagens mostram ambos os processos, o alquímico e o curativo, através da mudança de mãos. A postura Chiltan foi empregada em todas as raças, adaptando-se às energias vigentes e aos processos necessários.

As enfermidades também estão classificadas segundo as energias raciais. É natural que cada raça tenda a sofrer mais de enfermidades nos órgãos relacionados ao centro energético que deve desenvolver. E para curá-las é preciso conhecer o caráter individual e também os centros de *compensação ou de equilíbrio*, tal como figurados na postura Chiltan, assim como os *centros universais* de cada ciclo, que são aqueles intermediários e que centralizam as energias envolvidas.

Em princípio, a postura Chiltan pode ser empregada por todos para manter a saúde e para realizar os trabalhos espirituais regulares. No entanto, como o centro *alquímico* está associado à energia da hierarquia, isto demonstra que apenas a relação direta com a hierarquia pode manter o equilíbrio espiritual da humanidade e ajudá-la na sua cura e evolução. Na hierarquia os centros curativos plenamente despertos, razão pela qual tradicionalmente o poder de cura pertence aos sacerdotes. A humanidade estabelece a sua saúde e felicidade buscando regularmente o mais alto, através da religião oficial, porque os sacerdotes têm o poder de curar as enfermidades humanas em si e no próximo.

Tanto o procedimento meditativo como o curativo depende do vínculo com a hierarquia, e os processos serão tanto mais dinamizados quanto mais forte for este vínculo. Em seu próprio nível, a humanidade não dispõe normalmente de energias superiores para evoluir espiritualmente e nem para se curar, uma vez que ela não alcança os centros superiores. Os mestres e os sacerdotes são como dínamos que apuram as energias, podendo restaurá-las em caso de enfermidade ou dinamizá-las em caso de alquimia.

A postura Chiltan também pode ser feita em colaboração direta com outra pessoa, seja para curar ou alquimizar.

A restauração ou a cura se baseia na *compensação* de centros de energia. A humanidade é um centro com tendências atávicas ou *tamásicas*, voltadas para o passado, ao passo que a hierarquia é um centro com tendências progressistas ou *rajásicas* (ao menos em relação à humanidade).

Uma enfermidade racial é sempre a disfunção de um órgão gerada por tendências atávicas, atuando sobre novos centros sensíveis. Quando incide uma energia inferior sobre um plano de trabalhos raciais, sua vitalidade naturalmente decresce e ele entra em disfunção. Por isto se torna necessária a interferência de uma energia superior para compensar a carência, e uma vez curado, o homem deve tratar de manter o equilíbrio entre o atavismo humano e o progressismo hierárquico, através da religião *verdadeira*, que é aquela ministrada pelos sacerdotes profissionais. Apenas tal integração pode gerar o ambiente universal necessário, conferindo as bases para os encontros e o progresso contínuo.

Os vínculos devem ser mantidos especialmente no início das raças, pelos processos espirituais, para implantação e estabilização das novas energias. E é isto que determina as idades de ouro e de prata das civilizações (monarquia, teocracia). A partir da metade do ciclo racial se tende a afrouxar os elos hierárquicos e a humanidade passa a viver os seus ciclos de auto-gestão, representando as suas idades de bronze e de ferro (timocracia, democracia). Naturalmente as suas possibilidades evolutivas também decrescem proporcionalmente.

Chegará um momento em que a própria humanidade poderá gerir mais coisas, mas isto depende da organização planetária em termos superiores. O conhecimento e os poderes devem ser protegidos, e para que sejam difundidos o seu emprego necessita ser seguro.

A relação abaixo inclui o efeito destes processos, cuja estrutura geral é sempre a mesma, – dois centros saltando uma esfera que centraliza um conjunto ternário de centros–, alternando apenas o grupo de centros envolvidos. Os processos descritos são de natureza *alquímica* ou ascendente.

MOVIMENTO	RAÇA	CENTROS	EFEITO	ALINHAMENTO
1. <i>Maya</i>	Lemuriana ..	Base-Coluna => Plexo Solar	geração	Personalidade
2. <i>Yama</i>	Atlante	Baço => Coração	transmutação	. Alma
3. <i>Ayma</i>	Ariana	Plexo Solar => Garganta	transição	Espírito
4. <i>Ayam</i>	Americana ..	Coração => Cabeça	ascensão	Logos

Tratam-se assim de *movimentos* da Postura Chiltan. O nome de cada movimento está associado à energia do centro que fica situado *entre* o par de centros trabalhados (pois a alquimia sempre *salta* um centro), e que em última análise representa o grande centro a ser suscitado e aperfeiçoado. É o centro *universal* dentro de um dado ciclo evolutivo, no qual se realiza o encontro de energias e que resume o ambiente cultural em geral, preparando as bases da raça futura. Por isto sempre se pode observar muita cultura "profética" e aproveitável nas antigas tradições, e as engendrações toltecas não fogem à regra.

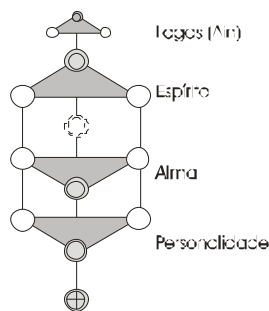
A lista abaixo apresenta associações entre os grupos de centros humanos alinhados nas evoluções raciais e os Centros planetários, demonstrando que aquele centro médio ou universal relaciona-se ao trabalho da Hierarquia.

Centro Supremo	<i>Shambala</i> .
Centro Médio	<i>Hierarquia</i> (universal).
Centro Básico	<i>Humanidade</i> .

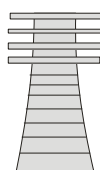
De modo que cada movimento é tríplice em suas implicações, sendo aquilo que se denomina no Esoterismo como *alinhamentos*, agrupamentos ternários de centros que dão origem aos *estados de consciência* conhecidos como Personalidade, Alma, Espírito e Logos (ver também sobre este mecanismo em *Cartas Sobre Meditação Ocultista*, Cap. IV, de Alice A. Bailey). Se numa dada acepção os centros opostos representam o centro da humanidade de um lado, e o centro da hierarquia de outro, assim como o material e o espiritual, o centro do meio expressa a síntese e a "energia média" ou o "caminho-do-meio" resultante do trabalho geral, tendo um caráter universal.

b. Símbolos Tradicionais

Todo este processo está representado na Árvore Sefirótica da Cabala, onde o centro médio corresponde à Coluna Central da Árvore da Vida.

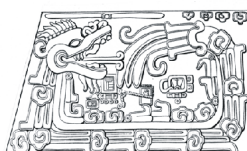


O emblema abaixo ilustra este quadro com um dos símbolos de Osíris, a coluna *djed*, associada à Árvore na qual o deus egípcio foi sepultado. Trata-se sempre da mesma *Árvore da Vida*.



As oito esferas diretamente envolvidas em trabalhos serão encontradas no grupo *perfeito* do Nagual telúrico e seus oito membros. Quando enfatizada a esfera central ou de harmonia, os 12 elementos geram símbolos como o do Zodíaco, que pode ser associado ao grupo perfeito do Nagual cósmico da Nova Era (ver Volume III desta série).

Tais movimentos são as "espirais do dragão". A filosofia Yoga afirma que a energia kundalini dá 3,5 voltas em sua ascensão até o alto da cabeça. A imagem abaixo, que se encontra no templo tolteca de Xochicalco, a "cidade das flores" (*chakras*), representa a Serpente Emplumada na clássica forma espiral com que os pré-colombianos costumam aludir a este processo, resultando na letra "G", sagrada entre várias sociedades secretas ou sagradas



Nas duas primeiras raças apenas a hierarquia estava em condições de realizar alinhamentos. Nas duas últimas a humanidade iniciou seu trabalho, e vem refazendo os dois primeiros alinhamentos, o da Personalidade na raça árya e a da Alma na raça pan-americana emergente.

Como veremos adiante, a questão do alinhamento está diretamente associado aos Círculos de Poder.

Capítulo 7

Os Chakras e a "Guerra Florida"

Os pré-colombianos tinham o conceito de "Guerra Florida", com duas conotações: interior e exterior, de forma semelhante ao *Pequeno Jihad* e ao *Grande Jihad* dos muçulmanos.

O *Mahabharata* hindu também simboliza a batalha de Kurukshetra como uma luta espiritual. Como diz Krishna, o Campo de Batalha é o corpo, ou antes os *corpos* disponíveis ao homem, que devem ser desenvolvidos para que o ser humano se liberte das ilusões e alcance o seu destino real.

As etapas desta conquista são sinalizadas por iniciações percorridas através de *yogas* (caminhos, religiões) que Krishna, (Avatar, Mestre ou Eu Superior), ensina ao seu discípulo Arjuna.

E estas etapas também correspondem ao despertar de centros de energia (*chakras*, "rodas") localizados no corpo humano, especialmente ao longo da coluna vertebral. Tais centros são denominados *padmas* ("lótus") no Oriente. E nisto temos a compreensão do significado da "Guerra Florida" dos pré-colombianos.

Também por aí vemos que estes povos detinham o conceito de alquimia e de iluminação, ostentando Escolas espirituais avançadas como em qualquer outra civilização sagrada da Antiguidade.

O ideal das escolas de sábios pré-colombianas (o *Calmecac*) era "fazer o corpo florescer".

A Guerra Florida é pois a mesma Busca pelo Graal, pelo qual se faz florescer o corpo mediante a iluminação. O coração é o centro que por excelência está simbolizado por flores como o lótus e a rosa, como na rosa-cruz ou no jóia-do-lótus. É sobre este lótus que os Budas estão assentados. Daí o sacrifício do coração pessoal (auto-consagração) enfatizado pelos atlantes e pelos pré-colombianos, dando margem em alguns momentos para práticas bárbaras.

a. Os Centros Energéticos

O único sistema avançado de iniciação pré-colombiana que chegou até nós é o comunicado por Castañeda., embora existam outros indícios nos registros antigos, além daqueles de caráter atlante pelo mundo, especialmente na Maçonaria. Suas características são, é claro, as quatro iniciações.

Por isto devemos analisar a herança tolteca em particular.

A evolução das linhagens toltecas está associada ao próprio desenvolvimento espiritual dos videntes ou iniciados. E os Novos Videntes puderam compreender isto e elaborar um sistema completo de centros energéticos semelhante ao da yoga oriental.

"...um ser humano não é mais que um conglomerado de milhares de vórtices giratórios. A maioria dos vórtices são vórtices de energia. A energia flui através deles ou fica presa neles. No entanto existem seis tão enormes que merecem tratamento especial. São centros de vida e vitalidade. Neles a energia nunca fica presa, mas às vezes o suprimento de energia é tão escasso que o centro mal gira." (Castañeda, *Passes Mágicos*, pg. 101)

Tais centros foram mapeados pelos feiticeiros antigos. A forma geral destes centros é cônica ou "como um funil" é seu giro se dá, segundo Don Juan, na direção *anti-horária*.

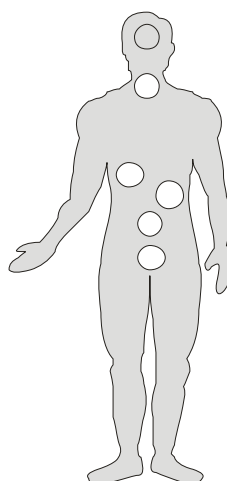
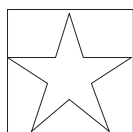
Porém, este movimento também pode ser *ambivalente*. O sentido anti-horário serve especialmente para a *captação* ou a concentração de energias, estando relacionado ao movimento concêntrico. E o sentido horário serve especialmente para a emissão e a *irradiação* de energias, estando relacionado ao movimento excêntrico.

"(Com o movimento no sentido anti-horário) você ganhará energia. O movimento no sentido horário destina-se a carregar coisas (com energia)." (em *A Travessia das Feiticeiras*, pgs.112-113)

Este último apenas deve ser praticado quando se tem suficiente controle e energia.

O nagualismo apresenta portanto o seu próprio sistema de *chakras* ou "centros de vitalidade", também associados aos movimentos do "ponto de aglutinação". Existem seis destes centros no ser humano (o nagual também fala de "sete portas principais" —*op. cit.*, pg. 184), e segundo a importância que lhe é dada, estão distribuídos da seguinte forma:

1. região do fígado e vesícula biliar;
2. região do pâncreas e baço;
3. região dos rins e glândulas supra-renais;
4. sob a garganta, na parte frontal do corpo;
5. ao redor do útero;
6. alto da cabeça.



Como sugere a enumeração, os três primeiros devem ser considerados duplos ou *duais*. Adiante veremos o que isto significa.

A fisiologia sutil tolteca está mais aproximada da chinesa, que é também atlante. Mas a fisiologia sutil árya também comporta muitos elementos em comum com a atlante.

Observa-se que o sistema tolteca não enfatiza diretamente os centros do coração e da base-da-coluna, como fazem a yoga oriental e a Árvore Sefirótica da Cabala. Mas o coração é sugerido na posição do "externo", adiante, e até como o próprio ponto de aglutinação, se o relacionamos ao "centro das omoplatas" de que fala a Agni Ioga, também chamado "as asas".

Quanto à base da coluna, na verdade costuma ser visto como algo à parte do esquema geral, como se vê pela esfera básica da Árvore Sefirótica, a deslocada *sephira Malkuth*. Envolve o trabalho místico e pré-iniciático, o realinhamento elementar que permite que o homem possa chegar até a Senda e alcançar o despertar fundamental. Bailey também afirma que o plano físico não representa um Princípio em si. Mais verdadeiro seria o corpo etérico que anima a matéria neste nível. Em *A Travessia das Feiticeiras*, Clara Grau repete muitas vezes que o corpo físico é apenas o "envoltório" de nosso duplo-etérico.

O corpo material nada tem de permanente, sendo antes como uma veste que usamos para atravessar uma curta estação da existência e para tomarmos consciência dos outros planos, porém um veículo muito precioso como diz o Budismo, pois é nele que faremos ou reforçaremos os nossos elos com a Eternidade. No mesmo momento em que despertamos para as Verdades Eternas, este centro deixa de ter a realidade que aparenta possuir, na visão ilusória ou de *maya* que o homem profano sustenta, envolvido pela força da matéria, importante de resto para mantê-lo nesta base para qualquer possível evolução. O homem também cairia numa espécie de *maya mística* caso se despreendesse antecipadamente da matéria, seduzido pelas atrações da Eternidade, antes de ter se depurado o suficiente e adquirido *lastro* espiritual para manter-se nos planos incorpóreos. Assim como está sujeito à *maya* mental quando confunde informação com realização e se agarra ao conhecimento "teórico" ou à "letra morta".

Eliminado o centro básico restam seis centros principais. O número de seis centros vem sendo particularmente empregado a partir da Nova Era, pois a nova Hierarquia apresenta até seis iniciações.

O último centro é geralmente descartado e até "incompreendido" entre os "novos videntes", uma vez que as energias da cabeça ainda permanecem relativamente desativadas. Chegam a considerar que este centro foi assumido por uma "energia alienígena" de natureza *predatória*. Seu aspecto é desagradável e instável. Mas a oscilação percebida pelos videntes no centro da cabeça representa as energias cósmicas em sua dualidade original (passado e futuro, matéria e espírito, etc.), antes que seja realizada uma síntese. O Ensino da Agni Ioga declara amiúde que certos centros foram retirados das possibilidades humanas porque podem dar excessivos poderes ao homem. E na Nova Era alguns serão "restituídos", naturalmente na dependência dos méritos da humanidade.

Restam assim cinco centros de início, tratando-se naturalmente do sistema hierárquico áryo. Apenas na Nova Era é que os centros superiores poderão ser realmente acessados.

Tais posições assemelham-se àquilo que a yoga oriental apresenta, aproximando-se mais do sistema tibetano que possui igualmente cinco centros. A Árvore Sefirótica da Cabala também contempla quatro níveis centrais, acrescido de um quinto através da *sephira* oculta *Daath*. Estes padrões são adequados porque as raças atlante e árya tinham acesso a apenas 4 e 5 centros, respectivamente. O símbolo acima representa uma característica dos novos videntes: a geração da ciência e da luz sobre a base quaternária atlante, e expressa o cânone do Quinto Mundo.

A mencionada *duplicidade* dos três primeiros centros também é importante pois permite chegar a 9 pontos, aproximando-se da Árvore cabalística. Mas também podemos chegar a isto

considerando o processo de evolução nos centros através *de dois ciclos*, um ascendente e outro descendente, relacionado os dois copos que os toltecas dividem a unidade humana (como veremos melhor no Volume II). Apenas tendo em vista esta realidade é que o centro do alto da cabeça adquire sentido.

Para os toltecas este centro era considerado como uma espécie de "anormalidade", e sua configuração tida por demais estranha e incompreensível. Sua energia parece oscilar, embora também possa ser estabilizada através do "fortalecimento de todos os outros centros" (isto é, a sua *unificação*). A chave final está na esfera da mente, relacionada ao centro imediatamente inferior, o da base da garganta, chamado "centro para decisões" (e certamente relacionado ao *ponto de aglutinação*): "...em um feiticeiro que foi capaz de dominar a mente, a flutuação desse centro torna-se exatamente como a flutuação de todos os outros." (*Passes Mágicos*, pg. 102). Apenas assim o centro supremo no alto da cabeça adquire realidade e *função*.

Ainda que o sistema tolteca não enumere os valores de cada centro, temos o recurso de outras tradições, e vemos que muitas vezes tais comparações se revelam muito esclarecedoras. Podemos eventualmente até encontrar resquícios antigos e resgatar estruturas espirituais perdidas.

Vejamos então como funciona a dualidade na yoga hindu. No que relaciona a este grupo de cinco centros, devemos inicialmente observar que no hinduísmo a soma das pétalas de todos os primeiros cinco centros totalizam 48 (é claro que, se consideramos aqui Muladhara, já não podemos seriamente tê-lo como "descartado" no sistema tolteca) –observe que a soma dos números 2 e 3 resultam em 8 pétalas (2x4) *em média*:

- 5. Vishuddha 16 pétalas (4x4)
- 4. Anahatha 12 pétalas (3x4)
- 3. Manipura 10 pétalas
- 2. Svadhisthana 6 pétalas
- 1. Muladhara 4 pétalas (1x4)

Total 48 pétalas

Este total corresponde pois às "48 emanções da Água" existentes em nosso planeta.

Numa primeira consideração, digamos que cada "pétala" é uma energia e uma *lei*. O número crescente de pétalas em direção ao superior neste esquema, contradiz aparentemente a regra que afirma que quanto mais evoluídos os mundos menos leis apresentam. Isto é algo relativo porque, à rigôr, tudo é igual em toda a parte (*Lei dos Fractais*), à diferença de que nos mundos superiores existem leis mais amplas, ou então, as leis mais importantes ali são aquelas mais genéricas. Esta visão de síntese representaria uma visão basicamente *qualitativa*. Deste modo, o esquema hindu valoriza o processo *quantitativo*, razão pela qual o número de pétalas aumenta na direção ascendente.

Devemos ver que este número de centros evoca e *escala pentatônica*, muito empregada na Antiguidade (sendo a totalidade de centros do esquema budista). A própria soma de suas pétalas aponta na mesma direção: quase 50 (número de letras do alfabeto hindu). Mas nisto também está a escala setenária completa com tons e subtons: 7x7=49. Uma das grandes virtudes deste número é pois harmonizar ambas as escalas (a de 5 e a de 7), daí sua importância entre os antigos. Era a quantidade de anos do Jubileu hebraico e se aproximava do jubileu meso-americano de 52 anos, chamado *Fogo Novo*.

De certo modo, este ciclo coroa um processo espiritual. A cerimônia do *Fogo Novo* fazia clara menção a isto. E corresponde à conquista do quinto grau. No ápice deste processo, "o fogo interno consome o guerreiro que, em plena consciência, se funde com o conjunto das emanções da Águia e se desliza para a eternidade" (*La Rueda del Tiempo*, pg. 264). Na iluminação, as estruturas internas são como que "consumidas" (dizia São Paulo: "Nosso Deus é um fogo consumidor" –Hb 12, 29), e o propósito deste ciclo é atingido: a fusão com a Eternidade.

Podemos considerar que, na medida em que este grupo apresenta um número *progressivo* de pétalas, o primeiro centro representa a *base* sobre a qual os outros vão se desenvolvendo. Com isto, o número 4 deve ser o fator *comum a todos*, e aponta para o Plano geral de desenvolvimento dos centros, de quatro estágios, conformando o esquema espiritual *atlante*, e tendo seu pleno desenvolvimento na execução de sua fórmula "quadrada" –isto é, 4×4 .

Nota-se porém que existe certo obstáculo nos dois centros seguintes para estabelecer este ritmo, na medida em que possuem 6 e 10 pétalas.

Alguns Tantras hindus como o *Sat-Chakra-Nirupana* apresentam o centro esplênico (*Swadhistana*) com dois grupos de oitos pétalas internas intercaladas, um dentro do outro (ver *El Poder Serpentino*, de Sir John Woodroffe). Os valores internos tendem a sugerir *multiplicação*. Tanto é, que a fórmula budista deste centro é $8 \times 8 = 64$.

A simbologia hindu deste centro inclui uma lua crescente. Tudo isto pode apontar a sua posição: trata-se do sexto centro (seis pétalas externas) de cima para baixo, e o segundo centro ("Lua") de baixo para cima.

Se pode optar por *obter a média* dos centros "nº 2" e "nº 3" (média esta que é oito), que foram assim subdivididos para adequar-se ao plano evolutivo das raças seguintes, e até para obter o montante de sete centros, número relativamente artificial desde o ponto de vista humano e até hierárquico, na medida em que apenas os Avatares realizam um ciclo setenário de *iniciações*, tendo normalmente apenas certa utilidade *mística* para trabalhar os "sub-planos".

Com esta redução totalizam 40 pétalas, onde podemos observar perfeitamente o *ritmo* quaternário em que se vão acrescentando os quatro centros originais deste grupo: 4, 8, 12, 16; formando a estrutura universal dos planos da Criação. E este processo se enquadra perfeitamente na organização dos grupos do Nagual conforme é apresentada no *Regulamento* (ver adiante), que deve sempre evoluir em múltiplos de 4.

Isto parece ser confirmado pelos símbolos e pela numerologia geral destes centros. Tanto o centro-da-garganta como o da base-da-coluna tem por símbolos elefantes (o de *Vichuddha* é branco). O centro da base-da-coluna tem quatro pétalas e um quadrado interno. Multiplicando-os temos $4 \times 4 = 16$, o número de pétalas do centro-da-garganta.

Além disto, como este último tem um triângulo interno, devemos multiplicar as pétalas por ele: $16 \times 3 = 48$. Esta é então outra forma de ver o montante de pétalas na região e o conteúdo total deste centro.

Cada "pétala" é uma emanção da Águia e um "mundo" disponível de experiências. Existem 48 destas emanções em nosso planeta. Podemos encontrar este número em outras tradições. Na *Escola do Quarto Caminho*, a Terra está regida pelo número 48. Dividido como 12×4 , evoca os quatro Zodíacos associados aos quatro corpos e iniciações raciais. E nisto se deve igualmente incluir os 46 cromossomos, em 23 pares. O alfabeto zend-avéstico tem 46 letras.

E isto significa que no 5º centro temos reunidas o montante das "emanções da Águia". Trata-se o 5º centro da *unificação* central ou mandálica realizada no centro da garganta, ao qual os hindús atribuem 16 pétalas (número do padrão astrológico-universal áryo e do grupo completo dos "novos videntes").

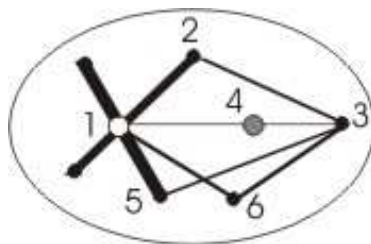
Trata-se do chamado de "centro da pureza", ou *Vichuddha*. Entre os toltecas é chamado "centro para decisões", ao qual tinham forte aversão em tocar, fazendo-o apenas ritualmente. Segundo eles, este "quarto centro (em importância) possui uma energia tão fluída que parece água", atuando como "um filtro que peneira qualquer energia que chega até ele", extraindo apenas o seu aspecto mais puro (*Passes Mágicos*, pg. 102). Tal atividade de purificação é pois idêntica à apresentada pelos hindús. Sua função é basicamente alquímica, pois se trata da energia da *quintessência*. Esta unificação determina então o pentagrama do *Homem Perfeito*. A partir daí iniciam as esferas divinas e os centros cósmicos do homem.

O 5ª centro conclui virtualmente o Caminho de *Ida* ou de "Ascenso", que é o processo de crescimento espiritual positivo, a partir do *nascimento místico* do 1º grau, em correspondência ao signo de Capricórnio, chamado "Porta dos Deuses", por ser o caminho da deificação. Seu regente Saturno, o "Senhor do Tempo", representa o *Portal da Iniciação* e inaugura este ciclo espiritual associado à evolução humana.

Todos estes centros estão relacionados às possibilidades de movimentos do ponto de aglutinação. Em *O Poder do Silêncio*, Castañeda enumera cinco "lugares" ou pontos sutis do corpo:

- Lugar do Entendimento Puro.
- Lugar da Concernência.
- Lugar da Razão.
- Lugar da Não-Piedade.
- Lugar do Conhecimento Silencioso ("Ponto da Liberdade").

Em *Porta para o Infinito* (Capítulo 3, pg. 89), também se apresenta os "oito pontos nas fibras de um ser luminoso", polarizando as atividades da *razão* e da *vontade*, através de um diagrama desta natureza:



Pontos de: 1. Vontade, 2. Sentir, 3. Falar, 4. Razão, 5. Ver, 6. Sonhar

Dois pontos associados unicamente à vontade permanecem misteriosos. Castañeda informa que a relação entre estes pontos com os centros do corpo é a seguinte (Ken Eagle Feather desenvolve estes itens no Capítulo 6 de sua obra *El Camino Tolteca*):

1. A cabeça está associada à "razão" e ao "falar";
2. A ponta do externo é o centro do "sentir";
3. Na zona abaixo do umbigo está a "vontade";
4. "Sonhar" fica do lado direito, contra as costelas, e
5. "Ver" fica à esquerda (às vezes ambos ficam do lado direito).

Cabe destacar aqui o centro do *externo*, semelhante ao ponto do coração da yoga hindu e budista.

Castañeda declarou que a energia do casulo ovóide de Don Juan era a mais elevada que já tinha visto, e ascendia até o nível "do pescoço". O alinhamento da humanidade situa-se mais abaixo, no nível do plexo solar, e os dos videntes a meio-caminho. Por esta razão Don Juan sempre despertava a *Segunda Atenção* de seus discípulos energizando este centro entre as omoplatas.

A nova Hierarquia americana, por ser a sexta, ativará o centro associado à cabeça, entre as sobrancelhas, conforme se apresenta pontilhado no diagrama. É esta a posição do sexto centro na yoga hindu. *Vidente* se diz *nabi* em hebraico, e é sinônimo de *profeta*, termo também associado ao grau de *Chohan* na hierarquia tibetana. Trata-se porém de uma categoria *superior* de vidência, como veremos.

Por sua vez, a nova Raça-Raiz atuará ao nível do centro cardíaco. Este panorama quádruplo-racial de iniciações é avaliado no volume II desta série.

Capítulo 8

Tendões ou Meridianos

Ao estudar a tradição tolteca legada pelos videntes mexicanos, em muitos momentos iremos nos surpreender com o paralelismo existente com as tradições sagradas do Oriente.

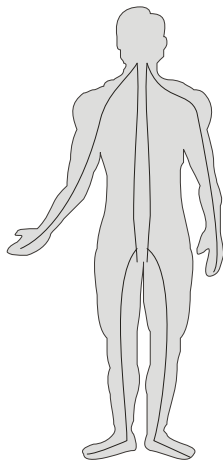
Um destes momentos nos leva a abordar aquilo que os videntes chamam de forma pré-científica como "a energia dos tendões", entendendo-se por "tendões" certas linhas de energia que atravessam o corpo sob os grandes músculos. Assemelham-se assim profundamente aos "meridianos" de ciências orientais como o Acupuntura, o *Do-In* e a Acupressura (*Shiat-Su*). É um possível reflexo da influência que os novos videntes receberam da China a partir do início do século XIX, repetindo uma influência original recebida em tempos antigos.

Mais ainda, trabalham com *centros* dispostos ao longo destas linhas e sobre os quais atuam através de duas técnicas: *vibração* para soltar a energia, e *pressão* para soltá-la. No *Do-In* emprega-se no mesmo sentido a pressão contínua para acalmar e a pressão rítmica para tonificar.

Estas linhas partem do alto da coluna mas não atingem a cabeça, porque os videntes toltecas consideram esta área em princípio muito desordenada. Sua descrição é como segue:

"...se movimenta ao longo de músculos profundos do pescoço para o peito, para os braços e para a espinha. Ela atravessa o abdomen superior e inferior da borda da caixa torácica até a virilha e de lá vai para os dedos dos pés." (*Passes Mágicos*, Carlos Castañeda, pg. 227)

Os "Tendões" de Energia



O desenho acima procura representar a estes "tendões" de energias. Trata-se de linhas básicas e essenciais, sendo certamente as mais importantes aquelas que percorrem o tronco, podendo ser equiparadas às grandes correntes de energias positiva e negativa da yoga hindú chamadas *Ida* e *Pindala*.

Esta estrutura serve de base para trabalhos com os centros de energia, a iniciar pelos *passes mágicos*. Pode-se dizer que estas correntes centralizam as energias dos centros, e sobre elas se procura trabalhá-los, ora trocando energias e ora separando as energias dos dois corpos.

Sua bilateralidade também é empregada em trabalhos mágicos como o da "separação dos dois corpos", para a qual se emprega a "respiração dividida", tal como os yogues fazem com o *Pranayama* da respiração alternada: "os feiticeiros achavam que a respiração era uma questão-chave na separação do corpo esquerdo e do corpo direito." (*Passes Mágicos*, pg. 175). Em *A Travessia das Feiticeiras* fala-se de uma respiração que "retrata as forças duais da criação, da luz e das trevas, do ser e do não-ser." (pg. 59) Desde o ponto de vista da respiração, também se divide o corpo em três segmentos: cabeça, peito e abdômen (*op. cit.*, pg. 89, Taisha Abelar). No sistema yoga se fala de respiração clavicular, torácica e abdominal.

Geralmente estas energias estão mais relacionadas ao duplo-etérico do que propriamente ao corpo físico, pois este nunca é separado do outro e a ele sempre subordinado. Por esta razão também os guerreiros dizem com muita propriedade que "o duplo é a nossa fonte de energia. O corpo físico é simplesmente o recipiente onde a energia é depositada" (*Op. cit.*, pg. 89, Taisha Abelar). Esta dualidade está igualmente bem definida na seguinte distinção:

"Podemos considerar o corpo como organismo biológico ou como fonte de poder. Tudo depende do estado do inventário em nosso depósito; o corpo pode ser duro e rígido ou suave e flexível. Se nosso depósito está vazio, o próprio corpo está vazio, e a energia do infinito pode fluir através dele." (*Op. cit.*, pg. 121, Taisha Abelar).

Este "vazio" deve ser entendido no sentido budista, de esvaziar-se de *maya*, de aquietar a mente e permanecer atento.

Daí haver muita sabedoria em polarizar nossa consciência no lado *esquerdo* do corpo. Em *A Travessia das Feiticeiras* (pg. 267) temos uma descrição do movimento natural de energia deste duplo, nos termos dos dois lados do corpo:

"Esses dois lados possuem dois padrões específicos de circulação energética. No lado direito, a energia sobe pela região dianteira do duplo e desce pela região posterior. No lado esquerdo, a energia desce pela região dianteira do duplo e sobe pela região posterior."

É útil visualizar e sentir estes movimentos, e inclusive praticar com os braços esta coordenação contrária, como forma de separar os dois corpos. A expressão "dois corpos" refere-se aqui ao "corpo direito" e ao "corpo esquerdo", considerados pelos toltecas como corpos independentes.

Porém, sabemos que o "corpo direito" apresenta um vínculo preponderante como o corpo físico e o *tonal*, e o "corpo esquerdo" apresenta um vínculo preponderante como o corpo etérico ou o astral e o *naqual*.

Esta passagem de lados é o que consiste propriamente a "travessia dos feiticeiros", ou o seu "vôo abstrato". O guerreiro Emilto ensina este conceito:

"A travessia dos feiticeiros consiste na mudança de consciência da vida cotidiana, que o corpo possui, para o duplo." (Taisha Abelar, *op. cit.*, pg. 255).

Enfatiza então que se trata de mudar a *consciência da vida cotidiana*, a percepção normal do mundo, para o duplo, e não de criar devaneios ou extravagâncias; ainda que os feiticeiros sejam capazes de, depois, com pleno controle, atuar de formas inconcebíveis.

Mas os toltecas também professam a *harmonia dos opostos*, e isto representa mais do que apenas trocar de lado ou de direção. O equilíbrio representa uma realidade superior, uma conquista *cultural*, digamos assim, que suplanta a esfera instintiva. Os reinos inferiores têm o equilíbrio dos instintos determinado pela mera ausência de livre-arbítrio. Mas no reino humano fazem-se necessárias a educação e a cultura.

Para alcançar o equilíbrio no plano humano, é preciso gerar um novo cosmos. É necessário antes de tudo separar os opostos, desfazendo o caos informe original, o que é feito gerado um campo de síntese:

"Nós estamos em busca do equilíbrio. Mas equilíbrio não significa apenas uma porção igual de cada força. Significa também que, à medida em as porções são igualadas, a nova combinação harmoniosa ganha impulso e começa a movimentar-se por si mesma." (em *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 106)

Deste equilíbrio resulta o sucesso na mágica e a harmonia com o cosmos. Em muitas mitologias antigas, a Criação é feita pela separação dos pares originais, como Terra e Céu (Egito, Genesis).

Diz a *Tábua de Esmeraldas* de Hermes Trismegisto:

"Separarás a Terra do Fogo, o sutil do espesso, docemente e com grande indústria."

Trata-se de um trabalho criador, e na verdade é *o próprio trabalho criador* dos mitos clássicos, envolvendo o plano da consciência, da cultura e da humanidade. Os Antigos nunca tiveram a preocupação de explicar o mundo físico porque isto pertencia ao plano das obviedades ou porque de pouco serviria. Já seguir a evolução interior seria um plano cultural e positivamente evolutivo. A Criação está além do tempo, e se não está ela tem importância relativa. Que outros inventariem o exterior; os sábios tratam das leis superiores e ocultas, pois é para lá que se dirige a evolução.

No trabalho com a energia dos tendões dá-se inicialmente ênfase a três centros inferiores. A primeira área está logo abaixo do umbigo, uma outra está logo acima do umbigo e uma outra ainda está na área do plexo solar. Era crença dos videntes que "um peso colocado em qualquer uma das três áreas envolve a totalidade dos campos energéticos de uma pessoa, o que significa um calar momentâneo do *diálogo interno*: o primeiro passo em direção ao *silêncio interior*" (*Passes Mágicos*, pg. 229).

A forma como estes três únicos centros podem alcançar a totalidade do ser merece algumas considerações.

Primeiro, devemos observar que a raça árya, enquanto humanidade racial, apresentava apenas três iniciações. Deste modo, trabalhando sobre estes três centros básicos regulamos as suas energias e preenchemos o montante de suas necessidades-possibilidades energéticas.

Depois, pelo fato de serem estes centros *duplos*, eles de certa forma *desdobram-se* quando equilibrados (simbolizado pelo estado-de-vazio ou pelo cessamento do diálogo interior) e abrem a possibilidade de contatar misticamente as energias dos centros superiores.

O esquema dos "tendões" valoriza o corpo como um todo, incluindo os "membros" –braços e pernas. Isto lembra não apenas os meridianos chineses, mas também a Árvore Sefirótica cabalística. Em *A Travessia das Feiticeiras* é apresentado um sistema de sete centros similar ao da Árvore Sefirótica: 1º: pés; 2º: pantorrilha e atrás do joelho; 3º: órgãos sexuais e cóccix; 4º: região dos rins ("o centro mais importante"); 5º: entre os omoplatas; 6º: base do crânio e 7º: topo da cabeça.

E isto acrescenta dois centros ao grupo de cinco antevistos, e que empregam apenas a extensão da coluna. Por vezes quase vislumbramos mais de um sistema entre os toltecas, ou

mais de uma escola. No presente sistema, seria talvez de se perguntar porque as mãos e os cotovelos não são também considerados, já que incluem centros importantes.

Capítulo 9

O Regulamento do Nagual

O trabalho dos toltecas estava regido por um *Regulamento* profundamente estruturado, cuja matemática é mais uma das grandes peculiaridades desta tradição. Como os hindus antigos, os pré-colombianos sempre primaram por pesquisar e aplicar os cânones e as estruturas cósmicas, aplicando-as inclusive às relações sociais e espirituais, e nisto o Regulamento é um belo exemplo.

O Regulamento não apenas possuía um número definido de elementos, onde cada pessoa tinha uma função definida, como também elas eram escolhidas na medida em que preenchiam os papéis.

O Regulamento foi revelado por Castañeda em *O Presente da Águia*. Vamos tratar de avaliar aqui a sua estrutura através do mito da Serpente Alada, no cânone sagrado do *Tetragrammaton* cabalístico, ou o Nome Divino IHVH. O padrão áryo-atlante de Castañeda pode ser estudado no Volume II desta série, e o novo padrão áryo-americano pode ser visto no Volume III.

a. A Serpente de Plumas

A organização de um grupo de videntes é uma das tarefas do casal-Nagual, sob a orientação de seus Mestres e da Águia, para a qual colaboram os outros videntes. O Regulamento explica as origens, os meios e os fins do *Propósito* da Águia, que é o de perpetuar a consciência e vencer a morte —a chamada "dádiva da Águia".

Estes grupos se caracterizam por uma extensa igualdade entre as pessoas. Existe um líder chamado *Nagual*, mas este se limita a dar a última palavra, se assim o deseja. No Nagualismo, aquilo que define a autoridade máxima e o respeito dos outros é um vínculo especial com o espírito.

Uma das características do Regulamento é a supressão antecipada da mulher-nagual como garantia de sucesso do grupo liderado pelo homem-nagual. Em função das teias da materialidade, o Regulamento prevê a retirada da mulher-nagual do palco do mundo antes do final, embora possa "devolvê-la" providencialmente como ocorreu com Carol Tiggs. Para assegurar o sucesso da empreitada espiritual, o Poder atua através de um dos focos mais importantes de energia que existe no mundo, que é o amor sagrado do casal-nagual. Esta supressão é comumente observada nos mitos, como no Ramayana, na Odisséia de Ulisses, nas aventuras de Orfeu, etc. E isto eleva o Regulamento a um padrão cósmico.

Ainda que o código dos guerreiros seja conhecido como *O Regulamento do Nagual*, ele é apresentado a *todos* os guerreiros que pertencem ao grupo do Nagual. Textualmente, o

Regulamento diz: "O nagual é um ser duplicado para quem o regulamento foi revelado". Refere-se assim àquilo que ocorreu no princípio, ou até à compreensão que se dá até algo *informalmente* no espírito do Nagual. Mas depois ele é apresentado aos guerreiros de seu grupo.

O Regulamento representa em si um mito centralizado pelo Nagual: "Ser envolvido pelo regulamento pode ser descrito como viver um mito", diz Carlos Castañeda. Este esquema envolve na verdade uma série de mitos complementares, encontrando paralelos em símbolos transculturais complexos como o do caduceu, da *kundalini*, da serpente-emplumada, da Árvore Sefirótica da Cabala ou do globo-alado-com-serpentes. Abaixo reunimos os quatro mitos principais contemplados pelo Regulamento, em paralelo com as letras do "inefável" Nome Divino, o *Tetragrammaton* IHVH:

1. O Mito Polar: o *Avatar* ("a Águia") IOD (10)
2. O Mito Solar: o *Mestre* ("o Homem-Nagual") HE (5)
3. O Mito Planetário: os *Discípulos* ("os Guerreiros") VAU (6)
4. O Mito Lunar: a *Alma-Gêmea* ("a Mulher-Nagual") ... HE (5)

Cada um destes elementos é essencial à harmonia e ao sucesso do conjunto, pois formam uma unidade real. Inicialmente, o esquema demonstra que existe uma perfeita identidade entre o Homem-Nagual e a Mulher-Nagual, por isto se diz serem *almas-gêmeas*, como revela a natureza do trabalho e os fortes e transcendentos sentimentos envolvidos. Como vimos, este princípio é corrente em todos os grandes processos espirituais, e muitas vezes as escrituras sagradas registram o fato.

O esquema também demonstra que a unidade do casal-Nagual representa a *própria presença da Águia*, pois $HE+HE=IOD$. Somados totalizam o 20 da base numérica pré-colombiana e os signos do calendário sagrado. Isto demonstra que a presença do casal-Nagual está também na base de tudo, e o seu equilíbrio representa o divino na Terra, na forma de sua manifestação dualizada.

Da mesma forma, esclarece que a atuação do Nagual, enquanto veículo da Águia, destina-se a constituir o grupo, pois $5+10=15=6$, ou VAU. Nisto a atuação da mulher-Nagual se dá de forma indireta, ainda que por vezes o casal-nagual possa trocar seus papéis. Castaneda seguiu sendo instruído por uma mulher depois da partida de Don Juan.

A interação entre a Águia e o grupo resulta na manifestação divina direta, tanto grupal (valor 16) como individual (valor 7). E a relação entre o Nagual isolado e o grupo denota a atividade da força e da pureza (valor 11).

Finalmente, a soma de todos os elementos dá 26, um número sagrado também entre os meso-americanos, base de seu calendário sagrado, o *Tzolkin* ou *Tonalpohualli* em seu ciclo de 260 dias. Deve-se ver ainda que $2+6=8$, o número *perfeito* de guerreiros do grupo do Nagual.

Um dos compromissos do Nagual é o de reunir um número suficiente de discípulos e transmitir parte de seus conhecimentos e poderes. Apenas assim ele consegue obter os requisitos necessários à sua liberação e à de seu grupo. Daí todos trabalharem conjuntamente para este propósito.

Por isto, ao mesmo tempo em que o próprio grupo vai avançando em seus trabalhos no caminho do conhecimento, o Nagual também deve constituir um outro para lhe suceder –o grupo do "novo Nagual". Ao conjunto completo se chama da mesma forma "grupo do Nagual".

Capítulo 10

O Universalismo Áryo

A Civilização é constituída pelo trabalho ativo de três centros planetários: um Supremo relacionado às origens divinas e que os mitos designam por nomes como Tula, Aztlan, Ibez ou Shambala. Outro intermediário e sagrado relacionado à Hierarquia e às linhagens que regem os Ordens e até às dinastias que dominam os Estados sagrados. E um terceiro místico associado à própria Humanidade enquanto centro alinhado com a orientação dos anteriores. Tal tríade está associada à Trindade de Pai, Filho e Espírito Santo.

Destes considera-se que apenas os dois últimos mantêm uma presença constante na história, ainda que a rigôr a verdadeira Hierarquia também se manifeste apenas ciclicamente, e mesmo os seus Representantes regulares apenas se revelam sob condições muitas perfeitas, posto que o Mal procura afastá-los da cena da cultura para dominar a Terra.

No centro das energias que dominam os centros em evolução numa dada Civilização –a saber: raça e hierarquia–, existe um plano comum de trabalhos que conformam o ambiente geral da Civilização, ou o seu *universalismo*.

Podemos dizer que o Regulamento apresentado em *O Presente da Águia* representa uma típica *estrutura universal árya*. No contexto áryo, o oito expressava a *energia universal por excelência*. Para compreendermos isto devemos conhecer o que é um número universal. Isto nos dará a oportunidade para aprofundar o estudo da cultura tolteca, tendo como pano-de-fundo a cultura universal árya.

a. O Padrão Universal

Um número universal é aquele que faz a *média* dos opostos, servindo como elo entre todas as coisas e representando a sua *síntese*.

Este elo serve para intermediar a matéria e o espírito, representando a esfera da Alma e o verdadeiro *ambiente da cultura*. Na prática, a matéria corresponde à Humanidade e o espírito à Hierarquia. A energia racial atende pela Cosmologia e a energia hierárquica responde pela Alquimia. A síntese e o elo são realizados através da Astrologia e dos Calendários, que é aquilo que confere o *padrão universal*, ou o ambiente cultural médio. E a fórmula astrológica completa é sempre quadrada: 3x3, 4x4, 5x5...

Tomemos como exemplo a cultura árya ("Quinta Raça-Raiz" ou Quinto Sol). A evolução árya estava racialmente polarizada na *tríade*. Por esta razão os ciclos espirituais-humanos áryos estavam muitas vezes divididos em três graus, e também por isto "os feiticeiros sempre contam os acontecimentos de três em três." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 257). Por sua vez, este

ciclo se achava polarizado hierarquicamente no *pentagrama*. Daí os sistemas de chakras com cinco centros, as mandalas, etc.

O termo médio disto tudo é o 4. Sua Astrologia tinha então como base o *quaternário*, situado entre o três e o cinco. Nisto, o Teorema/triângulo de Pitágoras surge como uma chave preciosa, exaltando o 5x5 como equivalente de $(3 \times 3) + (4 \times 4)$.

E como o ciclo astral é *quadrado*, o seu padrão completo é 16. Este número está presente no grupo de peças de cada campo do jogo de xadrez: 16 brancas e 16 negras. Deste modo, os áryas desenvolveram a mística do 4º grau, que é a do *sacrifício, do amor e da arte*. O sacerdócio, o romance e a beleza representaram o *meio universal* daquela civilização mundial.

Como os graus áryos eram o 3º para a humanidade e o 5º para a hierarquia, naturalmente a média universal era o 4º grau. Não se trata necessariamente de um grau espiritual, mas de uma *esfera mística*, que devia ser vivenciada através de um *tempo mítico*, aquele que forma o universo da Alma ou da Consciência, intermediando matéria e espírito. A forma de trabalhar o universal é através da Astrologia e do Calendário, especialmente um Calendário sintético como o soli-lunar ou o *Tzolkin*.

O seu corte médio chama-se *perfil estrutural*. Tanto a cultura ocidental como os centros psíquicos tem bases *polarizadas*, partindo do algarismo 2. Neste caso, 8 (2^3) é também uma *média* entre o 4 (2^2) e o 16 (2^4); é o *perfil estrutural* do grupo do Nagual e portanto a sua *verdadeira expressão universal*.

Dito de outro modo, dentro do plano *universal* (ou astrológico), o número-base é 4 e está voltado para a humanidade; o número-teto é 16 e está voltado para a hierarquia; e o número-médio é 8 e é a grande expressão de universalismo.

4 = alicerce universal.

4+4 = 8: estrutura universal.

4x4 = 16: conjuntura universal.

Assim, o 8 é um número *duplamente universal*. Primeiro, ele é universal por *derivar* do número universal áryo, que é quatro. Segundo, por se tratar da *escala média* dentre os três grupos em questão, que são o quatro, o oito e o dezesseis.

Neste sentido podemos considerar que o oito é "o número da massa humana" como afirmou Castañeda. É o número universal que atende pelo *consenso cultural*, unindo as esferas e os planos de trabalho mundiais. E na verdade, este número já não tem esta função na Nova Era – ver Volume III desta série –, servindo apenas para edificar o nível básico, material ou *humano*. Assim, quase tudo o que Castañeda afirma deve ser *filtrado* por este fato, confirmado pelos novos padrões que ele próprio representou, posto que por seu intermédio a "Águia" manifestou o seu desejo de renovação.

Como existem 4 tipos humanos básicos, o número 8 determina uma polarização no quadro. Todos os princípios devem ser *duplicados* para alcançar o equilíbrio. Ao mesmo tempo interfere uma outra lei, a que reza que toda a estrutura deve desdobrar-se em seu *quadrado* a fim de recorrer o seu ciclo completo. E isto nos leva a $(4 \times 4 =)$ 16 do grupo *completo* de guerreiros. Deve-se explicar portanto a origem deste arcabouço através da *Astrologia* árya desenvolvida pelos pré-colombianos.

De certo modo, o "Triângulo de Pitágoras" é uma síntese deste quadro, onde o lado horizontal "4" diz respeito à humanidade e o lado vertical "3" representa a hierarquia, ao passo que a hipotenusa que os une representa o elo astrológico universal. A linha transversal é a "escada de Osíris" ou "de Jacó", da *Alma* enfim.

O 8 resulta assim numa fórmula de transição, sendo um padrão muito importante não apenas na harmonização grupal, mas também no processo interno, prático e estrutural.

b. A Estrutura Energética

Desde o ponto de vista da conformação material e de sua duplicidade, podemos associar fisicamente este esquema a quatro órgãos pares, como os pulmões, os rins, os intestinos e os sexuais. O coração, sendo quádruplo, é como a base original deste sistema, cuja unidade é o Nagual.

Mas, também sutilmente este número determina a estrutura energética dos centros. Afinal, seu duplo circuito relaciona-se aos "dois círculos de poder".



Como informa o Tibetano na obra *Um Tratado sobre Magia Branca*, de Alice A. Bailey, "o número oito é o símbolo básico de todos os centros, pois as pétalas estão realmente dispostas como inúmeros oito superpostos. A pétala é puramente representativa e um centro se forma segundo este modelo. Primeiro um círculo O, depois dois círculos, tocando-se e formando portanto um 8. Depois, ao aumentar o número de pétalas, é simplesmente um crescimento destes círculos duplos, superpostos em diferentes ângulos um sobre o outro até que chegamos ao lótus de mil pétalas na cabeça." (pg. 467). O Tibetano afirma inclusive que, "contando com o esplênico", existe um total de oito centros (sabemos que existem miríades de centros; os toltecas destacam apenas seis principais).

Menciona então que "a exceção é o centro da base da coluna, com quatro pétalas, metade de oito". Este centro com suas 4 pétalas corresponderia ao do sistema hindu, unicamente. No entanto, neste sistema o centro esplênico (6 pétalas), o centro do plexo solar (10 pétalas) e centro cardíaco (12 pétalas) sequer são múltiplos de oito (*op. cit.*, pg. 467). Encontramos por outro lado amiúde o montante de 8 pétalas nas sub-divisões dos centros ou nos centros "internos". Assim, existem subdivisões óctuplas de pétalas no interior do segundo centro, o esplênico, e também dentro do chakra cardíaco através do "coração espiritual" (*Ananda Kanda*) ou *hrit*. Como subdivisões do coronário, os hindus mencionam um centro importante chamado *Soma* (Lua), na cabeça, com 12 pétalas, associado ao centro *Kameshwara*, com oito pétalas precisamente.

Por outro lado, se recorremos à yoga *budista*, vamos encontrar esta verdade evidente em todos os centros, os quais, sem exceção, são múltiplos de oito. As revelações sobre a yoga budista são recentes. Os dados abaixo são reproduzidos da obra *O Corpo de Luz*, de John Mann e Lar Short (baseada na obra *Tibetan Buddhist and Psychiatry*, de Terry Clifford), sobre o sistema budista:

5. Cabeça 32 pétalas (4 x 8)
4. Garganta 16 pétalas (2 x 8)
3. Coração 8 pétalas (1 x 8)
2. Umbigo 64 pétalas (8 x 8, ou 2 x 8 x 4)
1. Genitais 32 pétalas (4 x 8)

total 152 pétalas (19 x 8)

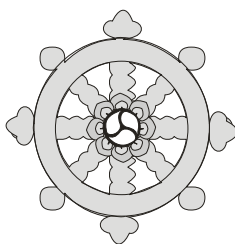
Este é um sistema sintético que se aproxima muito do sistema tolteca.

Ao contrário do hindú, este sistema não apresenta um caráter cumulativo aparente, sendo antes *centralizante*, pois emprega as mandalas para trabalhar os centros. Os cinco Dhyani-Budas e suas respectivas "direções" estão associados a estes centros:*

5. Cabeça *Vairocana*, o da "sabedoria absoluta" Centro
4. Garganta ... *Amithaba*, o da sabedoria do "discernimento" Oeste
3. Coração *Akshobya*, o da sabedoria "como um espelho" ... Leste
2. Umbigo *Ratnasambhava*, o da sabedoria "igualitária" Sul
1. Genitais *Amogasidhi*, o da sabedoria "que tudo realiza" ... Norte

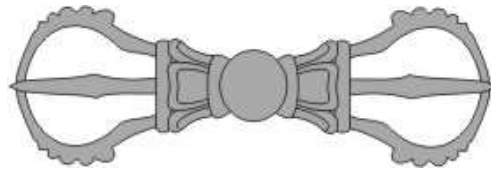
Como o centro do coração apresenta este mesmo número de oito pétalas, sugere ser a *base* de tal sistema. Outrossim, a nível de mandala, nesta tradição o centro universal não é o coração, uma vez que as mandalas dispõem ali o centro da cabeça.

Tudo isto são formas de enfatizar os centros mais importantes de um dado ciclo mundial, ou seja, os centros raciais, os centros hierárquicos e os centros universais. De modo que não desloca o coração de seu papel "solar" e igualmente central. Pode-se encontrar a descrição do centro do coração como uma imagem do *Dharmachakra*, a Roda da Lei budista. Na obra *Clear of Bliss*, de Geshe Kelsang Gyatso, o chakra do coração é descrito como uma roda de oito raios, relacionados aos quatro elementos e aos quatro sentidos. É comum nas representações da Roda da Lei estes raios também se apresentarem subdivisões tríplexes, num total de 24 "canais". Na verdade, geralmente as representações da Roda da Lei subdividem em três apenas os quatro raios verticais e horizontais.



Suas ramificações prosseguem até atingir um total de 7.200 canais, tendo todos como origem o coração, sendo este o mesmo número de canais de energia do sistema yoga hindú. Note-se que, neste, o centro do coração tem 12 pétalas e uma estrela de 6 pontas no interior. A sua multiplicação dá: $12 \times 6 = 72$ (72 também é igual a 24×3 ou $64 + 8$), fractal de 7.200 portanto.

O Budismo valoriza realmente o número oito. Basta lembrar os *Oitos Símbolos Auspiciosos* do Mahayana, assim como o *Caminho Óctuple* do Budismo Hinayana. No Budismo Vajrayana temos a forma do próprio símbolo do *Vajra*, abaixo, semelhante ao "oito":



Este objeto tem muito a dizer sobre os mecanismos energéticos da forma do oito. *Vajra* (*Dorje* em tibetano) significa várias coisas: raio, cetro e diamante. Cada grupo tem 4 raios, sendo o da imagem acima o mais comum, com duas pontas e 8 raios. Geralmente também se coloca um raio ou um eixo central, fazendo assim cinco raios em cada extremidade e um padrão-mandala.

Deve-se notar que a projeção dos raios nos vajras tem uma divisão. Cada raio sai na verdade da boca de um *dragão*. Geralmente, o valor numérico do dragão é 5, e do raio é 7. Temos assim o valor 12, ou 48 em cada ponta e 96 no total. Vê-se assim que este símbolo equivale ao do *Ajna Chakra*.

Na yoga budista, trata-se do símbolo do Dhyani-Buda Akshobya, relacionado ao coração. Existe também o duplo-vajra-em-cruz, com 16 raios, chamado *visvavajra*, símbolo do Dhyani-Buda Amoghasidhi, relacionado ao centro básico de 32 pétalas. Cada extremidade do vajra representa um completo "círculo de poder", e como demonstramos no Volume I desta série, existem até quatro círculos dentro do Serviço Terreno.

O "quádruplo coração" dá 32, o aspecto mais exterior do conjunto. Este número se repete no primeiro e no último centro: "alfa-ômega" (e sua soma dá 64). Assimila-se às 32 peças do jogo de xadrez (cuja origem é hindu), aos 32 Caminhos de Sabedoria da Cabala, aos 33 anos do Cristo e aos 33 graus da Maçonaria escocesa.

O Hinduísmo também emprega o oito, como no *Ashtanga Yoga* de Patânjali (ou "Ioga de Oito Partes"). A própria Roda da Lei budista é semelhante às do Carro do Sol no *Tempo de Surya*, em Konarak (Orissa, Índia), as quais possuem 16 pétalas no centro (cubo) e suas circunferências estão ornadas por 56 círculos (na fórmula $8 \times 6 + 8$ ou $48 + 8$), número dos Arcanos Menores do Tarô. Como este templo é muito posterior, temos aqui uma das possíveis influências budistas sobre o Hinduísmo, sem descartar a eventualidade do "gênio espontâneo" e até mesmo uma influência reversa ainda mais antiga, pois sabe-se que também os Tantras e o Vajrayana foram enviados da Índia para o Tibet em torno do século VIII d.C.

Nisto, podemos observar uma mandala especial para meditação individual chamada *Sri Yantra*, na qual se observa estruturas semelhantes à do yoga budista.



Vemos assim que existem dois conjuntos de pétalas, um exterior com 16 unidades e um interior com 8 unidades. O externo é como o chakra *Vichudha* do hinduísmo, de 16 pétalas. O Tantra hindu *Sat-Chakra-Nirupana* apresenta no centro esplênico (*Svadisthana*) de 6 pétalas, dois grupos óctuplos de pétalas internas, um dentro do outro. 16 é também a reunião das pétalas do *Svadisthana* (6 pétalas) às do *Manipura* (10 pétalas).

As *yantras* são mandalas geometrizadas para emprego específico. Podemos dizer que o *Sri Yantra* representa uma forma *esotérica* e *sintética* de trabalhar com o sistema de chakras. O *plexo solar* é um centro de síntese, pois é através dele que o homem se relaciona com o mundo circundante. As energias dos Três Mundos "materiais" –Físico, Emocional e Mental– podem ser trabalhadas por seu intermédio. Sua natureza solar é confirmada pela Tradição. O terceiro grau, que desperta plenamente este centro, denomina-se *iniciação solar*. Podemos captar inclusive energias do Sol por seu intermédio. Os toltecas faziam uso deste procedimento:

"(...) instruiu-me para voltar o rosto para o sol, de olhos fechados, e depois respirar profundamente pela boca e puxar o calor e a luz do sol para meu estômago. Também se pode respirar diretamente com o estômago, o peito ou as costas. (...) A luz do sol é puro poder." (*A Travessia das Feiticeiras*, pgs. 132-133, Taisha Abelar)

Esta técnica pode ser incorporada às metodologias alquímica e curativa, como a da postura *Chiltan*, redirecionando a energia absorvida para outros centros.

A partir do aspecto central na esfera do coração, poderíamos tentar ver uma *simetria* no seu entorno desenvolvendo-se na forma de uma "espiral" crescente no sentido $8 \Rightarrow 16 \Rightarrow 32$, em ambas as direções (considerando por ora que o plexo solar está formado também por 8+8 pétalas como o centro da garganta, e não por 8x8).

Estas três etapas representam pois os três níveis do *vajra*: a *esfera* original da matéria, o *lótus* central da alma e o *raio* finalizante do espírito. Tal coisa está associada ao grande mantra tibetano de oito sílabas, OM MANI PADME HUM. Inclui o OM da esfera central e que representa o *bija* (sílabas sagrada) do centro da cabeça, o PADMA ou lótus que dela desabrocha, e o MANI ou jóia final. O HUM é o *bija* do centro do coração. Isto indica que os budistas também associam esta *jóia* sagrada (Mônada) ao coração. Bailey analisa o tema da "jóia do lótus" através das 12 pétalas do centro cardíaco hindú, no processo de síntese de energias do chamado *Corpo Causal* (ver *Tratado Sobre Fogo Cósmico*).

Desta forma, além de os chakras serem compostas por pétalas de energias em formas de "oito", podemos ver também o conjunto do corpo energético humano como um grande "oito", tendo nas suas divisões os cinco centros, alternado-se entre centros e síntese e dualistas (intermediários), evocando a espiral de *kundalini* e seus marcos de chakras nos transpasses:



A divisão na altura do coração –ou sob o coração– é comum na simbologia dos centros, em conexão com o diafragma. Na Árvore Sefirótica constitui um "véu" a ser transposto. Na filosofia tolteca fala-se de uma separação "horizontal" do duplo-etérico:

"O duplo divide-se em uma parte inferior e outra superior que correspondem, aproximadamente, no corpo físico, ao abdômen e ao tórax. Duas correntes energéticas diferentes circulam nessas duas regiões. Na área inferior, circula a energia original que possuíamos quando ainda nos encontrávamos no útero. Na área superior circula a energia

do pensamento. Esta energia adentra no corpo por ocasião do nascimento, ao primeiro alento. (Ela é) ampliada através da experiência e ascende até a cabeça. A energia original mergulha na região genital. Em geral, ao longo da vida, essas duas energia se separam no duplo, provocando fraqueza e desequilíbrio no corpo físico." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 266-7)

O texto sugere que os dois centros originais são o coração e o plexo solar. A energia deste surge na concepção e a energia mental aparece com o nascimento. É comum entre os povos xamânicos a idéia de que eles "pensam como o coração" –e certamente não como mera poesia. No mínimo devemos considerar uma intrincada unidade entre os centros superiores.

Com a "experiência" as energias originais se *desdobram* em outros dois centros, o da cabeça e o da região sexual. Este desdobramento corresponde à geração de *ying* e *yang*, ou dos opostos cósmicos. Nesta divisão a consciência se enfraquece e os seus interesses passam a atuar de forma fragmentária.

Com pequenas variantes, no sistema budista existe uma *duplicação* de pétalas neste processo. Assim, os centros de 32 pétalas (cabeça e base-da-coluna) situam-se nas extremidades como fontes *originais* ou *finais* de energias, conforme se queira ver. Os centros de 16 pétalas (garganta e plexo solar) representam o *núcleo* dos círculos de poder, caracterizados por movimentos definidos. E o coração é o centro universal do grande *encontro de energias*, um centro de estabilidade e pulsação.

Podemos dizer que, em princípio, cada volta no circuito energético corresponde a uma batida do coração, que ocorre quando a energia passa sobre o centro cardíaco. A batida cardíaca também pode coordenar *grupos* de voltas energéticas, a partir do momento em que a energia individual se acelera.

Os centros ímpares são aqueles de cruzamento de energias e sua natureza é elétrica e irradiante. E os centros pares são aqueles de geração de energias e sua natureza é magnética e absorvente (esta questão é tratada em nossa obra *A Arte da Unidade*).

Este circuito é semelhante àquele que descreve os tratados de yoga, no qual ascende a Kundalini, à diferença de que geralmente se diz que nesta ascensão a força serpentina faz 3,5 voltas, provavelmente envolvendo mais centros.

Esta é uma forma de constituir o casulo luminoso do homem de que falam os toltecas. Em *A Travessia das Feiticeiras* o nagual ensina Taisha Abelar um forma de fazer isto:

"'Imagine linhas saindo pelos lados de seu corpo, começando pelos pés.' Ele explicou que não se tratava realmente de imaginar as linhas, mas sim de um misterioso ato que consiste em puxá-las de região lateral do corpo, iniciando pelos dedões dos pés e continuando até o topo da cabeça. Ele afirmou que eu também deveria sentir linhas emanando das solas de meus pés e descendo e envolvendo todo meu corpo, até a nuca; e também outras linhas, que se irradiavam da minha testa e subiam e desciam ao longo da parte dianteira de meu corpo, até meus pés, formando assim uma rede ou casulo de energia luminosa." (pg. 166)

Numa síntese, podemos aproveitar a forma do oito, as linhas dos tendões e as projeções das extremidades para, através dos padrões energéticos dos "dois corpos" tecer o aura. Este padrão, para lembrar, é o seguinte: "No lado direito, a energia sobe pela região dianteira do duplo e desce pela região posterior. No lado esquerdo, a energia desce pela região dianteira do duplo e sobe pela região posterior." (*A Travessia das Feiticeiras*, pg. 267) Pode-se inclusive *alternar* os movimentos entre ambos os lados ou mesmo gerar um *circuito duplo* como o de um duplo-dorje.

Sob tal simetria, temos 104 pétalas no total, número semelhante ao de *Ajna Chakra* no sistema hindú. Tendo o coração como centro, podemos dizer que o conjunto "lhe pertence", tal como os planetas do Sistema Solar "pertencem" ao Sol. Talvez derive daí uma antiga colocação hindú do *Chandogya Upanishad* que afirma o seguinte:

Cento e um são os canais do coração.
Destes somente um chega à cabeça;
Ascende desta forma à imortalidade!
Os restantes, quando morreres,
Se perdem por toda parte.

Mais ainda, tal como neste chakra, uma vez mais temos pois pares de (16+32) 48 pétalas. Como conclusão, podemos dizer que existe uma correspondência entre o centro *Ajna* da yoga hindú e o conjunto do esquema budista. De fato, *Ajna* resume e recicla as energias, dando origem ao *Caminho de Retorno* das Iniciações Superiores. O sistema budista expressa pois este duplo processo, representado pelas duas pontas do *vajra*, objeto relacionado ao Dhyani-Buda Akshobya, regente do centro do coração. O Vajrayana é o sistema budista de *totalidade*. O símbolo do centro *Ajna* representa realmente um *vajra*:



O triângulo descendente indica o processo de manifestação ou de descenso de energias superiores que inicia nesta etapa, sob os auspícios da Palavra Sagrada AUM, que promove a síntese das energias opostas (ver Volume III desta série, *O Espelho de Obsidiana*).

Mas, uma vez mais, como no sistema hindú, o centro do plexo solar representa uma espécie de "anomalia" aparente no conjunto. No presente caso, para termos a simetria necessária, deveríamos contar com "apenas" 16 pétalas (8+8) no centro umbilical. Este número não é incomum na região, uma vez que, na yoga hindú, podemos considerar que os centros presentes na área (o esplênico, 6 pétalas, e o plexo solar, 10 pétalas), são *subdivisões* de um único centro com "média" de 8 pétalas ou, somando, 16 pétalas no total.

Porém, na yoga budista, no local de 8+8 pétalas, estes números foram *astrologizados* como 8x8, ou 64 pétalas, por se tratar de um centro universal em certo contexto. Este é o número de quadros do tabuleiro de xadrez. Diz Titus Burkhardt:

"A forma do tabuleiro corresponde ao tipo 'clássico' do *Vastu-mandala*, o diagrama que também constitui o traçado fundamental de um templo ou cidade. Simboliza a existência concebida como 'campo de ação' das forças divinas" (*Simbolos*, pg. 14).

Mais precisamente, o *vastu-mandala* diz respeito ao território-do-dharma por excelência, aquela região na qual a energia divina deve se expandir de forma irresistível, organizando o *espaço* de forma meticulosa. Neste caso, devemos associar a sua unidade de medida a graus de latitude e de longitude (no Volume III desta série tratamos nos novos padrões anunciados nas profecias).

Também podemos dizer que o *vastu-mandala* é a expressão da energia espiritual de uma dada raça-raiz. Neste sentido, é a exteriorização do novo *chakra* a ser trabalhado naquela humanidade, com todos os seus elementos. Como síntese, podemos considerar que a amplitude

do território-dharma (ou do *vastu-mandala*) pode ser ampliado conforme a evolução do centro associado.

Os budistas desenvolveram a base-8, sendo este o Plano antigo dos movimentos cósmicos, que na atualidade corresponde já à fórmula 12x12 das profecias.

Vimos que o Tantra hindu *Sat-Chakra-Nirupana* apresenta o centro do plexo solar com dois grupos de oitos pétalas internas, um dentro do outro. Seria uma tentativa de focalizar o plexo solar como um *centro universal*. Mas, além de tudo, este centro foi universal no anterior ciclo *lemuriano*, sendo apenas o centro *racial* ou "material" do ciclo áryo.

O sistema hindu focaliza antes a cosmologia (aritmética), ao passo que o sistema budista enfatiza a astrologia (geometria). A diferença entre o sistema hindu e o budista foi bem captada pelo Lama alemão Anagarika Govinda:

"O sistema Hindu acentua mais o lado estático dos centros e suas conexões com a natureza elementar, identificando-os com os elementos fundamentais e forças do universo. Isto supre os chakras com um conteúdo 'objetivo' (...).

"O sistema Budista é menos relacionado com o lado objetivo estático dos centros, porém mais precisamente com o que flui através deles, com suas funções dinâmicas, isto é, com a transformação daquelas correntes cósmicas ou energias naturais em potencialidades espirituais". (em *Fundamentos do Misticismo Tibetano*, pg. 144-5)

Com isto, o centro "nº 2" do sistema budista se destaca por representar o *oposto* do coração, na medida em que, se este apresenta o número básico de pétalas (8 unidades), o plexo solar demonstra o número completo ou máximo de pétalas (64 unidades). Naturalmente, tal coisa o isola do conjunto, uma vez que representa por si só uma *totalidade*.

É algo também como se no umbigo houvesse uma grande concentração de centros. Sabemos que esta área é muito considerada pelos chineses e japoneses, que chama-no de *Tan-den* ou centro *Hara*, podendo situá-lo pouco abaixo do umbigo (esplênico). As artes marciais têm este ponto como o próprio centro energético e de equilíbrio do corpo humano. E o mesmo faz os toltecas, pois Don Juan sempre enfatizou o fato de ser o plexo solar o elo que nos liga ao mundo, trocando através dele continuamente energias entre as pessoas e as coisas.

"O vidente *ve* que cada homem está em contato com tudo o que o rodeia, mas não através de suas mãos, senão mediante um montão de largas fibras que brotam em todas as direções desde o centro de seu abdomen. Estas fibras unem o homem com o que lhe rodeia; conservam seu equilíbrio; lhe dão estabilidade." (*La Rueda del Tiempo*, pg. 44)

Talvez Jesus tenha igualmente enfatizado este centro ao dizer: "aquele que crê em mim, de seu ventre jorrarão rios de água viva." (João, 7, 38) Com efeito, este centro pode ser identificado ao elemento *água*, especialmente se o associamos ao esplênico, embora no Budismo tal elemento se relacione ao coração (as traduções modernas da Bíblia dizem "de vosso seio" jorrarão...).

Esta associação de totalidade com o ventre se aproxima de certos procedimentos mágicos chineses. Algumas meditações taoístas tratam de colocar o *Ba-Guá* sobre o ventre (os videntes toltecas também costumam colocar objetos neste centro), tendo em vista concentrar ali as energias. O *Ba-Guá* é o amuleto sagrado por excelência dos taoístas, e consiste no símbolo do TAO cercado pelos oito trigramas.



O símbolo do TAO, onde *ying* e *yang* se completam, equivale ao movimento energético da forma do número *oito*. Abaixo, demonstramos este fato adaptando o símbolo taoísta a este número. Neste caso, os centros ficam melhor representados, pois o interior dos círculos estão agora associados a polaridades e a *elementos* definidos.



Quando o *Ba-Guá* é sobreposto ao ventre deve ser visualizado em *movimento*, tal como sugerem suas formas. Este símbolo também pode ser considerado *quádruple*. Os dois pequenos pontos que centralizam as duas grandes energias em movimento são chamados "jovem *ying*" e "jovem *yang*", e são como *centros de equilíbrio* no sistema psico-fisiológico humano, podendo ser associados ao pleno solar e ao coração, que são os centros originais dos toltecas.

As combinações dos oito trigramas geram os 64 exagramas do I Ching. Por vezes o grupo de trigramas se acha centralizado pelo Vazio, que também equivale ao signo de *Dragão* da cosmologia chinesa, imagem do Polo (expresso no "Imperador Celeste") em torno do qual posiciona-se as oito constelações da Astrologia cósmica taoísta.

Podemos dizer portanto que o I Ching tem uma especial aplicação para este nível de energia. Cada centro pode ser melhor trabalhado através de um sistema correlato. No sistema hindu, por exemplo, este centro tem 10 pétalas e nisto se equipara à Árvore Sefirótica (mas sempre devemos lembrar a importância da Hierarquia para a vivificação e a efetivação de qualquer sistema, possibilitando que o carma seja afastado: o mestre é aquele ser que remove o carma através de sua impecabilidade e sacrifícios, abrindo com isto os nossos caminhos).

A fisiologia sutil chinesa apregoa que existem 8 meridianos extra-ordinários e 12 meridianos ordinários. A escala musical setenária trabalha com "oitavas". Don Juan parece valorizar o ciclo de oito dias para os guerreiros experimentarem algo (cf. *Viagem a Ixtlan*).

O Tibetano também afirma ser o oito o "número do Cristo" (Bailey, *Op. cit.*, pg. 467) –quicá por ser o oitavo em relação aos sete *rishis*. Oito são os raios da Roda do Dharma. Certas mandalas nahuas e maias, como o Códice *Huahom-Che* ou "Cruz das Árvores" (ou "Fejérvary-Meyer", analisado por nós na *Revista Órion de Ciência Astrológica* nº 6), apresentam os "Nove Senhores do Tempo" (também chamados Os Nove Senhores *da Noite*) reunidos em pares nos quadrantes e associados à quatro árvores-taus, centralizados pelo deus *Xiuhtecuhtli* ou do "Fogo Celeste", por ser um ente quaternário porém superior, e o primeiro dos Nove Senhores (às vezes este deus também é identificado à *Tepeyollotl*, o "Coração da Montanha"). Este ser está

posicionado em forma de cruz e dele emanam quatro raios para os pontos intercardiais, integrando as oito direções.

A Arca de Noé também comportava oito integrantes: Noé, seus três filhos Sem, Cam e Jafé, e suas respectivas esposas. Em sânscrito, "arka" significa *sol*, e os quatro vetores energéticos que originam o grupo óctuple estão igualmente relacionado à constituição dos extratos ou camadas solares. Krishna, um Avatar solar, tinha oito esposas principais e sua cidade (que chamava-se *Dwarka* ou *Dwarati*) era octavada.

As 19 unidades de oito nos chakras budistas, representam em si um *número solar*. O Arcano XIX chama-se O SOL, e tal número se aproxima dos 18 meses do Calendário Solar meso-americano ou dos 20 dias de seus meses. Em *Viagem a Ixtlan* (cap 13) Don Juan faz um círculo mágico para Castañeda, composto por 18 pedras que chama "cordões" de suspensão de consciência ("O leito de 'cordões' era feito exclusivamente para permitir ao guerreiro alcançar certo estado de paz e bem-estar." –pg. 174). Taisha Abelar é instruída para realizar um exercício 18 vezes (cf. *A Travesia das Feiticeiras*, pg. 102).

A única coincidência numérica com o sistema hindú é o centro da garganta (que é o *chakra* espiritual "áryo" por excelência), de 16 pétalas. E as 152 pétalas do sistema tibetano tem neste centro de 16 pétalas quase um *fractal* de sua totalidade (1/10 de proporção).

Em certo sentido, aqui também se poderia determinar o *quatro* como o número básico. Nisto, é preciso ver que o *oito* atua como um "circuito integrado" centralizado por uma cruz de energias que reúne dois polos (ou dois "círculos de poder"), podendo-se ver nisto a fórmula 2x4 que congrega a periferia do quadrado e a centralidade da cruz. Em *Passes Mágicos*, Don Juan Matus diz que um vidente vê os centros girando no sentido anti-horário. No entanto, sabe-se que, ao menos depois da iluminação, este movimento é *ambivalente* ou, como diz o Tibetano, "quadridimensional" (*Tratado Sobre Fogo Cósmico*, Bailey). Este padrão de reciprocidade pode ser obtido através da forma do *oito*.

A razão deste padrão energético básico é porque "esses centros são, em última análise, de dupla função", para construir a *forma* divina e possibilitar a sua plena *expressão* (cf. Alice A. Bailey, *Um Tratado sobre Magia Branca*, pg. 467). Esta duplicidade propicia entre outras coisas o processo de *manifestação divina*. Por isto as construções dos Templários tinham oito lados. Num Códice do grupo Borgia vemos as iniciações de Quetzalcóatl em número de nove, identificando-o assim a um Buda da categoria *Manushi* como foi Gautama (analisamos este Códice na Revista Órion de Ciência Astrológica, nº 3). Daí que ambos os ciclos culturais iniciaram juntos, o budista e o pré-colombiano.

Oito é a soma cabalística final das letras do *Nome Divino* IHVH, que vale 26 (2+6=8). De fato, o oito é um número *espacial* ou apto a ser cosmificado. Existem oito emanções da "Águia" dotadas de consciência. O aparecimento do feiticeiro *desafiador da morte* conhecido como "o Inquilino" deu-se durante a existência do oitavo nagual na linhagem de Don Juan, chamado Sebastian. Uma das cidades mais valorizadas pelos videntes da linhagem de Don Juan era Oaxaca, no sul do México, em função das energias mágicas pendentes dos tempos antigos. E o nome desta cidade significa "oito". Da mesma forma, a segunda cidade mais antiga dos maias (datada de 327 d.C. nos seus próprios registros, depois de Tikal apenas), era chamada "Oito Anos", *Uaxactun*. *Dwarka*, a "Cidade das Portas" onde reinava Krishna segundo o Mahabharata, tinha oito lados e suas quatro portas eram feitas de distintos metais.

O símbolo deste algarismo é sagrado pois representa um circuito natural de energia, expressando o *infinito*, o equilíbrio e a justiça (Arcano VIII e signo de Libra). Seu circuito estabelece o *duplo círculo de poder*, o qual uma vez completo dará origem a um terceiro círculo unificado, recomeçando assim o ciclo.

Por influenciar planos e centros, no grupo de guerreiros a estrutura óctuple recebe o nome de "planetas", sendo que as quatro sonhadoras são o "planeta da esquerda" e as quatro espreitadoras são o "planeta da direita". Na verdade, cada guerreira é *um planeta* neste esquema análogo ao do sistema solar.

O regulamento dá grande valor para o feminino ou para os pares em geral, ainda que do mesmo sexo, enfatizando a complementaridade *energética*. Assim, as duas guerreiras de cada casa tendem a parecer gêmeas, apesar de uma ser *sonhadora* e a outra *espreitadora*. Nisto também elas se complementam e polarizam.

Por isto um dos símbolos deste Regulamento é a cruz maia ou latina, que é a mesma cruz ansata egípcia, associadas aos processos cósmicos de geração dual. Entre os meso-americanos, são os "espelhos fumegantes" *Tezcatlipocas*, associados às posições cardeais e que carregam tais cruzes às costas, como árvores de sacrifício e de *vida*. A exemplo das mitologias orientais que apresentam os deuses com suas consortes, os deuses pré-colombianos amiúde aparecem aos pares, sobretudo nos *mandalas* e calendários, formando grupos de 8.

Os planetas-guerreiros estão centralizados pelo Nagual, que surge neste quadro como um verdadeiro Sol. Esta organização mandálica representa algo além do padrão atlante e xamanista tradicional, enquadrando-se antes num plano tipicamente áryo. Trata-se portanto de um trabalho de origem tolteca, uma vez que Tula foi o epicentro do Quinto Sol ou do quinto milênio deste ciclo solar, a Era de Quetzalcóatl.

O escudo pré-colombiano abaixo, similar ao símbolo do Ying-Yang do taoísmo, é o emblema de *Hunab Ku*, suprema deidade do panteão maia ou o *Oncecutli* dos nahuas, o deus maior da dualidade que preside no 13º céu.



Contém 8 esferas periféricas, 12 degraus intermediários e 2 polaridades centrais, totalizando 22 elementos, que é o número do *conhecimento perfeito*. Também revela padrões que se prestam mais aos Videntes Cósmicos com sua base ternária. O importante aqui são as *polaridades*, através das oito esferas externas, geradas pelo movimento dual cósmico das *taus*, dando origem a três ciclos pares pelo cubo de dois (2x2x2) que resulta nas 8 direções e nos quatro "espelhos fumegantes" ou *Tezcatlipocas*, como os Espelhos de Sabedoria do dharma de Maitreya (ver nossa obra *Tushita - O Dharma de Arco-íris de Maitreya Buda*).

Sob o elemento centralizador áryo, este quadro resultou na Enéade do Egito, através da fórmula *racial* 3x3. Por isto o grande protótipo meso-americano dos Videntes Telúricos (xamânicos ou neo-atlantes) está presente na teologia dos Nove Senhores do Tempo.

A manifestação deste arquétipo universal está especialmente presente na grande cidade do mito tolteca: *Tula* (ver no Volume II desta série).

* No Hinduísmo também é dito que os *nadis* ou canais estão formados por "cinco bainhas" e que o *nadi* central abriga cinco divindades: Brahma, Vishnu, Rudra ou Shiva, Sadavasi e Ishvara.

Capítulo 11

O Feminino na Cultura Extremo-Occidental

No toltequismo esotérico ou nagualismo, vamos sempre encontrar um lugar para a mulher, perfeitamente equiparável ao lugar masculino.

Os grupos de guerreiros apresentam uma organização criteriosa como em nenhuma outra parte. Talvez apenas a Maçonaria defina com tanto rigôr a numerologia de seus grupos e lojas.

Os grupos toltecas estão perfeitamente divididos entre homens e mulheres, podendo até ter predominância destas últimas, às quais é atribuído maior estabilidade, pragmatismo e facilidade no trato do oculto.

Este quadro contrasta porém com outras ordens, onde à mulher, quando lhe é dado algum espaço, lhe é reservado um lugar menor e à parte. O sacerdócio feminino, por exemplo, raramente é admitido nas ordens, a não ser em seitas maiormente voltadas para a magia natural ou a feitiçaria.

Exta tolerância ao feminino é uma das características das culturas extremo-ocidentais como foi a atlante, onde o matriarcado é uma norma.

As próprias linhagens toltecas reveladas por Castañeda tiveram ciclos regidos por homens e por mulheres. Diz-se que estas últimas emprestaram um grau até perigoso de pragmatismo.

O símbolo do signo da Nova Era, Aquário, são duas ondas paralelas, característica feminina ou dual. De fato, o "feminino" não significa necessariamente a mulher, mas sim uma ênfase na dualidade.

Este símbolo representa pois a convivência harmoniosa das polaridades: matéria e espírito, masculino e feminino, superior e inferior... enfim, os chamados "opostos", que são na verdade aspectos complementares de um todo.

De fato, existem muitas formas de contrapor os opostos, mas em Aquário esta relação denota beleza e liberdade. As ondas paralelas sugerem uma dança e um companheirismo especial. E neste sentido, o Regulamento dos grupos toltecas tem muito a ensinar, ali onde dispõe claramente as funções e a importância das mulheres.

Na sequência vamos tratar de aprofundar a importância da dualidade. As religiões extremo-ocidentais sempre colocaram a dualidade no ápice de seus sistemas, assim como as religiões de origem atlante como a chinesa, onde Ying e Yang representam essências supremas reunidas no TAO.

a. A Dualidade como Base de Transcendência

A questão da *polaridade* é desde sempre um fator de harmonia no universo. O Taoísmo formula isto muito bem através da filosofia de *Ying* e *Yang*. A composição de nossos cromossomos também está feita em pares, e em nosso corpo observamos uma ampla distribuição de dualidades, a ponto de mesmo órgãos únicos como o coração e o cérebro se encontrarem divididos em grupos de pares.

Naturalmente, como tudo o mais, a dualidade não se justifica apenas por si mesma, mas também por aquilo de que deriva e por aquilo que produz. Ela deriva diretamente da Unidade divina, sendo o primeiro ciclo de diferenciação do universo. E aquilo que ela produz é a *dialética cósmica*, a mutualidade e a transcendência, ou o retorno à unidade através da combinação e da multiplicidade. Não se trata pois da busca pela coisa-em-si, em qualquer dos opostos, mas do equilíbrio, da magia, do absoluto ou do indiviso. Diz o *Tao Te King*: "O Tao produz o Um; o Um produz o Dois; o Dois produz o Três e o Três produz todas as coisas."

De fato, o *valor secreto* de 2 é 3 (ou seja: $1+2=3$), e em termos *qualitativos*, o dois gera o Terceiro Princípio, que é o da Dialética. Por isto a visão requer a participação de dois olhos, única forma de se obter a chamada "perspectiva" ou a profundidade, que representa a Terceira Dimensão do Espaço na Física moderna (na Tradição de Sabedoria temos a imagem do "Terceiro Olho", de certo modo associado a isto). Sem este contraste tudo o que temos é uma imagem plana, incapaz de oferecer a possibilidade de movimento. E nisto, podemos pensar que tal dimensão de transcendência também se aplique a todos os restantes sentidos e seja um resultado universal do Princípio de Contraste.

Mas em termos *quantitativos*, podemos observar que o dois também produz diretamente o quatro. Por isto vemos no Taoísmo que *Ying* e *Yang* geram o *Pequeno Ying* e o *Pequeno Yang*, também chamados *Céu e Terra* –ou sejam, os elementos "Ar" e "Terra", ao passo que o *Grande Ying* e o *Grande Yang* originais correspondem aos elementos "Fogo" e "Água". O *Pequeno Ying* e o *Pequeno Yang* surgem das combinações entre o *Grande Ying* e o *Grande Yang*.

Na simbologia medieval dos Quatro Elementos, podemos observar a mesma derivação simbólica. "Ar" é "Terra" são representados pelos mesmos triângulos de "Fogo" e "Água", porém com um traço horizontal indicando uma limitação de tendências ou uma divisão interna de influências.

No símbolo do Tao, o *Grande Ying* e o *Grande Yang* estão representados como energias em movimento, enquanto que o *Pequeno Ying* e o *Pequeno Yang* aparecem como pequenos círculos situados no centro dos anteriores, no caso, sempre reunidos em cores ou princípios opostos, como se observa abaixo.



Esta geração de um segundo ciclo representa também a separação entre os princípios opostos associados ao Caos original. Nos mitos genésicos temos a criação como fruto direto deste contraste original. Na teologia egípcia é o Ar (*Shu*) separa a Terra (*Gueb*) e o Céu (*Nut*), tal como no Genesis o Firmamento e a Terra são gerados depois de separadas as águas do Caos original.

A rigor, a Terceira Dimensão (profundidade) não pode ser dissociada da Quarta Dimensão (tempo). É na prática impossível pensar em profundidade verdadeira sem o processo de percorrê-la, a menos que estejamos tratando de mera "perspectiva" representativa, como fazem os artistas em seus quadros. Podemos então traçar as seguintes correlações:

- 1ª Dimensão Fogo
- 2ª Dimensão Água
- 3ª Dimensão Ar
- 4ª Dimensão Terra

Na estrutura zodiacal destes Quatro Elementos, podemos observar que eles realmente surgem como síntese de energias opostas, e neste caso correspondem antes de tudo ao princípio *satwa* ou ao ritmo fixo no Zodíaco. É o equilíbrio dos opostos que dá lugar à estas energias construtivas e portanto *iniciáticas*.

O contraste é pois aquilo que produz a evolução, através da transcendência dos opostos. Mas a fim de obter esta transcendência, devemos alcançar o perfeito equilíbrio entre estes opostos. A Grande Arte está em colocar-nos devidamente no centro do universo, tendo à nossa volta todas as dualidades cósmicas em harmonia e sobre nós a estrela da divina Unidade.

Capítulo 12

Os Círculos de Poder

Os Círculos de Poder são esferas energéticas definidas, onde podemos transitar e obter conhecimento. Cada Círculo contém a sua característica, e eles vão tornando-se mais complexo na medida em que vão evoluindo, ao mesmo tempo em que o guerreiro-viajante adquire maior poder pessoal.

Os Quatro Círculos de Poder estão inicialmente associados aos quatro planos *telúricos* que encerram a evolução humana, relacionados aos Quatro Elementos. Poucos percebem no entanto que os símbolos destes elementos da natureza são *triangulares*, e tudo o que isto significa.

Como os triângulos representam unicidades, através dos *alinhamentos de energia*, cada Círculo completo integra uma *tríade* de mundos. E isto encerra com a filosofia tolteca:

"Os feiticeiros sempre contam os acontecimentos de três em três." (em *A Travessia das Feiticeiras*, pg. 133, Taisha Abelar)

No entanto, existe um quadro de interrelações que antecipa os contatos das tríades completas. Cada iniciação racial conecta um novo anel de poder que tem como polo superior o grau hierárquico correspondente.

a. Círculos e Alinhamentos

Como existem até quatro Círculos de Poder, eles podem ser ativados através das primeiras quatro iniciações raciais. A associação entre estes graus e os círculos e alinhamentos é a que segue:

O 1º grau ativa o 1º Círculo: *Personalidade*.

O 2º grau ativa o 2º Círculo: *Alma*.

O 3º grau ativa o 3º Círculo: *Espírito*.

O 4º grau ativa o 4º Círculo: *Logos*.

Estes alinhamentos são descritos no budismo como os "quatro corpos do Buda". São eles: *Nirmanakaya* ou corpo material de manifestação, *Sambogakaya* ou corpo psíquico de

compaixão, *Dharmakaya* ou corpo espiritual de ensinamento e *Vajrakaya* ou corpo divino ou "adamantino" de revelação.

Castañeda tratou de dois primeiros círculos de Poder, chamados *Tonal* e *Nagual*. Porém, baseado nas antigas estruturas cosmológicas meso-americanas, podemos atribuir à filosofia tolteca dois outros círculos de poder, reencontrando um quadro também universal.

A estes dois círculos superiores denominamos *Quauhtl* (Águia) e *Ocelotl* (Jaguar). Tais designações referem-se tanto aos graus 3º e 4º como aos alinhamentos 3º (Espírito) e 4º (Logos)

Até agora a humanidade tem desenvolvido três iniciações, de modo que seus contatos superiores culminavam na fórmula $3 \times 3 = 9$. O 9º grau é o do Buda Manushi (como Gautama), o qual irradiava as suas energias e ensinamentos à humanidade. É por isto também que as energias dos novos videntes advinham da Águia.

Os três grupos ternários de mundos correspondem a *três círculos de poder*, na fórmula total de 3×3 planos associados aos Nove Mundos dos "Senhores do Tempo" dos pré-colombianos. O símbolo do 9 é um círculo, pois ele corresponde ao Zero da escala decimal, valor que apenas os maias e os hindús tinham na Antiguidade.

Podemos fazer um paralelo entre estes "Círculos de Poder" com as "Voltas do Dharma" do Budismo, os *yanas* ou caminhos históricos do Budismo. O Budismo contempla normalmente *três* voltas do Dharma, encerrando com o Budismo *Vajrayana*, tido como o mais completo e avançado. Mas podemos também relacionar o *Vajrayana* a uma *quarta* volta do dharma, cedendo a terceira posição ao Budismo *Dhyana*. Tanto é assim que comumente se diz que o *Vajrayana* traz consigo um *quarto refúgio*, através do Guru (os outros são o Buda, o Dharma e a Sanga, que podem assim ser associados aos restantes *yanas*). Estes *yanas* associam-se ainda aos quatro *kayas* ou veículos do Buda vistos acima.

A correlação entre os Círculos de Poder e os *yanas* é:

TOLTEQUISMO

BUDISMO

1º Círculo de Poder: *Tonal* ~ 1ª Volta do Dharma: *Hinayana*

2º Círculo de Poder: *Nagual* ~ 2ª Volta do Dharma: *Mahayana*

3º Círculo de Poder: *Quauhtl* ~ 3ª Volta do Dharma: *Dhyana*

4º Círculo de Poder: *Ocelotl* ~ 4ª Volta do Dharma: *Vajrayana*

Cada Círculo destes tem sua base em um plano nos triângulos cósmicos. Ao mesmo tempo, cada qual está conectado a um *triângulo* da Árvore Sefirótica, os chamados *alinhamentos de consciência* tratados anteriormente, ou sejam, Personalidade, Alma e Espírito, os quais se acham associados a um *Raio de Aspecto* divino. O Quarto Círculo refere-se ao Logos, representado pelo Tríplice AIN da Árvore cabalística.

A classificação é a seguinte:

O *Primeiro Círculo de Poder* rege o plano básico de cada tríade e o alinhamento da Personalidade (1º, 2º e 3º graus) em geral. Encontra-se sob a jurisdição do 3º Raio, de Atividade-e-Inteligência.

O *Segundo Círculo de Poder* rege o plano central de cada tríade e o alinhamento da Alma (4º, 5º e 6º graus) em geral. Encontra-se sob a jurisdição do 2º Raio, de Amor-e-Sabedoria.

O *Terceiro Círculo de Poder* rege o plano superior de cada tríade e o alinhamento do Espírito (7°, 8° e 9° graus) em geral. Encontra-se sob a jurisdição do 1° Raio, de Vontade-e-Poder.

O *Quarto Círculo de Poder* rege as unidades das tríades e o alinhamento do Logos (10°, 11° e 12° graus) em geral.

Na literatura de Castañeda, a consciência está dividida inicialmente em dois campos principais chamados *tonal* e *naqual*. Mas por suas definições, estes princípios também podem ser vistos como genéricos e relacionados a polaridades, como *ying* e *yang*. O *tonal* é mental, racional e positivo; o *naqual* é emocional, intuitivo e negativo.

Estas visões não são antagônicas: os números 1 e 2 representam polaridades universais, ao mesmo tempo em que definem posições ordinais. Pitágoras inclusive dizia que eles não são números, mas princípios polares. Neste aspecto, o *tonal* associa-se ao lado direito do corpo, e o *naqual* ao lado esquerdo.

O intercâmbio dos opostos gera estados de consciência equilibrados e transcendentais, emergindo assim duas novas modalidades energéticas, de certo modo superiores às anteriores, apesar de ser delas derivados.

Avaliemos agora a natureza dos quatro Círculos de Poder.

1. O Primeiro Círculo: o *Tonal* (Objetividade)

O *tonal*, definido como o "Primeiro Círculo de Poder", representa o campo das coisas conhecidas, tudo aquilo que podemos nomear. É, por assim dizer, a área do **pensar** e da **razão**.

O mestre fala tanto ao *tonal* como ao *naqual*. Mas geralmente existe um **mestre** para coordenar o *tonal* e um **benfeitor** para coordenar o *naqual* (em Castañeda, estas funções foram ocupadas por Don Juan Matus e Don Genaro Flores). O *tonal* pertence ao lado direito e é trabalhado no caminho do guerreiro, ao passo que o *naqual* pertence ao lado esquerdo e é trabalhado no caminho do conhecimento. Naturalmente, o primeiro serve de base para o segundo.

O *tonal* é o que confere *sentido* às coisas (cf. *Porta para o Infinito*, pg. 111). Ele ordena as percepções, embora não seja responsável por elas. Preserva a ordem material como um "guardião do bom senso", embora geralmente termine se transformando em guarda, aprisionando a consciência à racionalidade.

Sem ele não podemos existir fisicamente. Por isto ele começa no nascimento e termina com a morte. O *tonal* deve ser protegido com carinho, sob pena de a pessoa se desestruturar. Senão ele pode se refugiar no *naqual* e a pessoa se torna uma alienada. Assim, embora o *tonal* deva ser reduzido, também deve ser fortalecido. E isto os feiticeiros fazem alimentando-o com elementos do *naqual*, ou mesmo com outras descrições de universo, maleabilizando enfim o *tonal*.

Um *tonal* perfeito se divide em duas partes equilibradas: uma metade exterior relacionada à *atividade*, e outra metade interior relacionada ao *julgamento*. Um primeiro desafio do guerreiro é alcançar a harmonia entre seus atos e suas decisões, através da *impecabilidade*, para depois harmonizar o *tonal* e o *naqual*.

O *tonal* não é simplesmente o mundo das aparências. Se este não tiver ordem e poder nada será, apenas caos. A verdadeira consciência do *tonal* está capacitada a organizar o mundo concreto de uma forma equilibrada e livre. Somente assim ele pode ser polarizada por sua contraparte, o *naqual*. Por isto o primeiro a ser abordado é o *tonal*, que deve ser convencido a largar o controle da totalidade do ser. E isto é feito inicialmente através da *Explicação dos*

Feiticeiros, que busca demonstrar que este mundo não é o único que existe, tratando-se antes de uma simples descrição, como demonstram as Verdades sobre a Consciência. O *tonal* é convencido por motivos, e o *naqual* por ações.

Se o *tonal* não está fortalecido e disciplinado, não existe espaço para a consciência do *naqual*. É a estruturação do *tonal* que permite o acesso ao misterioso, ao além. Por outro lado, o *naqual* deve reforçar o *naqual* através do poder pessoal. Mas leva-se anos de treinamento para suportar o impacto do *naqual*. A "ilha do *tonal*" deve ser não apenas organizada, como também limpa de elementos supérfluos para suportar os ventos do oceano do *naqual*. Um homem comum, ao assistir certos "milagres", poderia sucumbir imediatamente. Os videntes dizem existir realmente um vendaval além dos portões do *tonal*, "um vento que pode soprar a vida da gente e acabar com ela" (op. cit, pg. 158).

Por isto o *tonal* deve ser varrido e limpo continuamente. "Uma ilha limpa não apresenta resistência; é como se ali nada houvesse" (op. cit, pg. 156). Um *tonal* fortalecido e purificado, ou seja, simples, é como um teia pela qual passa a luz que vem do *naqual*, é um convite às energias cósmicas.

O mestre estabelece uma unidade de consciência através do *tonal*, para depois receber do benfeitor os sussurros do *naqual*, dividindo esta consciência em dois setores. O *naqual* faz a saturação do *tonal* quando este é desviado de suas atividades normais. A chave para isto é desligar o diálogo interno, e os dois recursos imediatos são a "forma correta de andar" (uma forma especial de caminhar) e "atuar sem esperar recompensas" (desapego). Além disto, existem duas outras técnicas principais: apagar a história pessoal e *sonhar* (op. cit, pg. 210). Mas os feiticeiros estão convencidos de que somos tão difíceis de lidar que normalmente temos que ser ludibriados. Por isto a obediência ao mestre é tão importante, reforçada de uma série de recursos para diminuir o nosso ego.

De certo modo, pertencem ao *tonal* as três primeiras iniciações, relacionadas aos planos físico, emocional e mental, envolvendo os chamados "Três Mundos de Esforços Humanos". Diz Don Juan: "Um guerreiro nunca deixa a ilha do *tonal*. Ele a utiliza." Isto significa saber empregar os bens materiais, os dons sensíveis e os recursos mentais.

O alinhamento entre estes três centros forma a Tríade Inferior, que é o instrumento operativo do alquimista. Representa o centro da Personalidade integrada. Pode-se dizer que a força aglutinante da vida dependa em princípio deste alinhamento, assim como o poder de manejar livremente o ponto de aglutinação através da visão interior e da *intenção*. De fato, este centro de coesão é a *vontade* (op. cit., pg. 240).

Este Círculo de Poder está relacionado ao *pré-conhecido*.

2. O Segundo Círculo: o *Naqual* (Relatividade)

Entre os toltecas a consciência está basicamente dividida em dois campos principais, chamados *tonal*, que é o mundo cotidiano das coisas conhecidas, e o *naqual*, o mundo misterioso das coisas desconhecidas.

Agora trataremos do *naqual*, definido como o "Segundo Círculo de Poder", e representando o campo das coisas desconhecidas, tudo aquilo que podemos perceber sem compreender racionalmente, embora certamente dotado de leis próprias e muito mais livres. Esta é a área da *sentir* e da *vontade*.

Está relacionado ao lado esquerdo do corpo, e isto pode ter relação com a figura de *Huitzilopochtli*, o "Colibri Canhoto", nome do deus solar nahua cultuado pelos astecas. O colibri

era para eles um símbolo da *ressurreição* ("Os astecas diziam que este pássaro morre durante a seca para reviver no princípio da estação das chuvas" – Laurette Sejourne, *Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo*, pg. 173), daí o sacrifício do coração ao Sol, pelo qual se alcança a luz.

O *naqual* é plenamente liberado com a morte, atuando geralmente como um agente desintegrador sobre as percepções do *tonal* incapaz de suportar o impacto das forças do além (Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 121). Mas isto também pode ocorrer durante a vida se o *naqual* emerge sobre um *tonal* despreparado. Quando a coesão é possível, se pode até mesmo sentir a desintegração através do *naqual* e manter a unidade (Castañeda, *op. cit.*, pg. 236 ss.). Um feiticeiro pode inclusive reaglutinar seus elementos sob formas distintas, se tem acesso a outros movimentos do ponto de aglutinação. Além disto, "o aglomerado de sentimentos pode ser obrigado a unir-se instantaneamente em qualquer lugar, (inclusive) aqui e ali ao mesmo tempo", gerando uma forma de *bilocação*. Isto tem a ver com o sósia, um "produto" natural de *sonhar*.

"O *naqual* é a única parte de nós que consegue criar", diz Don Juan, referindo-se às suas atividades mágicas.

O *naqual* está associado à uma Tríade Superior. E está também bastante associado ao plano emocional. *Sonhar*, por exemplo, é considerado "a coroação dos esforços do feiticeiro, o uso final do *naqual*" (Castañeda, *op. cit.*, pg. 220). Por isto o "terceiro círculo do poder" relaciona-se já ao plano mental.

No final ambos se completam e até se identificam no setenário sagrado. "O *tonal* de cada um de nós não é mais que o reflexo daquele desconhecido indescritível, cheio de ordem; o *naqual* de cada um de nós não é mais que um reflexo daquele vazio indescritível que contém tudo" (*op. cit.*, pg. 244). Tais universos são tão amplos e completos, que dão a oportunidade de separar virtualmente o ser humano em "dois corpos". O *tonal* vê o mundo pela ótica do sentido, da razão e da causalidade, enquanto o *naqual* contempla as coisas pelo ângulo do vazio, da magia e da aparente casualidade. Esta é a conclusão final da *Explicação dos Feiticeiros*.

O primeiro círculo representa a descrição "objetiva" do mundo. Existem todavia outras descrições ou, como Castañeda descreve na introdução de *O Lado Ativo do Infinito*, outras sintaxes que não tratam das coisas em termos de início, meio e fim, mas que se baseiam no fator *intensidade*, por exemplo. A intensidade é uma qualidade da consciência, e para isto devemos ter acesso a mundos em que a consciência é *livre*, tal como o segundo círculo de poder. Isto não significa que possamos desprezar as bases materiais antes do tempo. O momento em que podemos deliberadamente abandonar o corpo físico, é aquele em que também nos capacitamos a dele sair voluntariamente, através da "viagem astral". Apenas esta habilidade nos concede a segurança mínima de sobrevivência consciencial, tecnicamente falando, ainda que também possamos manter a Alma através de vínculos com seres sagrados, e inclusive reencarnar visando aprimorar estes laços cármicos.

Este Círculo de Poder está relacionado ao *desconhecido*.

3. O Terceiro Círculo: o *Quauhtl* (Globalidade)

Existem ainda outros dois "Círculos de Poder", raramente citados por Castañeda, mas que diz respeito a tudo o que transcende as formas, concretas ou sutis, para além das 48 faixas de consciência do universo conhecido.

Nota-se que os novos videntes tinham pouco a dizer sobre a "liberdade" em si, sobre seus planos de atuação e técnicas de desenvolvimento. Tratava-se de um ideal vago, e isto pela própria elevação e a raridade do tema, tornando "pouco práticas" as suas premissas a não ser em termos genéricos. Por isto talvez os próprios mestres toltecas tivessem poucas informações a respeito, ao menos no âmbito dos novos videntes, uma vez que certamente os Antigos sabiam muito mais a respeito, especialmente os magos das épocas clássicas dos Meso-América (Iº Milênio d.C.).

Com a chegada do Terceiro Ciclo de Videntes tais informações voltam a ser outorgadas, uma vez que se tratam dos *Videntes Cósmicos*, aqueles para quem tais conhecimentos serão essenciais.

O Terceiro Círculo de Poder é o campo das novas revelações espirituais, e diz respeito aos destinos cósmicos, aos processos divinos e às grandes ordens avatáricas (como a Ordem da Estrela da Manhã, ou a Ordem de Melquisedec).

Naturalmente também abrange três planos, no caso, extremamente elevados em sua própria esfera. Mas este círculo pode ser contactado a partir no nível *mental*. O Terceiro Círculo é, claro, centralizante. É uma síntese liberadora e a sua conscientização representa a grande conquista dos Novos Videntes:

" (...) ambos os *fazeres* são mentiras, irreais, e prender-se a qualquer um deles é uma perda de tempo, pois a única coisa que é real é o ser em você, que vai morrer. Chegar a esse ser é o *não-fazer* do eu."

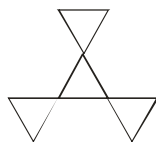
Este Círculo de Poder está relacionado ao *incognoscível*.

4. O Quarto Círculo: o *Ocelotl* (Totalidade)

Neste aspecto, devemos tratar ainda de um *Quarto Círculo de Poder*, centralizador e associado ao Logos central, na medida em que os graus divinos podem chegar até o 12º. O ciclo de nove graus tem sido o mais difundido (Teosofia, Bailey), mas a verdade é que existem muitas referências a escalões maiores.

Ocelotl está relacionado às origens supremas, ainda mais remotas que a Águia, embora a ela associada.

Este círculo trabalha com as tríades enquanto unidades e as coordena como conjunto, gerando uma nova tríade cósmica que reúne as restantes. O diagrama abaixo, dado por Bailey, ilustra isto.



Como "cada grau racial conecta um novo anel de poder que tem como pólo superior o grau hierárquico". Estando a nova raça polarizada no quarto grau e tendo o seu *contato* hierárquico no sexto, é chegada a hora de a humanidade descobrir também o *Quarto Círculo de Poder*, das esferas lógicas, graus que tratam verdadeiramente de evoluções cósmicas. Por esta razão se dão "a público" os informes sobre os *Caminhos de Evolução Superior*. O Primeiro Círculo de Poder foi ativado na Lemúria; o Segundo Círculo de Poder foi ativado na Atlântida; o Terceiro

Círculo de Poder foi ativado na Aryavatha; e o Quarto Círculo de Poder será ativado na Américas.

Por isto, uma outra abordagem dos Sete Sendeiros é aquela que os associa aos *graus divinos*. Existem tradicionalmente *sete graus* a partir de *Chohan*, de 7° ao 13°, especialmente na culturas meso-americanas e na Cabala hebraica. Estes graus incluem cargos cósmicos imensuráveis que abrangem dois planos cósmicos completos, especialmente o Astral Cósmico, razão pela qual o Sendeiro de Serviço Terreno conduz até este plano.

Os quatro círculos de poder refletem os quatro tipos de fogos cósmicos, tais como veremos a seguir. Tratam-se das fases a que está sujeito a evolução deste ponto focal de energia chamado "ponto de projeção" (ver Volume III desta série, associado ao "ponto de aglutinação" dos toltecas –ver Volume II da série), resumindo assim a própria natureza dos fogos cósmicos em seus estágios progressivos, tal como se apresentam na base de todos os níveis de expressão do universo.

b. Os Quatro Tipos de Fogos

Para conhecer a natureza dos processos espirituais do fogo cósmico, é útil conhecer a formação dos corpos estelares no cosmos. As mesmas leis e processos regem ambas as realidades.

Assim, o Sol é um corpo físico, mas pela Lei de Analogia, e por representar um corpo luminoso de pleno desenvolvimento, apresenta uma estrutura ígnea completa. Da mesma forma como o Sol está constituído por quatro camadas, a evolução da energia corresponde à geração de quatro tipos distintos e sucessivos de fogos.

1. *O Fogo Frictivo*. O primeiro grau da energia é chamado *Tratado Sobre Fogo Cósmico* de Alice. A. Bailey de *fogo frictivo*, associa-se ao Elemento Terra e pertence ao universo da Personalidade. A palavra sugere atrito, sendo o atrito a forma mais básica de gerar energia. Naturalmente isto pareceria envolver o aspecto básico e físico da sexualidade mas, além da disciplina física e do naturalismo, o verdadeiro trabalho espiritual desta etapa é com a educação da Palavra. Nos processos de transferências de energias descritos no item anterior, observamos que a mudança de focos do centro sexual se dirige para o laríngeo. Na estrutura do fogo esta energia corresponde ao aspecto *chama*, e na formação da energia responde pelo processo *quantitativo*, ou seja, à acumulação de energia fundamental. Toda a fonte cósmica de energia surge originalmente pela acumulação de matéria em algum campo do espaço. Esta acumulação requer por sua vez a *economia* de energia, donde a moderação com que os sábios tratam as coisas e até a privação de atividades dispendiosas de energia, que é uma das grandes razões do celibato entre os toltecas. Por isto esta fase do fogo cósmico se encontra regida pela Lei de Economia. No mesmo sentido, no triplo processo do *antahkarana*, corresponde também à precipitação de energia. Este grau corresponde basicamente ao trabalho do corpo físico e tudo o que lhe diga respeito (como as energias etéricas, em especial), embora tal energia também atue de forma sutil.

2. *O Fogo Solar*. O segundo grau da energia é chamado na Filosofia Esotérica de Bailey de *fogo solar*, associa-se ao Elemento Água e pertence ao universo da Alma. Esta energia apresenta também uma natureza magnética, e na estrutura do fogo corresponde ao aspecto *calor*, correspondendo ao aspecto *qualitativo* da energia, assim como ao aspecto cósmico do amor, uma energia de fundo psíquica e anímica regida pela Lei de Atração, aquela com que trabalha basicamente a Hierarquia. Devoção e serviço são notas-chave desta etapa, mas esotericamente,

esta energia é trabalhada através da modulação correta da Palavra Sagrada. Nos processos de transferências de energias, corresponde à mudança de focos do plexo solar para o cardíaco, correspondendo à transmutação do desejo. Podemos dizer que, uma vez acumulada certa quantidade de energia, esta substância começa a se concentrar e a gerar pressão e tensão interior. O resultado externo é o surgimento de movimento, e esta é a origem das espirais galáticas e dos *chakras* etéricos, assim como da forma arredondada dos corpos sutis, tal como o "casulo luminoso" que os videntes toltecas observam no ser humano, e que constitui a chamada *aura* ou o corpo etérico. No *antahkarana*, corresponde à polarização de energia, ou a geração de um novo foco vibratório. No homem este grau envolve sobretudo ao trabalho do corpo emocional.

3. *O Fogo Elétrico*. O terceiro grau da energia é chamado pelo Tibetano de *fogo elétrico*, associa-se ao Elemento Ar e pertence ao universo do Espírito. A grande concentração de energia gera num dado momento um núcleo irradiante que inverte a direção das energias, originalmente entrantes e concêntricas, e agora radiativas e excêntricas. Representa pois o processo de explosão. Esta terceira fase do fogo cósmico está regida pela Lei de Síntese, reunindo quantidade e qualidade. Na estrutura do fogo corresponde ao aspecto *luz*, e no processo do *antahkarana* à penetração na energia, quando o fogo adquire um poder positivo e envolvente. Ao lado do desenvolvimento de um sentido de universalismo e criatividade mental, esta energia é trabalhada através da Palavra Oculta ou da Palavra Secreta, também chamada de "Palavra Perdida" na Maçonaria. Nos processos de transferências de energias, corresponde à mudança de focos da base da coluna para o coronário, transmutação a vontade pessoal em vontade superior. É a energia com que trabalha basicamente o centro divino de Shambala, e no ser humano este grau diz respeito sobretudo ao trabalho do corpo mental.

4. *O Fogo Plasmático*. O quarto grau da energia é chamado de *fogo plasmático*; associa-se ao Elemento Fogo e pertence ao universo do Logos. No *Tratado Sobre Fogo Cósmico* esta fase da energia é geralmente definida como de natureza "quadridimensional". Esta energia de natureza intuitiva envolve os mistérios do coração e é desenvolvida através do cultivo do "Som do Silêncio" (*Nada Brahma*). Corresponde ao estágio de "conhecimento silencioso", derivado do contato direto com o intento. É a etapa em que o fogo toma conta de tudo, tornando indistintas as formas, representando o "fogo devorador", assim como ao aspecto destruidor da energia, sempre falando em termos simbólicos. O plasma ocorre quando a energia banha e uniformiza o campo em definitivo, restando apenas um oceano de luz soberado. É o estado final e unificado do "olho de fogo" do Trono divino, composto por vida pura e onipotente: "O Pai tem a vida em si mesmo", disse Jesus. Esta etapa corresponde a uma transmutação especial, relacionada ao fator espacial, pois conecta e harmoniza o foco de consciência interior e exterior, abrindo as portas para a liberdade e a infinitude.

Afirmamos acima que tanto o ponto de aglutinação como o ponto de projeção são instrumentos que tem a função semelhante à de u'a mão com que se pode agarrar e manejar um fogo mais elevado. Cada plano dá acesso ao seguinte, e com isto se compreende as palavras de H.P.Blavatsky: "A Alma e o veículo da Personalidade e o Espírito é o veículo da Alma." Isto significa que as bases do fogo devem ser sempre respeitadas e mantidas intactas. Neste sentido, os quatro fogos são como quatro mãos ou, antes, como duas mãos e dois pés, formando a imagem do homem, simbolizado nisto pelas quatro suásticas reunidas neste antigo símbolo áryo:

Daí deriva certas estruturas cósmicas, inclusive a base *vigesimal* da civilização pré-colombiana. O fator central de reunião pode ser visto como uma unidade cósmica ou uma cruz dual, gerando o 21 e o 22 dos Arcanos do Tarô e do alfabeto hebraico, além de muitos outros sistemas sagrados. E tudo também pode ser visto como um conjunto pentagramático, dando lugar à fórmula 5x5 que encerra o Grande Ano de Platão e outros ciclos. Isto é o que se poderia propriamente chamar a Grande Mão de Deus.

Capítulo 13

A Pirâmide do Novo Mundo

As pirâmides escalonadas pré-colombianas seguem um estilo piramidal atlante também verificado na Mesopotâmia e no início das construções egípcias.

O número de degraus, ainda que possam variar, apresenta sempre um significado especial. Algumas destas estruturas são exclusivas das Américas, porque fazem alusão a seus calendários únicos. É o caso de *El Castillo* em Chichén Itzá, com seus nove degraus, dedicados aos Nove Senhores do Tempo ou os Nove Senhores da Noite, os quais podem ser associados tanto a graus espirituais como a ciclos calendáricos, como o semestre do ano meso-americano. A primeira pirâmide do Egito, feita em Sakara na IIIª Dinastia, e que foi também a única escalonada, tinha seis degraus, associando-se também ao semestre oriental, e servindo para ilustrar o nosso presente tema. Relacionam-se também aos sete planetas, sendo o sétimo a sua unidade.

Neste Capítulo vamos empregar esta simbologia para abordar a estrutura espiritual e iniciática do mundo atual, caracterizada em seis degraus. Esta estrutura acha-se simbolizada também pelo arco-íris e pelo círculo.

Por ser este um continente feminino e dual, a iniciação extremo-ocidental sempre trabalha com ciclos de dualidade. Atualmente este quadro se combina com o ternário, uma vez que uma das fórmulas do algarismo 6 é 2×3 . Isto significa que a razão estará associada ao sentimento, e o masculino e com o feminino.

Este quadro integra assim três planos duais de iniciações: o plano Lunar ou Planetário, o plano Solar ou Sistemico e o plano Polar ou Siríaco.

Abaixo enumeramos este quadro:

Grupo Básico (Iniciações Lunares ou Planetárias)

1º grau: *iniciação da Terra;*

2º grau: *iniciação da Água;*

Grupo Médio (Iniciações Solares ou Sistemicas)

3º grau: *iniciação do Ar;*

4º grau: *iniciação do Fogo.*

Grupo Superior (Iniciações Polares ou Siríacas)

5º grau: *iniciação do 1º Éter;*

6º grau: *iniciação do 2º Éter*.

A humanidade trilhou os ciclos lunares durante as raças lemurianas e atlantes. Iniciou o ciclo solar na Raça Árya e irá completar este ciclo agora, na Raça Americana.

A hierarquia passou pelos ciclos lunares nas raças ocultas ou nirvânicas, existentes antes deste *Manvantara* ou ciclo de mundo. A tomada do 3º grau hierárquico, dando o acesso aos planos solares, possibilitou que Shambala viesse à Terra, na Raça Lemuriana, e que depois a hierarquia se manifestasse fisicamente na Raça Atlante. Na época Árya ela teve acesso aos planos siríacos, que agora serão por ela consumados na Raça Americana.

Abaixo temos a pirâmide espiritual do Novo Mundo, com suas três grandes divisões: Nova Era, Nova Raça e Novo Ashram.



As três divisões principais estão associadas aos ciclos espirituais do Ocidente. O plano emocional ou "astral" era a ocupação dos antigos videntes, que eram os videntes *lunares*. O plano intuitivo era a ocupação dos novos videntes, que agora ressurgem com o nome de videntes telúricos ou videntes *solares*. E o plano monádico é a ocupação dos videntes cósmicos ou *polares* da Nova Era.

Com a chegada do novo ciclo, a expressão "novos videntes" que caracterizava a linhagem encerrada por Castañeda, torna-se capaz de gerar confusão com relação à *verdadeira* nova linhagem que se instaura em nossos dias. Daí os designarmos *videntes telúricos*.

Por várias razões, optamos por designar a linhagem emergente como *videntes cósmicos*. A expressão "videntes do futuro", por sua vez, aponta não apenas para os representantes da nova linhagem, mas também para o cerne das habilidades que possuem estes videntes, relacionada à capacidade de entrever os caminhos futuros da humanidade e de si próprios quando se lançam à grande aventura do desconhecido.

Outra expressão é *videntes perfeitos*. A partir do 5º grau a visão adquire todo o conteúdo simbólico que possui e expressa o Conhecimento universal. No 6º grau é dado o conhecimento dos Sendeiros Cósmicos e com isto tem-se a visão da Totalidade. O incognoscível abre suas portas e revela as esferas distantes.

Na sequência vamos abordar as duas primeiras divisões, denominadas *Iniciações Planetárias*, também considerados graus pré-iniciáticos muitas vezes.

Capítulo 14

Iniciações Planetárias

Existem três grupos pares de iniciações. O grupo básico de é chamado de *iniciações planetárias ou lunares*. "Planetárias" porque dela participam apenas energias telúricas, e "lunares" porque permitem no máximo a expressão direta do psiquismo. Incluem os dois primeiros planos, chamados Plano Físico e Plano Emocional.

Como a verdadeira iniciação representa uma síntese sagrada, e como toda a síntese se baseia na *triangularização*, estes dois primeiros graus nem sempre são considerados como iniciações verdadeiras. O seu trabalho representaria antes uma espécie de *reeducação* do indivíduo.

Analizamos a seguir a forma como os "novos videntes" do México desenvolveram o seu treinamento básico, acrescentando algumas poucas referências oriundas do tradição árya para fins de comparação e enriquecimento.

A técnica árya não é distinta da atlante, embora certamente mais avançada e mental. É apenas em relação ao treinamento tolteca de Castañeda que podemos observar certas idiosincrasias especiais, em função da adaptação que sofreu o nagualismo com a chegada dos conquistadores. Antes disto havia uma complexa mistura de tradição e decadência, que depois foi purificada e adaptada aos novos tempos.

Também acrescentamos a simbologia que adota o Nagualismo da Nova Era –síntese entre a tradição xamânica e hierárquica–, afim ao elemento que a caracteriza, que é *Ar*. Por isto os símbolos dos graus de sua hierarquia é tomado do reino alado, sempre de acordo com o uso tradicional em distintas partes do mundo. É a chamada *Hierarquia dos Pássaros*, de âmbito universal. Relaciona-se também à arte tolteca do conhecimento, definida poeticamente pelos videntes como o *pássaro da liberdade*.

No presente segmento vamos avaliar pois o treinamento relacionado os dois graus lunares. A sua sequência será desenvolvida nos restantes volumes desta série.

a. A *Espreita* – Plano Físico (1º grau)

No treinamento árya clássico o primeiro grau dá lugar à disciplina física, ao celibato, ao serviço impessoal, ao naturismo e ao condicionamento da conduta em geral. É o controle e a depuração do campo da "Primeira Atenção", o mundo exterior, com o propósito de abstração (*Pratyahara*) das energias densas e a geração de energias refinadas. A atenção deve ser redirecionada como forma de concentrar e economizar energias. Na visão dos sábios toltecas tudo isto era contemplado através dos exercícios dos "passes mágicos", do celibato, pelo "não-

fazer", pelo contato com a natureza e pela *espreita*. É esta última que merece ênfase especial nesta altura no sistema tolteca, porque fundamenta todo o resto.

A técnica da *espreita* é considerada uma das maiores realizações dos novos videntes. Surgiu como uma forma de auto-disciplina e auto-defesa física e psicológica, tendo em vista a sua adaptação à chegada dos conquistadores, inicialmente índios e depois brancos. É por isto basicamente uma forma de conduta social, embora vise em primeiro lugar a reeducação dos hábitos e das tendências pessoais.

Castañeda define a arte da *espreita* como "um conjunto de procedimentos e atitudes que permitem à pessoa conseguir o melhor proveito possível de qualquer situação concebível" (*O Presente da Águia*, pg. 9).

Outra forma de se referir à *espreita* é como "loucura controlada". Considera-se que tudo é loucura no mundo material, porque nele tudo é *vazio*, nos termos budistas, ou *ilusão* nos termos ocidentais, já que não apresenta existência própria nem permanente, servindo antes a propósitos maiores. A verdadeira loucura é, no entanto, agir sem consciência deste *vazio*, e atuar movido meramente por impulsos subconscientes (instinto) neste mundo como se ele fosse real. Por outro lado, a consciência lúcida é em parte imobilizante e contemplativa. Daí surge a loucura controlada "como a única ponte entre a loucura das pessoas e a finalidade dos ditames da Águia". (Castañeda, op. cit. pg. 170)

Iluminado pela mente do nagual, o guerreiro sabe que tudo é *maya*, ilusão e aparência, mas ainda assim age por saber que tem um caminho a seguir e uma tarefa a cumprir. De um lado, não basta saber intelectualmente e nem mesmo intuir com a alma. É preciso realizar de forma plena e iniciática, com todo o ser, o estado de consciência almejado.

Os videntes reafirmam incansavelmente a premissa de que o mundo que vemos é *apenas uma descrição*. O guerreiro deve ter isto sempre em mente e atuar de forma despreendida e controlada. O essencial é invisível, eterno e infinito.

A *espreita* está ligada à performance e ao teatro, enquanto comportamento controlado e consciente. Como requer uma conduta maleável e sub-reptícia (daí o nome de *espreita*), induz ao deslocamento do ponto de aglutinação. A diferença com a representação simples, é que na *espreita* existe maior participação de outros estados de consciência, na procura do "não-agir". Para isto o *espreitador* deve mover o seu ponto de aglutinação.

A *espreita* nasceu da observação de que sob o comportamento inusual, outras emanções do casulo luminoso do homem começam a brilhar. O ponto de aglutinação se move de maneira sutil e harmoniosa. Serve também para combater a indolência, a preguiça e a vaidade, que foram a ruína dos antigos videntes.

Da mesma forma como a *espreita* surgiu de uma adaptação dos videntes aos tempos difíceis, com o passar do tempo ela foi assimilado e adotada como uma técnica de guerreiro, até que estes começaram a procurar voluntariamente as situações sociais desafiadoras.

Assim, um dos principais recursos desenvolvidos pelos novos videntes para obter a maestria da *espreita* são os "pequenos tiranos". Em tese, quanto mais desafiador for o tirano, melhor será para o guerreiro, que terá de se adaptar intensamente, tornando-se despreendido e maleável. Naturalmente, os relacionamentos sociais são o ambiente adequado para isto, sejam de natureza doméstica ou profissional.

Neste sentido, a *espreita* lembra o método do Quarto Caminho, aquele que vai além dos caminhos do asceta, do monge e do yogue. É o caminho do "homem astuto", que se vale de seu ambiente natural para disto tirar o máximo de proveito (ver *Fragmentos de um Ensino Desconhecido* e *O Quarto Caminho*, de P. D. Ouspensky).

Aquele que adquire a maestria do intento consome o primeiro grau de consciência e iniciação tolteca. O símbolo alado do primeiro grau na *Hierarquia dos Pássaros* é o *Corvo*, tal como empregado na simbologia alquímica ocidental. Sua cor é o negro e sua técnica o *nigredo*.

Segundo *O Presente da Águia* (Capítulo 14), o regulamento da arte da espreita possui sete princípios, três técnicas básicas, três preceitos e três resultados. São eles:

Os Sete Princípios (Posicionamento)

1. Escolher e conhecer o próprio campo de ação;
2. Descartar-se de todo o supérfluo;
3. Alinhar a consciência através da decisão;
4. Relaxar na posição;
5. Desenvolver otimismo e autoconfiança;
6. Condensar o tempo valorizando cada segundo;
7. Nunca se colocar à frente das coisas.

As Três Técnicas Básicas (Recapitulação)

1. Redução dos estímulos sensoriais ("o engradado");
2. A lista de acontecimentos a serem recapitulados;
3. A respiração do *espreitador*.

Este último grupo é tratado em outra parte. Cabe apenas acrescentar que a redução dos estímulos sensoriais destina-se a realizar um "bloqueio funcional da capacidade de reunir vestígios" (Castañeda, op. cit. pg. 258). Os vestígios são impressões cerebrais que a atenção reúne, gerando ciclos internos na consciência como ondas na água. A pacificação da mente é feita pela eliminação de vestígios, alguns deles muito antigos que ficaram atados em nossa aura e assim permanece, em grande parte graças ao diálogo interno (que é gerado pelo carma, ou pelos estímulos acumulados). Os outros itens destinam-se a liberar tais impressões.

Os Três Preceitos (Sentimentos)

1. Tudo o que nos rodeia é um mistério insondável;
2. Devemos procurar desvendar esses mistérios, mesmo sabendo que são infinitos;
3. A pessoa se vê como parte desses mistérios e se iguala a todo o resto.

Os Três Resultados (Propósitos)

1. Não levar-se a sério demais;
2. Desenvolver uma paciência sem fim;
3. Infinita capacidade de improvisação.

A espreita permite o despreendimento e o *não-fazer* da "loucura controlada". O "não-fazer" destina-se também a "criar uma obstrução na focalização habitual da nossa primeira atenção"

(Castañeda, op. cit., pg. 258). Repetindo um conhecido axioma espiritual, "os feiticeiros existem no mundo sem fazer parte do mundo" (cf. F. Donner, *Sonhos Lúcidos*, pg. 47).

O homem comum vê apenas o tempo que passou. Através do domínio do comportamento, os espreitadores aprendem a ver o tempo que se aproxima. Isto não significa prevê-lo futuro, mas o controle sobre o carma e a maestria da *causalidade* (cf. Castañeda, op. cit., pg. 233), a qual pode estar na base da premonição e da intuição.

A técnica de "não-fazer" é comum a certos sistemas esotéricos orientais, especialmente o Sufismo. Na escola do Quarto Caminho se procura "lembrar de si", empregando em movimentos físicos e na técnica do "pare", quando os movimentos são "congelados" (ver *O Trabalho de Gurdjieff*, de Kathleen Riordan Speeth), buscando romper com a mecanicidade e a inconsciência dos atos. No toltequismo, cada pequena ação, como o amarrar os cordões dos sapatos, pode ser usada para quebrar o automatismo dos atos. Basta para isto fazê-lo de forma distinta, a menos que isto se torne uma nova rotina, quando então será preciso rever os atos. O "caminho sem rastros" do Taoísmo, o "não saber a mão direita o que faz a esquerda" dos cristãos, ou a ação desinteressada do karma-yoga hindú, são variantes destes procedimentos.

A espreita depertar a atenção, e para isto uma das técnicas é a da *caça*. O caçador deve ser sempre muito atento, astuto e sutil. Deve espreitar a sua caça e conhecer os seus hábitos. Nos hábitos estão a força e a fraqueza dos seres. O próprio caçador deixa ele mesmo de ser uma caça à medida em que abandona os seus hábitos. À medida em que avança no seu espírito, o caçador passa a caçar *energias*: a energia do vento, a energia do sol, a energia das águas, a energia da terra... Mas para isto é preciso possuir um espírito pacificado e fortalecido, temperado através da contemplação e da meditação.

Da fato, a espreita não se limita ao plano material. Inicialmente, o homem adquire fluidez no mundo cotidiano através da espreita. Isto o permite vislumbrar outros mundos, nos quais ele também tratará de controlar através da técnica da espreita.

E isto nos leva a dizer que existe uma forma especial de espreita chamada "espreita definitiva". Consiste em empregar a energia dos seres inorgânicos sem realizar pactos com eles, o que é apenas possível "sustentando o firme intento de liberdade" (cf. *A Arte de Sonhar*, pg. 202). A exemplo de tantas correntes xamânicas, os toltecas sustentam que esta energia é necessária para os processos avançados, pois não basta a energia que o guerreiro economiza dentro de si. Porém, é a contragosto que certos sábios esclarecidos contatam estas forças primitivas, como Don Juan declarou a Castañeda: "Fico indignado por ter de mergulhar apenas numa fonte." Afinal, como em tantas outras culturas, "todos os feiticeiros da antiguidade caíram, inescapavelmente, presas dos seres inorgânicos" (cf. *A Arte de Sonhar*, pg. 271). Devemos então colocar duas coisas da ótica árya: a não-necessidade de voltar a realizar experimentos inferiores, pelo acesso à fonte de energia adicional vinda da hierarquia de verdadeiros iluminados (maiormente inacessível apenas às recentes linhagens toltecas).

b. O Sonhar – Plano Emocional (2º grau)

Este grau é definido entre os toltecas como a *condição do guerreiro*. "A diferença entre um caçador e um guerreiro é que este está a caminho do poder, enquanto aquele não sabe nada, ou muito pouco, a respeito do poder." (*Viagem a Ixtlan*, pg. 97).

O trabalho do segundo grau no esquema árya envolve especialmente a devoção, a castidade (que é o celibato interior ou a *pureza*), o idealismo e o sentido de fraternidade. O sistema tolteca focaliza o equilíbrio emocional através do cultivo dos estados intensificados de consciência e da

arte de sonhar, através da qual alcançava realizações fantásticas. Está relacionada à "Segunda Atenção", que é o campo de *Dharana* ou concentração no *Samyama*.

"Um dos caminhos para o poder é *sonhar*." *Sonhar* é considerado "o não-fazer de dormir" (cf. Castañeda em *O Presente da Águia*, pg. 24). A arte do "Sonhar" representa para os cultores da liberdade da consciência o poder de controlar os estados oníricos e atuar dentro deles com a consciência lúcida, culminando com a habilidade de atuar no mundo corrente com um *corpo de sonhar*, um duplo sutil do corpo físico.

Representa pois mais do que sonho comum, ainda que os toltecas acreditassem que os sonhos também sirvam como veículos para mensagens do subconsciente. Mas *sonhar* é na realidade tomar posse do veículo astral para entrar em outros mundos ou mesmo para atuar dentro deste mesmo mundo cotidiano.

Em *A Arte de Sonhar*, Don Juan fornece uma bela definição do propósito do *sonho lúcido*: "...sonhar é a arte de refinar o corpo energético, de torná-lo flexível e coerente através do exercício gradual" (pg. 47). Ao abrir novos horizontes, o sonhar recoloca as nossas perspectivas do mundo e da vida, e inicialmente nos sugere sobre a *imortalidade*.

"...o sonhar nos dá a fluidez para entrar em outros universos, destruindo a nossa sensação de conhecer este mundo. (É) uma jornada de dimensões impensáveis, uma jornada que, após nos fazer perceber tudo que podemos perceber humanamente, faz com que o ponto de aglutinação salte para fora de seu domínio humano e perceba o inconcebível. (Castañeda, *op. cit.*, pg. 90).

O *corpo de sonhar* é uma realização básica e fundamental na conquista da consciência, é um projetor consciencial para outros planos e no geral uma forma maravilhosa de liberação.

Sonhar é a forma natural e mais eficiente de gerar um deslocamento desde dentro do ponto de aglutinação e entrar em consciência intensificada, porque atua "desde dentro".

Por isto é considerado um ato natural que o indivíduo é capaz de realizar sozinho, caso possua energias estáveis obtidas através de uma vida regrada.

"O que precisamos desesperadamente é de sobriedade, e só nós mesmos podemos conseguí-la. Sem ela o deslocamento do ponto de aglutinação é caótico, como são caóticos nossos sonhos comuns. Assim, em tudo e por tudo, o procedimento para se chegar ao corpo sonhador é a impecabilidade em nossa vida diária." (Castañeda, *O Fogo Interior*, cap. 11.)

Este duplo-astral, como também é chamado, está forjado pelo corpo energético, sendo aquele "outro que é na verdade o próprio", porque nele se acha a *verdadeira consciência*. Através da disciplina o xamã condensa a sua energia e constrói uma "réplica exata do corpo físico" (Castañeda, *El lado activo del Infinito*, pg. 274).

Existem métodos especiais para se obter o sucesso nesta tarefa. O procedimento-padrão para se chegar ao *corpo sonhador* é apresentado por Don Juan. "Começa com um ato inicial que, pelo fato de ser continuado, desenvolve uma intenção inflexível. A intenção inflexível leva ao silêncio interior, e o silêncio interior à força interior necessária para fazer o ponto de aglutinação se deslocar nos sonhos para posições adequadas. Chamou a esta sequência *alicerce*."

Enumeremos pois as etapas deste *alicerce*, acrescentando as técnicas correspondentes:

1. "Ato Continuado" ou *Rito (Respiração)*.
2. "Intenção Inflexível" ou *Abstração*.
3. "Silêncio Interior" ou *Concentração*.
4. "Força Interior" ou *Meditação*.

Depois disto vem o controle propriamente dito. O primeiro objetivo é adquirir a *posição de sonho*, que é a fixação da consciência quando desperta num sonho. Para isto é fundamental o uso da *intenção*, mas não é uma tarefa simples, requerendo todos os atributos de guerreiro.

"Consiste em se ater sistematicamente à posição de sonho agarrando-se com tenacidade à visão do sonho. A prática constante resulta numa grande facilidade em manter novas *posições de sonho* com novos sonhos, não tanto porque a pessoa obtém controle sobre a prática, mas porque cada vez que esse controle é exercido a força interior sai enriquecida. A força interior, por sua vez, faz o ponto de aglutinação se deslocar para *posições de sonho*, que são cada vez mais apropriadas para proporcionar sobriedade; em outras palavras, os próprios sonhos se tornam cada vez mais controláveis, e até mesmos ordenados." (Castañeda, *op. cit.*, Cap. 11)

O lugar para onde o ponto de aglutinação se desloca nos sonhos é chamado *posição de sonho*. Quando conseguimos acordar com o ponto de aglutinação fixado nesta posição, então alcançamos o *corpo sonhador*.

A culminação disto será a liberação do *corpo de sonhar* no mundo cotidiano, naquilo que também é conhecido como "viagem astral".

Muitos têm esta experiência de forma acidental, como propensão natural, por debilidade física ou sob influência de drogas. Mas é coisa que as crianças, com seus pontos de aglutinação ainda flexíveis, podem realizar com facilidade.

Minhas primeiras experiências em sonhar deram-se na infância, sob o *comando* de um instrutor ocasional que me ensinou uma técnica que logo coloquei em prática com proveito – tudo porque obtive a "oportunidade mínima" da informação na hora certa.

A técnica é simples. Consiste em exercitar o *intento* atravessando uma parede, um ato intencional que coloca a consciência em *corpo de sonhar*. Sendo possível realizar o ato, então é praticamente certo que estamos em corpo de sonho. Para ter certeza, pode-se também verificar a *posição do corpo* em relação ao foco da consciência. Normalmente, o sonhador nunca vê a si mesmo no sonho (a não ser, eventualmente, o corpo físico dormido), porque está com sua mente dirigida desde a posição habitual na cabeça. Por isto diz Don Juan:

"Sonhar é real quando a gente conseguiu focalizar tudo. Depois, não há diferença entre o que voce faz quando dorme e o que faz quando não está dormindo." (*Viagem a Ixtlan*, pg. 103).

Todos os pais deveriam estimular esta habilidade em seus filhos como uma coisa natural, porque na infância existem menos riscos. Os perigos que existem são não apenas de ordem moral, mas também para a saúde física.

Como vimos, o controle do sonhar aumenta a força interior. É como se *sonhar* proporcionasse um alinhamento com novas e maiores emanções da Águia. Sonhar "reúne as duas atenções e comprime as camadas do ovo áurico", formado como camadas de cebola que se separam na morte" (cf. Castañeda, *O Segundo Círculo do Poder*, pg. 212).

Nisto o indivíduo descobre que o seu "corpo sonhador" é na verdade um *eu mais profundo*. Daí dizerem os videntes toltecas que um dia o guerreiro compreende que "é o outro que sonha o próprio, e não o contrário".

Neste aspecto, um outro perigo reside na própria força do *corpo sonhador*. Sob o impacto da consciência intensificada, ele adquire muita força própria. Por isto *sonhar* não é cansativo, pelo contrário, é até revitalizador. É como se o repouso natural do sonho fosse elevado em potência.

"Sonhar é, naturalmente, um modo de armazenar a segunda atenção" Isto se torna um perigo porque a segunda atenção se fixa nos detalhes (cf. *O Presente da Águia*, pg. 117). Sua força de atração é muito grande, e por ser um corpo paralelo, pode se desvincular facilmente do físico, e

romper em definitivo com o elo original. Esta é uma das razões dos trabalhos coletivos dos guerreiros, que habitualmente *sonham juntos* servindo de anteparo uns aos outros. Existe a tendência dos sonhadores que dormem próximos a se encontrarem nos *sonhos*. Castañeda declara a Carmina Fort que na época mantinha esta atividade com seu grupo no México central. *Sonhavam* juntos no alto de um platô e viajavam até planetas distantes, quem sabe como um exercício para a futura liberação coletiva do grupo.

Os sonhos são também portais para o desconhecido. Através dos sonhos podemos viajar a outros mundos e também receber energias deles.

Os sonhos também são muito úteis para a cura. O problema é ter acesso ao sonho lúcido para recebê-la (cf. *Sonhos Lúcidos*, Florinda Donner). Os acontecimentos vividos nos sonhos são difíceis de recordar. Mas eles ficam armazenados no corpo, sobretudo no caso das mulheres. Devem, para despertar as lembranças, fazer um mapeamento do próprio corpo, tocando em certos lugares especialmente propícios (Donner, *op. cit.* pg. 130). "Os homens têm de lutar sem cessar para concentrar a sua atenção nos sonhos; as mulheres não lutam, mas precisam adquirir disciplina interior (Donner, *op. cit.*, pg. 196).

Diz-se porém que, em seus exercícios de sonhar, na ausência de impecabilidade cotidiana, e ainda fortalecendo a consciência intensificada de todas as maneiras, os antigos videntes morriam como moscas.

Pois apesar de todas as suas vantagens, as ciladas do sonhar são também estupendas. Não existem mecanismos dentro dos sonhos para dirigir o ponto de aglutinação. Tudo o que se pode contar é com a força do sonhador. "Para obter isto os novos videntes desenvolveram um rico e complexo sistema de comportamento chamado o caminho do guerreiro, ou a trilha do guerreiro." (*O Fogo Interior*, Cap. 11)

O Espírito não é racional nos sonhos: "Nos sonhos só podemos agir" (Donner, *op. cit.*). Daí a importância do treinamento da intenção e do equilíbrio emocional através da *espreita*.

Sonhar tende a desmaterializar o indivíduo, e isto pode representar uma repolarização excessiva. Por isto é preciso gerar um outro critério de trabalhos, despertando uma energia-de-síntese. "Um dos princípios mais estritos dos novos videntes era o de que os guerreiros têm de aprender a *sonhar* enquanto estão em seu estado normal de consciência." (Castañeda, *Fogo Interior*, Cap. 11) De outra forma os riscos do sonhar tornam-se enormes.

Uma última armadilha reside nos conselhos emitidos pelo "emissário dos sonhos", uma voz interna definida como "energia alienígena" consciente e que procura dirigir nossos atos. Muitos tendem a se aproveitar destes conselhos e até a confundir com um "eu superior" ou com uma suposta "voz da consciência". Os Novos Videntes a consideram perniciosa porque a sabedoria deste ser não é luminosa e liberadora: ela se limita em comunicar aquilo que está ao nível da consciência pessoal, pertencendo meramente ao âmbito de *Personalidade* (ver *A Arte de Sonhar*, Cap. 4). Muitos místicos são desviados de seus caminhos sob a ação sedutora desta pseudo "voz interior".

A melhor hora para sonhar é à noite de madrugada, quando a energia mental da humanidade –a sua "primeira atenção"– está em repouso (Castañeda, *O Presente da Águia*, pgs. 114-5). Por si só a escuridão induz a outros estados de consciência. Florinda Donner é informada de que "os antigos videntes, usando a escuridão como uma capa, realizaram uma coisa inconcebível: conseguiram sonhar quando acordados." (Donner, *op. cit.* pg. 53). "Sonhar acordado é o estado mais sofisticado que os seres humanos podem atingir." (pg. 155). Os feiticeiros associam o poder de sonhar às lendas sobre a capacidade humana de voar como pássaros e anjos (cf. Donner, *op. cit.* pg. 54).

Em *A Arte do Sonhar* Castañeda menciona a existência de "sete portões de sonhar", que se caracterizam, entre outras coisas, por sensação de peso antes de cair no sono profundo; acordar

de um sonho em outro sonho; movimentar o corpo energético; *ver* a energia; viajar a lugares concretos e específicos; etc.

Entre os recursos empregados, está colocar pedrinhas no ventre, usar anéis, usar travesseiros de grãos e dormir em redes para evitar o contato como solo. Também se deve considerar as "posições gêmeas", isto é: a influência que tem a posição do corpo físico para induzir estados de consciência oníricos relacionados. Trata-se do "único meio de ter controle absoluto sobre os sonhos" (cf. *A Arte de Sonhar*, pg. 253 ss.).

No sistema tolteca este grau é o do *guerreiro*. Na *Hierarquia dos Pássaros* está simbolizado pela Pomba (*Jonah* em hebraico, donde João e Jonas), associada ao serviço e à devoção que caracteriza a condição de discípulo.

Capítulo 15

O Universo Mágico de Carlos Castañeda

Faleceu no ano de 1998, aos 62, um dos papas dos movimentos da Nova Era e um dos escritores mais importantes das últimas gerações: Carlos Castañeda. Brasileiro, nascido em Juqueri (a atual Mairiporã), próximo a São Paulo, órfão de mãe desembarcou aos 15 anos para São Francisco, Califórnia, para vir a se tornar um dos mais brilhantes antropólogos de todos os tempos, ao colocar sob o foco do mundo uma tradição até então de insuspeitadas dimensões, existente desde tempos remotos no México, e provavelmente o mais rico e completo sistema de ensinamentos esotéricos existente nas Américas e ainda preservado. Como o último representante de uma linhagem de sábios que remonta aos tempos pré-colombianos, Castañeda foi o responsável por trazer a chama deste saber até os nossos dias e por divulgar este precioso manancial de conhecimentos.

Suas obras descrevem um universo paralelo acessível pelas transformações da consciência, um mundo complexo, fascinante e assustador, e a forma como linhagens inteiras de investigadores do oculto procuraram penetrar e aproveitar-se destas energias, com seus aprendizados, procedimentos, atitudes e conclusões.

É realmente maravilhoso pensar que em todas estas gerações tem havido tais grupos de guerreiros do espírito, realizando suas proezas interdimensionais entre as áridas montanhas do México, infensos às demandas do mundo ou, mais ainda, vendo o dramático processo da Conquista como um estímulo adicional para as suas buscas internas.

a. A "Chave de Ouro"

Em suas últimas obras, Castañeda informa que, segundo o mestre Juan Matus, este discípulo ocidental seria o último de sua linhagem, e isto foi corroborado pela forma como Castañeda tratou o conhecimento recebido, ou seja: divulgando-o plenamente para a sociedade. Desde o princípio sentiu o impulso de revelar para o mundo o que era recebido, e nisto não foi reprimido por seus mentores, que aceitaram este "estilo" de atuar como um desígnio do Poder; sabendo no entanto tudo o que isto significava. Na verdade, segundo o autor, a idéia de escrever as ocorrências e as etapas de seu aprendizado partiu de seu próprio benfeitor índio, como uma forma de recordar, registrar e fixar suas experiências.

Suas primeiras obras foram usadas como material antropológico, embasando suas teses de mestrado e de doutorado. Mas o lançamento no contexto exterior acarretou-lhe críticas, em parte pela forma como foi feita. Numa época em que as drogas estavam em moda, seu trabalho foi

usado pelas editoras de uma forma sensacionalista, gerando uma onda de preconceitos que trouxeram prejuízos à sua imagem. Mesmo que as plantas de poder fossem logo abandonadas e severamente criticadas dentro do próprio ensinamento, a impressão original que Castañeda teve de que consistiam no próprio veículo do aprendizado –ele procurou os xamãs em 1960 para investigar o uso destas plantas–, gerou um impacto inicial que o enquadraria sob o rótulo de "cultura psicodélica", quando sua primeira obra, intitulada *Os Ensinamentos de Don Juan* (editada no Brasil com o título *A Erva do Diabo*), foi publicada em 1968. No entanto, não se pode comparar ao emprego sistemático que vários grupos indígenas e até algumas seitas modernas fazem destas plantas especiais. No nagualismo, o seu uso está inserido num contexto ritual apropriado e sob a supervisão de um *expert* no tema sob todos os aspectos. Não existe ali "apologia às drogas", porque não se trata de um uso "popular" ou "social", mas sim estritamente *sacerdotal*, onde se destinam a gerar conhecimento e esclarecimento, e não dependência, que é o que ocorre quando tais substâncias são usadas mesmo apenas entre homens adultos (Huicholes, Yanomanis), e até fanatismo quando ministradas até em crianças em certas seitas (Saito Daime, União do Vegetal) apenas porque "não são consideradas drogas pela Ciência" (sendo assim, poderiam substituir a ética, o sacerdócio e o próprio Deus!).

Além disto, tantos mistérios em torno de sua pessoa –um princípio clássico no treinamento xamanístico– sempre deram margem ao ceticismo. "Seriam reais os seus contatos e efetivo o seu aprendizado?", perguntam-se alguns. Ainda assim, ninguém de sã consciência pode desmentir a beleza e a poesia das narrativas. De modo que nada disto importa, porque o elo final com um ensinamento deve ser realizado através de uma *convicção interior*, algo íntimo e pessoal inspirado *pelo próprio Espírito*.

Outro elemento que costuma ser observado, é que o *ambiente* favorece aquele tipo de treinamento. Os desertos e as montanhas sempre foram lugares mágicos. Trata-se de um mundo inóspito mas belo como o do misterioso universo interior que é buscado. Mas a floresta, com sua exuberância e vitalidade, também auxilia bastante. Aliás, um dos grandes ensinamentos da "maestria da consciência", é o vínculo especial que existe entre a consciência e a Natureza, vista como algo vivo.

Tampouco se pode desprezar a importância da *linguagem* em si e do próprio estilo didático, representando uma alternativa original no acervo de conhecimentos e técnicas hoje "disponíveis" ao homem moderno, herdeiro da riqueza cultural dos povos antigos. Neste sentido, o seu valor antropológico é imenso.

Até pela auto-ocultação procurada pelo autor, suas obras adquiriram *per si* uma importância especial, e foram sempre muitos os que aguardam a chegada de novos livros.

Trata-se certamente de uma obra que exige um estudo criterioso, visando identificar exatamente as proposições oferecidas, inclusive com certa visão crítica, uma vez que parte de bases culturais muito antigas, associadas à Raça Atlante. Esta foi a segunda cultura espiritual do planeta, relacionada ao 2º Reino da Natureza, que é o Vegetal. As plantas de poder enfatizam o sistema nervoso vegetativo, tornando o homem contemplativo e perceptivo, embora sem a clareza tridimensional do alinhamento da Razão, conforme o próprio Don Juan reconhece. A Nova Era traz referências importantes ao Conhecimento Paralelo –que é uma forma de denominar o domínio psíquico– embora o redimensione através dos padrões da nova Raça-raiz.

Ao final, Castañeda recebeu a ordem de abrir totalmente o conhecimento através de academias que ensinassem a técnica da Tensegridade ou dos Passos Mágicos, com o auxílio das colegas de seu último grupo. A este processo denominaram de "encerrar a linhagem com chave-de-ouro".

c. A Obra de Castañeda

Devemos tratar então de compreender a natureza do trabalho de Castañeda e o universo que lhe coube desvendar. Como muitas destas considerações são feitas ao longo deste livro, nos limitamos a dizer que a obra de Castañeda forma uma *unidade progressiva* na medida em que acompanha o seu próprio aprendizado. Como vimos, foi utilizado um estilo *mágico* de registro, seguido também por seus colegas. Estas obras representam verdadeiramente uma literatura ímpar em forma e conteúdo. A descrição dos procedimentos, com seus erros e acertos, empresta dramaticidade e realismo aos processos, esclarecendo sobre recursos que geralmente são apenas nomeados na literatura mística e antropológica.

Foram no total doze livros escritos ao longo de três décadas, sendo que os nove primeiros formam o bloco original de narrativas e memórias. Até certo ponto, pode-se associar a evolução das narrativas com os sucessivos escalões espirituais toltecas, na medida em que, como foi colocado, esta obra apresenta um relato *vivo* e de certa forma imediato dos processos espirituais que o autor atravessava. Até por isto, por todo o tempo percebe-se uma evolução de linguagem e de compreensão por parte do autor.

A excessão decorre do estilo de trabalho tolteca que requer que o principal do aprendizado e das experiências sejam lembrados apenas bem mais tarde, através da técnica da "recapitulação". Por isto a obra apresenta também dois ciclos: um de "narrativas" algo diretas, e outro de "memórias" posteriores. E pela própria natureza da rememoração, assim como pela natural evolução da consciência do autor, as narrativas e as memórias nem sempre se encontram em perfeita ordem cronológica/estrutural.

As três primeiras obras pertencem ao momento inicial em que Castañeda sobrevalorizava as plantas-de-poder. *Os Ensinos de Don Juan* (em português, "A Erva do Diabo") apresenta os fundamentos éticos do guerreiro e o seu campo de batalha; *Uma Realidade Paralela* ("Uma Estranha Realidade") aprofunda a discussão sobre procedimentos como desapego e auto-controle. E *Viagem a Ixtlan* relaciona-se à técnica básica da espreita, trazendo excertos de ensinamentos de épocas anteriores que haviam sido colocados em segundo plano.

A partir deste momento o autor passa a demonstrar um outro nível de compreensão e organização, assim como maior comprometimento com o conjunto daquele saber e seu contexto espiritual. Em *Relatos de Poder* ("Porta para o Infinito") avaliam-se os mistérios dos mundos paralelos e o enfrentamento com o umbral da eternidade. *O Segundo Círculo do Poder*, já sem Don Juan, é outra obra de transição que apresenta as atitudes de Castañeda como um guerreiro ativo na batalha por sua vida.

Seguem-se depois quatro obras de puramente rememorativas e com temas mais definidos. *O Presente da Águia* destaca-se pela apresentação do Regulamento do Nagual. *O Fogo Interior* aprofunda as revelações sobre os "fatos energéticos" do universo. *O Poder do Silêncio* focaliza o conhecimento intuitivo. E *A Arte de Sonhar*, como diz o título, especifica os mistérios do corpo sonhador que coroa certa etapa dos trabalhos toltecas.

As três últimas obras foram espécies de adendos. *Passes Mágicos* trata dos exercícios "físicos" que Castañeda rotulou de *Tensegridade*, servindo de base para as academias abertas nos últimos anos; traz informes complementares sobre a filosofia e a prática tolteca. *A Roda do Tempo* é uma sinopse com citações e excertos das obras anteriores, seguidas por comentários gerais. E *O Lado Ativo do Infinito* é uma compilação dos "eventos memoráveis" reunidos por Castañeda enquanto guerreiro.

A importância destas duas últimas obras não está tanto na sua originalidade, mas na forma como *enlaçam* o conjunto da obra. Através delas Castañeda percebeu claramente o *fio* que conduzia o seu aprendizado. Focalizam também as duas categorias centrais de trabalhos dos

xamãs do México e que constituem as grandes dimensões do universo: o *Tempo* e o *Espaço*. O tempo (ou a "eternidade") é a preocupação básica dos videntes antigos ou dos *mestres da consciência*, e o espaço (chamado de "infinito") é o foco principal dos novos ciclos de trabalhos dos novos *guerreiros da liberdade*. Note-se que o conceito de "guerreiro-viajante" só é apresentado nesta última obra, porque se trata da postura do guerreiro diante do infinito.

Afora isto existem outros volumes de co-discípulas do grupo tardio de Castañeda, como Florinda Donner e Taisha Abelar, com relatos de valor muitas vezes desigual. Nas categorias funcionais dos grupos de guerreiros, a primeira é uma "sonhadora" e a segunda uma "espreitadora". O próprio Castañeda era um "nagual", o líder do grupo. Apenas Carol Tiggs, a misteriosa mulher-nagual, não nos tem brindado com suas memórias. Com ela formava-se o grupo suplementar de quatro guerreiros criado para o novo ciclo.

Capítulo 16

Xamanismo – O Renascer de uma Tradição

A visão cíclica das coisas é uma característica do pensamento da Tradição de Sabedoria. Aos mal informados, tal coisa pode parecer estranha. Os modernos, por exemplo, guardam uma visão linear e progressiva da História, e julgam comumente que tal coisa é oposta à abordagem dos Antigos. Isto não corresponde porém aos fatos. Os Antigos, na verdade, sabiam combinar o progressivo e o cíclico, numa imagem de tempo que corresponderia na realidade à uma *espiral*.

Esta introdução é importante para explicar nossa simpatia e nosso sentimento pelo renascer de uma cultura xamânica no planeta. Dissemos "*uma* cultura" porque se trata, na realidade, justamente de uma variante adaptada aos tempos e às necessidades do homem moderno.

a. Os Fundamentos do Xamânismo

Vejamos inicialmente algo sobre as origens desta forma de culto e de cultura.

O termo "xamã" faz referência a uma forma de sacerdócio pertencente à culturas tribais, e tendo sido extraído de tribos da Sibéria, foi depois generalizado para todas as formas culturais similares do mundo.

De fato, em toda a parte é possível observar elementos em comum entre as práticas ritualística tribais, que não raro se misturam ou antecipam idéias relativas a métodos sacerdotais de sociedades de certo modo mais avançadas.

Sua grande característica advém do próprio meio cultural em que existem, profundamente arraigado no ambiente natural e seus elementos vivos, empregando forças da natureza na elaboração de seus símbolos e métodos. Isto é diferente do sacerdócio "atual", que emprega mais abstrações. Adiante veremos no que consistem tais distinções.

b. Máscaras e Totens

Um dos mais importantes recursos xamanísticos são as máscaras. Como demonstrou o antropólogo estruturalista Claude Lévi-Staruss em sua obra "*A Via das Máscaras*" (Editorial Presença/Martins Fontes), sua função é múltipla e se justifica basicamente para melhor sugerir uma dada situação e bem caracterizar alguma proposta de trabalho. Ou seja: exatamente como no emprego dado pelos gregos à *persona*, a máscara usada em seus teatros. De fato, o teatro é um recursos artístico que tem seu berço no sacerdócio precisamente, sobretudo no de natureza xamanística.

No xamanismo as máscaras podem ser usadas também para caracterizar uma corrente de trabalhos e para distinguir uma tribo de outras.

As formas invocativas de animais são as mais correntes, pois os povos xamânicos acreditam terem vínculos espirituais com os animais, e isto é verdadeiro porquanto tais raças vinculam-se diretamente ao reino animal, como veremos na continuidade.

Também os totens, igualmente invocativo de formas animais, apresentam grande importância "heráldica", por assim dizer, além de fetichista. Expressa a natureza de uma cultura e sua proposta. Segundo os estudos de Mircea Eliade (*El Chamanismo y las Técnicas Arcaicas del Éxtasis*, Fondo de Cultura Económica, México), serve como eixo simbólico entre o céu e a terra, em torno do qual se desenvolvem os trabalhos, os ritos e toda a existência de uma tribo.

c. Xamanismo e Sacerdócio

Vamos procurar descrever agora as diferenças existentes entre o xamanismo tribal e o sacerdócio regular, e apenas na medida em que as duas atividades possam ser definidamente distinguidas entre si.

O xamã costuma despertar para a sua vocação através de sonhos perturbadores ou algum evento especial que o revele distinto dos demais. Várias são as funções de um xamã, por vezes apenas diferentes e em alguns casos de certa forma mais amplas que as do sacerdote comum. Esta variedade lembra porém algo dos poderes do Alto Sacerdócio, porquanto o xamanismo explora de resto ao máximo a simbologia e a dramatização do sagrado. O xamã é, antes de tudo, um canal aberto com o sagrado. Ele tem visões e traz mensagens ocultas, realiza curas e expiações, dirige ritos e iniciações, impõe costumes e maneja os oráculos.

Tudo isto pode ser realizado pelo sacerdote comum, conforme seus dons particulares. Mas o xamã detém regularmente todos eles. O sacerdote, por sua vez, por atuar num contexto cultural "superior", maneja forças espirituais mais elevadas, sendo sua principal função intermediar o sagrado numa escala mais alta.

O xamanismo é próprio das três primeiras raças-raízes, sobretudo da terceira, dita *lemuriana*.

Tais raças pertencem *essencialmente* ao chamado mundo natural, pois se associam aos reinos mineral (1ª Raça), vegetal (2ª Raça) e animal (3ª Raça), respectivamente, daí que toda a força dos elementos que constituem estes reinos se encontram ativas nestas raças. E como se trata de semear elementos básicos e elementares ao reino humano, o trabalho evolutivo se realiza nelas sempre dentro da materialidade, existindo antes um constante conflito entre elementos do que propriamente a sua harmonização; donde o valor espiritual que têm certas provas de coragem e a própria guerra entre estas culturas. À medida em que vão evoluindo tais raças, torna-se é claro possível maior harmonia e sentido de integração.

Obviamente, a função destas raças primevas era a implantação de certos fundamentos da consciência humana, que incluem segurança, amor, paz e outros valores essenciais à esta condição. Disto resultam importantes técnicas observadas nos povos xamânicos, como o contato direto com a terra, a regularização dos tabus e dos métodos de parentesco, o uso dos ritos e das plantas sagradas que adiante vamos analisar.

Por pertencer a raças mais evoluídas, o sacerdócio pode já trabalhar com conceitos mais complexos e abrangentes.

A primeira experiência neste sentido deu-se na quarta raça, a Atlante, sendo que a energia enfatizada seria a do sacrifício. Havia porém necessariamente muito de xamânico nestas culturas, sendo que a herança desta síntese pode ser vista especialmente nas culturas da América Central-México e do Tibet.

De modo que seria apenas na raça seguinte (a 5ª raça) que o sacerdócio pode realmente firmar-se em sua verdadeira expressão, com a maturidade ali alcançada tanto pela Humanidade como pela Hierarquia.

Atualmente ingressamos numa nova raça-raiz, onde ambas as formas de culto deverão se expressar com grande equilíbrio. Adiante esclareceremos melhor todos estes pontos.

d. Natureza, Ritos e Plantas Mágicas

A natureza dos recursos e a linguagem do xamanismo derivam portanto da necessidade de preservar o profundo, o estável e o sagrado, o valor vital que comporta o contato com a natureza para a identidade dos povos tribais das primeiras raças. Daí também o grande apelo que, aos poucos, foram tendo certas plantas sagradas para estas culturas, uma vez que se descobriu que tais plantas tinham o poder de restabelecer o fluxo e a energia própria dos estados mais primitivos de consciência, que são também de certa forma aqueles mais puros e profundos. Deve-se a isto, muitas vezes, o apelo que sente o homem moderno, carente de raízes e tranquilidade, por estas plantas e pela literatura que trata delas, como a de Carlos Castañeda. Tudo isto pode realmente resgatar valores e sentimentos essenciais à integração do ser humano. Porém, tratar de penetrar nestes mundos sem a devida preparação interior e fora do contexto cultural apropriado, é violar o carma e expor a saúde física e mental a sérios riscos. Além disto, os praticantes mais sábios destas culturas, como aqueles que falam através de Castañeda, são enfáticos em atestar sobre o grande mal que resulta do uso sistemático destas plantas. Por maiores que sejam os benefícios obtidos desta forma, existe também na questão um aspecto ético que reforça a problemática. Ou seja: não se deve depender de nada para alcançar a liberação. Uma coisa é usar a planta sagrada como instrumento de revelação, outra muito diferente será transformá-la em droga através da dependência. Por isto disse com muita propriedade alguém: "Uma droga é uma droga é uma droga".

Para isto é que, diretamente ligado a este objetivo de êxtase e profundidade estão os rituais. O esforço contínuo, o ritmo e a atenção concentrada, os incensos, a música monótona ou absorvente e as formas bizarras, tudo isto induz naturalmente à penetração num outro estado de consciência. Além disto, as culturas xamânicas preservam todo um contexto de valores, crenças e hábitos que complementam os ritos e também lhe fornecem uma estrutura de apoio.

e. O Resgate do Equilíbrio

Existe outro aspecto essencial à compreensão de tudo isto, e diz respeito à questão das *polaridades* das raças. O xamanismo é mais próprio das raças pares, e o sacerdócio das raças ímpares. As raças pares tem um contato mais intenso com o natural, enquanto as raças ímpares o fazem com o intelecto.

Quando chega o final e a decadência de uma raça-raiz, torna-se necessário e urgente resgatar os valores opostos. É isto o que observamos hoje.

Isto significa que uma dada civilização necessita se reequilibrar com a essência da polaridade oposta da que representa. É por esta razão que se observa, e algo paradoxalmente, que a valorização do feminino pelo masculino, se devidamente realizada, apenas conduz à própria harmonia, e vice-versa. Existe toda uma arte em buscar a harmonia, e seu segredo consiste em compreender a unidade intrínseca às polaridades do cosmo. É assim que hoje observamos vários grupos buscando o resgate do contato com a natureza, seja pela vivência direta no ambiente natural ou por experiências de contatos esporádicos que amiúde comportam até mesmo uma organização e um propósito abertamente ritual.

A nova raça-raiz, muito avançada intelectualmente e, não obstante, de polaridade negativa (é a 6ª raça), realizará uma síntese entre os princípios xamânicos e sacerdotais nunca antes alcançada, com a diferença de que estará alinhada não mais com o reino animal, mas com o *déxico*. As práticas da 4ª raça podem lhe servir de base (sobretudo as já mencionadas: Tibet e México), existindo, porém, uma inversão de preponderância, no sentido de que, se naquela primeira síntese prevalecia o xamanismo, agora prevalecerá o sacerdotal, ainda que empregando o argumento e a linguagem primitivos numa forma que poderíamos denominar de *neo-xamanística* de arte-ritual. Assim, pode-se dizer, numa palavra, que o novo xamanismo estará dotado de valores realmente espirituais e superiores, ao passo que o sacerdócio tradicional deverá empregar recursos plásticos mais naturais. Para isto, as práticas que estão sendo hoje ensaiadas deverão ser aperfeiçoadas, regularizadas e sintetizadas. A União do Vegetal e sobretudo o rito do Santo Daime invertem de certo modo esta proposta, usando um sacramento essencialmente xamanístico (as plantas sagradas) dentro de um *argumento* religioso e cristão, perdendo assim talvez parte da beleza e da estética xamanística essencial para o completo sucesso de um rito desta natureza, necessitando por esta razão fomentar o uso sistemático das plantas de poder. É verdade, porém, que tais seitas tem procurado se manter em ambientes naturais, o que é realmente essencial para o sucesso da experiência a que se propõe. Ver mais a respeito na matéria dedicada a elas nesta edição.

Possivelmente, a fórmula ideal para o neo-xamanismo na nova raça-raiz seria manter o sacramento simbólico "cristão", com um mínimo de recurso xamanístico (plantas sagradas) neste aspecto, embora valendo-se da estética natural que comporta este último e fundindo a ética de ambos. Isto esvaziaria o elemento de sofrimento e racionalismo da religião oficial, trazendo em compensação o prazer e o calor "palpáveis" presentes na Natureza e nas coisas naturais. Obviamente, tudo isto apenas poderá ser devidamente realizado por indivíduos plenamente consagrados às coisas espirituais. No ítem seguinte vamos observar alguns elementos que apontam para as novas tendências na arte.

f. Uma Estética Natural

Pela mesma razão que se observa um retorno ao natural no comportamento, também nas artes se tem uma grande revalorização da natureza e do primitivo, desde Gauguin até as atuais correntes ditas Primitivistas ou Ingênuas (*Naïf* em francês), para não dizer da importância dos ritmos primitivos na música atual.

Pois não há dúvidas de que, desde o ponto de vista artístico, os recursos do universo xamanístico apresentam um poderoso apelo ao homem necessitado de reintegrar-se ao natural.

A arte sagrada sempre foi um instrumento poderoso de indução de energias, capaz de simular experiências. E é reincorporada ao seu ambiente natural e inspiracional que pode dar seus melhores resultados.

A característica desta arte é o apelo ao fundamental, provendo raízes ao ser humano e, daí, possibilitando-o a alçar vôo com segurança por ter bases sólidas na Terra. Se mal administrada pode enfatizar o antigo, aquelas coisas já incorporadas e mesmo sublimadas no atual plano de desenvolvimento humano. Daí que deve-se ter plena consciência que tudo o que pode pretender com isto hoje o homem é algo providencial no sentido de *resgatar* determinados fundamentos, e nunca pretender realmente *implantar* algo que, de fato, já está ali. Cada energia comporta aspectos positivos e aspectos negativos, ou materiais e espirituais. Por isto recomenda-se muita pesquisa, ciência e bom-senso no trabalho com as coisas antigas. Deve-se sempre poder contar com o primitivo no sentido de *primevo* e de essencial, a fim de reimplantar aquelas bases de consciência do ser humano que lhe são essenciais à criação de toda a superestrutura intelectual e outras. Sem isto todo o intelecto permanece frio e perigoso, vivendo numa dimensão própria e

isolada capaz de subjugar essências vitais da existência. A sedução do conhecimento e a ilusão de sua auto-suficiência participam até mesmo dos mitos do Queda do Homem do Paraíso.

* Publicado originalmente no Jornal Paralelo 33, nº 18, FEEU, P. Alegre, 1996.

Capítulo 17

A Natureza dos Lugares de Poder

Um lugar de poder é aquele dotado de alguma energia especial, positiva ou negativa. Esta definição é obviamente vaga, podendo referir-se a um ponto específico no solo ou a toda uma vasta região. Além disto, as *origens* destas energias podem variar desde o eletrotelurismo e o biomagnetismo até os princípios da energia-da-forma ou da geografia sagrada

A exemplo da ciência taoísta dos pontos energéticos, o *Feng Shui*, o ensinamento tolteca também fornece certas indicações sobre locais de poder e a forma de detectá-los. Os animais são intuitivos e também podem empregados para isto. Os gatos em especial são seres que os percebem facilmente. Esta é uma das razões de seu amplo culto no Egito. Onde um gato se deita, certamente ali é o melhor lugar.

Há pontos especiais que servem para unir regiões e formar enquadramentos especiais, e formações energéticas transitam através deles, como a *mãe-do-ouro* (chamado *boi-ta-tá* no Sul). Fenômeno místico muito divulgado nas últimas décadas, boa parte do eletrotelurismo deriva das linhas mágicas que unem certas regiões magnéticas da Terra, formando pontos de intersecção de energias aos quais os astrólogos poderiam comparar aos seus "aspectos" interplanetários. Dependendo dos ângulos formados, teremos pontos positivos ou negativos, ou até neutros ou ambivalentes. Tal coisa corresponde também à Cabala Geográfica, à energia das formas e à Geometria sagrada.

Muito depende das próprias "fontes" de que partem as angulações. Na Europa tem se desenvolvido parte desta ciência, tendo em vista os marcos deixados pelos antigos, sobretudo os celtas, que ao que tudo indica erigiram seu menires e centros cerimoniais sobre regiões de forças especiais.

Sem dúvida, esta é uma das grandes razões para a ereção de templos, capelas e até cidades. Reconhecendo isto, a Igreja Católica muitas vezes erigiu seus templos sobre os antigos lugares de culto. Os menires dos celtas, os obeliscos egípcios e os pagodes que os chineses erigem em certos pontos, tem a mesma função eletromagnética da árvore isolada. No território celta, uma árvore isolada era tida como um objeto sagrado, destinada a harmonizar a energia de uma vasta região. Se dizia serem habitadas por duendes e que tinham tesouros enterrados em suas raízes. Numa confirmação disto, quando se escavou aos pés de uma destas árvores na Irlanda, encontrou-se a famosa taça de cristal com incrustações de pedras e metais preciosos que se tornou o maior tesouro nacional do país, verdadeiro símbolo do Graal. Menires e obeliscos são "pontas" mgnéticas evidentes. Quanto aos pagodes, sua forma lembra realmente um aparelho eletromagnético.

Neste sentido, em todas as três Américas abundam pontos arquitetônicos e naturais, equiparando-se apenas ao Egito e à Índia. Tratamos em detalhes destes centros e de suas

energias nos restantes Volumes desta série. Abaixo vamos apresentar alguns princípios de Geografia Sagrada resumindo algumas das principais leis que determinam energias especiais no planeta.

a. Elementos de Geografia Sagrada

Uma das Ciências menos conhecidas do homem moderno, inclusive dos místicos e dos ocultistas, é a questão da Geografia Sagrada, os elementos que determinam a natureza das civilizações, sempre de acordo com local e época específicos. Os povos têm seus destinos determinados por estes fatores.

Por isto, dificilmente o homem moderno poderia compreender o valor que os Antigos davam às regras da Geografia Sagrada e tampouco os seus princípios, que são em muito maior número que qualquer um possa hoje imaginar. A moderna difusão do *Feng-Shui* traz alguma luz sobre este universo, muito limitada ainda às questões particulares.

Não é novidade que os Antigos comumente construíam seus templos sobre lugares especiais, ainda que pouco se saiba realmente das propriedades destes locais. E também se ignora muito que as próprias cidades eram construídas sobre regiões especialmente elegidas. No mesmo sentido, recém se começa a suspeitar que existem grandes movimentos de energias culturais que se movem através dos povos e das regiões do globo.

O homem estava, é certo, no centro de tudo. Mas ao mesmo tempo, existiam vários níveis de considerações, que se poderia definir como relativas ao Macrocosmo, ao Mesocosmo e ao Microcosmo. Em outras palavras, consideravam três tipos de processos: a Astrologia, a Cosmologia e a Alquimia. Quando tudo isto estava em harmonia, vislumbravam as glórias da Hierofania, com que entreteciam seus mitos áureos e suas profecias, pois tratava-se do Alfa-e-Ômega da História.

Estas três fontes correspondem também às energias telúricas, anímicas e cósmicas. Para ter-se uma idéia da natureza deste conjunto de energias que atuam sobre a humanidade, e sem apelar para supostas forças astrais não-detectáveis, oferecemos abaixo uma classificação que empregamos nos estudos de Geografia Sagrada:

1. Energias Telúricas

- a. Geomagnetismo
- b. Eletrotelurismo
- c. Bioenergia

2. Energias Anímicas

- a. Psicoenergia
- b. Eletromagnetismo
- c. Termodinâmica

3. Energias Cósmicas

- a. Geometria
- b. Ritmo
- c. Fotocentrismo

Vamos tratar de comentar aqui um dos mais importantes aspectos da *energia do poder*, porque resume quase todos os aspectos acima mencionados e se trata de questão tradicional que sempre retorna nos comentários dos iniciados e dos observadores dos pontos magnéticos da Terra: a questão do *Centro*, também associada às *Origens*.

O Centro dos hemisférios, situado no paralelo 30, é aquela faixa da Terra que comporta as quatro estações perfeitamente caracterizadas, proporcionando um equilíbrio e uma riqueza especial de possibilidades. As Quatro Estações são como os Quatro Elementos, e nisto temos nesta região um verdadeiro "Zodíaco Climático", capaz de proporcionar um enriquecimento especial da personalidade humana.

É também por esta razão que as pirâmides costumam ser construídas no paralelo 30. Max Toth, o principal divulgador dos "mistérios das pirâmides", registra o fato em sua conhecida obra *As Profecias das Pirâmides*: "...todos esses grandes complexos de pirâmides (foram) construídos numa zona de 30° ao norte e ao sul do Equador, numa faixa circundando o globo."

Por achar-se na *exata metade dos hemisférios*, nesta faixa geralmente encontramos os quatro climas perfeitamente caracterizados. E este equilíbrio e variedade térmica gera aquilo que denominamos como *zodíaco climático*, possibilitando ao máximo o enriquecimento do caráter racial e a partir disto a geração de uma civilização superior e integrada. O homem que aprende a conviver com a variedade domina toda a natureza e a suplanta.

O estudioso esotérico e arqueólogo Schwaller de Lubicz, que descobriu entre outras coisas a grande antiguidade da Esfinge de Gizé –hoje estimada em mais de 10 mil anos e portanto de origem *atlante*– enfatiza certas descobertas em torno da questão, como o fato de o perímetro da Grande Pirâmide estar matematicamente relacionado ao paralelo 30 (ver em *Le Roi de la Teocratie Pharaonique*).

Em sua obra *A Ascensão da Terra*, José Arguelles menciona o fato de que as manchas solares emergem no paralelo 30 do Sol e se cruzam no Equador a cada 11,5 anos, indo até o mesma faixa no polo oposto, num ciclo total de 23 anos. Atribui então às culturas da Terra uma distribuição na qual as culturas *hierárquicas* ocorrem no interior deste faixa, ao passo que as culturas *xamânicas* se dão no seu exterior (ou seja: do paralelo 30 em diante). Possivelmente a forte presença do xamanismo nas regiões geográficas altas da Terra (como a Sibéria) inspira tal concepção. Na verdade o xamanismo pode surgir em toda a parte. Apenas que ele é erradicado por culturas superiores que, estas sim, optam por condições melhores. Por sua vez, o xamanismo é mesmo típico de regiões não-temperadas (como os Trópicos e as faixas Frias). É como se ali os *elementos* se fizessem presentes de forma mais fragmentada ou isolada, através de climas mais específicos e constantes. A tradição xamânica se caracteriza pela ênfase em determinados elementos.

Um dos grandes mensageiros da Nova Era, Serge Raynaud de la Ferrière, escreveu por sua vez: "É sobre a linha do grau 30 que se acham os vestígios importantes das Antigas Tradições Iniciáticas." (em *Teocracia y Tibet–Hacia Una Edad de Paz*).

Integram pois áreas propícias a determinadas realizações culturais. Segundo certa concepção de *Geografia Sagrada*, o paralelo 10 alimenta culturas materiais, o paralelo 20 fomenta culturas psíquicas e o paralelo 30 suscita culturas mentais. Adaptando à questão espiritual, isto pode ser verificado no universo budista, por exemplo, onde o budismo do Sul (paralelo 10 Norte) é ascético e imediatista, o central (paralelo 20) é devocional e compassivo, e o do norte (paralelo 30) é intelectual e técnico, sendo além disto uma *faixa de poder*. O Brasil e a Índia são os únicos países do mundo que abrangem todas estas três faixas.

Ainda se pode citar que, nesta faixa, costumam incidir os *polos magnéticos* da Terra. Atualmente o polo magnético negativo se encontra sobre o paralelo 30 sul no Brasil, como tem

sido divulgado em publicações especializadas e nos jornais. A consequência é a máxima passagem de energias cósmicas e um grau de luminosidade único.

Em resumo, podemos encontrar a seguinte confluência de fatores em torno do paralelo 30:

- Centro Hemisférico ("Zodiaco Climático");
- Pólo Magnético ("Pico Cósmico Feminino");
- Faixa de Síntese ("Cultura Mental");
- Fontes de Manchas Solares ("Geração de Forças");
- Centro de Poder ("Triângulo Polar");

Com isto, a energia do 1º Raio, "Poder e Vontade", se manifesta nesta região, trazendo todas as possibilidades deste raio, como a iniciação e a civilização, e também a feitiçaria e a tirania nos casos menores.

Don Juan afirmou que "o deserto de Sonora, por motivos para ele incompreensíveis, provoca uma beligerância aguda no homem ou em qualquer outro organismo." (*O Fogo Interior*, Cap.9) Mas ele também buscava esta região para alimentar a sua energia de liderança ou de *naqual*.*

O paralelo 30 normalmente proporciona um sentido de *síntese*. Mas para o buscador também é importante sujeitar-se a regiões de energias específicas, especialmente nas etapas iniciais. E elas podem ser menos ou mais difíceis que as áreas temperadas. Geralmente se buscará regiões mais quentes e tropicais, visando ter um contato mais intenso com a Natureza, permitindo banhos ao ar livre e coisas assim. Podem ser regiões mais ou menos altas e isoladas, mas com uma beleza natural destacada.

Tais regiões permitem uma vivência mais prolongada sob as condições desejadas. Mas na área temperada a alternância climática também proporciona múltiplas possibilidades, especialmente então a *síntese*, que será já algo interior.

* Maiores detalhes sobre estes importantes conhecimentos o leitor poderá encontrar nos outros volumes desta Série, tratando dos locais sagrados e mágicos dos Hemisférios Norte e Sul das *Américas*, em especial.

Capítulo 18

Os Astecas – Capítulo Final de uma Tradição *

Os astecas foram um povo que viveu uma glória fugaz e duvidosa. Desde que iniciaram suas conquistas até a chegada dos europeus, não se passaram cem anos. Mas foi neste período que eles conseguiram criar o grande império que abarcava o centro e o sul do México atual e outras regiões da América central.

Com este exíguo período de vida, pode parecer estranho falar numa "tradição asteca". Acontece porém que eles eram um povo antigo, que foi bárbaro por muito tempo, quando ainda viviam nas grandes planícies do sul dos Estados Unidos, e quando chegaram no centro do México, buscaram realizar uma síntese difícil entre sua própria cultura guerreira e a elevada cultura local herdada dos toltecas.

Os astecas estavam procurando se equilibrar entre estes opostos, e havia cada vez mais sinais de que eles tenderiam para alguma coisa mais benigna, embora haja quem diga que se encontravam num impasse, sem poder esmorecer em seu espírito guerreiro porque eram profundamente odiados por quas todos que os cercavam; razão pela qual um pequeno punhado de espanhóis puderam vencê-los, já que contaram com a ajuda dos ressentidos vizinhos que sofriam a tirania da religião sanguinária asteca.

De qualquer forma, é importante estudar aos astecas justamente porque herdaram uma cultura muito rica, recolhendo muitos costumes antigos –sobretudo toltecas, que admiravam como todos os outros povos da região–, e seria através dos quais grande parte das tradições antigas chegariam até nós, mesmo que mais ou menos distorcida em seu favor.

Nossa apresentação inicia com uma abordagem de natureza histórica, seguida de um apanhado dos costumes astecas, de uma análise da imagem asteca e da natureza da raça atlante, terminando com uma avaliação do legado asteca para o futuro. No decurso deste trabalho, buscaremos sempre o aprofundamento de alguns de seus mitos centrais.

Mais que uma releitura histórica, este aprofundamento é necessário porque os astecas, além de terem sido em si mesmos polêmicos, estiveram no centro de um processo histórico complexo, e aqueles que transmitiram os fatos foram os conquistadores, interessados muitas vezes em deturpar a imagem dos vencidos, por interesses culturais e materiais; apesar dos esforços realizados por vários cronistas e compiladores da época, espanhóis religiosos (com destaque para frei Bernardino de Sahagun) ou militares, e também descendentes dos méxicas (como Ixtlilxochitl). Coloquemos porém, desde já, que os astecas não foram e não representaram a antiguidade pré-colombiana como um todo.

Podemos ilustrar com um exemplo o que pode acontecer quando existe a ignorância sobre outra cultura. Quando Kublai Kan recebeu das mãos dos missionários cristãos uma cruz de ouro e pedras preciosas, olhou para aquilo e disse: "Estranha religião esta que adora um objeto de

suplício". Como o Kan nada conhecia dos chamados "mistérios cristãos", não compreendia que a crucificação implicava na ressurreição. E o mesmo fizeram os cristãos em relação aos pré-colombianos. Pois a realidade é que os símbolos da cruz, do pedernal (punhal), da espada e da árvore sagrada são no fim os mesmos.

Devemos pois tratar de fazer um aprofundamento dos mitos e das tradições pré-colombianas. Para usar uma imagem que talvez seria cara aos astecas, vamos tratar de retirar o coração pulsante desta cultura e oferecê-lo ao sol do nosso entendimento.

a. Ascensão e Queda do Império

Os astecas vieram das estepes do sul dos Estados Unidos, no século XIII, e radicaram-se próximo a povos que lhes eram aparentados, no planalto do Anahuac, no centro do México, e em torno ao Lago Texcoco.

Foram o último povo de uma grande migração iniciada com a queda das grandes cidades da época clássica dos olmecas, zapotecas, maias e do povo de Teotihuacan, em torno do século IX. É muito provável que esta queda tenha sido motivada justamente pela invasão destes povos bárbaros séculos antes, embora os historiadores não costumem pensar assim, preferindo julgar que se trataram simplesmente de revoltas camponesas ou da ascensão de castas guerreiras ao poder, o que nos parece uma insensatez, porque tais questões dificilmente destruiriam tão completamente uma cultura. Antes, teria sido causada por guerras totais entre povos que se defendiam e povos que atacavam, inclusive movidas por motivos religiosos, a exemplo do que fizeram mais tarde os espanhóis com os próprios astecas.

O fim da época clássica e "áurea" ocorreu simultaneamente em várias culturas, extinguindo ou enfraquecendo tremendamente as civilizações que dominaram e influenciaram nesta época, de uma forma muito benigna e espontânea. Assim, tudo leva a crer que se tratou realmente de uma invasão de hordas bárbaras.

Os astecas por exemplo, quando chegaram ao México central, levaram consigo um sentido imperialista e belicoso que seus antecessores já haviam perdido sob a influência da nova forma de vida. Tentaram dominar uma cidade, mas levaram uma surra e se aquietaram por um bom tempo. Ninguém lhes reconhecia, e os queriam longe dali. Chamavam-nos bárbaros (*chichimecas*), temiam-nos e desprezavam-nos. Os que foram mais amáveis lhes deram uma terra cheia de serpentes, na esperança de que fossem dizimados pelas cobras. Mas os astecas, quando viram as cobras, ficaram muito felizes porque as comeriam todas. Isto já diz muito do sentido de adaptação que os astecas possuíam.

Aparentemente os astecas também estavam buscando adaptar-se aos costumes locais, e fundir sua cultura com as da região. Porém sua visão pessoal sempre terminava prevalecendo tragicamente. Vejamos o episódio que marcou o início da ascensão asteca.

Como os astecas eram ainda dirigidos por sacerdotes ou xamãs, não tendo reis para casarem com a filha de um rei vizinho, resolveram usar as idéias religiosas locais para se aproximarem da cultura do lago. Para agradarem ao rei da cidade que lhes havia sido tão benévolo entregando-lhes o território cheio de apetitosas serpentes, pediram que concedesse-lhes a sua filha para que fosse tornada uma deusa asteca. O rei, julgando que a moça iria passar a viver com os privilégios dos deuses, acedeu ao pedido dos estranhos.

Mas o que aconteceu é que os astecas a transformaram em deusa através do beneplácito do sacrifício. Afinal, os próprios mitos toltecas rezam que os deuses criaram o mundo em Teotihuacan através do auto-sacrifício. Além disto, ao que parece, o sacrifício humano já vinha sendo praticado na região quando os astecas ali chegaram.

Naturalmente, o rei e pai da moça foi o convidado de honra da celebração de endeusamento da filha. Participava ele de alguns rituais, e aguardava a chegada da filha em pompas e glória. Até que lhe foi mostrada a realidade: a filha havia sido sacrificada, e diante dele estava um sacerdote vestindo a pele da esfolada.

Retirou-se horrorizado, e prontamente declarou guerra aos astecas. Estes tiveram que deixar a terra que haviam ganho e fugir. Mas não se foram da região; procuraram por algum tempo para onde ir, e terminaram no único lugar onde poderiam ficar sem maiores problemas, numa ilha deserta do lago, onde teriam encontrado também o sinal que buscavam para fixarem-se, orientados por seus sacerdotes. Tratava-se de uma águia comendo uma serpente sobre um cactus, símbolo este obviamente alusivo a uma conjunção de signos astrológicos, numa provável visão mítica do acontecimento.

Desde lá trataram de se virar. Fundaram Tenochtitlán, que significa "a cidade dos Tenochcas", nome pelo qual os astecas designavam a si próprios. Sofreram com os ataques de todos aqueles que os queriam longe dali, mas também fizeram alianças de sangue da forma tradicional, e aos poucos foram assimilando a cultura local, sem porém nunca esquecer de toda sua aspiração imperialista. Até então eram dirigidos pelos sacerdotes ou *teomamas*, "aqueles que levam os deuses às costas". Mas neste período, adotaram também o sistema do reinado praticado por seus vizinhos, com os matizes democráticos como vinha sendo feito na região.

A cidade foi crescendo e o povo asteca se adaptando àquela vida. Para ampliar seu território usaram um sistema de aterramentos, já empregado no lago. Primeiro faziam uma balsa de madeira e a enchiam de terra. A estaqueavam no fundo do lago e com o tempo aquilo ia lançando raízes e resultava numa ilhota, suficientemente firme para construir suas casas de pedras, madeira e palha.

Em certo momento foram obrigados a tomar uma decisão: acatar a suserania de uma cidade inimiga ou ir à guerra. Tomaram a última opção, depois de fazer uma aliança com duas outras cidades do lago, com as quais já tinham feito boas relações. Esta tríplice aliança vence a guerra, e a partir daí começa a irresistível ascensão dos astecas.

Começaram então a dominar cada vez mais cidades e regiões. Criaram um misticismo guerreiro pelo qual deviam capturar de uma forma sistemática prisioneiros para oferecer ao seu deus Sol, *Huitzilopochtli*. Esta mística já existia na região, e os astecas a levaram muito mais longe, através de seu sistema de "Guerras floridas", motivadas pela pretensa necessidade de alimentar o Sol com a "água preciosa", o sangue, e com o "coração florescido" dos sacrificados.

O que significaria isto? De onde viriam tais crenças? Acaso o Sol necessita ser alimentado com o sangue de seres humanos, mesmo que de homens de valor?

A resposta para isto é de certa forma afirmativa –isto é, se considerarmos o que se encontrava realmente no fundo destas crenças. Pois o que é no fundo este Sol? Um estudo atento das tradições pré-colombianas, põe a claro que a imagem dos vários "sóis" que sucederam-se na evolução dos tempos, correspondem na verdade a *processos cosmológicos* gerados através de iniciações superiores, quer dizer: tratam-se na realidade de *Avatares*, como Quetzalcóatl, cuja energia gerada no começo de sua era perdurava ainda. Mas mesmo durante este tempo, o trabalho dos Avatares deve ser *complementado e adaptado* em todas as esferas, sobretudo pelos Mestres que integram a linhagem ou dinastia fundada pelo Avatar.

E porque o sangue? Lembremos que a Bíblia diz que a alma se encontra no sangue (e que o homem não deve comer o sangue por esta razão). Assim, o sangue vertido simbolizou sempre a difusão da alma para além dos limites do corpo. O sentido inverso porém também é válido: o enobrecimento da Alma enriquece o sangue, donde a idéia do *sangue real* ("Santo Graal"), que na região era ainda o tolteca.

E quanto à oferta do coração ao Sol? Isto tem várias interpretações. Mas pensemos, por exemplo que o coração simboliza os sentimentos. Quando sacrificamos os sentimentos pessoais, nosso coração floresce em luz. Trata-se pois da liberação dos sentimentos fora do corpo. A busca de um coração ("pedra") florido era o objetivo sobretudo da escola dos Guerreiros, que obviamente fez uma leitura materialista e grosseira desta simbologia, em parte talvez por mero oportunismo.

De modo que os astecas adaptaram algumas tradições aos seus interesses, mas no geral souberam respeitar as culturas que ali existiam. Os historiadores se surpreendem, por exemplo, pelo fato de que apesar de terem alcançado tanto poder, os astecas sempre mantiveram uma atitude respeitosa para com os toltecas, pois admiravam sua sabedoria, nobreza e habilidade artística (a arte sempre foi muito valorizado por estes povos). Cultura, para eles, era inclusive chamada "toltequidade". Isto não os impediu de terem certa rivalidade e temor da figura de Quetzalcóatl, como veremos. As linhagens de sábios de algumas cidades, identificados por certo com Quetzalcóatl, deviam ostilizar profundamente os astecas, denunciando continuamente as suas atrocidades e mantendo tensa a atmosfera local. Havia cidades que jamais se renderam ou foram vencidas, e estas permaneciam como referências e esperança para os cativos e subjugados, que aguardavam o dia de sua liberação. Este quadro, que permitiria a vitória final do invasor estrangeiro, nos sugere o que pode ter ocorrido na época atlante.

Enquanto isto os astecas cresciam em poder e riqueza. Sua capital tornou-se a grande metrópole que os europeus conheceram e admiraram.

Quando chegou perto de fechar o primeiro século do Império, alguns sinais estranhos começaram a aparecer. O vulcão Popocatepetl começou a fumar. A colheita logrou. Nasceu uma criança com duas cabeças. E um cometa apareceu no céu por muitas noites. Incêndios surgiam e não se apagavam mais.

O Império era governada por Motecuhzoma, e o rei ficou cada vez mais preocupado. Os astecas sofriam a resistência velada ou expressa de quase todo mundo. Sua cultura era dura por dentro e por fora. Não havia liberdade de pensamento e todos eram obrigados a demonstrar satisfação ao presenciar os sacrifícios humanos, sob pena de serem eles mesmos sacrificados.

O descontentamento deveria ser grande, e apenas não era maior porque se tratava de uma época difícil para todos.

Mas o sentimento de culpa dos astecas crescia, centralizado na pessoa de seu imperador. Motecuhzoma era na realidade um ex-sacerdote que havia sido retirado dos templos para governar. Não era um santo como Tizoc, que por interessar-se quase apenas pela religião ficou só quatro anos no poder. O governo de Motecuhzoma se caracterizou por um equilíbrio entre a expansão do Império e da religião.

Mas o rei asteca conhecia a tradição. E esta dizia que *Quetzalcóatl*, o benigno patrono das artes e das ciências, havia sido expulso do país por um deus semelhante ao dos astecas, *Tezcatlipoca*, seu irmão e inimigo (exatamente como Hórus e Seth no Egito, ou Cain e Abel na Mesopotâmia). E agora os astecas temiam a vingança do grande deus que dera origem a toda a cultura superior do Anahuac pois, sendo o seu retorno cíclico, estava profetizada que retornaria no final do ciclo a que dera abertura.

Assim, com os sinais aparecendo de forma crescente, o rei asteca começou a indagar a todos e a tudo em busca de resposta e explicações. Inicialmente resolve simplesmente se suicidar. Numa passagem considerada mítica, se diz que envia emissários com presentes de peles humanas ao Senhor do País dos Mortos, *Huemac*, que recusa os seus serviços. Os embaixadores que trazem a má notícia são mortos pelo Imperador. Envia outros e estes trazem a reprimenda do deus face seu orgulho e crueldade, com a recomendação de que realize uma profunda purificação. Moctezuma se submete alegremente a um jejum de vinte e quatro dias.

Não tendo dado resultado a penitência, decide fugir para uma ilha, mas é descoberto e trazido de volta sob ameaças.

Em *Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo* (pg. 50), a arqueóloga e escritora Laurette Séjourné descreve com muita propriedade o que se passou então:

"O pânico que se apodera então de Moctezuma não tem limites. Custe o que custar, deseja saber 'o que deve chegar'.

"Convoca todos os feiticeiros da corte e exige deles a revelação do terrível segredo. Como suas respostas não são satisfatórias, todos são enviados à morte...

"Acusa os astrólogos de traição por não haver podido ler nada nos signos do céu e são mortos.

"Ordena que toda pessoa que sonhe qualquer coisa concernente ao fim do império deve concorrer ao palácio para relatá-lo. Dia e noite, emissários percorrem a cidade e Tenochtitlan de converte em tributária de sonhos... Mas não vendo nada de bom nos milhares de sonhos que se colocam em oferecenda, Moctezuma faz matar a todo mundo. Esta foi a matança dos sonhadores, triste entre todas..."

A partir deste dia terminam os presságios e Moctezuma manda buscar magos estrangeiros para substituir os que foram exterminados. Estes estrangeiros dizem que "logo chegará o que deve chegar". E tratam de desaparecer antes que o rei possa perguntar algo mais.

Um dia chega alguém com a notícia de ter sido avistada "uma montanha que passeia de um lado a outro do mar sem nunca tocar a costa". Moctezuma envia emissários para averiguar os fatos e os enviados retornam confirmando tudo.

O rei fica "com a cabeça baixa, sem pronunciar palavra". Diz que ficou porém aliviado, por saber que o que devia ser já estava se realizando, que algo concreto estava finalmente acontecendo.

Passemos agora aos espanhóis.

Hernán Cortez chegou ao México em 1519. Veio para a América sem autorização e sem direito de tomar posse formal de terras. O rei de Espanha suspeitava dele e ia negar-lhe definitivamente este direito, quando Cortez zarparou sem ordens expressas do rei.

Como estratégia, fundou uma colônia no Novo Mundo, para poder receber direitos fundiários do governador que ele mesmo empossara.

Em seus contatos com os índios, ficou sabendo da existência de um grande Império. Ambicioso, manifestou desejo de conhecer o rei e a sua capital.

Moctezuma no entanto estava totalmente apavorado. A simples descrição dos espanhóis já o aterrorizara. Homens barbudos e brancos (como Quetzalcóatl), vestidos de cima a baixo com metais, com animais poderosos (cavalos) e ferozes (cães), armados de canhões e armas de fogo, e também com suas grandes embarcações. Um mundo desconhecido batia às suas portas, e este mudo parecia atemorizante.

Tinha-lhe chegado também aos ouvidos a fama da coragem e da crueldade de Cortez, que numa única noite degolou seis mil índios no pátio de um templo. Tratava-se, sem dúvida, de um terrível vingador...

Cortez sabia que teria que impressionar e assustar os astecas, porque ele estava em minoria. A aventura da Conquista havia começado, e todos os navios deviam ser queimados para que cada um desse o máximo de si.

Mas antes que os espanhóis pudessem tomar qualquer iniciativa, Moctezuma enviou embaixadores com muitos presentes e até declarando o reconhecimento da natureza divina de Cortez, pedindo-lhe no entanto que não subisse a Tenochtitlan.

Os mensageiros vestiram Cortez de cima a baixo com jóias e plumas preciosas. E deram o recado de seu rei. Vendo a credulidade e pressentindo a debilidade dos astecas, Cortez resolver testar a riqueza do Império e respondeu: "É apenas isto que tem a oferecer ao seu deus?" E afirmando seu desejo de conhecer Motecuhzoma, despachou os mensageiros de volta a Tenochtitlan. Quando estes regressaram, entregaram a Cortez vários tesouros, dentre eles dois discos com cerca de um metro de diâmetro, um de ouro e outro de prata, simbolizando o Sol e a Lua (mostrando aos espanhóis o que representava entre eles estes metais e a natureza de sua cultura); este tesouro foi todo enviados à Europa para o rei Carlos de Espanha, que certamente ficou seduzido com sua riqueza e beleza. O artista Albert Dürer viu estas peças e os descreveu como de uma beleza rara como nunca havia visto.

Os mensageiros reafirmaram o desejo de Motecuhzoma de não ver Cortez, mas este, tendo percebido a riqueza do reino, pediu em definitivo que marcassem um encontro formal com o Imperador.

Foi quando os espanhóis viram Tenochtitlan pela primeira vez. Imaginemos o cenário. A caravana de Cortez subindo os três mil metros de altura do planalto do Anahuac. E através da estrada que conduzia ao vale do Texcoco, passa por sua entrada guardada por dois enormes vulcões, Ixtacchihuatl e Popocatepetl; este último fumegando ameaçadoramente.

Mas quando chegam à grande capital, aí sim não mais acreditaram em seus olhos. Eis como registrou o sentimento geral dos espanhóis um dos presentes:

"Parecia as coisas de encantamentos que contam no livro de Amadis, pelas grandes torres, e pirâmides e edifícios que tinham dentro d'água, tudo de cal e cantaria, e alguns de nossos soldados se perguntavam se aquilo que viam era coisa de sonhos..."

Tenochtitlan era uma metrópole limpa e organizada com 300 mil pessoas, enquanto Paris e Londres eram quase que míseras vilas espedeadas, com não mais de 50 mil moradores. Cortez mesmo confessou-se incapaz de descrever a beleza de seus palácios e a vida de seu mercado.

E o encontro de Cortez e Motecuhzoma foi também impressionante, em todos os sentidos. O rei asteca parece ter buscado por sua vez também impressionar Cortez, pois trouxe ao seu lado seu melhor mago e bruxo, que enquanto se dirigia ao encontro ia-se transformando de homem em pássaro, em serpente e em cachorro. Este fato foi registrado por dois testemunhos, sendo um deles clérigo. Ainda hoje podemos ler estórias a respeito do poder que os feiticeiros mexicanos tinham ou tem de assumirem formas animais, como se vê em Carlos Castaneda.

Veja-se porém o que diz Motecuhzoma a Cortez:

"Muitos dias há que por nossas escrituras temos de nossos antepassados notícias que nem eu e todos os que nesta terra habitamos somos naturais dela, e sim estrangeiros vindos de partes muito longínquas, e temos do mesmo modo que à esta terra trouxe nossa geração um senhor de quem vassalos todos eram, o qual volta agora ao seu lugar... E sempre temos considerado que os que dele descendem haveriam de vir a subjugar esta terra e a nós como seus vassalos. E segundo a parte que vós dizeis que vens, que é a que sai o sol, e as coisas que dizeis deste grande senhor ou rei que aqui os enviou, cremos e temos por certo ser o nosso senhor natural; especialmente porque nos dizeis que ele há muitos dias tem notícia de nós.

"E portanto, tendes por certo que vos obedeceremos e teremos por senhor como representante deste senhor do qual falais e que nisto não haverá falta nem qualquer engano; e bem podeis fazer a vosso gosto em toda a terra, digo-lhe que naquilo que eu por senhorio possuo, podereis mandar a vossa vontade, porque será obedecido e feito, e tudo o que nós temos é para o que vós quizerdes dispôr..."

Foi desta forma que Moctezuma entregou a cidade e o país ao invasor. E depois disto, seu comportamento nunca desmentiu sua atitude. Defendeu os espanhóis até contra seu próprio povo, pelo quê acabaria sendo morto, num momento de crise maior.

Isto aconteceu assim. Apesar de tudo o que Motecuhzoma declarara, Cortez fez dele prontamente prisioneiro em sua própria cidade. Num dia em que o conquistador não estava, um de seus capitães, talvez apavorado contra os costumes religiosos astecas, ordenou uma chacina contra os sacerdotes, durante um de seus rituais sanguinários. Isto despertou a revolta de toda a população, que saíram para a guerra contra os espanhóis. Moctezuma tentou ainda apaziguar os ânimos, e foi quando os astecas mataram seu rei com uma pedrada.

Os espanhóis tiveram que fugir. Buscaram alguns aliados que já possuíam entre os inimigos tradicionais dos astecas. Se recompuseram e construíram embarcações para alcançar a cidade, e depois de uma resistência incrível dos astecas, penetraram nela por fim e Tenochtitlan tomba com todo o seu povo, *pela fome, a peste e as armas*.

Assim termina, abruptamente, a história asteca, no ano de 1525. Cortez levou 6 anos para derrubar o império. O último rei asteca que comandou a resistência, chamava-se significativamente Cuahutemoc, que quer dizer "a águia que cai", nome do Sol poente dos astecas. Talvez estivessem resignados com sua sorte, e apenas desejassem não fazer feio diante de seu deus na hora de seu sacrifício-final.

Na seqüência, vamos colocar alguns elementos da cultura asteca e comentar estes aspectos inclusive à luz das tradições comparadas dos povos.

b. Origens Míticas

Inicialmente, nos seus mitos, os astecas diziam ter vindo de uma terra chamada *Aztlan*, que significa "país das garças" ("asteca" por sua vez quer dizer "o povo das garças"). A garça é um animal que tem um simbolismo universal importante. No Egito era o pássaro Fênix, que ressuscitava dos mortos. Na Idade Média estava associada a Cristo, porque come serpentes (como fizeram os astecas) e porque não verte lágrimas de dor (?). É interessante observar que o nome científico da garça é *Egretta Thula*, que significa "a que veio de Tula". Tula é a capital sagrada dos toltecas e maias, símbolo da Civilização organizada, e que em certo sentido corresponde a *Aztlan*.

Este último invoca também obviamente a Atlântida. *Atl* em asteca significa "água", e sabemos que a sorte de Atlântida esteve ligada a este elemento, em todos os sentidos possíveis, literal e simbólico. Pois bem: na tradição asteca a capital de *Aztlan* ficava numa ilha, como Tenochtitlan. Os mitos da Atlântida descritos por Platão em *Crítias*, veremos que sua capital também estava rodeada por um complexo sistema de canais, mais ou menos como Tenochtitlan. Um dos epítetos dados pelos seus conquistadores à capital asteca foi o de *Veneza índia*.

Isto não significa que a capital atlante de Platão fosse realmente a mesma dos astecas, embora os egípcios certamente tenham recebido estes mitos dos pré-colombianos. Percebe-se porém um mito em comum e sobretudo um certo padrão universal no Grande Ocidente.

c. A Educação "Sinárquica"

Um aspecto que sempre surpreendeu muito os historiadores foi a elaboração de um sistema obrigatório e complexo de educação por parte dos astecas. Havia duas escolas principais, uma destinada aos guerreiros (o *Telpochcalli*) e outra para os sacerdotes (o *Calmecac*). Esta última tinha uma rama dedicada aos artistas (o *Cuicacalli*), sempre muito valorizados pelos povos nahuas, que os chamavam de *toltecas*, termo que significa "artesãos" ou "artífices", a exemplo de seu deus supremo, o benigno Quetzalcóatl, patrono das artes e das ciências. Há quem veja nisto relações com os mitos demiúrgicos, também semelhante ao termo "maçom" ou obreiro. Pelas informações de Carlos Castaneda, ainda hoje existem povos mexicanos que chamam aos feiticeiros de *toltecas*.

É quase certo portanto que copiaram este sistema tríplice dos toltecas, cuja cultura havia sido parcialmente preservada em outras cidades do lago, onde vários reis tinham inclusive sangue tolteca. Para todos eles, a cultura em seu mais elevado sentido, artístico, científico e espiritual, era chamada "toltequidade".

O ideal filosófico, pedagógico e humano dos astecas era gerar *um rosto sábio e um coração firme*.

No *Telpochcalli*, a escola militar, buscava-se expandir o conceito da guerra florida, para fazer "florescer o coração", e seu símbolo era a "pedra florida" (a "pedra do coração florido" é como a "jóia no lótus" dos tibetanos, oua Mônada sintetizada no Corpo Causal na linguagem teosófica). Seu patrono era *Tezcatlipoca*, o "Espelho Fumegante", que era a Estrela Polar. Tratava-se portanto do principal veículo do ideal místico-guerreiro dos astecas, e se destinava a constituir a Ordem dos Cavaleiros Tigres, cujo ideal era preservar a vitalidade do Sol através da coragem manifestada pelo homem. Acreditavam que se não alimentassem o Sol com a guerra sagrada o mundo acabaria, como acabaram vários mundos antes, segundo contam suas tradições. Não é difícil imaginar que a Guerra Florida tinha uma dimensão interior e outra exterior, exatamente como no duplo *Jihad* (Guerra Santa) dos muçulmanos, que buscam através do pequeno Jihad expandir materialmente o ideal do Islã através do mundo, e pelo grande Jihad o aperfeiçoamento interior. No caso dos astecas este último ideal, o da Guerra Florida interior, parece mais ligado à escola sacerdotal.

O *Calmecac*, ou escola sacerdotal, era uma escola iniciática que se definia-se como a "a casa onde o corpo brota e floresce". Seu patrono era Quetzalcóatl, a "Serpente Emplumada", relacionada habitualmente ao planeta Vênus, mas que também apresenta nítidos vínculos com Mercúrio através da simbologia do caduceu. Destinava-se a formar a ordem dos cavaleiros Águias, cujo símbolo era a "água queimada", quer dizer, a alquimia do inferior no superior. Era uma espécie de caminho de graça espiritual, em contraposição à "pedra florida" dos guerreiros, que correspondia antes a um caminho de esforço positivo e externo; tudo como nos emblemas celtas complementares do cálice e da espada portanto. Os sacerdotes deviam se dedicar ao estudo dos astros e da história, da astrologia e da cabala, deviam fazer penitências e executar sacrifícios. Homens e mulheres podiam se dedicar à religião e deviam ser célibes (celibatários).

Ligada a esta estava a escola dos artistas, os toltecas, também sob o patronímio de Quetzalcóatl. Seu ideal era fomentar *flor e canto*, isto é, as artes e a poesia. Buscavam um "coração endeusado (inspirado) que fizesse mentir às coisas", quer dizer, "falsear" o caráter inerte dos objetos e fazê-los veículos de signos sagrados e da beleza superior. Acreditavam que a poesia era a única forma de se dizer palavras verdadeiras e expressar um coração real.

Havia uma terceira ordem, a dos Cavaleiros-Serpentes, que talvez originalmente se relacionasse a esta rama do Calmecac, mas que mais tarde (como também a Ordem dos Cavaleiros Águias) foi transformado em milícia guerreira. Atesta neste sentido, que a junção dos símbolos da serpente e da águia, aponta para o do patrono de ambas as escolas, a Serpente Emplumada. Quetzalcóatl era basicamente o criador da Religião/Ciência e das Artes.

Estes três grupos podem ser relacionados à tríplice iniciação árya, simbolizada pelas três pirâmides de Gizeh e de Teotihuacan.

Abaixo encontramos um quadro onde definem-se algumas relações e analogias importantes deste tríplice sistema.

Escola	Patrono	Ordem	Símbolo	Guerra Florida
Militar	Tezcatlipoca	Cavaleiros-Tigre	Pedra Florida	Externa
Sacerdotal	Quetzalcóatl	Cavaleiros-Águias	Água Queimada	Interna
Artística	Quetzalcóatl	Cavaleiros-Serpentes	Flor e Canto	Interna

Num certo sentido, podemos associar este sistema à *Sinarquia* propalada por Saint-Yves d'Alveydre, o Estado triádico formado por Ciência-Educação- Economia, assim como ao conjunto tríplice da civilização árya.

Tanto a Escola Militar como a Sacerdotal podiam preparar os governantes. O sacerdote oficial tinha sempre grande influência e era denominado "mulher-serpente", mesmo sendo homem, possivelmente aludindo à ordem terceira e ao caráter acompanhante do sacerdote em relação ao rei.

Os governantes corruptos eram punidos com mais rigôr que o homem simples. O que é muito compreensível e justo a meu ver, pois a coisa pública não deve ser misturada à privada.

O rei nahuatl era chamado *Tlatoani*, da tradição tolteca, e significa "aquele que fala". É muito interessante a expressão tolteca, porque sugere uma autoridade legítima e unificada, sem os riscos da Babel em que vivemos hoje. Entre estes povos tardios o sistema teocrático tolteca foi adaptado à democracia, embora cada vez mais restrita à medida em que a sociedade crescia. Como se sabe, a democracia é basicamente um sistema tribal, e torna-se progressivamente ineficaz à medida em que aumenta sua complexidade, podendo no entanto ser compatível com um Estado sagrado de natureza teocrática ou monárquica.

d. A Religião dos Astecas

Com relação ao panteão nahuatl e particularmente asteca, haviam realmente muitos deuses, embora estes tivessem sobretudo vários nomes que confundiram os espanhóis profanos, nesta profusão de epítetos poéticos e devocionais (como se observa em várias tradições). Tinham por isto também vários templos (*cu*) em Tenochtitlan, onde eram feitos sacrifícios especiais para os deuses em cada um dos 18 meses do ano. Sacrifícios de mulheres, de crianças, de homens. Paradoxalmente, o único mês sem sacrifícios humanos era o dedicado ao deus solar Huitzilopochtli. Os astecas eram tidos como os indígenas mais religiosos do México. Eram certamente os mais fanáticos, e sua prática tinha tantos traços de sinceridade como de demagogia.

Os templos eram sempre erigidos sobre pirâmides ou algum estrutura semelhante. A pirâmide principal era o *Teocalli* (significa "Casa de Deus"), na praça central, e era uma espécie de Catedral asteca. No alto do Teocalli haviam dois templos que se relacionavam às duas escolas principais (quase tudo entre os astecas traz a ambiguidade atlante). Um estava dedicado a *Tlaloc*, o deus benigno da Chuva que regia o paraíso terrestre, e o outro a *Huitzilopochtli*, o deus solar nascido de uma virgem-serpente dupla. Huitzilopochtli era simbolizado por um colibri, pássaro que usa as flores e cujo bico pode ser comparado ao punhal que penetra os corações –florescidos como se supõe (aliás, entre os ianomanis o colibri é o mais poderoso de

todos os espíritos). O sol era chamado de "O rei dos que retornam", numa evidente alusão à ressurreição (ou à reencarnação para alguns). Seria esta idéia que no fundo se encontrava por detrás dos ritos sanguinários, pois não existe sentido em enfatizar o sacrifício sem uma esperança subjacente de ressurreição.

Mas também se diz que a vida para os astecas era considerada como uma preparação para a morte. Esta seria uma característica de todas as sub-raças atlantes, de uma forma ou de outra. Mesmo entre os distantes egípcios e tibetanos, observamos uma grande preocupação neste sentido (adiante vamos procurar penetrar nas razões profundas desta situação). Como os hindús, os astecas praticavam a cremação. Mas as excessões dos enterros eram usadas em casos aparentemente opostos. Enquanto os astecas não queriam poluir o fogo com seres humanos sem virtudes, os hindús enterravam aos seus mais ilustres personagens.

Mas o deus principal dos astecas, o que culminava o panteão e era invisível, chamava-se Tloque Nahuac, "senhor do proximidade e da união", quer dizer, eterno e onipresente. Também era representado através do Senhor e da Senhora da Dualidade (*Oncecutli* e *Ometéotl*), espécie de *Ying* e *Yang* com seus opostos harmonizantes contidos em si. Era simbolizado simplesmente pela marca de uma *pegada*, como no começo do budismo.

Tinham um jogo muito violento chamado *Tlachtli*, criado por povos anteriores, que terminava com a morte do vencedor (o que podia ter sido simbólico). Talvez considerassem mesmo digno de lutar e vencer para morrer pelo deus-Sol.

Sabe-se que os astecas tinham sacramentos do batismo, do perdão dos pecados e da comunhão. Este último era realizado com carne humana, como se tivessem levado ao pé da letra palavras como a que Jesus proferiu a respeito do pão e do vinho: "estes são meu sangue e minha carne"... Realmente a figura de Quetzalcóatl era muito semelhante à de Cristo, e praticamente contemporânea. O símbolo da serpente emplumada tinha entre os nahuas a mesma importância que o crucifixo para os cristãos.

O casamento era celebrado com grandes festas. O casal tinha que esperar 5 dias antes de consumir o matrimônio. E a consumação era precedida por outra festa.

e. Astrologia e Calendários

A Astrologia regia pois todos os seus passos, como era comum a todas as culturas do Anahuac. Eram até batizados com o nome do dia e do signo de nascimento. Se estes não fossem bons, esperavam alguns dias até chegarem signos favoráveis para fazer o batismo. Consultavam os astrólogos para tudo: data de casamento, guerra, edificações, etc.

Sua escatologia tinha uma expressão muito concreta e presente. A cada 52 anos se desfaziam de tudo, como se o mundo pudesse acabar. Faziam a cerimônia do Fogo novo, acendendo uma fogueira no alto de uma montanha, simbolizando o recomeço de um novo ciclo de 52 anos (é interessante comparar isto ao jubileu que os hebreus realizavam a cada 60 anos, quando todos os bens dos cidadãos eram redistribuídos). A cada 52 anos também refaziam seus templos, colocando uma nova estrutura sobre a antiga. Tudo isto demonstra a convicção com que levavam suas crenças.

Estavam elaborando pois uma síntese cultural ampla, e geriram monumentos e obras importante, de arquitetura, literatura e astrologia. Seus templos eram construídos segundo a geometria cósmica da antiga capital dos toltecas, a cidade sagrada de Teotihuacan. Sua literatura, ou seus "livros pintados", relatam sua história sobre as bases cronológicas da astrologia, misturando fatos e mitos (eles não deixaram de queimar muitos códices antigos para

reescrever toda a história antiga, colocando os antes desconhecidos astecas em posição importante no passado). E o avanço de sua astrologia pode, melhor que em qualquer outra parte, ser visto pela magnífica "Pedra do Sol" construída sob a iniciativa do piedoso imperador Tizoc, que só ficou no poder por 4 anos porque pensava apenas na religião, enquanto o poder militar asteca enfraquecia.

Esta Pedra, copiada segundo se diz de outras existentes em culturas mais antigas, é chamada "Casa da Águia" (*Cuahxicalli* em nahuatl). Tem 3,5 metros de altura, 1,4 m de profundidade e pesa 25 toneladas. Estava em alguma parte do *Teocalli*, o templo central, sobre o qual foi construída a Catedral do México, tendo sido reencontrada em 1790 durante escavações realizadas sob esta Catedral, pois a moderna cidade do México foi construído sobre a frágil estrutura geológica da capital astecas, razão pela qual boa parte dela está afundando.

Existem muitas interpretações para este complexo calendário, mas, podemos dizer que nele se encontram resumidos e figurados todos os ciclos contemplados nos vários códices elaborados em papel ou couro deixados pelos pré-colombianos. Trata-se pois de uma síntese única, e representa sem dúvida a mais complexa e completa mandala jamais elaborada pelo ser humano, uma herança de valor talvez incomparável em toda a cultura universal na sua categoria. Isto por si só seria suficiente para axaltarmos a cultura pré-colombiana às alturas.

Seu centro está dominado pelos símbolos das cinco Eras que o mundo já conheceu. Destas, as quatro primeiras eram consideradas como periféricas e exteriores. Delas não sobreviveram seres humanos verdadeiros, e se diz que todos pereceram ou foram transformados em animais: tigres, pássaros, peixes e macacos. A simbologia é evidente. Apenas na última, a *central*, o seu humano realmente emergiu. Esta é a época em que vivemos ainda, e que segundo os maias terminará no ano de 2.012. Está destinada a terminar com terremotos, e o que houve na cidade do México em 1985 foi talvez o mais dramático de toda a história humana –tornou-se simbólico, portanto, como tudo que é grande ou único.

O 5 é, por excelência, o símbolo do Homem em todas as grandes Tradições. As Eras periféricas eram materiais e regidas pelos elementos Fogo, Terra, Ar e Água. A central, obviamente, os transcende e corresponde ao Éter e ao Espírito. Seu símbolo é Movimento (*Ollin*), o da atividade humana consciente. Pela atividade desejavam vencer a inércia da matéria. Temiam que este último Sol se esgotasse como os anteriores, e acreditavam que depois deste Sol viria uma Nova ordem de coisas, simbolizada pelo advento dos *planetas* (uma alusão à Sexta-Raça, como veremos), que substituiriam a Era dos homens. Fizeram tudo para preservar a vitalidade de seu tempo, com os instrumentos de que possuíam. Huitzipochtli era este 5º sol de Movimento, que deveria ser preservado através da Guerra Florida. Por isto é o deus da guerra por excelência, o que "joga sobre os homens a serpente de fogo e o fogo devorador". Nestas palavras antigas vemos óbvias alusões a Iluminação e à Kundalini.

O aprofundamento do estudo astrológico/astronômico dos pré-colombianos é fundamental para a compreensão de seus valores e tradições em geral, como indica a pesquisadora Laurette Sejourné (op. cit. pg. 201):

"Nada será mais precioso para aprofundar no pensamento pré-colombiano que o conhecimento exato das bases astronômicas destes círculos temporais, no interior dos quais o universo inteiro, havendo respirado em uníssono, avançava um grau no rumo da liberdade definitiva. É provável que um estudo orientado neste sentido poderia, como nenhum outro, restituir um pouco de seu brilho à espiritualidade antiga."

Temos aqui o sensível testemunho da pesquisadora profunda que é Séjourné, tocando uma das essências de toda a problemática espiritual, que são suas raízes astrológicas.

De fato, sobre a astrologia tudo estava fundado na Antigüidade, inclusive sua arquitetura, urbanismo e ordem social. Basta para isto observar que a mandala do calendário sagrado tam-

bém regia a ordem básica da cidade de Tenochtitlan, dividida em quatro partes, segundo suas quatro castas principais, e mais ainda, cada uma estava subdividida em 5 segmentos, reproduzindo na sociedade a distribuição do calendário sagrado de 20 dias.

Certamente, este é apenas um dos fatos que permite sugerir a presença de valores *áureos* na sociedade asteca, bem ou mal administrados.

f. O Espírito Atlante

Os astecas foram apenas a etapa final de um longo e rico processo cultural que durou cerca de 2.500 anos, iniciado com os antigos Olmecas, o povo-jaguar. Como dizia Blavatsky, as civilizações começam elevadas e terminam decadentes. Ao contrário do que afirmam os historiadores em sua lógica linear, e que por esta razão vivem perplexos com o surgimento aparentemente espontâneo das grandes civilizações, inclusive em várias partes do mundo.

Dizem que os maias foram os gregos do Novo Mundo. Neste caso, comparam-se os astecas aos assírios, ou mesmo aos romanos, que foram conquistadores mas souberam assimilar as culturas dos povos dominados. Esta virtude demonstraram os astecas, ao contrários dos cristãos, considerados bárbaros (*popolocas*) pelos próprios astecas, ao verem que nem seus preciosos códices foram muita vezes poupados.

De qualquer forma, o encontro das culturas das duas partes do mundo trouxe um enriquecimento único para o planeta. Foi como se um Todo fosse reintegrado pela primeira vez. Os europeus puderam ver-se face à face com povos semelhantes àqueles que existiam em sua própria Antiguidade, e certamente isto teve relações com o movimento cultural europeu do Renascimento europeu, tão semelhante aliás às expectativas de retorno aos Antigos tempos tidas pelos próprios astecas. Uma nostalgia de integração, unidade e eternidade parecia soprar através do mundo então.

Com relação à ênfase dada ao sacrifício pelos astecas ou mesmo pelos os atlantes em geral, inclusive no Velho Mundo, trata-se na realidade de um problema intrínseco à natureza da própria Raça e da cultura Atlante.

Os estudiosos da Teosofia sabem que as raças começaram a se manifestar apenas a partir da terceira, com a constituição de *Shambhala* no mundo, ou seja, quando o planeta recebeu uma alma realmente espiritual. O que não se sabe é que as dinastias de Mestres das sucessivas raças, que fundamentam os chamados *ashrams* culturais solares, também apenas alcançaram a sua maturidade em seu terceiro momento, com a Raça Ariana. O três é a *primeira forma do cosmos*, através do triângulo. A unidade e a dualidade são meras virtualidade, assim como o sete, que a tudo transcende. Na Maçonaria cultua-se o triângulo com o G dentro, podendo significar Geração e God (Deus) entre outras coisas.

Ocorre também que existe uma relação direta entre o número da raça e o grau máximo de evolução humana corrente. No caso dos atlantes, os Mestres apenas podiam ascender à 4ª Iniciação, chamada *Crucificação* (ou de qualquer forma, chegar apenas a uma etapa imperfeita dentro do próprio Adeptado). Isto significa a raça atlante não teve jamais o privilégio de contar com Adeptos e Reis-divinos verdadeiros, porque o momento dramático do sacrifício iniciático que caracteriza a 4ª Iniciação esteve sempre presente na alma atlante. Jamais alcançaram pois a síntese real obtida na raça seguinte, a ariana. Os Mestres atlantes foram por consequência apenas *pré-Adeptos*. Como não tiveram acesso a uma forma mais plena de ressurreição, tampouco eram seres verdadeiramente liberados. Assim, necessitaram antes do auxílio espiritual e do sacrifício da própria sociedade, ao invés de poder ajudá-la como fazem os Adeptos verda-

deiros. Ao que parece, a simples dramatização do sacrifício como a realizada, por exemplo, no cristianismo, e em outras religiões com animais, não era suficiente neste caso.

Não era pois apenas o deus sol que necessitava de ajuda, mas também os seus representantes eram deficientes e imperfeitos. As próprias práticas ascéticas dos místicos maias e nahuas eram severíssimas. Fincavam com espinhos a língua e o pênis, as partes mais sensíveis do corpo, mas também as mais "perigosas", de modo que a sua literatura está cheia de elogios aos reis e ascetas que exercem sua ascese desta forma.

A imagem que fica dos astecas termina pois sendo mesmo a que já conhecemos: eles eram belicosos e sanguinários. Mas não eram apenas cínicos e demagogos. Parece que acreditavam realmente no que estavam fazendo, sentindo-se incumbidos de uma missão cósmica de preservar a vida do Sol e do mundo.

Em seus sacrifícios, por exemplo, não eram oferecidos ao deuses seres desafortunados, como crianças com problemas, mulheres enjeitadas e homens sem valor. Pelo contrário, eram oferecidas crianças nascidas sob signos favoráveis, mulheres virgens e homens que demonstravam grande coragem. A morte em sacrifício era tida como uma benção suprema, mesmo que os dirigentes e os nobres não acoressem eles mesmos para receber tal beneplácito.

De qualquer forma, face às limitações de se conseguir a liberação em vida, antes a morrer decrépitos e doentes os atlantes optaram pelo sacrifício glorioso que mais certamente lhes aproximaria da divindade.

Em apenas cem anos o povo do sol gerou um grande império e criou um momento importante na história do mundo. Tudo o que fizeram com grande determinação e sentido de adaptação teve provavelmente a sua função e razão de ser. Os mexicanos atuais tem muito orgulho de seu passado, e se dedicam com afinco a estudá-lo.

Existem nos idiomas do mundo muitas palavras de origem nahuatl, como abacate, tomate, chocolate e chiclet.

g. A Questão do Sacrifício

Um ponto sempre sensível ao se falar dos astecas e outras culturas antigas, reside no ritual do sacrifício humano tão comumente observado, segundo se diz. Tal atitude tem sido parcialmente justificada por comentaristas atuais quando lembram as guerras modernos e penas capitais, adotadas por exemplo nos Estados Unidos, visto por muitos como o modelo da civilização de hoje.

No entanto, para se compreender realmente as bases desta instituição, deve-se buscar conhecer os grandes mitos de origem, onde os próprios deuses se sacrificam em favor dos homens e da terra. Trata-se porém em princípio de um *sacrifício espiritual e simbólico*, e embora muito se exagere sobre sua prática física, esta foi a deformação de princípios sagrados e criadores que subjazem a todo o verdadeiro processo civilizatório. O princípio do sacrifício é em si um símbolo de suprema espiritualidade.

Este sacrifício divino caracteriza pois as iniciações superiores dos Avatares, como teria sido em tese a própria crucificação de Jesus, segundo Blavatsky um processo comum no Egito. Trata-se da Quarta Iniciação, quando o indivíduo despe-se de toda a humanidade e morre virtualmente, voltando à vida apenas em função de forças sobrenaturais. Note-se então que, em muitas representações maias de sacrifício, as facas apresentam uma simbologia cosmológica, numa forma de *tau* semelhante à cruz latina e à cruz ansata egípcia (símbolo da vida eterna e da iniciação). Em Palenque existia um verdadeiro culto à *Cruz Polar*, também conhecida como

Cruz Latina. O *Código Bórgia* descreve as Iniciações de Quetzalcóatl, onde na quarta ele é sacrificado. Aliás, tanto Jesus como Odin, Osíris e Krishna, foram também feridos no coração...

Todos os Avatares sujeitam-se a provações e à privações de tal ordem transcendental, porque devem necessariamente atravessar o limiar da morte para ascender à Luz maior, e recriarem, junto ou *através* de seu corpo e sua alma, toda a vida espiritual do planeta. Daí serem chamados "deuses" criadores.

Tais processos apresentam momentos propícios e necessários, como na transição de cada ciclo astrológico-maior. Daí o *ritmo* –anual, etc.– da prática dos ritos em geral e do sacrifício humano observado nas culturas decadentes. Cada ciclo evolutivo carece ser alimentado *espiritualmente*, pois sua mera conformação matemática não é suficiente para caracterizá-lo, ao menos de forma superior e nobre, criadora ou evolutiva. Este alimento espiritual é realizado pois, nos casos mais nobres, através do sacrifício iniciático e das provações pelas quais passam os Avatares. E é comum que tais princípios e processos sagrados sejam indevidamente popularizados, com óbvios resultados degenerativos, reducionistas e supersticiosos. Povos incultos quando observam os mitos são capazes de degenerá-los profundamente; daí a preferência pelo símbolo à imagem literal. Num aspecto mais benéfico, a crença popular de que a Iluminação e a Ressurreição está ao alcance de todos comporta uma superstição semelhante. Astrológicamente, pode-se de fato definir ciclos e prevêr fatos. Mas a *Criação* apenas acontece realmente através das energias trazidas pelos iniciados-alquimistas. Em função de sua própria vivência sagrada, cada Adepto e Avatar é não apenas um mensageiro de aspectos da Tradição, mas a *própria encarnação vivente da Tradição Eterna* em sua universal abrangência. O reconhecimento e a identificação dos reis e dos imperadores verdadeiros, homens realmente íntegros perante o Mais Alto, era importante consequência social da instituição sacrificial de fundo iniciático.

Mesmo longe da Idade de Ouro de *Quetzalcóatl* e de sua dinastia tolteca, no tempo dos sacerdotes-águias (os *brâhmanes* nahuas), estes princípios eram ainda conhecidos, mas quando tiveram de dividir o poder com o guerreiros-jaguares (os *kshatryas*), então o sangue começou a verter fisicamente. Mas os símbolos que envolvem os sacrifícios preservaram sua essência tradicional. Uma instituição era a de escolher um jovem saudável e, pelo período de um ano, locupletá-lo de riquezas e prazeres –como ocorreu ao jovem Sidarta por muito tempo–, e ao fim deste período sacrificá-lo –como sucedeu a Jó, numa evidente parábola crística. O corpo dos sacrificados eram esquartejado –como ocorreu a Osíris–, e jogado do alto do *Teocalli*, a pirâmide sagrada, da mesma forma como todos os Avatares são "enviados" aos infernos para resgatarem as almas dos mortos ou adormecidos. Pois deste modo, a crucificação-iniciática se torna de fato redentora e criadora.

Já os vários sacrifícios físicos e criminosos cometidos pelos reis-guerreiros astecas, não impediriam que seu povo fosse sacrificado ele mesmo no final.

h. O Legado Asteca

Bela e rude como um flor de cactus, a cultura asteca foi apenas a última manifestação de uma rica tradição de sabedoria que perdurou por 2.500 anos. Os europeus trouxeram para a América o seu tempo e o seu deus. Mas isto não nos exclui de participar do tempo e de viver sob a energia do deus que fundou a cultura americana nestas terras.

Na época em Gautama Buda dava seus sermões, os primeiros sábios do Anahuac elaboravam seu calendário-mandala, capaz de resumir todas as energias do cosmos. Não é difícil ver que

ambas as coisas tem um importante paralelo, e que a mão da História se encontra muito fortemente presente em tudo isto.

Mas se a civilização asteca foi a última flor a desabrochar na árvore cultural da América antiga, outros rebentos seguiram surgindo durante o processo de colonização do continente.

Existem registros hoje de linhagens que seguiram cultuando os mistérios antigos e adaptando-se aos novos tempos. A obra do brasileiro Carlos Castañeda testemunha este processo, completando o vácuo cultural deixado nestes séculos com revelações surpreendentes, culminando por sua vez em nossos dias no encerramento final de suas linhagens e abrindo-se à renovação e à síntese. O tempo dos mundos antigos parece ter acabado em definitivo, mas apenas para serem restaurados, renovados e reciclados. Este é o sentido da imensa sabedoria ancestral depositada aos pés do homem moderno, incumbindo-o com uma responsabilidade única. De modo que todo este processo continua, até mesmo realizando uma nova síntese e restauração, recompondo ao mosaico cultural das antigas Américas.

Achamo-nos hoje no fim de um ciclo cósmico ou de uma ronda planetária. O estudo e a integração de todas as suas energias se tornam pois essencial para que se ultrapasse este momento de crise mundial. A interrupção do trabalho com o tempo sagrado desde a Conquista até nossos dias, representa por isto um fator de perigo para a sobrevivência da humanidade. O Sol não deve realmente esmorecer em suas forças, é necessário lutar para reforçá-lo, sobretudo pelo estudo da cultura legada pela Serpente Emplumada e da arte tolteca: flor e canto, artesanato e simbologia, astrologia e ciência espiritual. A própria visão asteca do mundo fora, é verdade, muito particular, e deve ser sutilizada e reinterpretada para se tornar fecunda e efetiva. Sobretudo, importa a ciência do tempo sagrado.

Por esta razão, está sendo reiniciado em nossos dias o estudo deste tempo sagrado, com o começo do último *katun* ou ciclo de 20 anos, iniciado no ano de 1992, que marcou também o início do chegada dos Novos Adeptos.

Este último ciclo foi chamado de "A Regeneração da Terra". É quando toda a experiência passada do mundo deve ser resumida para ser futuramente reciclada numa nova ordem de coisas. Para isto foi criado o calendário sagrado, chamado *Tonalpohualli* entre os nahuas e *Tzolkin* entre os maias. A criação deste calendário resume toda a missão e o *dharma* atlante, expressando sobretudo a síntese gerada pela influência do período ariano do mundo através dos herdeiros dos antigos atlantes.

Mas para abordar de forma satisfatória a importância de se estudar os astecas e a cultura atlante em geral, é preciso aprofundar as considerações esotéricas que já começamos a respeito das raças e dos *ashrams* solares. Digamos pois que hoje estamos inaugurando a Sexta Raça-Raiz. O *ashram* cultural áureo ou a Dinastia solar que será nesta implantada será a Quarta do mundo, o que traz uma analogia direta com a quarta Raça-Raiz, a Atlante.

Isto significa que o problema da morte e do Além de um modo geral, retornará com força e será trabalhado com esmero pelos novos Adeptos, os quais, serão por sua vez super-Adeptos, da mesma forma como os atlantes tiveram apenas pré-Adeptos, e os arianos Adeptos reais. O mundo do futuro contará com estes super-Adeptos, coisa que mal imaginamos, e que faz alusão à glória dos Chohans, quem personificam as forças planetárias que iriam substituir a Era humana da Quinta Era (ou Raça) segundo a crença dos astecas.

Eles demonstrarão que a morte é algo que não pode ser jamais negligenciada na existência do homem, que deve ser conscientizada sempre, não como um fim mórbido, mas para que se a vença e sublime.

A cruz não é e não será importante em si mesma, mas em função daquilo que ela pode produzir. Ela é importante apenas para definir os limites da humanidade e as fronteiras do infinito. É importante para demarcar onde ocorre o nascimento dos deuses. Pois os deuses nascem ali

onde morrem os homens. A crucificação assinala o limite do possível à humanidade. Para os atlantes, a morte gloriosa representava a máxima aspiração.

Na cruz nascem os deuses, os Adeptos que definem as energias que regem o futuro racial. Mas para isto é necessária a ressurreição, que é a sexta Iniciação. Esta Iniciação é a própria característica na nova raça e dos Novos Adeptos, que trabalharão as forças da ressurreição.

A sexta raça está também sob o signo da Compaixão, palavra-chave do sexto-raio. Assim, grande é o homem que morre por um ideal. Maior no entanto é aquele que alcança *ressuscitar* por compaixão aos seus semelhantes, para trabalhar na salvação do mundo.

A compaixão é a única chave possível do céu, é a única força capaz de promover a ressurreição da alma e até mesmo do corpo. Esta é a idéia que subjaz no fundo dos ideais pré-colombianos e atlantes.

* Palestra proferida na Sociedade Teosófica, Loja Dharma, P. Alegre, 1995.

Capítulo 19

O Despertar da América *

A viagem da Descoberta das Américas através da rota marítima natural do paralelo 30 Norte, partindo das Canárias e alcançando as Bahamas, representou uma saga envolta em expectativas culturais de verdadeira transcendência. Face suas conseqüências para o futuro da humanidade, não é difícil crer que fora realmente uma iniciativa dos Templários, como sugerem a natureza das cruces empregadas pelos navegadores "patrocinados" pelos reinos ibéricos.

O codi-nome templário "Cristóvão Colombo" significa *a pomba portadora do Cristo* –isto é: o Espírito Santo, que costuma ser representado através desta ave na Bíblia. É o mesmo *Garuda* de Vishnu, e corresponde na tradição tolteca a *Quetzalcóatl*, o deus esperado pelos astecas e outros povos da região; razão pela qual cometeu-se o equívoco de acatar os recém-chegados como deuses: já era hora do *Dharma* sagrado retornar à estas terras uma vez mais, sabiam eles...

De fato, o acontecimento da chegada ao Novo Mundo e da integração planetária assim ocorrida, constitui no fundo toda uma moderna mitologia, como não poderia deixar de ser. Afinal, as três cruces que viajaram através do Oceano, são como as três cruces zodiacais que integram e que encontram nestas triangularidades (as naus) suas expressões sintéticas e transformadoras. Simbolizava pois a *culminação de um ciclo*, uma *iniciação* planetária quiçá, com suas provações características. Certamente, algo muito novo e grandioso estava sendo esperado pela humanidade então. Talvez a descoberta das próprias origens, ou mesmo um recomeço áureo da Civilização... E, é claro, as paisagens paradisíacas encontradas pelos europeus no Caribe, junto aos índigenas desnudos ali presentes, não pode deixar de evocar-lhes a imagem do Éden bíblico, onde viver era simples e a moral distinta, sob o manto de luz da inocência.

E se o nome da América não parece explicável segundo as formas históricas tradicionais (os místicos e os lingüistas apresentam várias alternativas), ainda menos crível é o caráter casual das Descobertas: iriam navegadores experientes cometerem tais equívocos? A verdadeira dimensão da Terra já era conhecida dos egípcios, e os Templários deveriam guardar este conhecimento entre si. De resto, a existência de povos não-orientais no além-mar –os *antípodas* ou os *atlantes*–, mas sim extremos-ocidentais como diriam os egípcios, também seria de sua ciência. Quem sabe, Colombo não estaria apenas iludindo a Coroa acerca de seu verdadeiro propósito?...

É por tudo isto que, apesar dos genocídios raciais e os iconoclastismos envolvidos no processo da Conquista, desde seu descobrimento a América esteve envolvida em projeções redencionistas e utópicas, de parte a parte, tendo sido muitas as tentativas de elaboração de sociedades melhores nestas terras, destacando-se as Missões jesuíticas suscitadas pelos espanhóis na América do Sul, nas quais interagiram desta forma as culturas do Velho e do Novo

Mundo. Mas é claro que algo muito mais *complexo* estaria sendo preparado através deste estranho amor entre o velho e o novo...

E deste modo, as referências a um Novo Mundo não derivam apenas do incógnito desta terra então, e sim pelo fato de que todas as nações viram no novo Continente uma região onde *experimentos culturais pudessem vir a ser realizados –ou mesmo encontrados–*, sem as limitações impostas pelas tradições européias decadentes: um Novo Mundo no espaço (geografia), poderia vir a representar também um Novo Mundo no tempo (história)!

Na verdade, o fascínio foi recíproco. Os próprios astecas, enquanto sujeitos do processo, também encararam as coisas de modo semelhante, sendo esta, segundo Otávio Paz, a única coisa que explica a sua resignação ante o invasor.

E na Europa, por sua vez, sintomaticamente a Descoberta coincidiu com o movimento cultural europeu denominado “A Renascença”, surgido inclusive na mesma pátria de Colombo... Era uma época de revalorização dos costumes e das artes da antiguidade clássica, e quase como que em recompensa, a Europa se viu às portas de um novo mundo onde o passado se encontrava praticamente intacto: era como se o tempo tivesse repentinamente retornado alguns milênios, ante os olhos dos europeus incrédulos...

Pois, em certo sentido, muitos valores antigos estavam conservados no Novo Mundo, embora os tempos houvessem trazido consigo a degeneração dos costumes e implantado a barbárie nos cultos.

Todavia, o preço pago pelos povos de Anahuac –nome antigo da América Central e México– seria muito alto. Um povo jovem e ainda em formação –os astecas– havia conquistado uma vasta região. Dominava suas nações, porém respeitando tais culturas, mais ou menos como os romanos souberam valorizar a dos gregos e a dos persas. Uma poderosa civilização estava portanto em ascensão, e a *pax asteca* estendia-se a uma vasta área. Mas esta mesma civilização seria abortada quando recém inaugurava seu grande Templo no coração de Tenochtitlán...

E esta foi apenas a primeira e a maior das tragédias que se abateu sobre o Novo Mundo, o símbolo de sua entrega e capitulação e o “sinal dos tempos”... Inúmeras outras seguem-se desde então, e o genocídio humano e cultural não tem poupado quase nada e ninguém.

a. O Carma e o Darma do Novo Mundo

Existe, é certo, um *carma* poderoso e bastante complexo gerado em todo este processo. E este *carma* significa uma dívida com duas facetas opostas, a saber: uma dívida com o passado, e um compromisso com o futuro. A dívida passada diz respeito precisamente às *chacinas e à iconoclastia* geradas pelos invasores europeus sobre as culturas e raças aquí encontradas. E a dívida futura (que alguns preferirão já denominar *darma*) refere-se à missão de gerar uma nova civilização mundial, superior e, por assim dizer, *áurea*. Uma nova *raça de ouro* surge da síntese de “todas” as anteriores e numa região sempre predeterminada, tendo servido neste caso a América em geral como “laboratório” racial para as novas engendrações humanas. Acrescente-se que alguns lugares especiais destacam-se nisto tudo, como as regiões centrais dos hemisférios (paralelo 30 e adjacências)

Como se pode imaginar, a única forma de saldar a primeira e justificar de certa forma os fatos, será realizando a última. Por isto, não devemos pensar que as espantosas dificuldades pelas quais passam as nações latino-americanas, possuem uma origem diferente desta dúplice situação: trata-se de uma dívida óbvia, ladeada por uma missão histórica definida. De modo que os

caminhos da América Latina somente serão aplainados no dia em que suas populações tiverem consciência das duas pontas desta situação.

Tomemos como exemplo Israel. Tratava-se também de um “povo eleito” que guardava em sua bagagem cármica o malefício de ter invadido a Palestina e tomado Jerusalém de seus antigos construtores. Por tudo isto, jamais teria descanso em sua História, a não ser nas circunstâncias em que fizera a vontade divina –era este o preço embutido no *presente* de Yaweh aos hebreus...

Ora, quando uma nação é eleita pelo Criador –isto é: quando sua constituição destina-se, por diversos aspectos, a servir como *degrau racial e cultural* para o futuro da humanidade–, então o bastão divino não pode esmorecer até que este Destino seja realizado, pois tampouco existe outra escolha neste sentido, cabendo à população em questão conscientizar-se de sua condição – o que pode ser feito em princípio através da palavra dos profetas e mensageiros divinos.

Por todos os signos, os tempos se encontram maduros para que o Novo Mundo salde suas dívidas históricas, ao cumprir uma augusta missão. Os Agentes históricos para isto já se encontram presentes, e o solo preparado para a geração de um grande movimento de restauração de uma Civilização superior integrada. Os Antigos nos servirão, é certo, em grande parte de modelo, embora o futuro também traga consigo suas próprias exigências.

b. Os 500 Anos de História

Observando os processos históricos, vemos que amiúde eles combram um alto preço para se realizarem. Culturas são destruídas, sociedades são massacradas, povos são exilados, registros são perdidos...

Os processos cármicos são ainda uma norma em nosso mundo. Mas os herdeiros destes acontecimentos certamente acumulam um carma considerável, o qual apenas poderá ser resgatado pela geração de uma civilização *superior* àquela que foi destruída, e ainda honrar a essência dos antigos valores destes povos prejudicados.

O ciclo de 500 anos representa o limite para a realização deste quadro. É o tempo que a história concede para uma síntese entre o antigo e o novo. Este ciclo foi sempre observado pelos antigos como um ciclo de renovação, e foi ao término de um ciclo desta natureza que as Américas foram descobertas.

Por isto soa a hora para fazermos um balanço de tudo isto e realizar a síntese necessária que a história demanda.

No Egito era chamado *Ciclo da Fênix*, ave que vinha do deserto para se auto-incinerar no Templo do Sol e então renascer de suas cinzas. As cinzas que vemos hoje em nosso continente são de várias ordens. Existem as cinzas morais do homem branco vitorioso, e existem as cinzas reais dos indígenas derrotados...

No Brasil eles eram 5 milhões de indivíduos na época da Conquista. Hoje restam apenas 6 % disto, cerca de 300.000 (morreram assim em média 27,4 índios ao dia), geralmente esfarrapados e perdidos, sujeitos ao álcool e ao suicídio. Durante séculos estes índios foram caçados como animais –não que os animais mereçam algo assim.

Coisa semelhante aconteceu em todas as Américas. Mas o carma brasileiro é distinto do carma espanhol, porque aqui as civilizações antigas eram distintas. Pesa sobre nós uma dívida mais *naturalista*, e sobre os hispânicos uma dívida mais *civilizatória*. Os antigos norte-americanos tinham uma cultura de grau intermediário entre ambas.

O Brasil é também mais miscigenado que os restantes países das Américas. Os portugueses tinham mais propensão à isto, e não apenas porque a maior parte dos enviados para cá eram degredados e degenerados. Por muito tempo nossos colonos viveram à moda indígena, e muita gente ainda vive mais ou menos neste estilo.

Por isto também devemos desenvolver um Evangelho Natural, e ver a Criação como algo sagrado, e disto depende mesmo a sobrevivência de nosso planeta. Devemos criar uma nova civilização eclética sobre o símbolo do arco-íris.

c. Uma Profecia Tibetana

Todos os estudiosos do esoterismo sabem que no Tibet foram guardados os Mistérios Maiores da civilização na última parte da Era que finda. Na verdade, no Tibete foram preparados importantes elementos que servirão para o futuro da humanidade, inclusive a herança budista armazenada ali através dos séculos como em nenhuma outra parte: deve-se a isto apenas o isolamento buscado pela antiga teocracia tibetana.

Mas também pode-se tributar ao *carma histórico*, num sentido certamente especial, o fato de ter sido o Tibet alvo de invasões que hoje obrigam os monges a divulgarem a literatura e a ciência budista por todo o mundo; pois talvez de outra forma tal coisa não tivesse acontecido.

Tudo isto era do conhecimento dos Antigos, e nos mitos tibetanos vemos referências a uma grande invasão do Tibet e sua posterior libertação sob a ação de um Herói divino. Porém o mais surpreendente, é a clareza da profecia do XIIIº Dalai Lama, o grande Thupten Gyatso, onde fala acerca da chegada dos chineses e da capitulação do Tibet. Na mesma profecia, faz alusão textual ao traslado do *dharma* “para a América do Sul, onde uma grande luz resplandecerá, especialmente nas terras de *O Fu Sang*, onde será iniciado um novo ciclo de progresso com a nova sétima raça-dourada” (cf. Chiang Sing em *Mistérios e Magias do Tibet*).

O Fu Sang é o nome que recebe o Brasil no Tibet. O retorno do *darma* para esta região – porque, para confirmar aos astecas, os tibetanos também teriam a América como berço original de seu próprio *dharma*, uma vez que a Lei divina *oscila* entre ambos os hemisférios–, significa certamente não apenas a geração de um solo fértil para a disseminação dos ensinamentos budistas tradicionais, mas sobretudo o surgimento de um novo *dharma* budista ou senão crístico, ali onde *está* destinado a surgir Maitreya em sua nova e suprema condição búdica: no Brasil, precisamente, berço da *sétima sub-raça* (áurea) segundo Blavatsky. Aqueles místicos que julgam que os grandes ciclos formulados pelos hindús e outros apresentam um caráter literal, deveriam estudar mais a fundo as ciências tradicionais dos ciclos históricos e descobrir ali não apenas suas *bases simbólicas e analógicas*, mas também as *escalas móveis* sempre empregadas pelos antigos.

Lembremo-nos, para finalizar, que a “Serpente Alada” (*Quetzalcóatl*) é o mesmo caduceu mercurial, e que o planeta Mercúrio é denominado em sânscrito *Buddhi* (donde *Buddha*); da mesma forma como *Manú* advém do sânscrito *man* (“mente”), que corresponde a Mercúrio uma vez mais. Na América antiga este identificado a Vênus, que é a “estrela da manhã” da profecia do Apocalipse.

Todas as Tradições concordam pois nas grandes Verdades. E todas elas apontam a América (sobretudo do Sul) como o berço de uma nova Humanidade redimida e consagrada pelo Altíssimo. E isto, é claro, quando vier a compreender devidamente seus desígnios e adotar as simples mas sagradas medidas necessárias a tão augusta realização. Tais medidas correspondem, basicamente, à integração social de um elo hierárquico idôneo entre o Criador e a Cria-

ção, pela afirmação da *Criatura* perfeita na forma dos Mestres encarnados. Nisto se resume toda a sabedoria de uma sociedade e sua atenção para com o Altíssimo, recebendo em troca a liberação, e daí a Perfeição, na abertura dos caminhos predestinados.

Mítico, majestoso e dramático foi o processo de descoberta e ocupação do continente americano. Grandes conseqüências culturais advieram disto, em termo de constituição racial.

O mundo foi, por assim dizer, reintegrado em sua metade oculta, e uma fase solar de plena auto-consciência adviria com isto, depois de uma fase lunar apenas semi-consciente.

* Publicado originalmente no Jornal Paralelo ☸, n° 7, FEEU, P. Alegre, 1995.

Capítulo 20

As Plantas sagradas

O uso de plantas em ritos é de uma antiguidade inestimável. Muitos tipos de plantas têm sido empregados, e no que diz respeito aos povos tradicionais, sempre com a característica de buscar uma aproximação com o sagrado. Apenas modernamente algumas destas plantas têm sido usadas de forma profana e com fins econômicos ou até políticos. O *ópio*, por exemplo, que hoje se constitui numa das principais fontes de renda do Oriente, foi implantado na China pelos ingleses, desejosos de destruir a ordem nacional de um país auto-suficiente, e a fim de criar ali um mercado mundial –o que conseguiram em alto grau, a ponto de a Europa ter entrado numa China desmoralizada e desestruturada na virada do século e dividido Pequim em bairros sob a administração dos países europeus. Isto durou até a Revolução Comunista.

Modernamente também se observa o uso sistemático de drogas, geralmente já sintetizadas, por parte do *stablishment*, visando atenuar os efeitos do ritmo da civilização na alma das pessoas, através de tranqüilizantes que induzem os insones a um sono artificial, por exemplo. E isto tem sido feito de forma indiscriminada, incluindo-se nas crianças na escola e em casa, como uma forma estúpida de substituir a educação.

A cocaína se insere neste quadro. Extraída da folha da coca dos Andes, onde é usada para atenuar o cansaço e a fome, torna-se um estimulante de efeito poderoso e nocivo quando sintetizada.

O tabaco, tão difundido hoje em todo o mundo, é natural das selvas sul-americanas, onde os índios o empregavam para mascar e fumar, assim como para extrair um poderoso veneno, o *curare*, mais conhecido hoje como *nicotina* e que produz um chá letal. Na mesma região existe a erva-mate (*Ilex paraguaiense*), originalmente mascada pelos guaranis e da qual os jesuítas fizeram um chá dando origem ao chimarrão.

A simulação de energia e poder pessoal chega em seu ponto mais alto com a tradicional *mandrágora* (*Datura innoxia*) da Europa medieval, muito empregada pelas feiticeiras. Também encontrada nas Américas, trata-se da "erva do diabo" dos videntes toltecas, sendo um mixto de alucinógeno e estimulante.

Efeito semelhante têm certas drogas "populares" como a maconha (*Canabis sativa*), muito difundida entre os jovens. De efeito tranqüilizante e contemplativo, trata-se de um tipo moderado de alucinógeno que exacerba a sensibilidade mas fragiliza o indivíduo.

E nisto nos aproximamos do emprego sagrado feito pelos povos tradicionais de certas plantas. Poderia-se falar do cactus *peyote* (*lophophora williamsii*), como é chamado do norte do México e sul dos Estados Unidos, e "cacto de São Pedro" no Peru e nordeste brasileiro. Assim como certos cogumelos muito difundidos em todo o mundo, além do *ginseng* asiático.

Existe hoje uma literatura ampla e sempre muito requisitada explorando estes costumes, sobretudo a de Carlos Castañeda. Segundo Don Juan as plantas sagradas estão na base do xamanismo tolteca, criado pelos antigos videntes.

As plantas despertam várias habilidade ocultas do ser humano, algumas atávicas e outras potenciais. A frase abaixo pode ter relação com isto:

"O feito mais importante (dos antigos videntes) foi perceber a essência energética das coisas. Foi tão importante que se tornou a premissa básica da feitiçaria. Atualmente, depois de toda uma vida de disciplina e exercícios, os feiticeiros adquirem a capacidade de perceber a essência das coisas; uma capacidade que chamam *ver*." (Castañeda, *O Poder do Silêncio*, pgs. 16-17)

Esta visão interna era obtida de início com o auxílio das plantas. Depois os videntes aprenderam a alcançá-la através de um treinamento longo e árduo, porém de efeitos permanentes. Empregadas com moderação e sabedoria, as "plantas-de-poder" podem ser até uma benção. Do contrário são como qualquer veneno.

Don Juan Matus afirma em certa altura que a origem da sabedoria tolteca se deve aos experimentos com tais plantas. Com isto ele estaria supervalorizando os experimentos dos antigos videntes, posto que os toltecas passaram por várias etapas históricas.

Mas também é um fato que, na sua formação os primeiros iniciados fizeram uso dos mais diversos recursos. Tratavam-se porém muitas vezes de indivíduos excepcionais e imbuídos de tarefas definidas, dispostos a pagarem um alto preço pelo conhecimento. E com a conquista de determinada sabedoria, os meios podiam ser mudados. Quando se tornou possível empregar novos métodos, então aqueles antigos, perigosos e até anti-naturais, eram afastados.

O emprego de drogas apenas pode ser considerada uma medida primária e por vezes desesperada. Mas nada disto tira o seu valor e legitimidade quando realizado com sabedoria e no contexto adequado, da mesma forma como ninguém ousa tirar o leite materno de uma criança.

a. Os Riscos de um Costume

A rigor, porém, o emprego das plantas sagradas jamais deveria se tornar um costume, e ninguém deveria fazer disto um uso sistemático. É preciso compreender que toda a ação tem uma reação, e jamais uma experiência com drogas e mesmo plantas sagradas deixa de ter algum tipo de seqüela, inclusive a nível físico. Pois, invariavelmente, aquilo que dá e revela necessita ser retirado em alguma parte que ficará desta forma carente e desprovida. Segundo os mestres de Castañeda, uma das principais conseqüências é um rápido envelhecimento.

Além disto, ao fazer uso de plantas sagradas, os ritos xamânicos geralmente incluem, à parte toda uma cultura própria com seus valores, uma série de medidas do tipo cantos, ritmos e danças intensos que induzem a estados de consciência alterada, e em parte isto corresponde ao efeito das práticas yogúísticas. Nas novas seitas tudo isto apenas em alguma medida é incorporado.

Dito de outra forma, se poderá verificar que nem tudo depende apenas do poder da planta em si, e que o estado de "miração" pode e deve ser altamente *induzido* através de arte e sobretudo a partir do rito dirigido por um sacerdote psicologicamente alinhado. Para isto deve-se criar um ambiente adequado e com os recursos artísticos necessários, além de adotar a postura mental correspondente. A própria instituição do xamanismo ou do sacerdócio, com seus poderes especiais de delegação e atos de sacrifício, tem precisamente a função de facilitar e conduzir indenes as pessoas a tais fins, e seria absurdo reduzi-la a ministrar drogas de qualquer espécie.

Em resumo, as plantas são condutoras mas nunca o fim em si. Jamais poderão abrir realmente uma *porta* de liberação: no máximo, abrem uma *janela* para que conheçamos ou nos recordemos da luz. A posse desta deve ser então buscada com as próprias forças e recursos.

Ao mesmo tempo, a experiência mostra que as virtudes obtidas através destas plantas podem ser alcançadas através de meios naturais ou com recursos menos artificiais como a prática de yoga e da meditação, sempre que bem ambientadas, dirigidas e executadas. Seria ilógico pensar que esta "mágica vegetal" pudesse realmente substituir os esforços interiores que alguns santos buscam com tanto sacrifício. Por isto o seu uso persistente é imoral e altamente cármico. Esta alienação é uma espécie de atividade da "via esquerda".

b. As "Ciladas da Consciência"

A consciência intensificada acessada através das plantas-de-poder é chamada no nagualismo de *Segunda Atenção*. É aquilo que com muita propriedade o budismo denomina "vazio", ou seja: a percepção de que o mundo não tem uma existência própria e independente do observador, coisa que a física quântica cada vez mais corrobora.

A "planta-de-poder" merece ser chamada de "paraíso artificial". Existe a possibilidade de que, sob o estado de consciência intensificada, surjam atitudes de comportamento até muitos positivas. Esta é uma das suas melhores virtudes, mas também nisto pode residir uma grande armadilha: tais atitudes não ocorrem de forma *natural*. Aqueles que a buscam de forma natural tem muito trabalho, mas os frutos são sempre espetaculares, permanentes e até muito mais amplos, porque realmente revolucionários.

Os videntes devem estar atentos contra o que chamam "as ciladas da consciência". A contemplação conduz à *identificação*, e a atração do sensível é sempre poderosa. As drogas abrem um canal direto com este estado, ultrapassando outros estágios de consciência, racial ou individual, positivo ou negativo, superestruturas de evolução necessárias aos novos tempos e que requerem recursos e antídotos naturais.

Este é portanto um perigo sério para quem cria uma dependência, por ser algo artificial, podendo comprometer os mecanismos do carma ou do destino num sentido mais profundo. Lembra até as "lobotomias" químicas que alguma vezes são ministradas por psiquiatras, capaz de induzir um torpôr completo que torna indiferente à pessoa viver ou morrer. Muitos feiticeiros morreram atraídos pelos deleites dos estados alterados de consciência. Comparativamente a vida cotidiana pode parecer sem sabor, mas a solução universal está em *enriquecer a realidade* e não abandoná-la. Aquele que compreende isto se torna um guerreiro.

O verdadeiro Aliado é o *Nagual*, o Mestre, e as plantas de poder servem apenas para nos aproximar dele, levando-nos a realizar uma busca com maior determinação, na medida em que fornece substrato para conhecer as verdades paralelas da vida.

O temor à dor, ao esforço e ao sacrifício, aliada à busca de poder pessoal, é uma armadilha importante no caminho espiritual, donde a importancia da verdadeira *vocação*. Se o místico não for dotado de uma aspiração intensa, ele pode se agarrar ao primeiro "porto seguro" que encontrar. Apenas um propósito inquebrantável –ou a perfeita impecabilidade– e, geralmente a guia de um Mestre, pode levar até o fim do caminho, sem o risco de se perder em armadilhas insuspeitas.

Sob o efeito da *segunda atenção* a que as plantas-de poder" induzem tão fortemente, a pessoa se torna fragilizada e sem defesas. O instrutor sempre reiterava sobre estes riscos aos guerreiros:

"(Don Juan) avisou-me repetidas vezes que estar na conscientização do lado esquerdo era uma vantagem apenas no sentido da percepção das coisas se acelerar. Era uma desvantagem porque só nos permitia concentrar com lucidez inconcebível em uma coisa de cada vez; o que nos tornava dependente e vulnerável. Não podemos estar sozinhos enquanto na conscientização do lado esquerdo e temos de ser amparados pelos guerreiros que conseguiram a totalidade de si próprios e sabem como cuidar de si nesse estado. (Castañeda, *O Presente da Águia*, pg. 238)

c. Conclusões

A pergunta que fica é se, em conclusão, vale a pena realizar experiências com plantas de poder. A importância disto pode ser muito relativa, até porque os riscos são grandes. As experiências com outros estados artificiais de consciência destroem a continuidade mental e por vezes não é possível realinhar o foco de consciência ou reconduzir o "ponto de aglutinação" sequer próximo a onde estava antes. A consequência é uma consciência errática e pouco prática para as coisas objetivas. Os feiticeiros naguais elaboraram várias técnicas para evitar e compensar esta problemática, entre elas a da "loucura controlada", que é um controle dos atos de forma independente do sentido imediato.

Don Juan declara que Castañeda foi o único de seus discípulos que passou de início pelo processo inicial de tomar plantas de poder, pois isto geralmente é feito para dar um impulso *final* de consciência. Idealmente, basta o poder do Nagual para induzir os estados de consciência alterados que dão acesso a outros universos.

O Aliado é uma forma de substituição parcial do Nagual, e com o qual um benfeitor pode ter acesso mais facilmente ao inconsciente do aluno. É um tratamento de choque para abrir a percepção de quem é muito bloqueado. Além do nagual, é preciso contar com elementos compatíveis a uma percepção superior, como um ambiente pacificado e belo.

Afirmamos que o campo da *Segunda Atenção* é o mesmo "vazio" dos budistas. Neste sentido, podemos comparar o significado do xamanismo e sua evolução ao próprio quadro evolutivo do dharma búdico.

Os Zen-budistas falam da mente como um espelho, e da importância de manter este espelho limpo para refletir com fidelidade a realidade.

A percepção do vazio representa a casa "limpa". Deve-se manter as portas e as janelas fechadas para que não entre pó excessivo. De vez em quando uma limpeza será necessária. Por isto é importante o ambiente monástico e a técnica meditativa.

O Taoísmo realiza um trabalho excelente no campo da *Segunda Atenção*, e é uma lástima que Castañeda desconhecesse certas tradições orientais, ainda que se dedicasse ao Kung Fu. Quando Carlos mostrava a Don Juan livros de poesia, o velho nagual percebia que os poetas realizam certos ensaios de percepção no campo da *Segunda Atenção*, embora sem o poder para penetrar-lhe de fato. Talvez se lhe tivesse apresentado o *iniciado* Fernando Pessoa, assim como certos textos taoístas, Don Juan tivesse se deliciado realmente.

De qualquer forma, a idéia do espelho é apenas uma referência dual e passiva. O nagual Don Juan menciona que o verdadeiro objetivo do treinamento tolteca é chegar ao *terceiro ponto de referência*, que é "liberdade de percepção; é o *intento*, é o espírito; a cambalhota do pensamento para o miraculoso; o ato de nos estendermos além de nossas fronteiras e tocarmos o inconcebível" (Castañeda, em *O Poder do Silêncio*).

Neste sentido, a Nova Era traz também um *dharma* distinto e que é construído sobre o anterior.

A casa está limpa mas agora deve ser *preenchida* com algo. Não basta a dualidade ocupante-ambiente. São necessários os objetos que possibilitam toda a série de procedimentos que constituem o cotidiano. É isto que significa liberdade-de-ação e a possibilidade de *intentar* com resultados.

Isto significa, portanto, a *liberação do estado contemplativo*, na medida em que fornece poderes superiores. Na prática, tal coisa abre um campo para muitas possibilidades de ação e experiências.

Devemos reconhecer, afinal, que todos estes processos implicam no estreitamento de laços e correlações. Religião é sinônimo de unidade e de comunhão.

Numa delas, as experiências espirituais já não permanecem solitárias e individuais. Não se trata apenas do sacerdócio, mas de comunhão real entre duas ou mais pessoas. O ágape é certamente uma de suas expressões, no âmbito social. Mas também se pode mencionar um terceiro nível, na questão do matrimônio verdadeiramente sacramentado.

Temos portanto três etapas de comunhão condizentes com a evolução da Lei espiritual:

- a. *Sacerdócio*: Etapa Deus-Pai.
- b. *Ágape*: Etapa Deus-Filho.
- b. *Matrimônio*: Etapa Deus-Espírito.

Esta última inclui a expressão *ativa* da individualidade real ou superior. É um estado de *soberania interior*. E com ela certamente a maldição do Pecado Original estará eliminada e o Paraíso na Terra ressurgirá uma vez mais.

Este estado final inclui um gozo absoluto que se pode associar também ao usufruto da natureza em toda a sua extensão. O matrimônio é uma forma especial de realizar isto, havendo também o desenvolvimento de poderes internos e a possibilidade de libertar-se no meio-ambiente. Este usufruto é uma forma superior de xamanismo. É gozar todo o cosmos na forma de uma mulher...

* baseado em texto próprio do Jornal Paralelo ☸, n° 18, FEEU, P. Alegre, 1996.

Apêndice

O Regresso de Quetzalcóatl

O Sacrifício

*"–Quetzalcóatl está de volta
às praias do Novo Mundo!"*

*A notícia era aguardada
e correu alvissareira
pelos quatro cantos do império.*

*Mas eis que o velho rei
confundiu os signos;
antecipou a mensagem
e o Grande Equívoco aconteceu.*

*"–Não é este o Grande Mestre
esperado por todos!";
correu o desmentido amargo,
quase tardio,
entre os habitantes de Anahuac.*

*"–Era apenas o Mensageiro da Morte,
que o Deus dos Ventos enviou à sua frente
para purificar a terra com nosso sangue".
Haveremos pois de aguardar o tempo.*

*Foi então que os sábios desceram das montanhas,
porque do tempo da espera ainda
conheciam alguns.
Dos signos do tempo sabiam os mais velhos,
Os Senhores do Tempo dos dias antigos,*

E com eles nos instruímos.

*Disseram aqueles que sabiam
das artimanhas de Quetzalcóatl:
“–Nem muito, nem pouco tempo, o suficiente
para percorrer os horizontes de Quetzal,
A Estrela da Manhã.”*

*Era Noite, disseram, e por isto
devíamos prestar homenagem
aos seus Senhores.
Aos Nove Senhores da Noite
deveríamos homenagear.*

*E assim fizemos como os Antigos
nos ensinaram:
Nove vezes acendemos o Fogo Novo
no alto da montanha.
Para a décima,
seria Tu já a nos trazer o lume.*

A Estrela Errante

*A Estrela anunciou a Tua chegada,
e nós matamos o vidente que prenunciou
desgraça para nós,
porque a cauda da estrela agora nos deixava,
ao contrário da primeira vez
em que surgiste.*

*Pois eles, quando chegaram das águas,
disseram que a Estrela lhes havia sido feliz
como da vez anterior
em que vieram em sua cauda os três magos do Oriente.*

*Mas agora as três montanhas d'água e suas cruzes
navegaram contra a nossa estrela
e por isto Tu nasceste
sobre a terra encharcada de nosso sangue.*

*Poderás trazer de volta a luz dos nossos olhos,
o sorriso das crianças
e a mansidão de nossos velhos?*

*Terás como reviver
os signos dos antepassados
para que de todo não morramos?
Ou quem sabe mesmo
possamos ressuscitar em tua glória?*

O Chamado

*Quetzalcóatl foi chamado
pelo grande Pai na aurora da vida
e os pés de Mercúrio lhe foram dados.
Serpente alada nós o chamamos.*

*Quem haveria de deter seus passos
na grande terra de Anahuac?
Veio o dragão e ele saltou por cima,
veio a enchurrada e ele nadou,
veio a calmaria e ele prosseguiu.*

*Nada deteria a marcha
da Grande Serpente,
que por nós morreria e ressurgiria.
Por isto nosso canto se eleva agora
ao seu lugar.*

*Muitos não compreenderam a grandeza
de sua sina.
na qual seu coração foi sacrificado
sob a traição de Malinche e o silêncio de Xolotl.*

*E assim foi ele divino
sem perder sua humanidade,
fazendo-se ponte perfeita
entre o grande Pai Oncecutli
e seus filhos na terra de Anahuac.*

*Estendeu-se entre as bordas do abismo
e elevou-se até a sua boca medonha.
Enfrentou ao Grande Feiticeiro
reatando os nós perdidos
de nossos destinos.*

*Fez-se grande como o mundo
para preencher ao vazio
que nos consumia.
Fez-se pequeno como o menor de nós,
para que a salvação do Pai alcançasse
todos os recantos do Universo.*

Quem entendeu o seu Mistério?

*Eis que surge vitorioso,
de posse das sete flores
que sobre seu corpo desabrocham!*

*Eis que vem ele ataviado
com as jóias de sete cores,
portando as chaves
dos Arquivos celestes
e dos mananciais das águas eternas.*

*Quem, senão Ele,
abriria o Livro dos Sete Selos?
Quem, senão Ele,
restauraria os signos
dos dias antigos
para todos nós?*

Bibliografia

- Abelar, Taisha
A Travessia das Feiticeiras, Editora Record.
- Anagarika Govinda, Lama
Fundamentos do Misticismo Tibetano, Ed. Pensamento, SP
- Arguelles, José
A Ascensão da Terra
- Bailey, Alice A.
Tratado sobre Fuego Cosmico, Editorial Kier, Buenos Aires.
Iniciação Humana e Solar, Fundação Cultural Avatar, RJ, 1985.
Los Raios y las Iniciaciones, Editorial Kier, Buenos Aires.
Cartas Sobre Meditação Ocultista, F.C.Avatar, Niterói, RJ
Um Tratado sobre Magia Branca, F.C.Avatar, Niterói, RJ
La Manifestacion de la Jerarquia, Ed. Kier. B. Aires.
De Belém ao Calvário, Fundação Cultural Avatar, Niterói, RJ
- Bension, Ariel (seleção)
El Zohar, José J. de Olañeta, Editor
- Bentov, Itzyk
Um Livro Cósmico, Ed. Pensamento, SP
- Burckhardt, Titus
Símbolos, Jose J.Olaneta editor, Espanha, 1991
- Caso, Alfonso
Los Calendários Prehispanicos, UNAM, México, 1967
- Castañeda, Carlos
A Erva do Diabo, Editora Record, SP.
Viagem a Ixtlân, Editora Record, SP.
Uma Estranha realidade, Editora Record, SP.
Portas para o Infinito, Editora Record, SP.
O Segundo Círculo do Poder, Editora Record, SP.
O Presente da Águia, Editora Record, SP.
O Fogo Interior, Editora Record, SP.
A Arte de Sonhar, Editora Record, SP.
Passes Mágicos, Editora Record, SP.
A Roda do Tempo, Gaia Ediciones, Madrid
A Face Ativa do Infinito

- Donner, Florinda
Sonhos Lúcidos, Editora Record.
Shabono, Editora Record.
A Bruxa e a Arte de Sonhar, Editora Record.
- Fort, Carmina
Conversando com Carlos Castañeda, Editora Record.
- Guénon, René
Formas Tradicionales y Ciclos Cósmicos, Ed. Obelisco, Barc.
- Jinarajadasa, C.
Fundamentos de Teosofia, Editora Pensamento, SP.
- Ken Eagle Feather
El Camino Tolteca, Arkano Books, 1988, Madrid.
- Mann, John (e Lar Short)
O Corpo de Luz, Ed. Pensamento, SP
- Men, Humbatz
Segredos da Religião-Ciência Maia, Ed. Ground, SP
- Ouspensky, P. D.
Fragmentos de um Ensino Desconhecido,
Ed. Pensamento, SP
O Quarto Caminho, Ed. Pensamento, SP
- Piña Chan, Román
História, Arqueologia e Arte Prehispânica, F.C.E., México
Chichén Itzá, A Cidade dos Bruxos d'Água, F.C.E., México
- Purin, Sergio e François Davot
As Civilizações das Américas, Lello & Irmão, 1989.
- Raynaud de la Ferrière, Serge
Teocracia y Tibet – Hacia una Edad de Paz.
Yug Yoga Yoguismo
- Salvi, Luís A. Weber
~~Tushita-O Dhamma de Arco-Íris de Maitreya Buda~~
Tushita-O Dhamma de Arco-Íris de Maitreya Buda, IBRASA, SP
O Portal de Farohar
O Livro dos Códices
O Livro dos Chohans, Ed. Agarthá, SP
América Latina, Magia e Poder
A Arte da Unidade, FEEU, P. Alegre, 1991
Jornal Paralelo ☸ – *A Cultura da Idade de Ouro*, FEEU
Revista Órion de Ciência Astrológica, FEEU, Porto Alegre.

- Scholem, Gershom
As Grandes Correntes da Mística Judaica, Ed. Perspectiva, SP, 1972
- Schuon, Fritjof
Sobre los Mundos Antiguos, Biblioteca de Estudios Tradicionales, Ed. Taurus, Madrid
- Séjourné, Laurette
Pensamento y Religion en el Mexico Antiguo, F.C.E., México
El Universo de Quetzalcóatl, F.C.E., México
- Shwaller de Lubicz, R. A.
Le Roi de la Théocratie Pharaonique, Flammarion, Paris, 1961.
- Speeth, Kathleen Riordan
O Trabalho de Gurdjieff, Ed. Pensamento, SP.
- Thot, Max
As Profecias das Pirâmides, Ed. Record, RJ
- Trismegisto, Hermes
A Tábua de Esmeraldas
- Wallis Budge, E. A.
O Livro Egípcio dos Mortos, Ed. Pensamento, SP
- Wilson, Colin
Caminhos do Despertar, Martins Fontes, SP.
- Woodroffe, John
El Poder Serpentino, Ed. Kier, Bs. Aires.